

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

VALDIR STEPHANINI

**ASSIM NASCE UMA IGREJA:
A MULTIPLICAÇÃO DAS COMUNIDADES CRISTÃS INDEPENDENTES
NO MUNICÍPIO DA SERRA, ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**

**São Leopoldo
2010**

VALDIR STEPHANINI

**ASSIM NASCE UMA IGREJA:
A MULTIPLICAÇÃO DAS COMUNIDADES CRISTÃS INDEPENDENTES
NO MUNICÍPIO DA SERRA, ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**

Dissertação de Mestrado para obtenção
do grau de Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia Prática

Orientador: Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper

**São Leopoldo
2010**

ASSIM NASCE UMA IGREJA:
A MULTIPLICAÇÃO DAS COMUNIDADES CRISTÃS INDEPENDENTES
NO MUNICÍPIO DA SERRA, ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Dissertação de Mestrado para obtenção
do grau de Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia Prática

Data: 22 de Janeiro de 2010

Banca Examinadora :

PROF. DR. VALÉRIO GUILHERME SCHAPER (PRESIDENTE)

PROF. DR. RODOLFO GAEDE NETO (EST)

PROF. DR. JOSÉ IVO FOLLMANN (UNISINOS)

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem tributo toda a Honra, Glória e Louvor;

À minha esposa Genilza, amada companheira de todas as horas e em todos os desafios;

Ao meu filho Rodrigo e minha filha Stella, que foram compreensivos e participativos, sempre encorajadores nesta caminhada;

Aos meus irmãos, pelo apoio e presteza em me receber em Porto Alegre;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper, sempre pronto a orientar e encorajar;

Aos colegas de MINTER, pelo privilégio das trocas durante a jornada acadêmica;

Aos professores/as e funcionários/as da Faculdade EST e Faculdade Unida de Vitória, pela dedicação e bom atendimento.

Aos pastores e membros das igrejas que tão carinhosamente me receberam e participaram da pesquisa, autorizando a gravação das entrevistas.

À Primeira Igreja Batista da Cidade da Serra, uma comunidade marcada pelo amor, por me apoiar e possibilitar a realização deste projeto.

RESUMO

Assim nasce uma Igreja : A multiplicação das Comunidades Cristãs Independentes no Município da Serra, Estado do Espírito Santo é um trabalho que visa identificar os fatores que têm desencadeado o nascimento de novas Igrejas Cristãs, sem vínculo com comunidades históricas, no município da Serra, bem como a repercussão deste fenômeno nas Igrejas Protestantes Históricas, notadamente nas Igrejas Batistas, tanto em seus benefícios como nos prejuízos. No primeiro capítulo, situa-se a pesquisa geográfica e teoricamente, através de um mapeamento religioso do município da Serra e uma apresentação da tipologia utilizada no trabalho. O segundo capítulo traz uma síntese histórica, mostrando como as Igrejas Cristãs nasceram, desde o período do Novo Testamento até os dias atuais, com ênfase nas Igrejas do Cristianismo Primitivo, Grande Cisma, Movimento Reformador do Século XVI e Movimento Pentecostal. No terceiro capítulo são identificados os fatores externos e internos que tem desencadeado o nascimento de novas igrejas. O quarto capítulo apresenta os benefícios e os prejuízos que a fragmentação do Cristianismo produz para as Igrejas Cristãs Históricas e para o Reino de Deus.

Palavras chaves : Igreja, Igrejas Cristãs Históricas, Comunidades Cristãs Independentes, Igrejas Batistas, multiplicação.

ABSTRACT

Thus was born a church: the rise of the Christian Independent communities in the city of Serra, Espírito Santo is a work that aims to identify the factors that has triggered the birth of new Christian churches, not related to historical communities in the municipality of Serra, as well as the impact of this phenomenon in Historical Protestant Churches, especially in Baptist Churches, in both its benefits and the losses. In the first chapter, the geographical search is located and theoretically, through a mapping of the religious city of Serra and a presentation of the typology used in this work. The second chapter provides a brief history, showing how the Christian churches were born from the New Testament period to the present, with emphasis on early Christianity Churches, Great Schism, the Reform Movement of the XVI century, and in the Pentecostal movement. The third chapter identifies the external and internal factors that have triggered the birth of new churches. The fourth chapter presents the benefits and losses that the fragmentation of Christianity creates to the Historic Christian Churches and the Kingdom of God.

Keywords : Church, Historic Christian Churches, Christian Independent Communities, Baptist Churches, rise.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O CAMPO DA PESQUISA	16
1.1 Serra : Contexto Geográfico – Religioso – Histórico	16
1.1.1 Síntese Histórica	16
1.1.2 Religiosidade Histórica	17
1.1.2.1 Festa de São Benedito	18
1.1.2.2 Bandas de Congo	18
1.1.2.3 Revolta de Queimados	19
1.1.2.4 Protestantismo na Serra	20
1.1.3 Religiosidade Atual	20
1.1.3.1 Igrejas Protestantes	21
1.1.3.2 Igrejas Batistas	21
1.1.3.3 Igrejas Cristãs Independentes	21
1.2 Campo Religioso: Tipologias	22
1.2.1 Religião	22
1.2.2 Igreja e seita	24
1.2.2.1 O Praticante	25
1.2.2.2 O Peregrino	26
1.2.2.3 O Convertido	28
1.2.3 Denominação	31
1.2.4 Movimento e Instituição	32
1.2.5 Religião Popular	34
2 O NASCIMENTO DAS COMUNIDADES CRISTÃS INDEPENDENTES NO DECORRER DOS SÉCULOS	37
2.1 No Período do Novo Testamento	37
2.2 Na História do Cristianismo	42
2.2.1 Comunidades Cristãs Perseguidas	42
2.2.2 Sob a Proteção do Império Romano	44
2.2.3 O Grande Cisma	48
2.2.4 A Reforma Religiosa do Século XVI	51
2.2.4.1 Reforma Luterana	56
2.2.4.2 Reforma Reformada	57
2.2.4.3 Reforma Radical	57
2.2.4.4 Reforma Anglicana	59
2.3 O Cristianismo no Brasil	62

3.2.4 O denominacionalismo	124
3.2.5 Questões Administrativas	127
3.2.5.1 Personalismo	127
3.2.5.2 Liderança	128
3.2.5.3 Liturgia	129
3.3 Fatores Apontados pelos entrevistados	130
3.3.1 Fatores apontados pelos <i>Praticantes</i>	130
3.3.2 Fatores apontados pelos <i>Peregrinos</i>	132
3.3.3 Fatores apontados pelos <i>Convertidos</i>	135
4. CONSEQÜÊNCIAS DA MULTIPLICAÇÃO DE COMUNIDADES CRISTãs INDEPENDENTES PARA AS IGREJAS CRISTãs HISTóRICAS LOCALIZADAS NO MUNICÍPIO DA SERRA	139
4.1. Prejuízos	139
4.1.1. Individualismo religioso	139
4.1.2 Competição e Isolamento	144
4.1.3 Escândalo para o mundo	147
4.1.4 Abuso Espiritual	149
4.1.5 Mercantilização da fé	153
4.2. Benefícios	156
4.2.1 Renovação das Igrejas Históricas	157
4.2.2 Reconsideração da filosofia de ministério	159
4.2.2.1 Rede Ministerial	159
4.2.2.2 Ministério Igreja em Células	160
4.2.2.3 Igreja com Propósito	161
4.2.2.4 Desenvolvimento Natural da Igreja	162
4.2.3 Reflexão Teológica	164
4.2.4 Reação das igrejas históricas	169
CONCLUSÃO	172
REFERÊNCIAS	175
ANEXO A	182
ANEXO B	196
ANEXO C	212

INTRODUÇÃO

No ano 2000 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou um censo que pesquisou todo o território nacional. Uma das perguntas feitas ao povo brasileiro foi: “Qual a sua religião”? A esta pergunta, foram catalogadas 35 mil respostas diferentes evidenciando o tamanho da diversidade e o grau de complexidade religiosa que se estabelece em solo brasileiro.¹ O “trânsito religioso”, ou seja, a mudança de uma religião para a outra, apresenta números significativos. “Uma em cada quatro pessoas mudou de religião no Brasil nos anos 1990; e uma em cada três na Grande São Paulo, nos anos 2000.”²

Campos descreve com precisão o que está acontecendo no campo religioso, sobretudo no Brasil. Segundo ele, “o momento atual é de efervescência religiosa e de explosão de manifestações ligadas ao sagrado, sejam elas místicas ou fundamentalistas, formando uma realidade incômoda, presente em todos os lados para onde dirigimos nosso olhar”.³

Há um consenso [...] entre pesquisadores que trabalham com esse tema, de que o campo religioso no Brasil e no mundo deixou para trás, de uma forma definitiva, os períodos relativamente estáveis dos monopólios e de coexistência pacífica entre os grupos e instituições, predominando agora, nesse cenário, um clima de turbulência, pluralismo e realinhamento institucional.⁴

Em função desta realidade, este trabalho se propõe a analisar o fenômeno da multiplicação de comunidades independentes no município da Serra, estado do Espírito Santo, que certamente é um retrato do que acontece em todo o Brasil e no mundo inteiro, com maior ou menor intensidade.

A pesquisa se propõe a identificar os fatores que ocasionam o surgimento destas comunidades nos últimos dez anos e até que ponto este fenômeno tem repercutido, isto

¹ TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil* : continuidades e rupturas. Petrópolis : Vozes, 2006, p. 8.

² TEIXEIRA; MENEZES, 2006, p. 7.

³ CAMPOS, Leonildo. As mutações do campo religioso: os novos movimentos religiosos e seus desafios à religião instituída no Brasil. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, Ano VII, n. 9, p. 97, 2002.

⁴ CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado* : organização e marketing de um empreendimento neo-pentecostal. 2. ed. Petrópolis, São Paulo, São Bernardo do Campo : Vozes, Simpósio, UMESP, 1999. p. 17.

é, tem trazido prejuízos ou benefícios para o Cristianismo Histórico, tomando como referência as Igrejas Batistas da Convenção Batista do Estado do Espírito Santo localizadas no município da Serra, reconhecidas como igrejas protestantes históricas.

O objetivo geral é investigar o fenômeno do surgimento de Novas Comunidades Cristãs Independentes no município da Serra e avaliar suas causas bem como conseqüências em relação às Igrejas Cristãs Históricas localizadas no município, notadamente as Igrejas Batistas.

Especificamente, o que se visa é mapear a realidade religiosa do município da Serra, identificar os fatores que tem desencadeado o nascimento de Comunidades Cristãs Independentes e apontar as conseqüências deste fenômeno para as igrejas cristãs históricas localizadas no município, tomando como referência as Igrejas Batistas.

Justifica-se a pesquisa, em função da realidade já aludida nos primeiros parágrafos deste trabalho, com o surgimento de grande número de novas comunidades cristãs, sem vínculo algum com as igrejas históricas, muitas das quais sendo formadas por membros egressos destas comunidades.

A importância de se analisar este fenômeno é contribuir para amenizar a fragmentação do cristianismo contemporâneo, além de contribuir para que as igrejas históricas conheçam os fatores que tem desencadeado tal fenômeno e tomem as medidas cabíveis para evitar a perda de seus membros.

O autor se identifica com o assunto, por ser ele pastor de uma Igreja Batista filiada à Convenção Batista do Estado do Espírito Santo, reconhecida como histórica, e vivenciar de perto a problemática relacionada com o fenômeno, além de exercer a docência há cerca de 18 anos em curso de teologia que visa a formação de pastores para a liderança de Igrejas Batistas.

A pergunta central, cujas respostas serão perseguidas durante a pesquisa é : Que fatores tem desencadeado o surgimento de Comunidades Cristãs Independentes no município da Serra, estado do Espírito Santo, Brasil e qual a repercussão deste fenômeno sobre as igrejas cristãs históricas, notadamente as Igrejas Batistas do município da Serra?

Muito embora se reconheça que este fenômeno não é novo, pois está presente desde a origem do próprio Cristianismo, levantam-se como hipóteses principais para responder a estas duas questões fatores que saem de dentro das próprias Igrejas Batistas Históricas e outros que estão presentes na sociedade e que forçam de fora para dentro o surgimento de movimentos cismáticos. Como fatores internos as principais hipóteses são o conflito de gerações, ou seja, a dificuldade de transmitir para as novas gerações os conteúdos herdados das gerações anteriores, questões teológico-doutrinárias e questões mais de cunho administrativo. De fora para dentro pode-se imaginar que a realidade social vigente neste início de novo milênio, conhecida como pós-modernidade, sobretudo no que tange à globalização e massificação do mercado, acabe pressionando o surgimento de novas igrejas que visem atender as demandas da humanidade atual.

A pesquisa terá como referencial teórico as figuras do *Peregrino* e do *Convertido* utilizadas pela socióloga francesa Daniele Hervieu-Léger para descrever a realidade religiosa, a partir dos fenômenos de construção e transmissão das identidades religiosas na Modernidade, acrescidas da do *Praticante*, figura implícita nos trabalhos da referida autora. Será utilizada também a teoria da troca de bens simbólicos proposta por Pierre Bourdieu para auxílio na compreensão do fenômeno da fragmentação do Cristianismo e mercantilização da fé. Para o mapeamento religioso do município da Serra valerá a experiência do brasileiro Carlos Rodrigues Brandão que desenvolveu um amplo estudo sobre a religiosidade popular na cidade de Itapira, estado de São Paulo.

A pesquisa será bibliográfica e social. Seguindo o caminho percorrido por Brandão, será feito um mapeamento religioso do município da Serra, incluindo parte de sua história e do quadro atual no que tange à religiosidade do povo serrano, com ênfase nas comunidades cristãs existentes neste município. Baseado nas figuras do *Praticante*, *Peregrino* e do *Convertido*, cunhadas por Hervieu-Léger e na teoria do mercado de bens simbólicos desenvolvida por Pierre Bourdieu será feita uma análise na realidade religiosa da Serra, sobretudo no que tange ao surgimento de Comunidades Cristãs Independentes, tentando identificar as causas e apontar as conseqüências de tal fenômeno. Outros teólogos e sociólogos serão consultados,

sobretudo na área da eclesiologia, a fim de apontar pistas na direção da compreensão da fragmentação do Cristianismo no mundo, a partir do município da Serra.

Neste trabalho serão usadas como sinônimas as palavras Igrejas e Comunidades, entendendo-se com elas agrupamentos organizados de crentes que esposam as mesmas doutrinas, seguindo a definição dos irmãos Stegemann :

O conceito neotestamentário mais importante para as comunidades crentes em Cristo, a palavra grega *ekklesia*, é utilizado para comunidades domésticas individuais, para comunidades locais constituídas eventualmente por diversas comunidades domésticas e para todos os crentes em Cristo. A sua tradução para o português varia: comunidade, reunião comunitária, igreja.⁵

Foi feita também uma pesquisa de campo, na qual cinco comunidades cristãs protestantes históricas e cinco novas comunidades cristãs foram pesquisadas. A pesquisa social é qualitativa e realizada por meio de entrevistas com membros das novas comunidades, obedecendo os seguintes critérios: um pastor e um membro de cada Igreja Batista Histórica, os quais denominamos nesta pesquisa de *Praticantes* e um pastor de cada Igreja Independente, aqui chamados de *Peregrinos* e um membro de cada nova comunidade, chamado neste trabalho de *Convertidos*. Foram entrevistadas pessoas do sexo masculino e do sexo feminino e das mais diferentes idades, como pode ser constatado no conteúdo das entrevistas anexadas a este trabalho.

Segundo Neto, “o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.”⁶ O propósito da pesquisa de campo foi buscar nas próprias Igrejas as informações e as percepções sobre o fenômeno pesquisado.

Optou-se pela técnica das entrevistas semi-estruturadas e gravadas, com horário previamente agendado e com o conteúdo das perguntas previamente compartilhado com os participantes, a fim de tornar a experiência mais agradável e bem descontraída. Segundo Neto, “a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo.

⁵ STEGEMANN, Ekkehard W., STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo* : os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. Tradução de Nélío Schneider. São Leopoldo : Sinodal, São Paulo : Paulinas, 2004, p. 297.

⁶ NETO, Otávio cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social* : teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 52.

Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais [...] sendo entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos”⁷

A entrevista com os pastores e membros das igrejas pesquisadas foi gravada e, posteriormente, transcrita. Buscou-se fazer uma transcrição com boa qualidade e mantendo a forma de expressão de cada personagem entrevistado. O total do conteúdo das entrevistas está registrado nos Anexos A - *Praticantes*, B - *Peregrinos* e C - *Convertidos*. Esta tipologia foi inspirada no livro de Daniele Hervieu-Léger, que serve de referencial teórico para esta pesquisa, sem contudo corresponder exatamente ao que expressa a referida autora, como poderá ser constatado mais adiante. Neste trabalho, os tipos *Praticante*, *Peregrino* e *Convertido* serão iniciados com letra maiúscula e em itálico. Como parte do acordo feito com os participantes da pesquisa de campo, os nomes das pessoas são fictícios, caracterizados pelas categorias tipológicas e o nome de suas igrejas e cidades permanece no anonimato.

Gomes entende que a análise dos conteúdos de uma pesquisa de campo presta-se a dois propósitos básicos:

Verificação de hipóteses e/ou questões, ou seja, através da análise do conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação. A outra função diz respeito à *descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos*, indo além das aparências do que está sendo comunicado.⁸

A sistematização dos dados segue a orientação da pesquisa social, a análise do conteúdo das entrevistas e o resultado da pesquisa social será relacionado com o embasamento teórico proveniente da pesquisa bibliográfica. Optou-se por apresentar os resultados da pesquisa mesclando-os com as considerações teóricas, distribuindo-as por todo o desenvolvimento da dissertação.

Para este trabalho, como Igrejas Protestantes Históricas entende-se as Igrejas que resultaram do movimento Protestante do Século XVI, sendo às vezes chamadas de

⁷ NETO, 1994, p. 57.

⁸ GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 74.

denominações. Destas, o trabalho destaca as Igrejas Batistas, objetos da pesquisa de campo.

Como Comunidades Cristãs Independentes entende-se as novas Igrejas Cristãs Evangélicas, sem vínculo com as Igrejas Protestantes Históricas, muitas vezes surgidas dentro destas e à revelia da sua liderança. Estas também são investigadas através da pesquisa de campo e se constituem no principal objeto de análise deste trabalho. São também chamadas de Igrejas Cristãs Independentes ao longo do trabalho.

O primeiro capítulo está organizado em duas partes. Na primeira, é feito um mapeamento religioso do município da Serra, estado do Espírito Santo, campo geográfico onde a pesquisa de campo é realizada. Na segunda parte são apresentados alguns dos principais itens do campo religioso, tipologias integrantes do quadro teórico da pesquisa.

O segundo capítulo apresenta uma síntese histórica, apontando o nascimento de igrejas cristãs desde o período do Novo Testamento, com ênfase em três momentos cruciais na história do cristianismo. O grande cisma, que rachou o Cristianismo pelo meio; o movimento reformador do século XVI, de onde nascem diversas igrejas, denominadas protestantes; e o movimento pentecostal, nascido no século XX, que fragmenta ainda mais o Cristianismo já extremamente dividido.

O terceiro capítulo levanta os fatores que ocasionam tais divisões, tanto os que se apresentam dentro das próprias Igrejas Históricas, como também aqueles que nascem fora das Igrejas Cristãs, na sociedade onde as igrejas estão inseridas, pressionando o surgimento de movimentos cismáticos.

O quarto e último capítulo aponta para a repercussão desta fragmentação do Cristianismo, nas Igrejas Cristãs Históricas, notadamente nas Igrejas Batistas, que são o principal objeto desta pesquisa, tanto nos aspectos que beneficiam como naqueles que prejudicam estas comunidades já estabelecidas e o Cristianismo de um modo geral.

1 O CAMPO DA PESQUISA

1.1 Serra : Contexto Geográfico – Religioso - Histórico

1.1.1 Síntese Histórica

Localizado no Estado do Espírito Santo, Sudeste do Brasil, o município da Serra faz parte da região metropolitana da Grande Vitória. Possui 553.254 km² de extensão territorial e uma população estimada em 330 874 hab, segundo o Censo 2000 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.⁹

Segundo Borges “a história da catequização e colonização da Serra é envolvente com características especiais e próprias, já que os primeiros habitantes foram os índios Temiminós que não eram do Espírito Santo e sim, do Rio de Janeiro”.¹⁰ Conforme predominância em todo o estado do Espírito Santo, o território foi desbravado pelos catequizadores Jesuítas, pertencentes à Igreja Católica.

Estabelecidos na região, os Jesuítas, liderados pelo padre Braz Lourenço, receberam, posteriormente, um grupo de Temiminós, do Grupo Tupi, alojando-os entre o Morro da Serra e o rio Santa Maria. No dia 8 de Dezembro de 1556¹¹, com a celebração de uma missa, foi fundada a aldeia de Nossa Senhora da Conceição de Maracajaguaçu, nome este colocado em homenagem ao chefe da tribo indígena proveniente do Rio de Janeiro. Posteriormente a aldeia recebeu o nome de Nossa Senhora da Conceição da Serra, tendo sido, mais tarde, abreviado para povoado de Conceição da Serra e, finalmente, simplesmente Serra. Segundo Borges¹² o lugar recebeu este nome em decorrência de sua localização, próximo a um “imponente maciço, com vários morros geminados, a Montanha do Mestre Álvaro, que de uma única estrutura na base, possui no alto várias pontas que se assemelham a vários Morros, ou seja, a uma cadeia de Montanhas, uma Serra”.

A aldeia da Serra passou à condição de Vila a 2 de abril de 1822, vindo a se tornar município, desmembrado de Vitória em 2 de Abril de 1833 e a vila da Serra

⁹ BORGES, Clério José. *História da Serra*. Serra : Editora do CTC, 2009, p. 15.

¹⁰ BORGES, 2009, p. 15.

¹¹ BORGES, 2009, p. 16.

¹² BORGES, 2009, p. 16.

adquire a condição de cidade no dia 06 de Novembro de 1875, vindo a instalação solene, com festas, acontecer no dia 02 de Dezembro de 1875.¹³

Inicialmente a população da aldeia da Serra era composta dos índios Temiminós, procedentes do Rio de Janeiro. Posteriormente os colonizadores Portugueses se estabeleceram na região, com seus engenhos, trazendo consigo seus escravos negros para o trabalho braçal.

Hoje é um dos municípios que mais cresce no Espírito Santo, com um Centro Industrial de grande porte, contando também com duas grandes mineradoras: Companhia Siderúrgica de Tubarão e Companhia Vale do Rio Doce. Por outro lado, é um dos municípios mais violentos do Brasil, ocupando um dos primeiros lugares em termos de homicídios, muito em função do tráfico de drogas que é largamente praticado no município.

1.1.2 Religiosidade Histórica

Borges sintetiza a religiosidade serrana dizendo que “a Cultura Popular Serrana é composta de um conjunto de mitos, crenças, histórias populares, lendas, tradições e costumes que são transmitidos de geração em geração.”¹⁴ É interessante notar a leitura que este escritor serrano faz de sua própria história. Ele afirma: “Desta miscigenação surge o povo serrano, que dos Portugueses herdou a religiosidade, dos negros um rico folclore e um grandioso gosto pelas festas e dos índios, a paixão pela liberdade”.¹⁵ Claro que esta é uma leitura parcial da história religiosa da Serra. Como em várias outras regiões do Brasil, a Serra também foi um território ocupado por três povos, ameríndios, portugueses e africanos, cada um com suas marcas e identidade religiosas. O sincretismo foi inevitável, mas a predominância do Catolicismo deu-se, não por acaso, mas pelo fato de ser a religião daqueles que detinham o poder por ocasião da colonização.

¹³ BORGES, 2009, p. 74.

¹⁴ BORGES, 2009, p. 118.

¹⁵ BORGES, 2009, p. 16.

1.1.2.1 Festa de São Benedito

Uma tradição religiosa que se mantém no município da Serra é conhecida como “Festa de São Benedito”, que acontece anualmente, por ocasião do aniversário do município, no dia 26 de Dezembro. As festividades acontecem durante todo o mês de Dezembro, culminando com três dias muito intensos, com diversas manifestações religiosas. Como afirma Borges, “a padroeira da Serra é Nossa Senhora da Conceição, todavia é São Benedito quem recebe as mais efusivas e expressivas manifestações de carinho do povo Serrano, que realiza a festa desde 1856”.¹⁶

A origem da festa tem várias versões diferentes. A mais popular afirma que se dá em função de um suposto milagre que São Benedito teria feito no município. A lenda, que vem sendo contada de geração em geração pelo povo serrano, afirma que

um navio negreiro teria naufragado nas proximidades de Nova Almeida, em 1856, salvando-se 25 escravos agarrados ao mastro que se soltou do navio. Na hora pediram proteção a São Benedito. [...] Por terem sido atendidos, os negros escravos resolveram comemorar a data com festejos de louvor a São Benedito.¹⁷

Na festa o que se vê é um misto de religiosidade sincrética, em que o congo, representando as religiões afro-brasileiras, oferece o ritmo, o povo se agarra a uma tradição lendária com uma série de rituais que duram três dias, arrastando o barco puxado por uma corda pelas ruas da cidade, dentre outras coisas.

1.1.2.2 Bandas de Congo

Outra marca distintiva da religiosidade serrana são as bandas de congo. “Banda de Congo é um grupo de pessoas que tocam instrumentos, dançam e cantam velhas e tradicionais cantigas, de melodias simples e de caráter sentimental, religioso ou de brincadeira”.¹⁸ Muito embora existam bandas de congo pelo Brasil a fora, Serra é a capital do congo no Espírito Santo. Aqui nasceu a primeira banda de congo do estado,

¹⁶ BORGES, 2009, p. 118.

¹⁷ BORGES, 2009, p. 120.

¹⁸ BORGES, 2009, p. 127.

foi organizada uma associação de bandas de congo, instalada uma casa de congo, que, além de contar a história do congo no município, expõe todos os aparelhos utilizados para as apresentações das bandas, além de fotos e outros materiais ligados ao congo.¹⁹

1.1.2.3 Revolta de Queimados

Queimado é um distrito do município da Serra e foi palco de um dos eventos mais marcantes da história religiosa da Serra. Borges descreve assim o que aconteceu. “Em março de 1849, Queimado foi palco de uma Revolta de negros escravos. Trezentos Escravos envolvidos numa das mais sangrentas Revoltas com pouco mais de 20 negros mortos e feridos, perseguidos como verdadeiros animais pelos Capitães do Mato e voluntários da região”.²⁰ Conhecida como a “Insurreição de Queimados”, o acontecimento marcou de maneira dramática a história religiosa da Serra.

Frei Gregório José Maria de Bene, Missionário Capuchinho Italiano, que não admitia a escravidão [...] convocou os negros da região para a construção de uma grande Igreja na povoação de Queimados, com a promessa de que posteriormente intercederia junto aos Senhores para que fosse dada a alforria de cada um dos negros que ali trabalhassem. [...] No dia 19 de Março, foi programada uma grande Missa, com festa no Queimado. Embora não tivesse completamente pronta, a Igreja foi considerada pronta, já que faltavam apenas alguns pequenos detalhes para o término da obra. [...] Elisiário, João e Chico Prego pretendiam na hora da Missa, com o apoio do padre, exigir dos Senhores presentes que cada um assinasse a declaração tornando-os livres. O padre estava rezando a Missa, às 3 horas da tarde, quando a multidão de escravos, com ânimos exaltados, invadiu a Igreja aos gritos de Liberdade. O templo viveu momentos de confusão e o Frei Gregório acabou por abandonar o altar, sem terminar a Missa fechando-se na sacristia da Igreja, sem qualquer comunicação com os escravos. [...] Sem apoio do padre e aproveitando a grande concentração de negros, Elisiário, João e Chico Prego saem da Igreja e decidem continuar com o Movimento, percorrendo armados, as casas dos senhores ‘obrigando-os a assinar as declarações de Alforria’. [...] Comprova-se que houve o confronto e feridos dos dois lados.²¹

Autoridades foram acionadas e o motim foi debelado, não sem derramar muito sangue e perseguições por todos os lados. Padre Gregório foi preso e expulso do país

¹⁹ BORGES, 2009, p. 127-131.

²⁰ BORGES, 2009, p. 32.

²¹ BORGES, 2009, p.134, 135, 136.

por ser acusado de apoiar os escravos. Vários negros foram mortos na perseguição e outros presos e julgados. Destes, cinco foram condenados à morte, dentre os quais um dos líderes mais destacados do Movimento, Francisco de São José, o “Chico Prego”, que foi condenado a morrer na forca. “Chico Prego foi executado na sede da Vila de Nossa Senhora da Conceição da Serra, no dia 11 de Janeiro de 1850, nas proximidades da Igreja, para servir de exemplo”²² Próximo ao local onde ocorreu o enforcamento está localizada hoje uma praça e nela foi construída uma estátua em homenagem à Chico Prego.

Todos os anos celebra-se um culto ecumênico em homenagem aos heróis da “Insurreição de Queimados”, com a presença e a participação de Católicos, Protestantes e representantes de Religiões Afro-descendentes.

1.1.2.4 Protestantismo na Serra

Com hegemonia absoluta do Catolicismo, Religiões Afro-descendentes e Indígenas, por cerca de quatrocentos anos, o Protestantismo demorou chegar no município. A primeira igreja protestante a se instalar no município da Serra foi a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, fundada oficialmente no dia 06 de setembro de 1933, pelo Pr. João Pedro da Silva, na localidade de Uma Grande, distrito de Queimados, transferindo-se depois para a sede do município, onde permanece até os dias atuais. Esta igreja conta hoje com sessenta e duas congregações espalhadas por todo o município da Serra.²³

1.1.3 Religiosidade Atual

Hoje, além da Igreja Católica Romana, imponentemente plantada no local de maior destaque da cidade da Serra, vários centros espíritas e locais de expressão de religiosidade afro-descendentes, o município abriga uma infinidade de igrejas protestantes, desde as consideradas históricas, ou seja, igrejas com raízes na Reforma

²² BORGES, 2009, p. 140.

²³ Informações prestadas verbalmente pelo Pr. Délio Nascimento, atual pastor da Igreja Evangélica Assembléia de Deus da Serra, no dia 15 de Dezembro de 2009.

Religiosa do Século XVI, como também um grande número de pequenas igrejas independentes, que tiveram origem no próprio município ou na região da Grande Vitória.

1.1.3.1 Igrejas Protestantes

Esta é uma história que precisa ser escrita, pois o que se sabe é muito mais por ouvir dizer do que se encontra em registros oficiais sobre a religiosidade serrana.

Atualmente, além da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, fazem-se presentes no município da Serra as principais denominações protestantes, como Igrejas Batistas, Igreja Congregacional, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Presbiteriana Unida, Igreja Presbiteriana Independente, Igreja Metodista Wesleiana, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus etc.

1.1.3.2 Igrejas Batistas

A Primeira Igreja Batista a ser organizada no município da Serra teve seu início em 1972, vindo a ser organizada em 1979 no Conjunto Residencial Laranjeiras, um dos bairros do município. Em 1982, entretanto, organiza-se a Primeira Igreja Batista da Cidade da Serra, a primeira a se instalar na sede do município. Atualmente são 46 Igrejas Batistas filiadas à Convenção Batista do Estado do Espírito Santo, instituição de cooperação entre os batistas capixabas, com cerca de 6.270 membros arrolados.²⁴

1.1.3.3 Igrejas Cristãs Independentes

Das Igrejas Cristãs Independentes que nasceram no município da Serra não se tem um número exato, mas as maiores são a Igreja Evangélica Vida, com mais de

²⁴ ASSEMBLÉIA ANUAL DA CONVENÇÃO BATISTA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. *Livro do Mensageiro*. Cachoeiro de Itapemirim: CONVENÇÃO BATISTA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2009, 185p.

1.000 membros arrolados e a Igreja Evangélica Catedral dos Milagres, com cerca de 500 freqüentadores, além de uma infinidade de pequenas igrejas que se espalham pelos bairros do município, a maioria sem registro na prefeitura nem alvará para funcionamento.

1.2 Campo Religioso: Tipologias

1.2.1 Religião

Para Pierre Bourdieu,

a aparição e o desenvolvimento das grandes religiões universais estão associadas à aparição e ao desenvolvimento da cidade, sendo que a oposição entre a cidade e o campo marca uma ruptura fundamental na história da religião e, concomitantemente, traduz uma das divisões religiosas mais importantes em toda a sociedade afetada por esse tipo de oposição morfológica. Tendo observado que 'a grande divisão do trabalho material e do trabalho intelectual consiste da separação entre a cidade e o campo'.²⁵

Reblin afirma que “o campo religioso é, da mesma forma que outros campos – como Pierre Bourdieu tão bem descreveu – um campo de forças e um campo de lutas entre agentes e instituições, entre agentes e agentes e entre agentes e fiéis”.²⁶

Pierre Bourdieu compreende a religião como um sistema simbólico e como um sistema de pensamento que organiza a sociedade, concedendo-lhe uma ordem lógica sobre a qual ela possa se estruturar e reconhecer tanto o mundo natural quanto o mundo social como pertencentes a uma mesma *ordem cósmica*. A religião estrutura o mundo de uma forma muito próxima, senão idêntica, a linguagem e é responsável, nesse ínterim, pela produção de sentido que possibilita a própria existência humana. [...] Essa nova perspectiva acerca da religião está construída sobre três noções elaboradas por Bourdieu: a noção de trabalho religioso, a noção de campo religioso e a 'relação entre especialistas e consumidores de bens religiosos'.²⁷

²⁵ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo : Perspectiva, 2007 (Coleção estudos), p. 62.

²⁶ REBLIN, Iuri Andréas. Poder & intrigas, uma novela teológica: considerações acerca das disputas de poder no campo religioso à luz do pensamento de Pierre Bourdieu e de Rubem Alves. Protestantismo em revista. **Revista Eletrônica de Estudos e Pesquisa do Protestantismo** (NEPP) da Faculdade EST, v.14, set.-dez. 2007. Disponível em < <http://www3.est.edu.br/nepp>>. Acesso em: 20 Jan. 2009. p. 17-18.

²⁷ REBLIN, 2007, p. 18.

Baseado no pensamento de Bourdieu, Reblin afirma que “o trabalho religioso é uma produção discursiva ou uma prática envolta numa aura sagrada que supre ‘a uma necessidade de expressão de um grupo ou classe social’ e que se torna socializada e enraizada nesse mesmo grupo.”²⁸ Segundo ele, este trabalho religioso pode ser uma produção autônoma e coletiva ou uma produção especializada.

Por outro lado, “a noção de campo religioso está baseada sobre a idéia da divisão social do trabalho. O campo religioso compreende o conjunto das relações que os agentes religiosos mantêm entre si no atendimento à demanda dos ‘leigos’”.²⁹

A instituição religiosa é, portanto, a uma organização humana composta por *agentes produtores e consumidores de capital simbólico* religioso, participantes de um *campo religioso* que abarca conflitos de poder. Há uma elite pensante na instituição religiosa, eleita arbitrária, autoritária ou consensualmente, que, por sua vez, detém o poder sobre o capital simbólico religioso e é capaz de legitimar e de qualificar, bem como de deslegitimar ou desqualificar determinados agentes produtores de capital simbólico, bem como o próprio capital simbólico por eles produzido, a fim de manter o controle do campo.³⁰

Aplicando este conceito para o Cristianismo, a Igreja Católica Apostólica Romana, por ser a mais antiga, entende-se possuidora do monopólio do capital religioso ensinado por Cristo e por seus apóstolos. No entanto, no decorrer dos séculos, esta hegemonia Católica vem sendo minada por grupos que tem rompido com a Igreja, dando origem a outras igrejas independentes. Entretanto, segundo Bourdieu

toda prática ou crença dominada está fadada a aparecer como profanadora na medida em que, por sua própria existência e ausência de qualquer intenção de profanação, constitui uma contestação objetiva do monopólio da gestão do sagrado e, portanto, da legitimidade dos detentores deste monopólio. [...] Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do *capital religioso* na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso.³¹

²⁸ REBLIN, 2007, p. 19.

²⁹ REBLIN, 2007, p. 19.

³⁰ REBLIN, 2007, p. 20.

³¹ BOURDIEU, 2007, p. 45, 57.

Monopólio da gestão do sagrado. Isso talvez seja o que incomoda o Cristianismo clássico, organizado em torno de Igrejas Cristãs Históricas, acostumado a manter o controle das questões religiosas através de suas estruturas estabelecidas há séculos e que agora se vêem ameaçadas com os novos movimentos religiosos emergentes.

1.2.2 Igreja e seita

Hervieu-Léger utiliza-se da tipologia estabelecida por Max Weber, que faz diferenciação entre *igreja* e *seita*. Segundo ele, “igreja é a comunidade natural no seio da qual se nasce, e *seita* é um agrupamento voluntário de crentes no qual se entra após uma conversão pessoal.”³² Dentre outras características distintivas entre ambas, Hervieu-Léger afirma que

em oposição à ação ‘extensiva’ que caracteriza a Igreja, a seita é caracterizada pela intensidade do engajamento cotidiano que ela requer dos seus membros [...] Fora de qualquer compromisso com o mundo profano, a seita afirma, à margem da sociedade, a radicalidade da exigência evangélica.³³

Niebuhr cita e analisa a tipologia clássica, estabelecida por Max Weber e Ernst Troeltsch em que apontam as diferenças na estrutura sociológica dos grupos religiosos e sua importância para a determinação de suas doutrinas. Dentre outras diferenças algumas podem ser destacadas:

Os membros da Igreja nascem nela; os membros das seitas devem aderir a ela. As igrejas são instituições inclusivas, frequentemente de âmbito nacional e acentuam o universalismo do Evangelho; as seitas são de caráter exclusivo, apelam para elementos individualistas do cristianismo e ressaltam as exigências éticas. [...] A Igreja institucional atribui, naturalmente, grande importância aos meios de graça que administra, ao sistema de doutrinas que formulou e à administração oficial dos sacramentos e do ensino por intermédio do clero oficial. [...] A seita atribui importância especial à experiência religiosa que seus membros teriam tido antes de entrar para o grupo, ao sacerdócio de todos os fiéis, e os sacramentos como símbolos de comunhão dos crentes e compromisso de fidelidade. [...] Na história protestante a seita tem sido sempre filha de minorias proscritas, nascendo de revoltas religiosas de pobres ou dos que não tem representação efetiva na Igreja ou no Estado, e que formam seus

³² HERVIEU-LÉGER, Danièle . **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008. p. 166.

³³ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 167.

conventículos e dissidentes através do único caminho aberto para eles nos padrões associativos democráticos.³⁴

Neste sentido, o fenômeno a ser analisado por esta pesquisa, ou seja, o nascimento e a multiplicação de igrejas independentes poderiam identificá-las mais como seitas, porém preferiu-se optar por igrejas ou comunidades, entendendo que a tipologia weberiana não mais condiz com a compreensão que se tem de tais comunidades. Ainda assim, aplica-se para a realidade brasileira a descrição de Hervieu-Léger sobre a realidade do cristianismo francês:

A perda de força da observância, o desenvolvimento de uma religião ‘a La carte’, a proliferação das crenças combinadas a partir de várias fontes, a diversificação das trajetórias de identificação religiosa, o desdobramento de uma religiosidade peregrina: todos estes fenômenos são indicadores de uma tendência geral à erosão do crer religioso institucionalmente validado. [...] É a legitimidade da autoridade religiosa que se acha atingida em seu fundamento [...] Uma tendência que trabalha as instituições religiosas e as transforma profundamente ao mesmo tempo em que provoca uma reorganização global da paisagem religiosa. [...] Elas devem enfrentar, ao mesmo tempo, interna e externamente, a pluralização dos pequenos regimes da validação comunitária que opõem ao movimento precedente de ‘modelos fortes’ da verdade partilhada.³⁵

Bourdieu afirma que “toda seita que alcança êxito tende a se tornar Igreja, depositária e guardiã de uma ortodoxia, identificada com suas hierarquias e seus dogmas, e por esta razão, fadada a suscitar uma nova reforma”.³⁶

Hervieu-Léger faz menção de três figuras típicas que compõem o cenário religioso mundial atual, sobretudo no contexto cristão, ou seja, o *Praticante*, o *Peregrino* e o *Convertido*.

1.2.2.1 O Praticante

Muito embora não mereça destaque por parte de Hervieu-Léger, o *Praticante* é descrito como sendo uma “figura estável e claramente identificável”, tornando-se

³⁴ NIEBUHR, H. Richard. *As origens sociais das denominações cristãs*. Tradução de Antonio Gouvêa Mendonça. São Paulo: ASTE, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992. p. 19, 20.

³⁵ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 170, 171.

³⁶ BOURDIEU, 2007, p. 60.

referência para a definição da paisagem religiosa, muito embora vivendo numa sociedade em “movimento, caracterizada pela dispersão das crenças, da mobilidade das pertencas, da fluidez das identificações e da instabilidade dos agrupamentos”.³⁷ A partir da figura do *Praticante*, pode-se identificar os *Praticantes* regulares, *Praticantes* ocasionais, *Praticantes* festivos e os não *Praticantes*.

O *Praticante* regular é figura cada vez mais escassa, muito embora extremamente desejada pela Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) e pelas Igrejas ou Denominações Protestantes Históricas. “O modelo do praticante revela, assim, claramente, a realidade de um mundo diferenciado onde a capacidade de influência da Igreja sobre a sociedade, bem como sobre os seus próprios membros, já é questionada”.³⁸

Por sua vez,

no caso do protestantismo, em que a afirmação de uma fé pessoal e interior, em princípio, faz parte apenas secundariamente da observância cultural, a figura do praticante fica ofuscada, parcialmente, por detrás do ‘protestante engajado’, que frequenta as associações e sustenta as obras.³⁹

O resgate do cristão *Praticante* passa a ser um desafio permanente para as Igrejas Cristãs Históricas, sejam elas de vertente Católica ou Protestante.

Na tipologia utilizada para a pesquisa de campo, são chamados de *Praticantes* os pastores e membros das Igrejas Batistas Históricas entrevistados, cujos depoimentos estão no Anexo A deste trabalho. Optou-se por esta terminologia apenas para identificar os personagens que foram mantidos no anonimato, tendo-se consciência de que os referidos personagens não correspondem exatamente à figura dos *Praticantes* na conceituação de Hervieu-Léger.

1.2.2.2 O Peregrino

Segundo Hervieu-Léger, “o peregrino emerge como uma figura típica do religioso em movimento. [...] A condição de peregrino se define essencialmente a partir do

³⁷ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 81.

³⁸ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 82.

³⁹ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 84.

trabalho de construção biográfica efetuado pelo próprio indivíduo.”⁴⁰ Trata-se de uma pessoa religiosa, que tem a liberdade de fazer uma bricolagem que lhe permita ajustar as suas crenças à luz de sua própria experiência espiritual. Portanto, “essa religiosidade peregrina individual, se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos que elabora, ao mesmo tempo que pela incerteza das pertencas comunitárias às quais pode dar lugar”.⁴¹

Este indivíduo está a caminho, em movimento, em busca de satisfação para a sua vida. Neste processo, “experimenta” da água de várias fontes, entenda-se, passa por várias igrejas, à procura daquela que lhe preencha o vazio e lhe faça sentir-se bem. Caso não encontre nenhuma que se adéque ao seu perfil, a solução é iniciar uma do seu jeito, de acordo com a sua visão de Igreja. Como poderá ser constatado no decorrer desta pesquisa, a grande maioria dos líderes fundadores de novas igrejas já passou por várias delas e não encontrou nenhuma que lhe satisfizesse. Então tais líderes decidiram iniciar algo novo, uma igreja à sua imagem e semelhança, que seja capaz de satisfazer os seus anseios mais profundos.

O *Peregrino* pode pertencer a qualquer religião e a qualquer Igreja Cristã. “No campo Católico, o Padre Amazino foi proibido de exercer seu ministério. Abriu uma igreja própria, registrou-a como entidade de direito público e continua católico, uma referência identitária genérica”.⁴²

Dusilek entende que

não há figura melhor do que a do peregrino para descrever a conduta do cristão e da igreja enquanto no mundo. Suas raízes são sempre voltadas ‘para cima’. O solo da vontade de Deus é o único solo em que tais raízes podem firmar-se. [...] Sua jornada é mais determinada pelo alvo ou destino de que pelo ponto de partida. Seu compromisso maior é com o futuro, tornando-se ele, por isso mesmo, um profeta ou ‘porteiro de amanhã. Não se escraviza às estruturas, mas se coloca sempre à disposição do destino de sua caminhada para ‘experimentar a vontade de Deus pela renovação do entendimento.’⁴³

⁴⁰ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89.

⁴¹ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89, 90.

⁴² BENEDETTI, Luiz Roberto. *Religião*: trânsito ou indiferenciação? In: TEIXEIRA; MENEZES, 2006, p.131.

⁴³ DUSILEK, Darci. Oásis no deserto. *Missão*. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p. 27-28, 1985

Na verdade, “o peregrino, na história religiosa, aparece, de fato, bem antes do praticante regular. Ele perpassa a história de todas as grandes religiões”.⁴⁴ Neste trabalho, utiliza-se a tipologia do *Peregrino* especialmente como alguém que está caminhando em busca de algo que lhe satisfaça, sobretudo em termos de religiosidade. “Às vezes parece que todos estão à procura de alguma coisa, mas que eles próprios não sabem muito bem o que é”.⁴⁵ Nesta busca, mudar de Igreja é uma questão natural, que faz parte da caminhada do *Peregrino*.

Na tipologia utilizada para a pesquisa de campo, são chamados de *Peregrinos* os pastores das Comunidades Cristãs Independentes entrevistados, cujos depoimentos estão no Anexo B deste trabalho. Tais figuras não correspondem aos *Peregrinos*, de Hervieu-Léger.

1.2.2.3 O Convertido

Trata-se de alguém que está buscando e de repente encontra o que procurava, no que tange à sua espiritualidade. Segundo Hervieu-Léger, “de uma maneira bastante surpreendente o fim do século XX, marcado pelo enfraquecimento do poder regulador das instituições religiosas, se caracterizou por uma notável retomada das conversões”.⁴⁶

Numa sociedade que supervaloriza a autonomia e o individualismo, o direito à liberdade de escolha em todas as áreas, inclusive religiosa, espiritual, é algo inegociável. Na sociedade contemporânea está em alta “a autonomia do indivíduo-sujeito, capaz de ‘fazer’ o mundo do qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão sentido à sua própria existência”.⁴⁷

Hervieu-Léger utiliza-se de três modalidades de *Convertidos*. A primeira é do indivíduo que “muda de religião”. Refere-se à pessoa que abdicou da religião que herdou de seus pais, opta por uma nova religião a partir de uma experiência individual com a divindade ou por motivos particulares como namoro, casamento ou outro

⁴⁴ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 87.

⁴⁵ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 93.

⁴⁶ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 107.

⁴⁷ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 32.

interesse pessoal. Os números ilustram como este fenômeno está em alta. “Um em cada quatro paulistanos está em religião diferente da que nasceu; sete em cada dez convertidos mudaram de filiação religiosa no período de dez anos. É uma migração que exige que se recoloque em termos novos o problema da conversão”⁴⁸ Pensando em termos de Brasil, os números são idênticos. “Uma em cada quatro pessoas mudou de religião no Brasil nos anos 1990”.⁴⁹

A segunda modalidade citada por Hervieu-Léger é da pessoa que vem do grupo dos “sem religião”, ou seja, o indivíduo que não pertencia a religião nenhuma e de repente descobre uma que lhe parece ideal e se converte. Numa sociedade em que aumenta o número dos “sem religião” e dificulta-se a cada dia o processo de transmissão de princípios religiosos por parte das famílias, este tipo de *Convertido* passa a ser digno de atenção.

A terceira modalidade da figura do *Convertido* é a do “re-filiado”, ou seja, do “convertido de dentro”, “aquele que redescobre uma identidade religiosa que permanecera até então formal, ou vivida a *mínima*, de maneira puramente conformista”⁵⁰, ou seja, a conversão de um cristão nominal, que freqüentava a igreja pro-forma, mas que agora sim, passa por uma experiência de conversão pessoal. Aí está um tipo de religiosidade totalmente compatível com a modernidade, na qual se entende que “uma identidade religiosa ‘autêntica’ tem que ser uma identidade escolhida”⁵¹, cuja decisão é tomada pela própria pessoa, mas por obra de Deus em sua vida.

Rubem Alves, escrevendo sobre conversão na década de 70, descreve com detalhes o processo que leva à experiência de conversão. Depois de falar de desintegração e aguda crise, Alves afirma que

inesperadamente, entretanto, um milagre acontece. O momento de crise e desestruturação da personalidade encontra uma solução. A consciência ressuscita, transfigurada, como uma nova estrutura em que tanto os conteúdos emotivos quanto os cognitivos são radicalmente novos. A experiência tem o caráter de milagre porque parece impossível descobrir um nexo entre o seu antes e o seu depois. O homem se sente possuído por uma inebriante sensação de paz e alegria. As tensões são resolvidas. Sem saber como isto

⁴⁸ BENEDETTI, 2006, p. 130.

⁴⁹ TEIXEIRA; MENEZES, 2006, p. 7.

⁵⁰ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 111.

⁵¹ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 116.

ocorreu, descobre-se transportado do Nada para o Ser, das Trevas para a Luz, do Fim para o Princípio, da Morte para a Vida. Encontrou a salvação.⁵²

Hervieu-Léger, por sua vez, diz que “converter-se é, em princípio, abraçar uma identidade religiosa em sua integralidade”.⁵³ Isso, naturalmente, tem profundas implicações em toda a mobilidade eclesial. A autora advoga que

as Igrejas deveriam até, logicamente, empenhar-se em provocar conversões para realizar sua missão salvífica, como o fazem, com formidável eficácia, as correntes evangélicas e neopentecostais.[...] É completamente significativo, desse ponto de vista, que as comunidades chamadas ‘novas’ se tenham dedicado ativamente a esse desafio catecumenal definindo-se a si mesmas como locais privilegiadas de ‘retomada do caminho’.⁵⁴

As igrejas de linha “conversionista”, ou seja, que enfatizam a conversão em sua mensagem, certamente levam vantagem no que tange ao crescimento e agregação de membros. As que tem uma didática mais formal e acreditam na adesão por tradição familiar ou por conscientização através do ensino paulatino das Escrituras, certamente acabam perdendo a oportunidade de ver mais pessoas integrando-se em seu rol de membros.

Retomando a definição de Igreja, é relevante fazer menção dos cinco sinais que Martinho Lutero apontou, para identificar uma igreja, em relação às seitas e outros agrupamentos religiosos. Palavra de Deus, Batismo, Ceia do Senhor, Confissão e absolvição de pecados (ofício das chaves), Ministério da Igreja. Enfatizando a Palavra de Deus como sinal da verdadeira Igreja de Jesus Cristo, Lutero afirma: “Você ouve tal palavra e vê que ela é pregada, crida, confessada e cumprida. Então você não precisa ter dúvida de que certamente aí está uma verdadeira santa Igreja Católica, um santo povo específico, mesmo que seu número seja muito pequeno”.⁵⁵

Na pesquisa de campo, foram chamados de *Convertidos* os membros das Novas Comunidades Cristãs Independentes, que não correspondem aos *Peregrinos* descritos por Hervieu-Léger.

⁵² ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1979. p. 84,85.

⁵³ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 116.

⁵⁴ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 133, 134.

⁵⁵ LUTERO, Martim, **Como reconhecer a igreja**: Dos Concílios e da Igreja – 3ª parte. São Leopoldo: Sinodal, Concórdia, 2001, p. 18-19.

1.2.3 Denominação

Aurélio define denominação como sendo “nos países anglo-saxônios, designação geral das congregações eclesiásticas, seitas, etc.”⁵⁶ Trata-se do nome dado a um grupo de igrejas, ligadas entre si institucionalmente, por afinidade teológico-doutrinária e por interesses cooperativos.

O teólogo e historiador Richard Niebuhr empreendeu um trabalho pioneiro, procurando analisar a origem das denominações protestantes e as causas de seu nascimento. Intitulado “As Origens Sociais das Denominações Cristãs” o livro de Niebuhr descreve como surgiram as denominações, sobretudo nos Estados Unidos. Niebuhr defende a tese de que as denominações surgiram, não tanto por questões teológicas, mas como consequência de conflitos de classes, ou seja, por questões sócio-econômicas.⁵⁷

Segundo Niebuhr,

o denominacionalismo representa o fracasso moral do cristianismo. A menos que a ética da fraternidade supere o divisionismo do corpo de Cristo, será inútil esperar que vença o mundo. Mas, antes que a Igreja possa esperar superar sua falta de divisão, deve aprender a reconhecer e admitir o caráter secular de seu denominacionalismo.⁵⁸

A tese de Niebuhr, que será desenvolvida mais adiante, neste trabalho, é de que as denominações constituíram-se numa fragmentação nociva para o Cristianismo, ocorrida mais por questões de ordem sócio-econômicas do que teológicas.

Bruce, citado por Campos, afirma que

a religião no mundo atual tanto expressa um processo de esvaziamento institucional do estilo ‘cathedrals’ como também aponta para o surgimento de cultos mais apropriados aos novos tempos. [...] As denominações religiosas tradicionais não mais podem ‘produzir melodias que excitam as massas’.⁵⁹

⁵⁶ DICIONÁRIO da Língua Portuguesa, **Novo Aurélio Século XXI**. São Paulo: Nova Fronteira

⁵⁷ STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William Sims. **Uma teoria da religião**. Traduzido por Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes, Rodrigo Wolff Apolloni, Frank Usarski. São Paulo : Paulinas, 2008, p.155 (Coleção repensado a religião)

⁵⁸ NIEBUHR, 1992, p. 23.

⁵⁹ CAMPOS, 1999, p. 33.

Isso leva a crer que, em função desta dificuldade das Igrejas Cristãs Históricas em manterem-se relevantes para a sociedade, acaba facilitando o surgimento de novas comunidades, com propostas mais adequadas aos tempos pós-modernos.

1.2.4 Movimento e Instituição

Em trabalho desenvolvido recentemente Andreas Klaus Stange, mestre em teologia pela EST (Escola Superior de Teologia de São Leopoldo), cuja dissertação abordou o tema “As Relações entre a Missão Evangélica União Cristã e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana numa Perspectiva Sócio-Teológica” estabelece interessante diferenciação entre movimento e instituição. Segundo ele, “ao longo da história da Igreja a questão do relacionamento entre ‘Movimento’ e ‘Instituição’ sempre esteve presente”.⁶⁰

Segundo Brunner, a Igreja de Jesus Cristo nasce como um movimento, um conjunto de comunidades que se relacionam com Cristo e em Cristo. Paulatinamente, a Igreja foi se estruturando e se tornando uma instituição. Segundo ele, “o institucionalismo é produzido pelo sacramentalismo”, quando a figura do bispo se destaca em função dos sacramentos.⁶¹

Stange afirma que “instituições se tornam necessárias quando um grupo de pessoas decide organizar e regulamentar seus relacionamentos. Acordos, diretrizes e estatutos normativos de uma *Instituição* garantem a continuidade dos processos para um período mais longo”.⁶²

Movimentos surgem como reação ao que está posto. Falando sobre a relação entre Movimento e Instituição, Stange descreve:

em meio e ao lado das Instituições constituídas, sempre de novo surgiram movimentos de protesto [...] Movimentos se propõem a ser contraponto frente às Instituições. Em seu meio reina um espírito de inquietação [...] sensíveis para

⁶⁰ STANGE, Klaus Andreas. ***As relações entre a missão evangélica união cristã e a igreja evangélica de confissão luterana numa perspectiva sócio-teológica***. 2003. 153f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2003, p. 24.

⁶¹ BRUNNER, Emil. ***O equívoco sobre a Igreja***. Tradução de Paulo Arantes. São Paulo : Novo Século, 2000. p. 84.

⁶² STANGE, 2003, p. 24.

‘sentir o pulso’ do seu tempo. São capazes de aferir o que está latente no ar, percebem déficit, prevêem anseios. Fermentam onde há descontentamentos. Protestam contra o que está estabelecido, o tom crítico domina a cena. Clamam por mudanças e apresentam alternativas. Olham com criatividade além do próprio horizonte. Um movimento trabalha a partir de projetos, de tal modo que os envolvidos com a causa são chamados a envolverem-se objetivamente, com empenho e alegria [...] sempre tende para o lado prático das coisas, quer concretizar o seu anseio; procura por oportunidades. Há um zelo missionário, pois procura ganhar outros para seu ponto de vista, para os seus objetivos. Enquanto que a instituição tem seu ponto forte na continuidade e confiabilidade, o movimento o tem no seu potencial inovador. Movimentos clamam por mudanças. Seus portadores são abertos para mudanças. Nos Movimentos vibra o espírito do pioneirismo. O provisório e a espontaneidade definem o ambiente e ditam o tom.⁶³

É nesta direção que esta pesquisa vai trabalhar, mostrando que cada nova comunidade cristã independente, inicia como um movimento, mas acaba caminhando na direção da institucionalização, a partir do momento que cresce e se estrutura. Por outro lado, na medida em que se institucionaliza perde o vigor, a liberdade e o engajamento que é característico nos movimentos.

Boff refere-se à Igreja-instituição. Ele a entende como sendo

não a comunidade dos que crêem e testemunham, no meio do mundo, a presença do Cristo ressuscitado como evento antecipador e cheio de sentido da ressurreição do homem e do cosmo; entendemos a organização desta comunidade dos fiéis com a Hierarquia, com os seus poderes sagrados, com os seus dogmas, com os seus ritos, com os seus cânones e com a sua tradição. [...] Nenhuma comunidade subsiste sem um mínimo de instituição que lhe confira unidade, coerência e identidade [...] A instituição caracteriza-se pela duração, pela estabilidade e pelas regras de jogo que estabelece entre os membros. [...] Toda a instituição de poder tem a tendência para ontocratizar, quer dizer, se transformar em sistema de poder e de repressão contra a criatividade e a crítica. A instituição tem sempre a ver com o poder.⁶⁴

Daí o ciclo vicioso e interminável a que está submetida a Igreja de Jesus Cristo. Movimentos de libertação tem surgido no decorrer da história, mas rapidamente se organizam e se transformam em novas instituições, herdando todos os vícios destas, como é o caso das Igrejas Cristãs Independentes.

⁶³ STANGE, 2003, p. 25-26.

1.2.5 Religião Popular

Carlos Rodrigues Brandão desenvolveu interessante estudo sobre religião popular, analisando detalhadamente o comportamento religioso de uma cidade, no interior de São Paulo. Ele entende que

talvez a melhor maneira de se compreender a *cultura popular* seja estudar a *religião*. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais que em outros setores de produção de modos sociais da vida e de seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência. [...] Talvez a melhor maneira de se estudar a religião seja não descrever nenhuma delas, ou descrevê-las todas ao mesmo tempo. [...] Após tantos estudos sobre o assunto, é lícito desconfiar que a menor unidade social do sagrado pode não ser uma igreja ou uma confissão; mas, antes, o campo definido pelas trocas políticas entre as religiões e unidades religiosas.[...] A religião dá nomes a todas as coisas, e até torna o incrível possível e legítimo.⁶⁵

Brandão não fornece uma definição de religião popular, pois sua abordagem é descritiva, mas descreve com detalhes impressionantes o que acontece no âmbito da religiosidade popular, independente da corrente doutrinário-teológica. Brandão afirma que

em uma ordem social de dominância institucional de classe, a *religião* sempre quer fugir da *igreja* e ver-se livre de sua cadeia erudita, nem que seja criando outras, mas de preferência pela via da reconstrução do sistema difuso sob controle comunitário de frações de classes subalternas à margem da dominância; ou ainda pela via da sectarização, através da dissidência e concisão de confrarias de controle na pessoa única de um fundador carismático de vida curta.⁶⁶

Usando a cidade de Itapira, estado de São Paulo, como campo de pesquisa, o autor descreve detalhadamente o que acontece no campo religioso. Divide o campo religioso em três níveis: O de Domínio erudito, no qual estão localizadas as religiões que contam com líderes formados, compostas por pessoas mais ricas, desde a Igreja Católica dominante, passando pelas protestantes Presbiteriana e Batista e alcançando os Centro Espíritas. Numa posição central estão as religiões de domínio de mediação, contando com o Catolicismo popular voltado para serviços prestados à burguesia,

⁶⁴ BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. Lisboa: Inquérito. 1991, p. 76,77.

⁶⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 3. ed. ampliada com depoimentos. Uberlândia – EDUFU, 2007, p. 19-20.

⁶⁶ BRANDÃO, 2007, p. 240.

Igrejas Pentecostais Históricas, Adventistas e Testemunhas de Jeová, Centros de Umbanda e Candomblé. Na linha de baixo do gráfico encontram-se as religiões de domínio popular, com o Catolicismo popular voltado para agentes camponeses, negros iletrados e serviços restritos a sujeitos subalternos. Situam neste nível as Igrejas Pentecostais Independentes, O Som da Palavra e Boas Novas de Alegria. Na ponta estão os Terreiros de Sarava, Agentes Autônomos de Possessão.⁶⁷

Falando dos conflitos entre os grupos, Brandão afirma que "sobretudo nos casos mediúnicos e evangélico, eles colocam frente a frente os sacerdotes dos grupos de mediação, uns contra os outros, e todos juntos contra os agentes populares, qualquer que seja sua área confessional".⁶⁸

Na descrição da religiosidade popular Brandão destaca algumas características, que observou em Itapira : "Os trabalhos do sagrado são medidos ali com as palavras mais vulgares do cotidiano: 'toca', 'mexe', 'faz'. [...] O milagre é um acontecimento necessário, acessível, rotineiro e reordenador. [...]".⁶⁹ No que tange às questões éticas, Brandão afirma que "para quase toda a gente pobre do lugar, a religião e suas agências de serviços do sagrado oscilam entre artifícios de uso e o compromisso de vida, [...] onde ser 'firme na fé' é uma coisa, com múltiplos significados, e ser fiel a uma igreja é outra coisa, e rara".⁷⁰

Outro dado interessante apresentado por Brandão é que "ninguém nos bairros rurais e quase ninguém nos bairros 'de baixo' se define como 'sem-religião'".⁷¹ A religião para esta camada da sociedade, tanto para "o crente fiel', o devoto católico' ou 'filho de fé', a religião é mais *para usar* do que *para servir* e, em muitos casos, *para seguir*".⁷² Segundo ele, é possível equacionar o alto índice de pessoas que tem religião, são firmes na fé, mas não necessariamente fiéis a uma igreja. Daí a vigência do fenômeno de migração, em todas as camadas sociais, mas, sobretudo, no contexto da religiosidade popular.

⁶⁷ BRANDÃO, 2007, p. 240.

⁶⁸ BRANDÃO, 2007, p. 241.

⁶⁹ BRANDÃO, 2007, p. 256, 265.

⁷⁰ BRANDÃO, 2007, p. 259, 270.

⁷¹ BRANDÃO, 2007, p. 270.

⁷² BRANDÃO, 2007, p. 271.

Brandão acredita que

é quase impossível imaginar que possa existir uma só religião e apenas um tipo preferencial de agência de emissão de trabalho e ideologia religiosa, oferecendo, de modo uniforme, diferenciado e adequado, às demandas de todos os tipos de sujeitos todas as respostas a perguntas feitas ao sagrado em uma formação social como a brasileira.⁷³

Acredita-se que isso seja assim em função da matriz religiosa brasileira, extremamente rica e favorável para o surgimento de novas comunidades, aproveitando-se de princípios e doutrinas teológicas provenientes de diversas fontes.

Neste capítulo tentou-se localizar geograficamente e teoricamente a pesquisa. A partir de uma localização histórica e geográfica do município da Serra, fez-se um mapeamento religioso e uma definição dos principais termos da tipologia utilizada como referencial teórico para a pesquisa. No próximo capítulo será feita uma abordagem histórica do nascimento das Igrejas Cristãs.

⁷³ BRANDÃO, 2007, p. 277.

2 O NASCIMENTO DAS COMUNIDADES CRISTÃS INDEPENDENTES NO DECORRER DOS SÉCULOS

Nos vinte séculos de Cristianismo, houve um número enorme de novas comunidades cristãs, surgidas de movimentos localizados em várias partes do mundo, desde os clássicos como a Reforma Religiosa do Século XVI, os grandes avivamentos do Século XVIII, até o pentecostalismo, tanto em sua versão tradicional como renovada.

Rubem Alves faz uma citação de Hegel, em que afirma: “o homem, em sua própria natureza, está destinado a ser livre”⁷⁴. Justamente em função desta liberdade de exame e de consciência é que o Cristianismo tem produzido uma pluralidade de comunidades, desde a sua origem e, muito especialmente, nos últimos cinco séculos.

Este capítulo se propõe a identificar os principais cismas, rupturas e divisões de igrejas, durante os vinte séculos de história da Igreja de Jesus Cristo, a partir do surgimento das comunidades no período em que o Novo Testamento foi escrito, com especial atenção ao período da reforma religiosa do século XVI e ao movimento pentecostal e pós-pentecostal. A partir daí, é necessário identificar os fatores que tem levado a esses rompimentos e qual é a repercussão disso sobre a realidade do Cristianismo, sobretudo sobre as comunidades já existentes, neste trabalho denominadas históricas, notadamente as Igrejas Batistas.

A grande questão a ser perseguida é: que fatores tem ocasionado o pluralismo cristão, ou seja, o surgimento de comunidades cristãs autônomas, independentes, com características diversas, e qual a sua repercussão para o reino de Deus. Além disso, esta fragmentação fortalece o Cristianismo ou o enfraquece?

2.1 No Período do Novo Testamento

Existem muitos estudos que analisam o surgimento das primeiras comunidades cristãs, cada um com uma abordagem diferente, mas todos se referindo a um mesmo evento, o nascimento e a institucionalização da Igreja de Jesus Cristo.

⁷⁴ ALVES, Rubem Azevedo. Liberdade e ortodoxia: opostos irreconciliáveis? In: *Tendências da teologia no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1977. p. 8.

David J. Bosch defende a tese de que “Jesus não tinha a intenção de fundar uma nova religião”⁷⁵. Segundo ele, os seguidores de Jesus não receberam nada que os distinguísse dos grupos já existentes, nem nome, nem corpo doutrinário, nem rituais específicos, nem um local de reuniões. Para Bosch,

a comunidade em torno de Jesus deveria funcionar como uma espécie de *pars pro toto*, uma comunidade no interesse de todas as outras, um modelo a ser seguido pelas outras e para se questionar. Jamais, entretanto, essa comunidade deveria separar-se das outras.⁷⁶

Entretanto, acabou se separando, não só das outras comunidades já existentes, mas foi abrindo novas frentes, com características semelhantes, dando origem às igrejas mencionadas nos próprios textos do Novo Testamento.

Deixou de ser um movimento e transformou-se numa instituição. [...] Percebemos algo dessa diferença entre uma instituição e um movimento se comparamos a comunidade cristã de Jerusalém com a de Antioquia, na década de 40 do século 1 d.C. O espírito pioneiro da igreja de Antioquia ocasionou uma inspeção por parte de Jerusalém. Estava claro que a preocupação do partido de Jerusalém não era a missão, e sim a consolidação; não a graça, e sim a lei; não cruzar fronteiras, e sim fixá-las; não a vida, e sim a doutrina; não o movimento, mas a instituição.⁷⁷

Outra observação relevante feita por Bosch é de que na medida em que iniciativas foram sendo tomadas com o propósito de organização das comunidades locais, “as igrejas ficavam cada vez mais institucionalizadas e menos preocupadas com mundo fora de seus muros”.⁷⁸

Jürgen Roloff anda na mesma direção de Bosch, em sua argumentação, afirmando resignadamente que “certamente teremos de conformar-nos definitivamente com o fato de que a tradição de Jesus tida como autêntica não contém a palavra *ekklesia*, nem qualquer referência a uma atuação de Jesus diretamente voltada para fundação de uma igreja”.⁷⁹ Roloff cita uma palavra do modernista católico A. Loisy, de

⁷⁵ BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndörfer, Luis M. Santder. 2. ed. São Leopoldo, RS : EST, Sinodal, 2007. p. 74.

⁷⁶ BOSCH, 2007. p. 74.

⁷⁷ BOSCH, 2007. p. 75.

⁷⁸ BOSCH, 2007. p. 75.

⁷⁹ ROLOFF, Jürgen. **A Igreja no Novo Testamento**. Tradução de Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; EST; Centro de Estudos Bíblicos 2005. p. 13-14.

que “Jesus anunciou o reino, e o que veio foi a igreja”.⁸⁰ Com isso, Loisy quis dizer que a Igreja não era o tema principal da proclamação de Jesus e sim a implantação do reino de Deus. “Ele pretendia, antes, apontar para o fato de que a proclamação do reino de Deus por Jesus situava-se no início de um processo histórico que levou ao surgimento da igreja”.⁸¹

Roloff analisa as concepções de Igreja presentes nos escritos do Novo Testamento, a partir das compreensões posteriores ao evento da páscoa e do Cristianismo que se desenvolveu à luz dos escritos de Paulo e demais autores do Novo Testamento. Para Roloff, “Jesus não foi o fundador, mas é o fundamento da igreja”.⁸²

Os irmãos Stegemann falando sobre o conceito das comunidades de crentes em Cristo usam a expressão *ekklesia* e traduzem como sinônimas as palavras comunidade reunião comunitária e igreja.⁸³ Assim sendo, a *ekklesia* de Jesus tanto pode se referir à reuniões de discípulos de Jesus Cristo que aconteciam nas casas ou em determinados outros lugares, como também significa a comunhão existente entre os crentes, apontando para vínculos existentes entre eles fora e além dos encontros, transmitindo a idéia de grupo que se relaciona e interage continuamente. Entendem os referidos autores que estes grupos tiveram quatro modelos nos quais se basearam ao se organizarem : “a assembléia popular, a economia doméstica antiga ou a família nuclear, as associações voluntárias e as sinagogas da diáspora”.⁸⁴ Assim sendo, parece óbvio que, em se tratando do surgimento de novas comunidades, iam acontecendo inspirados em modelos sociais já existentes, porém com contornos próprios à luz dos ensinamentos de Jesus e dos seus apóstolos.

Falando sobre a natureza da Igreja de Jesus Cristo, Emil Brunner afirma:

Como Corpo de Cristo nada tem a ver com uma organização e nada tem do caráter institucional sobre ela [...] A *Ecclesia* é o que é através da presença de Cristo morando dentro dela [...] por esta razão a sociedade cristã em si mesma é um milagre. Portanto, em verdade, ela é ininteligível sob o ponto de vista puramente sociológico.⁸⁵

⁸⁰ ROLOFF, 2005, p. 16.

⁸¹ ROLOFF, 2005, p. 16.

⁸² ROLOFF, 2005, p. 347

⁸³ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p.297.

⁸⁴ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p.310

⁸⁵ BRUNNER, 2000. 15-16.

Brunner acredita que “a Última Ceia foi a ocasião quando o Mestre, à vista da aproximação de seu fim, revelou para si próprio seu verdadeiro significado como a comunidade do Novo Pacto [...] Ele, o Senhor presente através do Espírito, é o princípio de vida da *Ecclesia*”.⁸⁶

O Dr. Roberto Zwetsch concorda com a centralidade do evento pascal na tomada de consciência dos discípulos de Jesus Cristo a respeito de sua Igreja. Ele afirma que:

O evangelho começou a se espalhar pelo mundo greco-romano após o evento-fonte da ressurreição do Senhor, constituindo comunidades a partir de sinagogas e casas particulares, muitas delas dirigidas por mulheres [...] no meio urbano, o evangelho foi constituindo grupos comunitários, que iriam receber o nome de *ekklesia*, palavra que, originária do mundo profano, recebeu uma nova significação a partir da fé. A *ekklesia* passou a ser a assembléia ou reunião das pessoas que criam naquele Jesus de Nazaré, chamado Cristo. A partir desses pequenos grupos e círculos foi gradativamente se configurando a Igreja de Jesus Cristo.⁸⁷

O evento pascal é colocado como ponto de referência para o surgimento das primeiras comunidades cristãs, muito embora se saiba que Jesus havia iniciado o seu movimento há três anos, desde o momento em que aceitou ser batizado por João Batista e iniciou a chamada dos primeiros seguidores.

Com essa idéia concorda Bosch: “É só por causa da Páscoa que os evangelhos foram escritos. Sem a Páscoa eles não fazem sentido. [...] Para a comunidade de Jesus, a ressurreição de Cristo e a vida no Espírito são prova tangível do já do reinado de Deus”.⁸⁸

Por sua vez, Reynaldo Purim defende a tese de que “foi na vinda do Espírito Santo no Pentecostes que a Igreja de Jesus Cristo teve a sua origem histórica ou visível”⁸⁹. Entendendo que o embrião da Igreja havia se desenvolvido a partir do batismo de Jesus, Purim acredita que “a obra de Jesus junto aos seus discípulos não chegou a formar a Igreja. Eles ainda não estavam preparados para isto”.⁹⁰ Segundo ele,

⁸⁶ BRUNNER, 2000, p. 28.

⁸⁷ ZWETSCH, Roberto E. *Missão: testemunho do evangelho no horizonte do reino de Deus*. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT (org) Teologia prática no contexto da América Latina. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, ASTE, 1998, p. 198.

⁸⁸ BOSCH, 2007. p. 62-63.

⁸⁹ PURIM, Reynaldo. *A igreja de Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980, p. 17.

pela vinda do Espírito Santo sobre eles, os discípulos tornaram-se um grupo, ou comunidade, ao qual foram agregados os que se converteram naquele dia pela pregação de Pedro e os outros que se converteram depois [...] a Igreja é obra do Espírito Santo, glorificando ou realizando o significado de Cristo naqueles que nele creram.⁹¹

Partindo de Jerusalém, os discípulos de Jesus Cristo levaram a mensagem do Evangelho para outras partes do mundo, tendo como resultado disso, o surgimento de novas comunidades cristãs em outras cidades e países. Foi assim que surgiu a Igreja de Antioquia da Síria, conforme relata o livro de Atos, capítulo 13.

Geo W. McDaniel escreveu um livro colocando tudo no plural, a partir do próprio nome, falando das Igrejas do Novo Testamento. Defende a tese de que não se pode falar da Igreja do Novo Testamento no singular e o faz a partir do seu próprio conceito de Igreja.

Uma Igreja do Novo Testamento é um grupo organizado, de crentes batizados, com iguais deveres e privilégios, administrando os seus negócios sob a direção de Cristo, unidos na fé que ele ensinou, ligados pelo pacto de fazer o que ele mandou, cooperando com outras agremiações semelhantes e nos empreendimentos para a extensão do seu reino.⁹²

MacDaniel classifica a aplicação do termo ekklesia em três grupos, a saber: como instituição, com 14 incidências, como congregação local, 93 incidências e como reunião de todos os redimidos, com 2 incidências. Partindo deste princípio, o autor analisa 17 igrejas diferentes, a partir da Igreja-mãe, em Jerusalém, culminando com as sete igrejas da Ásia, que receberam destaque no livro de Apocalipse.⁹³

Outro autor que defende a tese da pluralidade das comunidades cristãs primitivas é Ebenezer Soares Ferreira. Segundo ele,

O romanismo é o culpado pela concepção que se arraigou no povo de “A Igreja”, como se só houvesse uma [...] à luz do Novo Testamento, no entanto, tal pretensão não acha guarida, pois são muitos os textos que mostram o uso do plural do vocábulo: as igrejas de Cristo (Romanos 16:16), as igrejas de Deus (Romanos 16:4), as igrejas dos santos (I Coríntios 14:33), as igrejas da Macedônia (II Coríntios 8:1), as igrejas da

⁹⁰ PURIM, 1980, p. 15.

⁹¹ PURIM, 1980, p. 18-19.

⁹² MACDANIEL, Geo. W. *As igrejas do novo testamento*. Traduzido por F.M. Edwards. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1989. p. 14.

⁹³ MACDANIEL, 1989, p. 10

Judéia (Gálatas 1:22), as igrejas da Galácia (Gálatas 1:2), as igrejas da Ásia (I Coríntios 16:19).⁹⁴

Muito embora a abordagem de Ferreira seja mais pragmática, suas observações são relevantes no escopo deste trabalho, visto que será observado que a pluralidade cristã está presente desde a gênese do Cristianismo, não sendo, por conseguinte, um fenômeno meramente contemporâneo.

Falando sobre a pluralidade de Igrejas no Novo Testamento, Roloff afirma:

Hoje não é mais possível dirigir-se ao Novo Testamento com a expectativa de nele encontrar uma doutrina uniforme sobre a igreja que, por corresponder à Escritura, pudesse como tal ser transposta diretamente para a nossa situação atual. E isto é bom assim, pois na prática esse procedimento geralmente resultou em que se encontrasse no Novo Testamento apenas a confirmação daquelas concepções sobre natureza e forma da igreja que eram determinantes para a própria tradição confessional.⁹⁵

Isso não significa, conforme o autor destaca com bastante propriedade, que possamos ir ao Novo Testamento em busca de um modelo de Igreja a fim de transplantarmos para a nossa realidade, mas dos modelos encontrados no Novo Testamento, deve-se encontrar princípios que se aplicam à realidade das comunidades cristãs de todos os tempos, segundo suas características próprias.

2.2 Na História do Cristianismo

2.2.1 Comunidades Cristãs Perseguidas

A cidade de Jerusalém hospedou a primeira Igreja Cristã. Lá havia uma só igreja. O crescimento do Cristianismo foi o crescimento desta igreja. A ela agregavam-se aqueles que iam sendo alcançados com a pregação do evangelho, pelos discípulos de Jesus Cristo. Segundo Purim,

o cristianismo passou a se propagar fora de Jerusalém como resultado do trabalho dos crentes dispersos pelas perseguições. Este foi o trabalho de leigos

⁹⁴ FERREIRA, Ebenézer Soares. *Manual da igreja e do obreiro*. Rio de Janeiro: JUERP. 2002. p. 43.

⁹⁵ ROLOFF, 2005, p. 344.

que tinham sido doutrinados e cujas atividades já tinham aparecido também em Jerusalém, como por exemplo, de Estevão e outros [...] A princípio a propagação fora de Jerusalém estava relacionada com a igreja em Jerusalém ou sendo acompanhada com seu interesse.⁹⁶

Na interpretação de Bosch, a preocupação da igreja de Jerusalém com a nova comunidade cristã de Antioquia da Síria “não era a missão, e sim a consolidação; não era a graça, e sim a lei; não cruzar fronteiras, e sim fixá-las; não a vida, e sim a doutrina; não o movimento, mas a instituição”.⁹⁷ A Igreja de Antioquia fora fruto, mais da perseguição religiosa movida contra os cristãos em Jerusalém do que pela visão missionária daquela comunidade fundante. Mas a igreja de Antioquia nasceu com outra perspectiva. Dela saíram missionários que se movimentaram por várias partes do mundo, levando a mensagem salvadora do Evangelho e plantando novas igrejas. Várias iniciativas foram tomadas pelas novas comunidades, tanto no sentido de definir suas doutrinas, como no de cooperar no atendimento das necessidades de comunidades que passavam por situações difíceis, sobretudo diante das perseguições implementadas pelo Império Romano.

O historiador Earle E. Cairns afirma que

o cristianismo tem sempre enfrentado problemas internos e externos em todos os períodos de sua história. A Igreja teve que enfrentar o sério problema interno da heresia e resolve-lo, entre 100 e 313, além de ter, ao mesmo tempo, que resolver problema externo da perseguição movida pelo estado romano [...] A idéia de Tertuliano de que o sangue dos mártires é a semente da Igreja se transformou numa terrível realidade para muitos cristãos.⁹⁸

Primeiro por Nero, depois por Domiciano e vários outros imperadores romanos, as comunidades cristãs dos três primeiros séculos sofreram duras perseguições. Ainda assim, o compromisso dos cristãos com os princípios do evangelho, sobretudo de ser fiel testemunha de Jesus Cristo, fez com que houvesse um rápido e constante crescimento neste período. Segundo Justo L. González, o evangelismo tinha lugar nas cozinhas, nas oficinas e nos mercados. Mestres famosos como Justino e Orígenes sustentavam disputas em suas escolas, ganhando alguns convertidos ao Cristianismo

⁹⁶ PURIM, 1980, p. 37.

⁹⁷ BOSCH, 2007, p. 75

⁹⁸ CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. Traduzido por

entre os intelectuais. Além disso, a firmeza e gozo demonstrados pelos mártires também acabaram atraindo pessoas à fé em Jesus Cristo.⁹⁹

Quanto aos problemas internos, sobretudo com o surgimento de heresias que ameaçavam a unidade da fé cristã, as igrejas responderam com a definição do cânon do Novo Testamento, o credo apostólico, entre outras medidas. Mais tarde, os concílios seriam os grandes aliados da ortodoxia cristã.

Por outro lado, a institucionalização foi burocratizando as igrejas, causando descontentamento e saída de grupos que sempre se movimentaram à margem do Cristianismo oficial. Emil Brunner descreve as mudanças de um Cristianismo vivo, com comunidades de discípulos de Jesus que desfrutavam de íntima comunhão e apreço, para um Cristianismo engessado. Segundo ele, “o desenvolvimento eclesiástico da comunidade de Jesus Cristo é tão difícil quanto um quebra-cabeça, precisamente porque a mudança ocorreu em pequeninos, mas contínuos estágios”¹⁰⁰. Então Brunner menciona a sacramentalização, colocando a eucaristia e o batismo no centro, a clericalização, estabelecendo distinção entre sacerdócio e laicato como dois eixos que conduzem o cristianismo definitivamente à institucionalização, trazendo desconforto para aqueles que desejavam a expansão do reino de Deus mais do que o império do Cristianismo. Segundo Brunner (2000: 82) diante deste novo quadro, “a pluralidade de igrejas que se reúnem nas casas, necessariamente precisa desaparecer, o princípio ‘um lugar, uma única congregação’ é formulado. A comunidade local surge como uma pedra na construção do todo maior, a Igreja Católica”.¹⁰¹

2.2.2 Sob a Proteção do Império Romano

Quando Constantino assumiu o poder, o quadro começa a mudar para os cristãos. Antes perseguidos, agora passam a ser protegidos pelo mesmo império. Segundo Gonzalez “o impacto da conversão de Constantino sobre a vida da igreja foi

Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 70.

⁹⁹ GONZALEZ, Justo L. *Uma história ilustrada do cristianismo*: a era dos mártires. São Paulo: Vida Nova, 1980. p.156-157. 1.v.

¹⁰⁰ BRUNNER, 2000, p. 28.

¹⁰¹ BRUNNER, 2000, p. 82.

tão grande que se fará sentir até os nossos dias”.¹⁰² Com o apoio de Constantino aos cristãos, acabam-se as perseguições movidas pelo Império Romano. O culto cristão começou a sentir a influência do protocolo imperial. De muito simples, as cerimônias passaram a ser pomposas, com os líderes utilizando vestimentas ornamentadas.

O distanciamento entre o clero e o povo foi visível. Templos foram construídos e várias práticas do Antigo Testamento foram implementadas no culto cristão. Houve um atrelamento entre a Igreja e o Estado, que em muitas partes do mundo perdura até os nossos dias, com o favorecimento do Estado à Igreja, seja na isenção de impostos, subsídios para conclave, como os grandes concílios, e outras medidas de apoio à Igreja Católica.

A reação a tudo o que aconteceu com o apoio de Constantino foi variada. Alguns cristãos “deslumbrados com o favor que Constantino evidenciava em relação a eles, se empenharam em provar que Constantino era um eleito de Deus e que a sua obra era a consumação da história da igreja”.¹⁰³ Outros, entretanto, seguiram direção totalmente oposta, entendendo que os acontecimentos decorrentes do apoio de Constantino era o começo de uma grande apostasia. Destes, alguns não queriam sair da Igreja e então se isolaram nos desertos, dedicando-se a uma vida ascética. Nasceu daí o monasticismo, primeiro o individual, também chamado de anacoreta, que significa retirado e depois o coletivo, também chamado de cenobita, ou seja, vida comum, causando grande êxodo para o deserto do Egito e da Síria.¹⁰⁴

Ao abordar o surgimento do monasticismo, Bosch afirma:

Durante mais de sete séculos, do século 5 ao 12, o monasticismo foi não só o centro da cultura e da civilização, mas igualmente da missão. Em um mundo dominado pelo amor a si mesmo, as comunidades monásticas representavam um sinal visível e a concretização de um mundo governado pelo amor de Deus [...]. O objetivo único do monasticismo era viver em pureza e morrer em paz e evitar tudo o que pudesse perturbar, molestar, deprimir, excitar, cansar ou intoxicar a alma.¹⁰⁵

¹⁰² GONZALEZ, 1980, p.35. 2 v.

¹⁰³ GONZALEZ, 1980, p. 35. 2. v.

¹⁰⁴ GONZALEZ, 1980, p. 61-69. 2 v.

¹⁰⁵ BOSCH, 2007, p. 284-285.

Muito embora se mantendo dentro da Igreja Católica, os monges procuravam viver de acordo com os valores do reino de Deus, primando por uma vida simples, pura e dedicada ao serviço ao Senhor e uns aos outros, longe dos privilégios do Estado.

Outro destaque que precisa ser registrado é o surgimento das igrejas dissidentes, como resultado das decisões conciliares oficiais da Igreja Católica. As diversas controvérsias teológicas deixaram suas marcas e vários grupos dissidentes continuaram, por muitos anos, professando a fé cristã fora dos moldes da maioria.

Gonzalez faz menção

das igrejas que rejeitaram o concílio de Éfeso, chamadas de igrejas nestorianas, as que rejeitaram o concílio de Calcedônia, chamadas de monofisitas, apesar de elas mesmas não se darem estes títulos, com que o restante dos cristãos os chama pejorativamente.¹⁰⁶

Segundo Gonzalez os Nestorianos na Pérsia, permaneceram por muito tempo andando separados da religião oficial do Império Romano. Cidades como Antioquia e Edessa se destacaram neste período.

Em 410 eles se constituíram em uma igreja autônoma, dando ao bispo Ctesifom o título de patriarca [...] A partir da Pérsia, o cristianismo nestoriano se estendeu até a Ásia Central, Índia e Arábia [...] Além disto aqueles cristãos nestorianos continuaram proclamando sua fé em lugares distantes, de tal modo que, graças à obra do missionário Alopem chegou a haver cristãos nestorianos na China, e as Escrituras foram traduzidos pela primeira vez à língua deste país[...] seu núcleo atual está no Iraque, Irã e Síria. [...] Muitos deles imigraram para a América do Norte, onde organizaram algumas igrejas nestorianas.¹⁰⁷

Neste caso, longe de enfraquecer a força missionária do Cristianismo, a “divisão” na Igreja Cristã oficial tornou-se num vigor missionário novo, pelo menos para o grupo dissidente.

Bosch também exalta a relevância do trabalho missionário dos nestorianos, igreja dissidente.

Sobretudo os nestorianos se tornariam a principal força missionária na Ásia não-romana. Quando Nestório foi condenado pelo Concílio de Éfeso (431 d.C.) e expulso para o Egito, seus adeptos fugiram para a Pérsia, onde um monasticismo vigoroso, uma teologia eminente e uma atividade missionária imponente logo testemunharam a força do movimento. Essas três dimensões

¹⁰⁶ GONZALEZ, 1978, p. 115. 3 v.

¹⁰⁷ GONZALEZ, 1978, p. 117-130. 3 v.

do nestorianismo – monasticismo, teologia e missão - eram interdependentes e fizeram com que a igreja nestoriana se tornasse a igreja missionária *por excellence* no contexto geral do cristianismo medieval.¹⁰⁸

Outro grupo de cristãos independentes, existentes neste período, são os monofisitas da Armênia. Localizada no extremo norte da fronteira entre o Império Persa e o Impero Romano, este país foi palco de histórias inspiradoras, relacionadas com o Cristianismo. Gonzalez destaca a história de Gregório, o iluminador, que conheceu o Cristianismo em Roma e o levou para a Armênia, pregando-o com fervor. Por conta disso, foi encarcerado por 15 anos, pelo seu parente, Tirídates, que mais tarde também se converteria ao Cristianismo. Com a conversão do rei, houve um movimento de conversão em massa, chegando a alcançar até alguns sacerdotes pagãos e seus filhos, que aderiram à fé cristã. Como não foram auxiliados pelos romanos quando mais precisaram, diante dos ataques dos persas, declararam-se monofisitas, acusando os cristãos romanos de traidores e hereges. Posteriormente foram duramente perseguidos pelos muçulmanos. Alguns foram mortos, outros acabaram imigrando para outras partes do mundo e alguns ainda permaneceram e mantiveram suas tradições naquele país.¹⁰⁹

Os cristãos da Etiópia, Egito e Síria também rejeitaram as decisões do Concílio de Calcedônia pela sua aproximação da escola de Alexandria e de seus teólogos, vindo a ser chamados de cristãos monofisitas e também coptas, em referência à antiga língua dos egípcios. Na Síria, por sua vez, a Igreja foi chamada de Jacobita, em virtude de seu líder mais proeminente, Jacobo Baradeo.¹¹⁰

Em virtude do objeto de nosso estudo, ou seja, as Comunidades Cristãs Independentes, é de grande relevância a menção destas cinco igrejas dissidentes, que perduram até os nossos dias, originadas nos concílios de Éfeso e Calcedônia.

Por outro lado, a Igreja Católica continuava atrelada ao Império Romano e fazendo muitas vítimas. Zwetsch descreve isso com muita propriedade ao afirmar:

¹⁰⁸ BOSCH, 2007, p. 254.

¹⁰⁹ GONZALEZ, 1992, p. 121-127 .3 v.

¹¹⁰ GONZALEZ 1992, p. 121-127. 3 v.

³⁶ ZWETSCH, 2005, p. 199-200.

Muita coisa havia mudado depois dos primeiros séculos. A característica desse cristianismo imperial foi o uso das armas e da força como meios de missão. Eusébio, famoso escritor cristão contemporâneo de Constantino, chegou a ver no imperador o próprio 'poder do Verbo de Deus, Jesus Cristo, agindo em todo o mundo'. De Igreja perseguida o cristianismo passou a ser, tristemente, uma Igreja que perseguiu e utilizou a força para se impor aos povos não-cristãos. Isto aconteceu por um longo tempo. Reis e papas da Idade Média fizeram missão por meio das armas. As Cruzadas e as injúrias e torturas praticadas pela Santa Inquisição nesse período são exemplos da distorção a que se pôde chegar. A cruz, símbolo da riqueza e do amor misericordioso de Deus, tornou-se símbolo dos elmos dos soldados, da tomada de posse de terras estranhas. Em suma, símbolo do poder político-militar da cristandade ocidental. Por isso precisamos redescobrir constantemente o evangelho como boa nova dos pobres e oprimidos.¹¹¹

À luz do relato acima, pode-se dizer que de alguma forma os grupos dissidentes dos concílios da Igreja Oficial, mantiveram acesa a chama do ardor missionário, buscando, de fato, a expansão do reino de Deus através de suas ações.

2.2.3 O Grande Cisma

Dentre outros desenvolvimentos na estrutura da Igreja Católica, pode-se destacar o surgimento do papado. Isso também foi um processo lento e longo, que remonta o terceiro século. Segundo Gonzalez, nos primeiros séculos, o centro numérico do Cristianismo estava no Oriente, por isso os bispos de cidades como Antioquia e Alexandria tinham muito mais importância do que o bispo de Roma. No Ocidente, por outro lado, a maior influência do Cristianismo vinha da África com teólogos como Tertuliano, Cipriano e Agostinho. Tudo começou a mudar quando o Império aceitou a fé cristã. A partir de então, a Igreja localizada na capital do império, Roma, passou a ter proeminência e o seu bispo maior influência sobre os demais. Seguindo por este caminho, chegou-se à liderança do bispo de Roma como consequência natural e com a queda do Império Romano, a Igreja sob o comando do Papa, veio a ser a guardiã do que restava da velha civilização, recebendo o papa grande prestígio e autoridade.¹¹²

¹¹² GONZALEZ, 1980, p. 62, 2 v.

Como reação a tudo o que vinha acontecendo, a partir do favorecimento de Constantino e mais tarde o surgimento do papado, alguns simplesmente romperam a comunhão com os demais cristãos, sendo estes chamados de cismáticos.

Falando sobre o movimento cismático. Emil Brunner afirma que:

A Igreja Católica Romana sofreu uma série de interrupções, das quais surgiram igrejas não romanas de vários tipos. Estas igrejas podem ser divididas em dois grupos principais: aquelas que aparecem antes e as que apareceram depois da mudança decisiva do catolicismo primitivo para o neo-catolicismo.¹¹³

Segundo Brunner, vários pequenos cismas aconteceram, sem muito significado para o Cristianismo, como o de Fotius, em 858, até culminar com o grande cisma, ocorrido em 1054, ocasião em que houve a separação entre a Igreja Católica Apostólica Romana, forma latina de Cristianismo e a Igreja Católica Ortodoxa Grega, forma grega de Cristianismo.¹¹⁴ Os motivos da separação são muitos. Cairns menciona a providência de Constantino em transferir sua capital para Constantinopla como a gênese da divisão. Ele afirma: “Ao transferir sua capital para Constantinopla em 330, Constantino pavimentou a rodovia da separação política e, depois, eclesiástica da Igreja em duas grandes seções”.¹¹⁵ O grande cisma foi acontecendo aos poucos, até se consumir em 1054, com o rompimento definitivo entre o Oriente e o Ocidente.

Várias foram as incompatibilidades entre as duas alas da Igreja. A visão intelectual dos dois lados era diferente. Enquanto os Ocidentais eram mais pragmáticos, os Orientais primavam por soluções teológicas mais filosóficas. Os Orientais não aceitam o celibato como imposição para os seus sacerdotes, enquanto Roma não abre mão deste quesito para os seus líderes. Questões relacionadas à veneração de ídolos também dividiam as duas igrejas, sendo que os Orientais sempre tiveram reservas quanto a isso, enquanto os romanos não vêem dificuldades em venerar imagens de escultura como símbolos de sua fé. Muito mais que isso, pesaram as questões políticas, que certamente foram as mais determinantes. Com a queda do Império Romano, a Igreja e o papa acabam preenchendo a lacuna de autoridade e

¹¹³ BRUNNER, 2000, p. 101.

¹¹⁴ BRUNNER, 2000, p. 101-102.

¹¹⁵ CAIRNS, 1992, p. 165.

poder que se abre no Ocidente. Todas as tentativas de Roma para anular este cisma tem fracassado, haja vista que os Católicos romanos julgam-se a Verdadeira Igreja Católica, totalmente dependente do papado e seus contornos, o que nunca foi aceito pelos cristãos orientais.¹¹⁶

As consequências do grande cisma são de grandes proporções, deixando rachaduras que vem ocasionar outros cismas até culminar com a reforma protestante, do Século XVI. Um dos resultados foi o grande distanciamento entre as duas igrejas. Falando sobre isso, Cairns assim se expressa:

Qualquer movimento ecumênico se tornou muito difícil depois dos amargos acontecimentos que separaram a Igreja do Oriente e a Igreja do Ocidente. O movimento ecumênico moderno que visa a reunião das igrejas da Cristandade não tem apoio da Igreja Católica Romana e apenas um pequeno apoio da Igreja Ortodoxa Grega. O movimento tem sido fundamentalmente protestante. Nenhuma das duas igrejas deseja qualquer igreja ecumênica exceto em seus próprios termos, embora a Igreja do Oriente tenha se disposto a conferenciar com as Igrejas protestantes acerca da reunião.¹¹⁷

Muito embora este quadro tenha sofrido algumas mudanças nas últimas décadas, é relevante a observação de Cairns, mostrando como o cisma do XI Século abalou profundamente a unidade das comunidades cristãs e certamente contribuiu decisivamente para a fragmentação do Cristianismo.

Cada uma das Igrejas seguiu o seu próprio curso, com enfoques diferentes. Bosch afirma que:

Para os ortodoxos, o Grande Cisma de 1054 teve profundas consequências. Enquanto que a Igreja Católica continuou seu empreendimento missionário sem interrupção, sobretudo depois do século 15, e as igrejas e agências missionárias protestantes encetaram seu próprio esforço no sentido de chegar às pessoas que viviam além dos limites da cristandade histórica, os ortodoxos não poderiam facilmente agir da mesma forma. Quando se rompeu a unidade, a Igreja Ortodoxa viu sua missão cambiar do evangelismo para a procura pela unidade cristã. [...] Como a igreja é o corpo de Cristo, e existe apenas um corpo, a unidade da igreja é a unidade de Cristo, mediante o Espírito, com o Deus triuno; Qualquer divisão de cristãos representa, logo, um escândalo e um impedimento para o testemunho unido da igreja. Tragicamente, segundo os ortodoxos, demasiadas vezes não convertemos pessoas para essa igreja una, o corpo de Cristo, mas para nossa própria denominação, infundindo-lhes, ao mesmo tempo, o 'veneno da divisão'.¹¹⁸

¹¹⁶ CAIRNS, 1992, p. 166.

¹¹⁷ CAIRNS, 1992, p. 167.

¹¹⁸ BOSCH, 2007, p. 258-259.

Na análise feita por Bosch, o pluralismo cristão, afetou negativamente o potencial de expansão do reino de Deus, que deveria ser promovido pelo Cristianismo através de uma Igreja unida, e não dividida.

2.2.4 A Reforma Religiosa do Século XVI

Além do Grande Cisma, que abalou definitivamente a unidade do Cristianismo, o Islamismo vinha conquistando espaço a quatro séculos, ocupando cidades e alcançando pessoas para os seguidores de Maomé.

Desde os tempos de Agostinho, com seu ensino da “guerra justa”, vinha se pavimentando uma estrada que levaria às chamadas guerras santas, ou “guerras missionárias”¹¹⁹, a saber, as cruzadas, que visavam reconquistar os espaços cedidos para os muçulmanos.

Gonzalez resume os objetivos das cruzadas dizendo que “era derrotar os muçulmanos que ameaçavam Constantinopla, salvar o Império do Oriente, unir de novo a cristandade, reconquistar a Terra Santa, e em tudo isto ganhar o céu”.¹²⁰ Foram duzentos anos com esta obsessão de que se deveria conquistar os muçulmanos e reconquistar os cristãos heréticos, pelo uso da força. Muito embora os resultados missionários tivessem sido poucos, houve certos benefícios neste contato com a cultura (filosofia, ciências e a literatura) que foi levada para a Europa e impactou os escolásticos, “que tentaram fazer uma síntese entre este saber e a revelação cristã”.¹²¹

Durante todo o período conhecido como Idade Média houve um monopólio dos bens simbólicos no campo da religião cristã por parte da Igreja Católica Apostólica Romana. Bourdieu afirma que

a concentração de capital religioso nunca foi talvez tão forte como na Europa medieval. A Igreja, organizada segundo uma hierarquia complexa, utiliza uma linguagem quase desconhecida do povo e detém o monopólio do acesso aos instrumentos do culto, textos sagrados e sobretudo os *sacramentos*.[...] Em tal

¹¹⁹ BOSCH, 2007, p. 274-278.

¹²⁰ GONZALEZ, 1981, p.47. 4 v.

¹²¹ CAIRNS, 1992, p.181.

situação, o campo religioso recobre o campo das relações de concorrência que se estabelecem no próprio interior da Igreja.¹²²

Entretanto, as disputas internas, tanto em questões teológicas como na busca e manutenção de poder eclesiástico, somadas a outros fatores externos, como a invenção da imprensa e as empreitadas de conquistas de novas terras, acabou gestando a reforma religiosa do século XVI, nascedouro de muitas novas igrejas cristãs.

Bosch caracteriza a Europa deste período afirmando:

Nessa época – a Idade Média Alta – a estrutura da sociedade humana estava estabelecida de forma final e permanente, e a ninguém era permitido modificá-la. Na ordem da realidade constituída e sancionada por Deus, as diferentes classes sociais tinham que manter-se em seus lugares. Era a vontade de Deus que os servos fossem servos, e os senhores, senhores. Uma “lei natural” imutável e outorgada por Deus governava todas as pessoas e coisas. Tudo e todos possuíam seu lugar designado. Qualquer pessoa sensata era cristã católica, e não questionava o monopólio da igreja, inclusive em relação a assuntos seculares. Não havia mais “pagãos” na Europa, embora existissem, ali e acolá, grupos isolados de “hereges” ou “cismáticos”.¹²³

Tudo parecia sob o controle da Igreja Católica, mas nem todos aceitavam passivamente o monopólio autoritarista de um Cristianismo cujas práticas eram altamente questionáveis. Muito antes de irromper a grande reforma religiosa do século XVI, várias pessoas se levantaram para pregar e defender um estilo de Cristianismo diferente daquele que oficialmente era aceito. Alguns, com suas idéias, deram origem a movimentos e também a comunidades que professaram a sua fé, à margem do Cristianismo oficial. Dentre estas pessoas e movimentos, pode ser mencionado Pedro Valdo.

CAIRNS descreve o nascimento do movimento deflagrado por Pedro Valdo, afirmando:

Em 1176, Pedro Valdo, um rico comerciante de Lion, leu uma tradução do Novo Testamento e ficou impressionado com os ensinamentos de Cristo que abandonou todos os seus bens, exceto os necessários para o sustento de sua família. Organizou, então, um grupo conhecido como os ‘Pobres de Espírito’. Valdo e seus seguidores desejavam pregar como leigos, mas o papa os proibiu de fazê-lo. Em 1184, foram excomungados por sua recusa de parar de pregar.¹²⁴

¹²² BOURDIEU, 2007, p. 62.

¹²³ BOSCH, 2007, p. 278.

¹²⁴ CAIRNS, 1992, p.185-186.

Ao invés de obedecer a ordem do papa, Valdo e seus discípulos se dedicaram ainda mais a este ministério, entendendo que todas as pessoas deveriam ter a Bíblia em sua própria língua, devendo ser ela a autoridade final para a fé e para a vida. Viviam e se vestiam com simplicidade. O grupo tinha o seu próprio clero, com bispos sacerdotes e diáconos. Em muitos aspectos se anteciparam aos paradigmas protestantes. Ainda existem e continuam seu ministério, especialmente no Norte da Itália.

Outro personagem que se destacou neste período foi João Wycliffe. Ele nasceu na Inglaterra em 1328, estudou e ensinou em Oxford a maior parte de sua vida. Segundo Cairns em princípio Wycliffe trabalhou para reformar a própria igreja. Quando vieram as objeções aos seus intentos, escreveu uma obra na qual “atacou a autoridade do papa em 1382, dizendo que Cristo e não o papa era o chefe da Igreja, a Bíblia e não a Igreja era a autoridade única para o crente e que a Igreja Romana deveria se modelar segundo o padrão do Novo Testamento”.¹²⁵ Traduziu todo o Novo Testamento para o inglês e iniciou a tradução do Antigo Testamento, vindo a ser concluída por um de seus seguidores, colocando as Escrituras em língua inglesa, ao alcance do povo.

A tradução da bíblia para o inglês e as idéias de Wycliffe foram condenados pela Igreja Oficial, mas fomentaram o surgimento de um grupo de pregadores leigos, denominados “lollardos”, posteriormente condenados veementemente pela Igreja. De acordo com Gonzalez, quando Wycliffe morreu, em 1384, ainda mantinha comunhão com a igreja, por isso foi sepultado em terra consagrada. “Anos depois, porém, quando o concílio de Constança o condenou, seus restos foram exumados e queimados, e suas cinzas lançadas no rio Swift”.¹²⁶ João Wycliffe morreu, porém suas idéias e ideais permaneceram vivos e foram herdados por seus discípulos que deram continuidade aos seus esforços reformadores. Mais uma camada significativa de pavimento foi colocada na estrada da grande reforma que aconteceria menos dois séculos mais tarde.

Um dos estudiosos da época, que aderiram às idéias reformadoras de Wycliffe foi o João Huss, que nasceu na Boemia e estudou em Praga, vindo a ser o reitor da Universidade daquela cidade. Leu e aderiu às idéias de Wycliffe e logo se pôs a

¹²⁵ CAIRNS, 1992, p. 205.

¹²⁶ GONZALEZ, 1986, p. 85, 5 v.

reformatar a Igreja. Mesmo com o apoio das autoridades locais, acabou sendo condenado e queimado vivo, depois de ter sido preso e pressionado a se retratar, sem ter cedido.¹²⁷ Cairns afirma: “Os perseguidores podem destruir os corpos dos homens, mas não podem destruir idéias, e as de Huss foram disseminadas por seus seguidores. [...] rejeitaram tudo na fé e na prática, da Igreja Romana que não se encontrasse na Bíblia”¹²⁸.

Cairns faz uma resenha interessante da influência que Huss exerceu no movimento que viria desembocar na reforma religiosa do século XVI, e até os dias atuais. Ele afirma:

Embora a Igreja Romana tirasse a sua vida, ela não pode destruir a influência de João Huss. A Igreja Moravia tornou-se mais tarde numa das igrejas de mais visão missionária da História da Igreja Cristã. Jan Amos Comenius (1592-1670), o grande educador evangélico, foi um dos Irmãos, ele escreveu o *Grande Didático*. Pode-se dizer que Huss influenciou indiretamente a Wesley, porque foram os Morávios que ajudaram a Wesley encontrar a luz, em Londres. Os ensinamentos e o exemplo de Huss foram uma inspiração para Lutero que enfrentou problemas semelhantes na Alemanha de seus dias.¹²⁹

Como pode ser observado, há um fio condutor, que se estende por toda a história da Igreja Cristã, através da qual Deus levanta pessoas e movimentos a fim de manter acesa a chama do Evangelho nos corações daqueles que desejam servir a Deus com sinceridade.

Um grande movimento reformador estava para acontecer. Além das idéias, pessoas e movimentos já abordados neste trabalho, o mundo passava por mudanças em todos os níveis, e Deus preparava o ambiente para que uma grande revolução viesse a acontecer a partir do início do Século XVII.

O Século XVI é conhecido como o século da grande reforma religiosa, vivenciado pela humanidade, sobretudo pelo mundo cristão. Depois de um grande período de efervescência, dentro e fora da Igreja Católica, o movimento reformista chega ao seu apogeu, deixando marcas profundas que se estenderam nestes últimos cinco séculos.

Como fatores que desencadearam a grande reforma religiosa do Século XVI:

¹²⁷ CAIRNS, 1992, p. 206.

¹²⁸ CAIRNS, 1992, p. 206.

¹²⁹ CAIRNS, 1992, p. 207.

A relutância da Igreja Católica Romana medieval em aceitar as mudanças sugeridas por reformadores sinceros como os místicos, Wycliffe e Hus, os líderes dos concílios reformadores e os humanistas; o surgimento das nações-estados, que se opuseram ao poderio universal do papa e a formação da classe média, que se revoltou contra a remessa de reservas para Roma. Sua fixação ao passado, clássico e pagão, indiferente às forças dinâmicas que estavam formando uma nova sociedade, a italiana, da qual o papado fazia parte, adotou uma forma de vida corrupta, sensual e imoral, embora ilustrada.¹³⁰

Na verdade, a reforma religiosa se deu em meio a diversas outras reformas que aconteceram no campo político, geográfico, econômico, social e intelectual. O mundo todo estava em ebulição e as novas idéias sobre o Cristianismo acabaram encontrando solo fértil na Europa, muito especialmente na Alemanha. Muitas pessoas passaram a defender a tese de que, ao invés de se ter apenas uma igreja universal, detentora de todo o poder, deveria haver igrejas nacionais e igrejas livres. A partir destas idéias, como escreve Cairns

A uniformidade religiosa medieval deu lugar, no início do século XVI, à diversidade religiosa. A túnica inconsútil da Igreja Católica Romana, internacional e universal, estava rasgada de novo, como acontecera em 1054, pelos cismas que resultaram na formação de igrejas protestantes nacionais. Estas igrejas, especialmente a anglicana e a luterana, estavam em geral sob o controle dos governos das nações-estados. Só depois de 1648 é que as denominações e a liberdade religiosa surgiram.¹³¹

Pode ser constatado, a partir destas considerações de Cairns, que o pluralismo cristão ganhou fôlego, a partir da reforma luterana, muito embora em séculos anteriores, vários movimentos já andavam paralelos ao cristianismo oficial;

Depois de falar de vários pré-reformadores, Pereira afirma:

O espaço limitado desta obra não nos permite falar de muitos outros mais que, na Idade Média, esforçaram-se por seguir o cristianismo do Novo Testamento e não acompanharam as inovações de Roma. Não podemos contar a história de homens como Arnaldo de Bréscia, João Wessell, Jerônimo de Praga, Marsílio de Pádua, dos chamados irmãos da vida comum e de muitos outros, em diferentes lugares da Europa, que reagiram contra as corrupções romanistas e se esforçaram, com as luzes que tinham, para um retorno ao cristianismo primitivo.¹³²

¹³⁰ CAIRNS, 1992, p. 221.

¹³¹ CAIRNS, 1992, p. 223.

¹³² PEREIRA, José dos Reis. *Breve história dos batistas*. 2. ed. Rio de Janeiro : JUERP, 1979, p. 44.

2.2.4.1 Reforma Luterana

É totalmente impossível e desnecessária, para os interesses deste trabalho, uma abordagem mais ampla sobre a reforma luterana. Visto por vários ângulos o controvertido monge Martinho Lutero levantou a bandeira da reforma religiosa ao fixar, na porta da Igreja do castelo de Wittenberg, na Alemanha, 95 teses que eram um convite à reflexão e ao debate teológico. Nestas teses, Lutero acusava o Catolicismo Romano de exploração do povo, através da venda de indulgências e de outras medidas que contrariavam os ensinamentos das Escrituras. As teses foram copiadas e distribuídas por toda a Alemanha, vindo a chegar em Roma. Lutero foi forçado a se retratar, o que se negou a fazer. Protegido por políticos alemães, Lutero levou adiante as suas idéias através da publicação de panfletos e traduziu o Novo Testamento para o alemão, colocando-o nas mãos do povo, para que ele mesmo conferisse as verdades que pregava. Questionou o poder absoluto do papa e da hierarquia católica, colocando a bíblia como a autoridade final em termos doutrinários. Questionou também o sistema sacramental de Roma, reduzindo-os em dois, o batismo e a ceia do Senhor. Sua doutrina da justificação pela fé, à luz de sua própria experiência ao estudar Romanos 1:17, foi um dos fundamentos de sua teologia. Questionou também o sacerdócio restrito ao clero, defendendo o sacerdócio de todos os crentes como resultado da fé pessoal em Cristo.¹³³

Coube, porém, a Felipe Melancton, um professor de grego, grande conhecedor das línguas clássicas e do hebraico, atuar como sistematizador da teologia luterana, organizando as idéias de Lutero e dando forma à Igreja luterana.¹³⁴ Com o apoio de Lutero, Melancton elaborou a Confissão de Augsburgo, apresentando-a à Dieta, documento que veio a se transformar em credo oficial da Igreja Luterana.¹³⁵

Mesmo sem a pretensão de iniciar uma nova igreja, Lutero acabou rompendo com a Igreja Católica Romana, dando início a uma série de outras rupturas e o surgimento de novas comunidades, que posteriormente vieram a ser conhecidas como protestantes.

¹³³ CAIRNS, 1992, p. 232-242.

¹³⁴ CARINS, 1992, p. 238.

¹³⁵ CAIRNS, 1992, p. 240.

2.2.4.2 Reforma Reformada

Na Suíça, Huldreich Zwínglio(1484-1531), deu início à uma reforma, que veio a ser conhecida como reforma reformada, com bases e em período semelhantes aos de Lutero na Alemanha, com algumas diferenças, que foram suficientes para que houvesse rompimento entre os dois reformadores.¹³⁶

Zwínglio acreditava e ensinava que a Bíblia é a única autoridade em termos de definições doutrinárias, de que a salvação acontece unicamente pela fé, Cristo é supremo na Igreja, os sacerdotes têm direito ao casamento. Por outro lado, acreditava que a Ceia era um memorial da morte de Cristo e que as comunidades cristãs devem ter autonomia, através de um governo eleito que desenvolve suas ações com base na autoridade da Bíblia.¹³⁷

João Calvino (1509-1564) nasceu, estudou e se converteu na França, migrando depois para Basileia e depois Genebra, na Suíça, onde se tornou um ícone da Reforma reformada. Calvino

acentuava a totalidade da depravação humana, entendendo que o homem herdou a culpa do pecado de Adão e nada pode fazer por sua salvação, uma vez que a sua vontade está totalmente corrompida. Calvino ensinava que a salvação é um assunto de eleição incondicional e independente do mérito humano ou da presciência de Deus; a eleição é fundamentada na soberania da vontade de Deus, havendo uma predestinação dupla, para a salvação e para a perdição.¹³⁸

Zwinglianos e calvinistas conjugaram seus esforços nas Igrejas Reformadas da Suíça, através do acordo de Zurique, em 1549.¹³⁹ Daí é tecida a reforma reformada, uma das mais importantes fontes de novas comunidades, que se espalharam pela Europa e pelo resto do mundo, muito influente no Cristianismo contemporâneo.

2.2.4.3 Reforma Radical

O movimento anabatista, também conhecido como reforma radical, teve início no norte da Suíça, ligado ao movimento zwingliano. A partir daí chegou à Moravia,

¹³⁶ CAIRNS, 1992, p. 238.

¹³⁷ CAIRNS, 1992, p. 245.

¹³⁸ CAIRNS, 1992, p. 253.

¹³⁹ CAIRNS, 1992, p. 246.

Holanda, e outras regiões, sendo os ancestrais espirituais diretos das Igrejas Menonitas e Batistas.¹⁴⁰ Por seu radicalismo, conceito de Igreja, que deveria ser separada do estado e formada por pessoas convertidas e pela prática do batismo de adultos, foram duramente perseguidos, tanto na Suíça como na Alemanha e em várias outras partes da Europa.¹⁴¹ Muito embora seja difícil identificar uma unidade doutrinária, pois foram vários grupos dentro do movimento, os anabatistas

insistiam na autoridade da Bíblia como regra final e infalível de fé e prática; muitos lhe davam uma interpretação literal. Criam que a verdadeira igreja era uma associação dos regenerados e não uma igreja oficial de que participavam até não-salvos. Praticavam o batismo de crentes, de início por afusão ou aspersão e, depois, por imersão. Por sua oposição ao batismo infantil, tido como anti-bíblico, e por sua insistência no rebatismo receberam o nome de anabatistas. A maioria acentuava a completa separação entre Igreja e Estado e não mantinha vínculos com as igrejas estatais [...] O seu conceito de igrejas livres influenciou os Puritanos Separatistas, Batistas e Quacres.¹⁴²

É inegável que a reforma radical dá um passo a mais na reforma religiosa, quando restringe a membresia da Igreja a pessoas que, conscientemente, professam sua fé em Jesus Cristo e separa a Igreja do Estado. Estes dois fatores certamente iriam radicalizar a idéia da liberdade religiosa de cada indivíduo e desencadear o surgimento de novas comunidades independentes, sem estarem atreladas às Igrejas que mantinham sua ligação com os estados. Não é de se estranhar a grande oposição que este movimento sofreu, tanto da parte de Católicos Romanos como de Protestantes Luteranos e Calvinistas.¹⁴³

Falando sobre estas particularidades e suas conseqüências, na fé anabatista, Justo L. Gonzalez afirma:

Muitos anabatistas eram igualitários, Muitos se tratavam entre si de “irmãos”, Na maioria dos seus grupos as mulheres tinham tanto direito como os homens. E pelo menos na teoria, os pobres e os ignorantes eram tão importantes como os ricos e os sábios. Tudo isso causava um efeito altamente subversivo para a Europa do século XVI e, portanto, logo começaram as perseguições aos anabatistas [...] o número de mártires foi enorme, provavelmente maior do que todos os que morreram durante os três primeiros séculos da história da Igreja

¹⁴⁰ CAIRNS, 1992, p. 248.

¹⁴¹ CAIRNS, 1992, p. 248

¹⁴² CAIRNS, 1992, p. 250.

¹⁴³ CAIRNS, 1992, p. 248–250.

[...] com cruel ironia, em alguns lugares se condenavam os anabatistas a morrerem afogados. Outras vezes eram queimados vivos, segundo o costume estabelecido séculos antes. Porém não faltaram casos nos quais eles foram mortos em meio a torturas incríveis, como a de serem esquartejados ainda vivos. [...] e o notável é que, quanto mais se lhes perseguiam, mais crescia o movimento.¹⁴⁴

2.2.4.4 Reforma Anglicana

O quarto suporte da grande reforma religiosa cristã do século XVI foi a Reforma Anglicana, ocorrida na Inglaterra e demais países anglo-saxões. Muito embora tenha nascido mais por motivos políticos, a reforma anglicana passou para o campo eclesiástico e alcançou dimensões significativas na mudança do quadro religioso cristão no final da idade média. As idéias reformistas estavam presentes por toda a Europa. Estudiosos como William Tyndale e Miles Coverdale, que tinham traduzido a Bíblia para o Inglês, também queriam reformar a Igreja. Os escritos de Lutero circulavam pela Inglaterra, mesmo com a ressalva das autoridades. O nacionalismo que se instalara na Europa constituía-se numa motivação sempre presente para que as nações se libertassem das exigências de Roma.¹⁴⁵

Por interesses políticos e sentimentais, Henrique VIII conduziu a Inglaterra ao rompimento com Roma, tornando a Igreja Cristã da Inglaterra uma Igreja independente de Roma, muito embora se mantivesse Católica em seu conteúdo doutrinário. Seu filho Eduardo VI, assessorado por teólogos, empreendeu várias mudanças, inclusive a adoção do Livro de Oração Comum nas celebrações, o que foi tornando a Igreja Anglicana com características próprias. Elizabeth assumiu o poder e consolidou a reforma anglicana na Inglaterra.¹⁴⁶

A Igreja Anglicana inglesa teve ainda de enfrentar a fúria dos puritanos, que queriam tornar a Inglaterra Presbiteriana ou Congregacional. Do movimento puritano, que em princípio só queria purificar a Igreja Anglicana, surgiram outros grupos, de

¹⁴⁴ GONZALEZ, 1986, p. 100-101, v. 6.

¹⁴⁵ CAIRNS, 1992, p. 267.

¹⁴⁶ CAIRNS, 1992, p. 269-270.

cunho separatista, dentre os quais surgiram os Congregacionais e os Batistas. Estes grupos praticavam o batismo de adultos e se dividiam entre calvinistas e arminianos.¹⁴⁷

Deste ponto em diante, será constatada uma verdadeira multiplicação de Comunidades Cristãs Independentes, ocasionando um verdadeiro pluralismo cristão, com o nascimento de muitas novas igrejas. Muito embora isso não signifique, necessariamente, expansão do reino de Deus, não se pode negar que a quebra da hegemonia católica, radicalizada pelos anabatistas e pelos separatistas anglicanos, contribuiu de alguma forma para que a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo alcançasse regiões longínquas, muito embora ocasionasse também uma verdadeira fragmentação do Cristianismo.

Brunner descreve com precisão a evolução da reforma:

A Reforma aconteceu, primeiro a de Lutero, a seguir de Calvino – a qual em fundamentos tinha começado com Zuínglio ao mesmo tempo que o movimento de Lutero – e a partir destas duas correntes, surgiram diferentes tipos de igrejas que daí em diante pregam o Evangelho cristão de forma poderosa e criativa, e molda a vida de seus membros de acordo com seu entendimento de Cristo [...] surgiu a diversidade de igrejas pós-reforma e daquelas estruturas que são chamadas de seita pela igreja, mas que consideram-se como congregações ou comunidades.¹⁴⁸

Entretanto, segundo Bosch,

seria um equívoco afirmar que a Reforma rompeu com o paradigma católico medieval em todos os aspectos. Alguns elementos do protestantismo, mesmo que renovados, representaram, em verdade, uma continuação daquilo que caracterizava o modelo católico. Primeiro, o protestantismo, como o catolicismo (se não mais), insistia na correta formulação doutrinária. Tornou-se importante, sobretudo para as gerações subsequêntes, manter os credos da Reforma absolutamente inalterados e inalteráveis, atribuindo-lhes uma validade extensiva a todos os tempos e contextos e usando-os tanto para excluir certos grupos quanto para incluir aqueles considerados ortodoxos na fé, enquanto se descartava a possibilidade de qualquer desdobramento doutrinário futuro. Em segundo lugar, a Reforma, excetuada sua manifestação anabatista, efetivamente não abandonou a compreensão medieval da relação entre igreja e Estado.¹⁴⁹

¹⁴⁷ CAIRNS, 1992, p. 273.

¹⁴⁸ BRUNNER, 2000, p.103.

¹⁴⁹ BOSCH, 2007, p. 294.

O teólogo brasileiro, Rubem Alves, afirma que

existe uma imensa afinidade entre o espírito deste Protestantismo¹⁵⁰ e o espírito do Catolicismo Medieval. Tanto um quanto o outro lutam com um mesmo problema. Protestantes e católicos constroem os seus mundos a partir de uma mesma pergunta: 'Que devo fazer para ser salvo?' Não vejo formas de evitar a contundente conclusão de Ernest Troeltsch: 'O protestantismo... foi, antes de mais nada, uma simples modificação do Catolicismo, na qual a formulação católica dos problemas foi mantida, enquanto que uma resposta diferente lhes era oferecida'.¹⁵¹

Por sua vez, Bosch enumera cinco traços da Reforma Protestante que representa uma grande contribuição para a compreensão de missão: Justificação pela fé é o ponto de partida para a teologia; as pessoas tem que ser avaliadas primordialmente a partir da Queda, como perdidas e incapazes de fazer qualquer coisa para sarar essa situação; ênfase à dimensão subjetiva da salvação; sacerdócio de todas as pessoas crentes em Jesus Cristo; centralidade das Escrituras na vida eclesiástica.¹⁵²

Falando sobre a reforma do Século XVI, Gonzalez afirma que em pouco menos de um século, o edifício da cristandade medieval começou a desmoronar. O velho ideal de uma só igreja com o papa como cabeça, que nunca tinha sido aceito no Oriente, perdeu também sua vigência no Ocidente. A partir daí, o Cristianismo Ocidental viu-se dividido em várias tradições que, apesar de posteriormente se aproximarem entre si, refletiam enormes diferenças.¹⁵³

Pode-se dizer que nem a Igreja Católica foi a mesma a partir destas mudanças. Empreendendo uma Contra-Reforma, que "provocou uma renovação interna e a reforma da igreja, além de uma reação externa em oposição ao protestantismo [...] O catolicismo da Contra-Reforma foi levado por missionários ao Quebec, à América Latina e ao sudeste da Ásia".¹⁵⁴

¹⁵⁰ O autor analisa um tipo específico de Protestantismo, ao qual denomina Protestantismo da Reta Doutrina (PRD)

¹⁵¹ ALVES, Rubem Azevedo. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979. p. 268.

¹⁵² BOSCH, 2007, p. 295-296

¹⁵³ GONZALEZ, 1986, p. 216. v. 6.

¹⁵⁴ CAIRNS, 1992, p. 280.

2.3 O Cristianismo no Brasil

2.3.1 O Catolicismo Romano

É inegável que o movimento da reforma religiosa do Século XVI despertou o gigante adormecido, chamado Igreja Católica, que passou a se mobilizar, não só no que se refere à auto-defesa, como também na repressão ao protestantismo e na expansão missionária, em busca de novas terras a serem conquistadas. Aliás, como afirma Cairns:

As missões no século XVI foram quase que exclusivamente obra da Igreja Católica Romana. Poderíamos dizer que os protestantes estavam demasiadamente ocupados com sua própria sobrevivência, para pensarem muito em missões [...] os missionários católicos alcançaram o mundo todo, especialmente, mas não exclusivamente, as Américas.¹⁵⁵

Sabemos que os interesses nas novas conquistas não tinham como prioridade a expansão do reino de Deus e sim os reinos de Portugal e Espanha. Como afirma Zwetsch : “Os europeus que aqui chegaram logo tornaram-se conhecidos por suas verdadeiras intenções : conquistar terras, gentes, mas, sobretudo riquezas”.¹⁵⁶ E um altíssimo preço foi pago para possibilitar estas conquistas. Como exemplo, o Dr. Zwetsch menciona o extermínio das populações indígenas. Segundo ele, “dos 5 milhões que se estima seria a população indígena nos inícios do séc. XVI, chegou-se em meados do séc. XX a 155 mil pessoas. Um verdadeiro genocídio.[...] Hoje a população indígena está em torno de 300 mil pessoas, correspondendo a 170 etnias.”¹⁵⁷

Os missionários portugueses vinham a reboque dos colonizadores, muitas vezes defendendo interesses contraditórios. Também não é possível dizer que os primeiros missionários católicos vieram para o Brasil a fim de expandir o reino de Deus e sim implantar o Catolicismo Romano em terras brasileiras, independente do custo que isso representasse. Na compreensão de Dreher:

¹⁵⁵ CAIRNS, 1992, p. 292.

¹⁵⁶ ZWETSCH, 2005, p. 204.

¹⁵⁷ ZWETSCH, 2005, p. 205.

A aceitação do cristianismo era garantia de sobrevivência. [...] Favorecido pelo clima de medo e terror, formou-se um “catolicismo ostensivo”, no qual se cuidava em usar determinadas fórmulas. A ortodoxia devia ser comprovada. A forma era importante. O conteúdo, porém, não podia ser controlado nem julgado. Surgiu, dessa maneira, um sincretismo singular. Judeus, negros e indígenas aprenderam a encenar religião. [...] O catolicismo se impôs, especialmente onde a vida pública o exigia.¹⁵⁸

Nestes primeiros quatro séculos de colonização do solo brasileiro o Catolicismo Romano reinou soberano, com algumas incursões protestantes sem repercussão. Sua preocupação maior era de cristianizar o povo brasileiro, nem que para isso fosse necessário violentar a cultura dos indígenas que eram os verdadeiros donos destas terras, ou dos negros escravos, que passaram a ser trazidos da África para atender a demanda de mão de obra nas lavouras de café e cana de açúcar.

Sem condições de dar uma assistência adequada, o que surgiu foi o que se convencionou chamar de catolicismo popular.

A falta crônica de sacerdotes, acrescida da concentração dos mesmos nas cidades e vilas, nas missões indígenas ou nas capelas dos latifúndios, propiciou a reunião dos leigos em irmandades, nas quais surgiu um cristianismo devocional que não carecia de sacerdote. Nessas irmandades adquiriam-se prestígio e reconhecimento; auxílio em tempo de dor, sepultamento. Construídas segundo critérios étnicos e sociais, os pontos altos dessas irmandades eram as festas e procissões, nas quais resplandeciam os adornos feitos de tecido e metais preciosos. A estes festejos foram acrescidas tradições indígenas e africanas. Era um cristianismo devocional. Cruzes, oratórios, ermidas, igrejinhas, peregrinações, irmandades, festas, procissões, quase nada de padres, perfaziam esse cristianismo.¹⁵⁹

O Catolicismo reinou soberano em terras brasileiras, por três séculos e meio, sem ser importunado pelos protestantes. Neste período, sempre atrelado ao Estado, a Igreja Católica deteve absoluta hegemonia sobre o povo, no que tange a questões religiosas.

¹⁵⁸ DREHER, Martin N. *A Igreja Latino-Americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 29, (Coleção história da igreja, v. 4)

⁸⁵ DREHER, 2007, p. 30.

2.3.2 Os Protestantismos Brasileiros

Segundo Mendonça, desde que o Brasil passou a ser colonizado pelos portugueses, houve duas tentativas de implantação do protestantismo no Brasil, porém sem sucesso. O primeiro foi com a chegada da expedição de Villegaignon, em 1555, proveniente da França, que tentava construir um refúgio onde os huguenotes pudessem praticar livremente o culto reformado. Cinco anos depois, Villegaignon tinha sido expulso do país e a colônia destruída. A outra tentativa aconteceu entre 1630 a 1645, ocasião em que holandeses reformados ocuparam parte do Nordeste brasileiro. Na primeira década do Século XVII, os franceses tentaram ocupar um espaço no Brasil, desta vez no Maranhão. Muito embora a expedição não fosse religiosa, havia entre os expedicionários, bom contingente de huguenotes. Não há notícias de qualquer atividade religiosa pública deste grupo.¹⁶⁰

Existe uma grande dificuldade para falar de protestantismo, no singular. Se nosso objeto de pesquisa é o pluralismo cristão, é necessário que se diga, entretanto, que há também um pluralismo protestante. Como Rubens Alves expressou com muita propriedade : “A história coloca à nossa frente uma pluralidade de Protestantismos. E não vejo uma forma de reduzi-los a um denominador comum”.¹⁶¹

Para organizar as várias expressões de protestantismo no Brasil, será utilizado apenas o critério da chegada, ou seja, por ordem cronológica como o protestantismo foi sendo implantado no Brasil.

2.3.2.1 Protestantismo de Imigração

Em meados do Século XIX, começam a ser efetivados os primeiros grupos protestantes, com a organização de pequenas comunidades com o propósito de atender os imigrantes que traziam consigo sua religiosidade. Luteranos no Sul do Brasil, Anglicanos, Metodistas, Presbiterianos e Batistas em Santa Bárbara do Oeste,

¹⁶⁰MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: Inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Associação Evangélica e Literária Pendão Real, ASTE, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião. 1995. p. 23-24.

¹⁶¹ ALVES, 1979, p. 27.

no Estado de São Paulo. Começa a mudar o quadro religioso no Brasil. Agora estes imigrantes precisam ser assistidos religiosamente e começa a organização das igrejas protestantes, entre eles.¹⁶²

Segundo Émile G. Leonard, que ainda consegue usar o termo Protestantismo Brasileiro no singular,

o dia 11 de junho de 1858 é considerado a data da fundação da Igreja Evangélica, chamada mais tarde Fluminense, primeira comunidade protestante do Brasil, que possuía então catorze membros : o Dr. Kalley e sua esposa, três norte-americanos, oito portugueses e um brasileiro, Pedro Nolasco de Andrade.¹⁶³

Outras Igrejas já haviam sido organizadas, porém não persistiram em suas atividades, vindo a ser extinguidas. Martin N. Dreher faz uma observação muito interessante sobre o impacto causado na sociedade brasileira, com a chegada dos protestantes:

Com a vinda do imigrante, foi importante a discussão dos direitos de cidadania. Com essa discussão, porém, fez-se necessário discutir o lugar da Igreja Católica e de outros grupos cristãos na sociedade brasileira. Nesta mesma época, discutiram-se liberdade para os escravos, registro civil de nascimento, casamento civil e equiparação de cultos. Estavam em discussão as liberdades. [...] Os imigrantes alteraram profundamente o rosto da religião do Brasil. O Século XIX traz, pela primeira vez, permanentemente, luteranos, anglicanos, batistas, presbiterianos.¹⁶⁴

Note-se aí que a hegemonia da Igreja Católica nos três séculos e meio, desde a colonização do Brasil, inibiu discussões extremamente relevantes para a vida em sociedade, o que veio a ser resgatado com a chegada de “outras” comunidades cristãs.

2.3.2.2 Protestantismo de Missão

Roberto E. Zwetsch classifica o século XIX como o grande século da missão Cristã,

caracterizado por um intenso movimento de renovação espiritual. Grupos, associações e sociedades missionárias da Europa e América do Norte iriam se encarregar de expandir a fé evangélica em diversas partes do mundo ainda não

¹⁶² MENDONÇA, 1995, p. 30.

¹⁶³ LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro*. Tradução de Linneu de Camargo Schützer. 3. ed. São Paulo : ASTE, 2002. p. 57.

¹⁶⁴ DREHER, 2007, p. 214.

atingido pelo cristianismo [...] o movimento missionário mundial ganhou novo vigor, novas igrejas cristãs foram implantadas nos diferentes continentes. [...] Com o tempo, porém um novo espírito foi se formando nos campos de missão. As igrejas jovens passaram a reivindicar autonomia em três áreas: auto-governo, auto-propagação e auto-sustentação. É a “tríplice autonomia” que deu margem a um segundo momento nesse novo movimento missionário.¹⁶⁵

Neste embalo missionário, o Brasil passa a ser alvo de missões estrangeiras, sobretudo dos Estados Unidos da América, que “chegaram ao final do século como potência mundial emergente. A ideologia do ‘Destino Manifesto’ confirmava a histórica vocação puritana, segundo a qual os Estados Unidos seriam uma nação eleita por Deus para a civilização do mundo”¹⁶⁶. Por ideologia ou por vocação, o fato é que a obra protestante no Brasil tem grande impulso com a chegada desses missionários estrangeiros, que são enviados ao país a fim de não só dar assistência aos imigrantes que aqui vivem, mas plantar novas igrejas e alcançar a população brasileira com a mensagem do Evangelho.

Em 1835 começam a chegar ao Brasil missionários Metodistas, Presbiterianos, Batistas, Congregacionais e outros que se estabelecem no país, com muitas dificuldades com a língua, com a cultura brasileira e sofrendo grande oposição do Catolicismo, aqui estabelecido há quase 4 séculos, com hegemonia absoluta. Depois de algumas tentativas, o trabalho foi se consolidando. Oficialmente, entretanto, havia abertura para a chegada e a implantação do protestantismo no país.¹⁶⁷

Mendonça afirma que “os protestantes foram aproveitando as oportunidades que o clima de tolerância oferecia e, no final do século XIX, já estavam praticamente implantadas no Brasil todas as denominações clássicas do protestantismo”.¹⁶⁸ Cada denominação implantando o seu sistema, com eclesiologias e corpo doutrinários distintos, mas todos debaixo do manto do protestantismo. Também no protestantismo de missão, uma das marcas mais evidentes é a fragmentação.

Como aconteceu com a Igreja Católica, por ocasião da colonização do solo brasileiro, questiona-se se estas missões estrangeiras tinham motivação meramente espiritual, de expansão do reino de Deus ou se havia também interesses imperialistas

¹⁶⁵ ZWETSCH, 2005, p. 207.

¹⁶⁶ ZWETSCH, 2005, p. 208.

¹⁶⁷ MENDONÇA, 1995, p. 28-29.

¹⁶⁸ MENDONÇA, 1995, p. 27.

movendo as empresas missionárias. Este é um assunto que tem ocupado espaço nas discussões entre teólogos e historiadores e deve continuar rendendo artigos e livros a fim de que seja devidamente esclarecido. Entretanto, independente do que motivou a chegada das missões estrangeiras, o fato é que o protestantismo veio pra ficar, trazendo uma bagagem que compartilha com o povo brasileiro.

2.3.3 O Movimento Pentecostal

No início do século XX o protestantismo brasileiro também foi impactado por um movimento que se verificou em praticamente todo o mundo. Segundo Aldari Souza de Matos, um historiador presbiteriano brasileiro,

o moderno movimento pentecostal é considerado por muitos estudiosos o fenômeno mais revolucionário da história do cristianismo no século 20, e talvez um dos mais marcantes de toda a história da igreja. Em relativamente poucas décadas, as igrejas pentecostais reuniram uma imensa quantidade de pessoas em praticamente todos os continentes, totalizando hoje, segundo cálculos de especialistas, cerca de meio bilhão de adeptos ao redor do mundo. Mais do que isso, o pentecostalismo acarretou mudanças profundas no panorama cristão, rompendo com uma série de padrões que caracterizavam as igrejas protestantes há alguns séculos e propondo reinterpretações muitas vezes bastante radicais da teologia, do culto e da experiência religiosa.¹⁶⁹

Com todo este potencial de multiplicação, o pentecostalismo tem sido um fenômeno devastador para a unidade da igreja cristã, já comprometida pelos cismas e divisões sofridas durante os séculos anteriores, especialmente com o surgimento do denominacionalismo, depois da reforma religiosa do século XVI. O pentecostalismo, por sua vez, tem sido uma fonte inesgotável de novas comunidades.

2.3.3.1 Os antecessores

O movimento pentecostal é fruto de uma série de acontecimentos que marcaram a Europa e a América do Norte, especialmente no século XVIII.

¹⁶⁹MATOS, Aldari Souza de. **O movimento pentecostal**: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. Fides Reformata, São Paulo, Ano 11, n. 2, p. 24, 2006.

Assim como ocorre em outras religiões, o Cristianismo tem, ao longo da sua história, testemunhado muitas vezes em suas fileiras a ocorrência de manifestações de entusiasmo religioso, em especial os movimentos chamados carismáticos,¹⁷⁰ com forte ênfase na utilização dos dons espirituais nas celebrações.

Começando pela igreja de Corinto, ocorrido nos dias apostólicos, passando por movimentos como os montanistas, surgido na Frígia, Ásia Menor, na parte posterior do 2º século (década de 170) cujo fundador, Montano, se dizia porta-voz do Espírito Santo, vários outros movimentos foram aparecendo no decorrer da história, sempre com a reprovação e a condenação da Igreja Cristã Oficial. Como exemplos destes grupos podem ser mencionados os cátaros, os begardos e beguinas, e o apocalipticismo de Joaquim de Fiore, no século 12.¹⁷¹

No século 16, os reformadores protestantes se defrontaram repetidamente com pessoas e grupos, que apelavam para revelações diretas de Deus e tendiam a relativizar a importância das Escrituras. Esses indivíduos receberam rótulos como “entusiastas”, “libertinos”, “fanáticos” e “espiritualistas”, sendo objeto de alguns dos escritos mais contundentes de Lutero, Calvino e outros líderes.¹⁷²

O fato é que o protestantismo, devido à sua insistência em direitos como o livre exame das Escrituras, o sacerdócio de todos os cristãos e a liberdade de expressão e associação, sem querer abriu um espaço para o surgimento dessas manifestações, como os quacres ingleses (século 17), com sua ênfase na “luz interior”, os avivamentos dos séculos 18 e 19, tanto na Europa quanto na América do Norte, e o ministério de Edward Irving (século 19), um pastor presbiteriano escocês que trabalhou em Londres e é considerado o precursor do moderno movimento carismático. Apesar dos seus problemas, esses movimentos com frequência revelavam insatisfações legítimas com a igreja oficial e o desejo de uma espiritualidade mais profunda.¹⁷³

Segundo Matos,

o movimento pentecostal surgiu no ambiente religioso altamente dinâmico e volátil dos Estados Unidos no século 19. O cenário religioso das colônias inglesas da América do Norte havia sido relativamente estável até meados do século 18. Todavia, com o passar do tempo as influências do pietismo alemão,

¹⁷⁰ MATOS, 2006, p. 27.

¹⁷¹ MATOS, 2006, p. 27.

¹⁷² MATOS, 2006, p. 27.

¹⁷³ MATOS, 2006, p. 27.

do puritanismo e do movimento metodista se somaram para produzir mudanças. Nas décadas de 1730 e 1740, a ocorrência do Primeiro Grande Despertamento trouxe revitalização às igrejas protestantes, mas, ao mesmo tempo, produziu um tipo diferente de cristianismo, mais emocional, mais independente das antigas estruturas e tradições, mais deseioso de novas formas de experimentar o sagrado.¹⁷⁴

Como se pode ver, as raízes do pentecostalismo estão bem fincadas no Primeiro Grande Despertamento americano, vindo a se intensificar com o passar do tempo.

Essas ênfases se intensificaram em muito com o surgimento do Segundo Grande Despertamento, ocorrido na região da fronteira oeste durante as primeiras décadas do século 19. Sob a influência de pregadores como Charles G. Finney (1792-1875), houve um progressivo questionamento da teologia reformada tradicional, com seu enfoque na soberania de Deus, e uma ênfase crescente na liberdade, iniciativa, capacidade de decisão e experiência pessoal, em sintonia com a nova cultura americana que então se consolidava. [...] Apesar da possibilidade de influências como o puritanismo e o pietismo, a maioria dos autores considera que a origem básica do movimento pentecostal se encontra no metodismo wesleyano, e especificamente na doutrina mais característica de João Wesley: a 'inteira santificação' ou 'perfeição cristã', um conceito que ele também descrevia em termos de 'a mente de Cristo', 'plena devoção a Deus' ou 'amor a Deus e ao próximo'.¹⁷⁵

E foi um pregador metodista, influenciado pelo movimento de santidade, Charles Fox Parham (1873-1929), quem criou um instituto bíblico na cidade de Topeka, Estado do Kansas, em 1900, onde ensinaria que a glossolalia – falar em línguas desconhecidas ou estrangeiras – devia acompanhar esse batismo no Espírito Santo tão popular nos círculos *holiness*. Foi o primeiro teólogo a considerar o “falar em línguas” como a evidência inicial do batismo no Espírito Santo. Foi essa característica que se tornou a marca distintiva do movimento pentecostal.¹⁷⁶

Ao adentrar num novo século, o pentecostalismo nascente se espalhou pelo mundo a fora e acabou alcançando o Brasil, que já contava com a presença dos protestantes de imigração e de missão, provenientes da Europa e dos Estados Unidos.

¹⁷⁴ MATOS, 2006, p. 28.

¹⁷⁵ MATOS, p. 29.

¹⁷⁶ MATOS, p. 30.

2.3.3.2 O Avivamento da Rua Azusa

Tem sido apontado como um marco no surgimento do movimento pentecostal o fenômeno denominado de o avivamento da Rua Azusa. Matos descreve com detalhes o que aconteceu:

Em 1905, Charles Parham mudou-se para o Texas e iniciou uma escola bíblica em Houston. Um dos estudantes atraídos por essa escola foi um exgarçom negro e pregador *holiness*, William Joseph Seymour (1870-1922). Era o período da discriminação racial no sul dos Estados Unidos e Parham era simpatizante desse sistema. Seymour assistia às aulas sentado em uma cadeira no corredor ao lado da sala. Algumas semanas mais tarde, ele recebeu o convite para visitar um pequeno grupo batista em Los Angeles. Esse grupo de afroamericanos, pastoreado por uma mulher, Julia Hutchins, havia sido expulso de sua igreja por esposar doutrinas *holiness*. Seymour, então com trinta e cinco anos, era filho de escravos, tinha pouca cultura, limitados dotes de oratória e era cego de um olho. Escolheu o texto de Atos 2.4 para o seu primeiro sermão em Los Angeles, embora ele mesmo nunca tivesse falado em línguas. A pastora não gostou do seu ensino, mas ele, acompanhado por boa parte do grupo, passou a fazer as reuniões na casa onde estava hospedado. Quando esta se tornou pequena, foram para outra um pouco maior, na Rua Bonnie Brae, onde o avivamento começou no dia 9 de abril de 1906.¹⁷⁷

Desde os seus primórdios, o movimento pentecostal demonstra sua despreocupação com as estruturas estabelecidas e opta por uma ruptura consciente da tradição cristã em termos de liturgia e teologia. Matos continua descrevendo as origens do movimento pentecostal.

Com o passar dos dias, várias pessoas começaram a falar em línguas, primeiro negros, depois brancos, e finalmente o próprio Seymour teve essa tão sonhada experiência (12 de abril). Nesse mesmo dia, a varanda da frente dessa residência desabou devido ao peso da multidão. Com isso, os líderes alugaram um rústico edifício de madeira na Rua Azusa, perto do centro de Los Angeles.[...] As reuniões eram eletrizantes e barulhentas. Começavam às 10 horas da manhã e prosseguiam por pelo menos doze horas, muitas vezes terminando às 2 ou 3 da madrugada seguinte. Não havia hinários, liturgia ou ordem de culto. Os homens gritavam e saltavam através do salão; as mulheres dançavam e cantavam. Algumas pessoas entravam em transe e caíam prostradas. Até setembro, 13.000 pessoas passaram pelo local e ouviram a nova mensagem pentecostal. Um bom número de pastores respeitáveis foi investigar o que estava ocorrendo e muitos deles acabaram se rendendo ao que presenciaram.¹⁷⁸

¹⁷⁷ MATOS, 2006, p. 32.

¹⁷⁸ MATOS, 2006, p. 32.

O que aconteceu na Rua Azusa foi um foco que se espalhou pelo mundo afora, dando origem ao que conhecemos hoje de pentecostalismo. Nos Estados Unidos, as primeiras denominações pentecostais foram, entre outras: a Igreja de Deus de Camp Creek (Carolina do Norte), a Igreja de Deus de Cleveland (Tennessee), a Igreja da Fé Apostólica (Portland, Oregon) e as Assembléias de Deus (Hot Springs, Arkansas). Um líder extremamente importante foi William H. Durham, de Chicago, cidade que teve grande influência na internacionalização do movimento.¹⁷⁹

Pode-se dizer que o movimento pentecostal tem dois fundadores: Charles Parham e William Seymour. Parham foi o primeiro a fazer a afirmação fundamental de que o falar em línguas era a evidência visível e bíblica do batismo com o Espírito Santo. A importância de Seymour, o discípulo de Parham, reside no fato de que sob sua liderança, através do Avivamento da Rua Azusa, o pentecostalismo se tornou um fenômeno internacional e mundial a partir de 1906.¹⁸⁰

É relevante afirmar, por causa da natureza deste trabalho que, desde o seu início, o movimento pentecostal foi muito diversificado, apresentando uma grande variedade de manifestações e ênfases. Isso não é de admirar, visto que o pentecostalismo por sua própria natureza podia, a partir das premissas básicas, assumir um grande número de configurações, motivadas principalmente pelos muitos líderes independentes que iam surgindo. Portanto, quase desde o início uma série de controvérsias abalou o movimento.¹⁸¹

2.3.3.3 O Pentecostalismo no Brasil

Até aqui o que se vê, em grande medida, é uma reprodução dos modelos protestantes da Europa e Estados Unidos, ainda provenientes da reforma religiosa do Século XVI, com contornos adquiridos no decorrer da história. Agora, porém, chega algo realmente novo, que vai revolucionar o cenário religioso no Brasil.

Originários de movimentos de santidade que irromperam nos Estados Unidos no final do Século XIX, os pentecostais chegaram ao Brasil no início do Século passado.

¹⁷⁹ MATOS, 2006, p. 33.

¹⁸⁰ MATOS, p. 33.

¹⁸¹ MATOS, 2006, p. 34.

Em São Paulo, 1910, estabelece-se a Congregação Cristã do Brasil e em 1911, em Belém do Pará, estabelece-se a Assembléia de Deus, introduzindo no Brasil um novo tipo de igreja e de experiência religiosa¹⁸².

Passados cem anos do início do pentecostalismo no Brasil, Bobsin afirma que o movimento “hoje compreende aproximadamente 10% da população brasileira, estando subdividido em muitas tendências e igrejas que competem entre si. O processo sucessivo de rupturas constantes também favorece o crescimento desse fenômeno religioso.”¹⁸³ Com dificuldades para sistematizar o movimento, como a grande maioria dos estudiosos do assunto, uma vez que apresenta grande diversidade interna, Bobsin enumera algumas de suas características básicas :

Forte tradição oral, com destaque para a experiência religiosa emocional em detrimento da racionalidade ocidental; desenvolvimento em contextos urbanos, alcançando camadas pobres da população; espontaneidade litúrgica, enfatizando o canto e a música, com ritmos populares; nas primeiras gerações, forte socialização dos meios de produção simbólicos; ênfase no Batismo do Espírito Santo, que distribui dons, destacando-se a glossolália e a cura como selos de sua presença; desempenho de funções terapêuticas; ênfase na segunda vinda de Cristo e um suposto desinteresse pela política, embora apoiando quase sempre os setores políticos conservadores, principalmente suas grandes lideranças que divergem sempre mais de posturas da base; bastante hierárquico no plano institucional, compensando este verticalismo com uma ‘democracia’ dos dons no plano espiritual; marcadamente anti-ecumênico, desferindo ataques contra o catolicismo santorial e o papa, além da concorrência entre iguais – concorrência intrapentecostal.¹⁸⁴

Chegando depois que todas as igrejas cristãs históricas já haviam se estabelecido no Brasil, o pentecostalismo se expandiu de maneira extraordinária e impressionante, em um século de história. Em função disso e tendo em vista a grande diversidade no movimento, torna-se difícil estabelecer qualquer tipologia para sistematizar a sua expansão. Como afirma Siepiesrki, “a irrupção dessa pluralidade de pentecostalismos tornou as tipologias existentes inadequadas. No presente, falta uma

¹⁸² CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs*: promessas e desafios. Petrópolis, RJ: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 19.

¹⁸³ BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. 2. ed. São Leopoldo - CEBI; Curitiba: Pastoral Popular Luterana - PPL; São Leopoldo : Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia – IEPG. 2006, p. 65.

¹⁸⁴ BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. 2. ed. São Leopoldo - CEBI; Curitiba: Pastoral Popular Luterana - PPL; São Leopoldo : Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia – IEPG. 2006, p. 67.

tipologia que permita a distinção, no mínimo, dos grupos majoritários e suas características principais”¹⁸⁵ Ainda assim, para uma sistematização didática, este trabalho opta pela tipologia do sociólogo Paul Freston, mesclando com outras, também interessantes, ainda que não totalmente precisas. Freston organiza o pentecostalismo brasileiro em três ondas.¹⁸⁶

2.3.3.3.1 A Primeira Onda

Segundo Oliveira, “a primeira onda corresponde ao chamado período do pentecostalismo clássico, de 1910 a 1950, correspondendo também ao momento da origem e da expansão mundial do movimento pentecostal”.¹⁸⁷ Segundo Siepierski,

o pentecostalismo brasileiro, em suas primeiras décadas, não obstante sua acentuada expansão geográfica, apresentou uma formidável uniformidade doutrinária. Nem mesmo a fragmentação institucional ocorrida a partir dos anos 50 conseguiu romper essa uniformidade doutrinária, pois o cerne da mensagem pentecostal manteve-se intacto, apesar das acomodações ocorridas em termos de expressão dessa mensagem.¹⁸⁸

Por esta uniformidade, este tipo de pentecostalismo é tido como pentecostalismo clássico, que se tornou referência para estudos sobre pentecostalismos. Este tipo de pentecostalismo sintetiza o protestantismo através da cristocentricidade, biblicismo, união da fé com a ética, acrescentando os elementos típicos do pentecostalismo: emoção, ritos de possessão, participação coletiva.¹⁸⁹

Duas igrejas se destacaram neste período: A Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, as duas primeiras a se estabelecerem no país. Essas igrejas dominaram amplamente o campo pentecostal durante quarenta anos.¹⁹⁰

¹⁸⁵ SIEPIERSKI, Paulo D. *Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro*. In: GUERRIERO, Silas (Org.) *O estudo das religiões: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 71. (Coleção estudos da ABHR).

¹⁸⁶ MATOS, 2006, p. 38.

¹⁸⁷ OLIVEIRA, Estevam Fernandes. *Conversão ou adesão: uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Proclama Editora, 2004. p. 28.

¹⁸⁸ SIEPIERSKI, 2003, p. 71.

¹⁸⁹ SIEPIERSKI, 2003, p. 72.

¹⁹⁰ MATOS, 2006, p. 38.

2.3.3.3.1.1 Congregação Cristã do Brasil

A Congregação Cristã do Brasil (CCB), primeira igreja pentecostal a nascer no Brasil, tem raízes no movimento de santidade norte-americano. Segundo Matos,

as duas igrejas pioneiras do pentecostalismo brasileiro tiveram sua origem em Chicago, através do ministério de William H. Durham (1873-1912), que fundou em 1907 a Missão da Avenida Norte (*North Avenue Mission*). Um dos seus discípulos foi o italiano Luigi Francescon (1866-1964), que havia emigrado para os Estados Unidos em 1890. Em Chicago, ele se converteu ao evangelho e foi um dos fundadores da Igreja Presbiteriana Italiana daquela cidade. Em 1903, foi batizado por imersão e passou a reunir-se com um grupo *holiness*, até descobrir a mensagem pentecostal na igreja do pastor Durham. Foi batizado com o Espírito Santo em 1907 e recebeu uma profecia de Durham para que levasse a mensagem pentecostal aos seus patrícios. Em 1909 ele e Giacomo Lombardi foram a Buenos Aires, onde abriram uma igreja. No início do ano seguinte, Francescon visitou São Paulo e a pequena Santo Antônio da Platina, no Paraná. Numa segunda visita à capital paulista, em junho de 1910, ele criou a Congregação Cristã, que resultou em parte de um cisma na Igreja Presbiteriana do Brás, constituída em boa parte de italianos. O fundador nunca chegou a residir no Brasil, mas fez onze visitas entre 1910 e 1948, totalizando uma estada de quase dez anos.¹⁹¹

Adotando uma postura bastante conservadora, a CCB resiste ao processo de modernização, negando-se em utilizar os modernos meios de comunicação para proclamar o evangelho, preferindo o contato pessoal como estratégia evangelizadora. Evitam também a pregação do evangelho em locais públicos e não tem pastores na liderança de suas comunidades, ficando o pastoreio a cargo de anciãos, que são membros da igreja não remunerados que se dedicam a este ministério. Adota também uma atitude ascética de “isolamento do mundo”, mas incentiva e promove muito contato entre os membros da igreja.¹⁹² Possui fortes elementos sectários, não se considerando uma igreja protestante e não mantendo ligações com outros grupos.¹⁹³

Talvez em função destes posicionamentos e estratégias adotadas pela CCB, muito embora sendo a primeira igreja pentecostal a nascer no Brasil, não experimentou um crescimento significativo, como as outras igrejas, que nasceram posteriormente. Em

¹⁹¹ MATOS, 2006, p. 40.

¹⁹² OLIVEIRA, 2004. p. 28.

¹⁹³ MATOS, 2006, p. 40-41.

1930, a Congregação Cristã tinha sete membros para cada três da Assembléia de Deus; todavia, em fins dos anos 40 foi ultrapassada pela sua rival.¹⁹⁴

2.3.3.3.1.2 Assembléia de Deus

A Assembléia de Deus (AD) foi a segunda igreja pentecostal a instalar-se no Brasil; Teve início com a chegada de dois suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, provenientes dos Estados Unidos. Eles eram de origem batista e haviam sido influenciados pelo pentecostalismo americano. Chegaram ao Brasil em 1911 e localizaram-se na cidade de Belém, Estado do Pará. Enquanto oravam com um patrício, este profetizou que deveriam ir para um lugar chamado Pará.¹⁹⁵ Os dois obreiros fixaram-se em Belém,

onde passaram a freqüentar a Igreja Batista, cujo pastor, Erik Nilsson ou Eurico Nelson, também era sueco. Alguns meses depois, a mensagem pentecostal de Vingren e Berg produziu uma divisão na igreja, surgindo assim o primeiro grupo da nova denominação, que inicialmente foi chamado “Missão de Fé Apostólica”, um dos nomes dos primeiros grupos pentecostais dos Estados Unidos. Só alguns anos mais tarde foi adotado o nome Assembléia de Deus.¹⁹⁶

Nascia assim mais uma igreja cristã no Brasil, gestada dentro de uma comunidade histórica, com a participação de cristãos que tinham raízes batistas, mas que saíram em busca de um modelo de igreja que fosse mais compatível com suas experiências com o Espírito Santo.

A AD tornou-se uma igreja bastante conservadora quanto à moral, usos e costumes, proibindo as mulheres de cortar os cabelos, usar calça comprida, jóias e maquiagem pesada e os homens de andar sem camisa, usar bermuda, etc.¹⁹⁷ Atualmente, entretanto, estas práticas tem sido alteradas, com maior flexibilização na maioria das igrejas AD.

Quanto às peculiaridades da igreja, Freston aponta para o seu sistema de governo “oligárquico e caudilhesco”, que seria fruto da influência cultural nordestina. Exemplo disso são os diferentes “ministérios”, nem sempre

¹⁹⁴ MATOS, 2006, p. 40.

¹⁹⁵ MATOS, 2006, p. 41.

¹⁹⁶ MATOS, 2006, p. 41-42.

¹⁹⁷ OLIVIRA, 2004, p. 29-30.

amistosos entre si, e a grande autoridade exercida pelo “pastor presidente”, verdadeiro bispo de uma cidade ou região, sendo essa posição geralmente atingida após uma lenta ascensão.[...] A maior crise enfrentada pela igreja foi o cisma que deu origem à Convenção Nacional das Assembléias de Deus de Madureira¹⁹⁸

Diferente da sua concorrente direta nos primeiros anos de sua história, Congregação Cristã do Brasil, que não dispõe de literatura própria, a AD publica, desde 1930, um periódico oficial, um jornal denominado *Mensageiro da Paz* e conta hoje com uma editora de grande expressão, com tradução e publicação de obras clássicas de teólogos protestantes. Muito embora no início de sua história, a AD não se preocupasse com a formação teológica dos seus líderes, hoje isso mudou, tendo ela se preocupado com a formação intelectual e teológica de seus obreiros, criando cursos de teologia em diversas cidades do Brasil.¹⁹⁹

A Igreja AD, a segunda igreja pentecostal a nascer no Brasil, foi, sem dúvida, a que mais se expandiu e cresceu, espalhando-se pelo Brasil a fora, a partir de sua sede em Belém do Pará até 1930 e Rio de Janeiro a partir de então.²⁰⁰ “Atualmente, a Assembléia de Deus é a maior denominação evangélica da América Latina”.²⁰¹

Dado interessante para este trabalho é que os pentecostais começaram a pregar dentro de duas igrejas protestantes históricas, ou seja, Presbiteriana, em São Paulo e Batista em Belém. Como interpretavam a Bíblia de maneira diferente que a do Protestantismo histórico sobre o batismo do Espírito Santo, foram expulsos destas igrejas e acabaram dando origem às Igrejas Cristã do Brasil e Assembléia de Deus.²⁰²

2.3.3.3.2 A Segunda Onda

Segundo Oliveira, “segunda onda pentecostalista teve início no Brasil nos anos 50. Este período também marca a emergência de uma nova sociedade urbana com o

¹⁹⁸ MATOS, 2006, p. 41-42.

¹⁹⁹ MATOS, 2006, p. 43.

²⁰⁰ OLIVEIRA, Estevam Fernandes. *Conversão ou adesão*: uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil. Rio de Janeiro: Proclama Editora, 2004. p. 30.

²⁰¹ BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira*: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: Koinonia, 2003. p. 117.

²⁰² MATOS, 2006, p. 42.

processo de migração em massa para os grandes centros, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro”.²⁰³

Bittencourt Filho concorda com esta análise e acrescenta que

Após a segunda guerra mundial, o Brasil passou a vivenciar um êxodo rural e um significativo crescimento urbano e industrial acompanhado pelas transformações correspondentes. O Pentecostalismo adaptou-se muito bem a esse novo quadro e passou a desempenhar a função de integrar seus adeptos aos percalços da transição da sociedade ‘tradicional’ para a ‘moderna, por intermédio da criação de novas denominações autóctones, que mais tarde, com outras tantas, irão compor o conjunto que apelidamos Pentecostalismo Autônomo.²⁰⁴

Também chamado de pentecostalismo de transição, a segunda onda de nascimento de igrejas pentecostais foi ainda mais fértil em termos de fragmentação do Cristianismo. Os missionários americanos Harold Williams e Raymond Boatright promoveram e lideraram o que ficou conhecida como “Cruzada Nacional de Evangelização”, com ênfase na pregação centrada na cura divina e difundida pelo rádio, concentrações públicas em ginásios de esportes e estádios de futebol, tendas armadas especialmente para as conferências, alçando milhares e milhares de pessoas.²⁰⁵

Deste movimento nasceram e se desenvolveram muitas novas igrejas, sendo as mais importantes a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), Igreja Evangélica o Brasil para Cristo (BPC) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA).

2.3.3.3.2.1 Igreja do Evangelho Quadrangular

Muito embora tenha iniciado no Brasil, em São João de Boa Vista, São Paulo, em 1951, só foi estruturada como Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) em 1955. De origem norte-americana, a IEQ é vista como o único caso dentre as igrejas pentecostais brasileiras, que pode ser considerada uma filial da congênere norte-americana, muito embora as outras também tivessem sido iniciadas por estrangeiros. Desde a sua plantação, esta igreja tem crescido constantemente, sendo uma de suas peculiaridades

²⁰³ OLIVEIRA, 2004. p. 31.

²⁰⁴ BITTENCOURT FILHO, 2003. p. 116.

²⁰⁵ OLIVEIRA, 2004. p. 31.

a forte ênfase dada ao ministério feminino, tendo sido fundada nos Estados Unidos por uma mulher, a canadense Aimeé Semple McPherson.²⁰⁶ Surgiu inspirada numa visão da missionária que relacionou os quatro querubins de Ezequiel com quatro ângulos do ministério de Jesus: o salvador, o batizador com o Espírito Santo, o grande médico e o rei que há de voltar.²⁰⁷

Com este slogan, Cristo salva, Cristo batiza, Cristo cura e Cristo voltará, esta igreja tem sido perseverante no trabalho evangelístico, divulgando a Bíblia, mantendo programas de rádio, organizando institutos bíblicos para formação de pastores e pastoras.

2.3.3.3.2 Igreja Evangélica o Brasil para Cristo

A Igreja Evangélica o Brasil para Cristo (BPC) foi fundada pelo pernambucano Manoel de Mello, em 1955, filho de pai católico e mãe assembleana.²⁰⁸ Segundo Matos,

um dos primeiros pastores da Igreja Quadrangular brasileira foi Manoel de Mello, um ex-evangelista da Assembléia de Deus. Em 1955, ele separou-se da Cruzada Nacional de Evangelização e organizou a campanha "O Brasil Para Cristo", da qual surgiu a igreja com o mesmo nome, a Igreja Evangélica o Brasil para Cristo.²⁰⁹

Note-se a figura do *Peregrino* presente na gênese desta igreja. Seu fundador, Manoel de Mello passa de ex-evangelista da AD a pastor da IEQ para fundador da Igreja o Brasil para Cristo (BPC). Como afirma Hervieu-Léger, "o peregrino emerge como uma figura típica do religioso em movimento".²¹⁰

Uma nota de destaque para a igreja BPC é que, por iniciativa de seu fundador e líder maior, esta igreja fez parte do Conselho Mundial de Igrejas (CMI)²¹¹ de 1969 até 1986.²¹²

²⁰⁶ MATOS, 2006, p. 43.

²⁰⁷ LEITE FILHO, Tácito da Gama. *Seitas neopentecostais*. 2. ed. Rio de Janeiro : JUERP, 1991, p. 33. (seitas do nosso tempo, v. 3).

²⁰⁸ OLIVEIRA, 2004. p. 33.

²⁰⁹ MATOS, 2006, p. 44.

²¹⁰ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89.

²¹¹ O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) é um órgão ecumênico criado em 1948 em Amsterdã - Holanda

²¹² MATOS, 2006, p. 44.

A Igreja BPC foi a primeira igreja pentecostal puramente brasileira, ou seja, fundada por um brasileiro para alcançar os brasileiros, cuja palavra de ordem era “Ganhar o Brasil para Cristo”. Carismático que era, Manoel de Mello conseguia encher o Estádio Pacaembu, em São Paulo, com concentrações chamadas de *tarde da bênção* com grande ênfase em milagres e curas divinas.²¹³

E 1979 a Igreja BPC inaugurou o seu enorme templo, na Lapa, São Paulo, considerado na época o maior templo evangélico do mundo, com capacidade para 25 mil pessoas sentadas.²¹⁴ A Igreja cresceu e se espalhou pelo Brasil e alguns países vizinhos, mas desagregou-se com a morte de seu líder em 1990.²¹⁵

2.3.3.3.2.3 Igreja Pentecostal Deus é Amor

A exemplo da Igreja BPC, a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) também foi fundada por um brasileiro, em 1962. Trata-se de

David Miranda, nascido em 1936, filho de um agricultor do Paraná. Vindo para São Paulo, ele se converteu numa pequena igreja pentecostal e em 1962 iniciou sua própria igreja na Vila Maria. Pouco depois a igreja transferiu-se para o centro da cidade, sendo em 1979 adquirida a “sede mundial” da Baixada do Glicério, onde há poucos anos foi construído um dos maiores templos evangélicos do Brasil. A Igreja Deus é Amor até hoje não utiliza a televisão, mas é proprietária de uma rede de emissoras de rádio e transmite os seus programas para toda a América Latina. Destaca-se como a mais rígida e legalista de todas as igrejas pentecostais. Sua direção continua firmemente nas mãos do missionário fundador.

A iniciativa de fundar igrejas passa a se tornar uma prática muito comum a partir da década de 50. E cada líder institui as regras de acordo com sua visão de cristianismo. A IPDA, por exemplo, é radical nas questões éticas e espirituais. Segundo Oliveira, ainda hoje, proíbe a prática de jogos e uso de métodos anticoncepcionais. Proíbe também seus membros de cursarem seminários teológicos e até mesmo de estudarem qualquer instrumento musical, por entender que tanto a teologia como a arte desviam o homem dos caminhos do Senhor.²¹⁶

²¹³ OLIVEIRA, 2004. p. 34.

²¹⁴ LEITE FILHO, 1991, p. 35.

²¹⁵ OLIVEIRA, 2004. p. 35.

²¹⁶ OLIVEIRA, 2004. p. 35.

A IPDA focou seu alvo e ficou restrita a pessoas mais humildes e de classes sociais mais baixas, tomando o caminho do sectarismo e na não modernização.²¹⁷ Usa estratégia de fazer proselitismo entre outros grupos pentecostais.

Analisando as origens do movimento pentecostal, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, chega-se à conclusão de que o seu núcleo está numa interpretação diferente sobre a atualidade da ação do Espírito Santo na vida dos crentes, que Shaull chama de “No reino do Espírito: Poder para viver aqui e agora”²¹⁸. Examinando esta nova hermenêutica pentecostal relacionada à ação do Espírito Santo, ele indaga:

Como é que lendo a Bíblia por tantos anos não percebemos algo que se distingue de modo tão claro e central na história bíblica, do começo ao fim? Sejam Moisés ou os profetas, Jesus ou Paulo o centro da nossa atenção, não podemos escapar ao fato de que todos eles são pessoas essencialmente ligadas ao reino do Espírito e que nele tem a fonte de sua vida e poder²¹⁹.

Shaull propõe uma releitura da Bíblia, a fim de que se possa desfrutar da abundância de vida no Espírito, a exemplo dos cristãos pentecostais, entendendo ser esta a grande contribuição que o movimento trouxe para o protestantismo histórico e para o Cristianismo de um modo geral.

2.3.3.3.3 A Terceira Onda

A terceira onda do pentecostalismo brasileiro é também chamada de neopentecostal, pentecostalismo autônomo e pós-pentecostal. Inicia-se na década de 70 empurradas pela “modernização autoritária do país, principalmente na área das comunicações; a sociedade é *marcadamente urbana* e o *milagre econômico* está chegando ao fim”.²²⁰

Segundo Matos, “o acontecimento mais marcante das últimas décadas no âmbito religioso do Brasil foi o surgimento do neopentecostalismo, notadamente sua expressão

²¹⁷ OLIVEIRA, 2004. p. 35.

²¹⁸ CESAR; SHAULL, 1999. p. 201.

²¹⁹ CESAR; SHAULL, 1999. p. 209.

²²⁰ OLIVEIRA, 2004. p. 36.

mais espetacular, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).²²¹

Por sua vez, Oliveira afirma que

em sua grande maioria, as igrejas neopentecostais são autóctones, formadas de sólidas lideranças, geralmente avessas ao ecumenismo e marcadas também por imensa oposição às religiões afro-brasileiras e ao catolicismo. Elas têm forte organização empresarial e adotam técnicas de marketing para difusão de sua mensagem através do uso de meios de comunicação de massa.²²²

Siepierski prefere o termo pós-pentecostalismo entendendo que há um afastamento do pentecostalismo clássico, tendo como cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual, além de um abandono do pré-milenarismo e um retorno ao pós-milenarismo, no que tange à escatologia.²²³

Bittencourt Filho, por sua vez, utiliza o termo pentecostalismo autônomo dizendo que

por apresentarem peculiaridades doutrinárias e práticas religiosas singulares, bem como por não reivindicarem vínculos históricos explícitos, chamamos esse conjunto de Pentecostalismo Autônomo. Uma particularidade importante deste agrupamento denominacional é que o seu rol não se esgota. Em razão de divisões internas e cisões, novas denominações estão surgindo e surgirão no futuro.²²⁴

O fato é que se vive um momento novo no protestantismo brasileiro, efervescente, com influências mútuas, mas com mudanças significativas, tanto na liturgia das igrejas, como também no teor das mensagens proclamadas nos púlpitos, muito mais voltados para o suprimento das necessidades das pessoas. Segundo Matos, “esse novo pentecostalismo se adapta muito bem à moderna cultura urbana influenciada pela televisão e pela ética do capitalismo de consumo”.²²⁵

Campos afirma que

as siglas e nomes fazem parte de uma listagem interminável, alimentadas por novas cisões, cuja maioria se dá mais por questões administrativas e organizacionais do que teológicas, não param de acontecer, exigindo dos

²²¹ MATOS, 2006, p. 44.

²²² OLIVEIRA, 2004. p. 36-37.

²²³ SIEPIERSKI. 2003, p. 78-79.

²²⁴ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 122.

²²⁵ MATOS, 2006, p. 45.

analistas a elaboração de enormes coleções de nomes e tendências 'pentecostais'.²²⁶

Como exemplo destas inúmeras novas igrejas, que tem abalado o mundo cristão, especialmente no Brasil, menciona-se as que tem tido maior expressão no cenário nacional. Igreja de Nova Vida, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Internacional da Graça de Deus, Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra, Igreja Mundial do Poder de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus.

2.3.3.3.1 Igreja Pentecostal de Nova Vida

Esta igreja nasceu na década de 1960, tendo seu templo sido inaugurado em 1970, no bairro Botafogo, um bairro da zona sul do Rio de Janeiro, por iniciativa de um pastor canadense, Walter Robert McAlister. Este pastor nasceu e estudou no Canadá, filho de pastor pentecostal, dedicou-se a escrever e a percorrer o mundo realizando campanhas evangelísticas, sobretudo de libertação espiritual dos demônios.²²⁷

A Igreja Pentecostal de Nova Vida (IPNV) surgiu com o propósito de alcançar uma camada da sociedade que o pentecostalismo ainda não havia conseguido atingir. “Sua membresia é formada de pessoas de classe média. Sua organização é episcopal e por isso difere daquelas voltadas para as camadas mais pobres da sociedade. É uma Igreja que pensa e faz teologia, constrói templos, ganha almas para o Reino”.²²⁸

Dado muito importante é que a IPNV desempenhou um papel marcante no neo-pentecostalismo brasileiro, como formadora e provedora de quadros de liderança das duas maiores igrejas neo-pentecostais do país. Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares, que fundaram juntos a Igreja Universal do Reino de Deus e depois este último que fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus são frutos da formação da IPNV.²²⁹ Outro dado importante é que as principais doutrinas neo-pentecostais foram gestadas no seio desta igreja: “valorização da prosperidade financeira, ausência do rigor

²²⁶ CAMPOS, 1997, p. 50.

²²⁷ LEITE FILHO, 1991, p. 37.

²²⁸ LEITE FILHO, 1991, p. 37.

²²⁹ OLIVEIRA, 2004, p. 40.

legalista e combate ao espiritismo em suas várias expressões, especialmente as religiões afro-brasileiras”.²³⁰

Precisa ser destacado também que a IPNV foi uma das igrejas pioneiras no uso da mídia, especialmente rádio e da televisão, para a divulgação de sua mensagem sendo proprietária da Radio Relógio, além de ter editora própria.

2.3.3.3.2 Igreja Universal do Reino de Deus

O nascimento da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é tido como um dos mais importantes acontecimentos do século XX no campo religioso latino americano.

talvez não seja, em número de adeptos, a mais importante das novas igrejas surgidas no Terceiro Mundo ao longo do século XX, mas ela o é, incontestavelmente, por outros motivos: de um lado, por seu caráter multinacional e, de outro, por sua grande habilidade com os aparelhos da mídia, em especial a televisão. [...] No Brasil a Igreja Universal transformou-se no mais surpreendente e mais considerável fenômeno religioso das duas últimas décadas.²³¹

Tem sido alvo de inúmeros estudos e pesquisas por parte de estudiosos tanto na área da teologia como também da sociologia e outras ciências que investigam fenômeno de tal envergadura.

A IURD nasceu no dia 9 de Julho de 1977, na Avenida Suburbana, bairro Abolição, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, por iniciativa do bispo Edir Bezerra Macedo, juntamente com Romildo Ribeiro Soares, Roberto Augusto Lopes e Carlos Rodrigues.²³² Seu fundador converteu-se ao pentecostalismo aos 18 anos, na Igreja Pentecostal de Nova Vida onde permaneceu por 11 anos. Contrariado pelo elitismo da IPNV, desligou-se da mesma, dando origem à Cruzada do Caminho Eterno e depois Igreja Universal do Reino de Deus.²³³

²³⁰ OLIVEIRA, 2004. p. 40

²³¹ ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Org.). *Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p.13-14. (Coleção religião e cultura).

²³² OLIVEIRA, 2004. p. 45

²³³ MARIANO, Ricardo. A Igreja Universal no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Org.) *Igreja Universal do Reino de Deus : Os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003 p. 53-54. (Coleção religião e cultura).

Ricardo Mariano analisa o surgimento da IURD procurando contextualizá-lo a fim de entender um pouco melhor as razões de seu rápido crescimento e expansão. Segundo ele:

O contexto socioeconômico, cultural, político e religioso no qual a Universal surgiu e prosperou lhe foi assaz favorável. Basta atentar, no decorrer deste período, para: a agudização das crises social e econômica brasileiras; o elevado aumento do desemprego; o recrudescimento da violência e da criminalidade; a 'destraditionalização' e modernização sociocultural; a vigência de plena liberdade religiosa e de um mercado religioso pluralista; a baixa regulação estatal da religião; o enfraquecimento religioso, a secularização e o declínio numérico da Igreja Católica; a larga e contínua expansão pentecostal em todo o território brasileiro desde a década de 1950; a extensa difusão dos meios de comunicação de massa e a relativa facilidade de acesso a eles; a ampla aceitação pelos estratos populares da oferta de crenças e práticas religiosas (sobretudo as de origem e tradição cristãs) de cunho mágico, terapêutico e taumatúrgico.²³⁴

Note-se que o nascimento da IURD, bem como desta nova modalidade pentecostal, não aconteceu num vácuo, mas dentro de um quadro bem definido e propício. Por sua vez, é preciso reconhecer que seus organizadores tiveram a percepção da realidade e se aproveitaram da situação para entrar com uma proposta revolucionária.

Leonildo Silveira Campos desenvolveu um dos trabalhos mais completos sobre a IURD. Ele entende que a IURD está inserida num

pentecostalismo tardio, cuja especificidade está justamente em adequar a sua mensagem às necessidades e desejos de um determinado público. Trata-se de uma Igreja que atua dentro de um quadro de pluralismo religioso, cuja estratégia é localizar nichos de pessoas insatisfeitas, provocando nelas estímulos diferenciados a fim de atraí-las para novas experiências religiosas.²³⁵

Depois de analisar o momento sócio-político-econômico vivido pelo Brasil no final dos anos 70, destacando o processo acelerado de urbanização e as suas conseqüências como problemas sociais com a violência e o desemprego, que são intensificados com o fim do *milagre econômico*, Oliveira faz menção dos milhares de excluídos que precisam encontrar uma solução para a solidão que enfrentam, a perda

²³⁴ MARIANO, 2003, p. 53.

²³⁵ CAMPOS, 1999, p. 52.

de referenciais simbólicos como a família e a tradição religiosa. É neste contexto que surge e se apresenta a IURD. Segundo ele:

A IURD é, pois, uma igreja essencialmente urbana, cuja mensagem é voltada para alcançar os *excluídos* da cidade, tanto os de natureza econômica, em virtude do processo produtivo e que estão desempregados, à espera de um *milagre econômico*, como também os excluídos dos templos, cheios de necessidades espirituais, à procura do *milagre da fé*.²³⁶

Outros detalhes relevantes em termos de estratégias utilizadas pela IURD e mui especialmente pelo seu líder, é destacado por Matos ao afirmar que

Macedo residiu nos Estados Unidos de 1986 a 1989. Quando voltou para o Brasil, transferiu a sede da igreja para São Paulo e adquiriu a Rede Record de Televisão. À medida que construía um império econômico e de comunicações, a igreja também se preocupou em buscar sustentação política, elegendo em 1990 três deputados federais, e outros mais em anos posteriores. Em 1992, Macedo esteve preso por doze dias sob a acusação de estelionato, charlatanismo e curandeirismo.²³⁷

Neste curto período de tempo, 32 anos, a IURD se multiplicou a ponto de estar presente em praticamente todos os países do mundo.

Hoje tem quarenta luxuosas catedrais, mais de 4.700 templos e quase 10 mil pastores só no Brasil. Em média, a cada quinze dias, a Igreja Universal do Reino de Deus constrói um templo e transfere um dos seus obreiros para fora do país. É a maior distribuidora de Bíblias e uma das maiores locatárias do país (paga o aluguel de 8.806 imóveis). Já se estabeleceu em quase todos os países do globo e em alguns faz tanto sucesso como no Brasil. Na Argentina, a igreja tem cinco catedrais, mais de 150 templos, trezentos núcleos, duzentos pastores e 66 horas de programas de televisão por semana, além do jornal *El Universal*, com tiragem de 170 mil exemplares. A catedral de Guayaquil, no Equador, tem 7.500 metros de área construída e custou 8 milhões de dólares. A de Soweto, na África do Sul, ficou por 20 milhões. Em Portugal estão sendo construídas duas catedrais, uma em Lisboa e outra no Porto. Macedo pretende construir a mais arrojada catedral da Universal em um quarteirão de 28 mil metros quadrados no bairro do Brás, na cidade de São Paulo. Orçado em 200 milhões de reais, o templo terá dezoito andares e acomodará 13 mil fiéis assentados.²³⁸

Note-se aí uma expansão extraordinária que tem sido referência para muitos cristãos, tanto católicos como de linha protestante histórica e pentecostal, que, inspirados na experiência de Edir Macedo e a IURD, tem se aventurado na abertura de

²³⁶ OLIVEIRA, 2004, p. 19.

²³⁷ MATOS, 2006, p. 46.

novas igrejas, sendo eles mesmos seus principais protagonistas. Conforme afirmam Oro, Cortez e Dozon,

neste contexto de mudança, a Igreja Universal, organização gigantesca, está acompanhada por uma miríade de pequenas igrejas. São literalmente dezenas de milhares, entre as quais várias centenas de igrejas transnacionais de pequeno, médio e grande porte. O movimento penetra hoje também a Ásia – Coreia, Filipinas, Malásia, Indonésia, Timor Oriental, Burma, Índia – servindo, às vezes, como meio de identificação étnica.²³⁹

Assim sendo, pode-se observar como o nascimento de uma igreja inspira o nascimento de muitas outras, o que vem acontecendo de maneira desordenada e descontrolada ao redor do mundo, mas particularmente no Brasil.

2.3.3.3.3 Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra

Uma das poucas igrejas de expressão nacional, desta “onda” pentecostal, que nasceu fora do eixo Rio - São Paulo, a Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra (CESNT) nasceu em Goiânia em 1973, vindo a ser oficializada em 1976 fundada por Robson Rodovalho. Com formação kardecista, por influência da mãe, Rodovalho “cresceu freqüentando sessões de mesa branca, na casa da avó, e festas e giras de umbanda nas tendas da fazenda da família, onde tinham empregados vindos da Bahia.”²⁴⁰ Converteu-se num retiro espiritual da Igreja Presbiteriana, freqüentou a Mocidade para Cristo e depois fundou sua própria igreja.

A ênfase da CESNT está na prática do louvor, onde, através de cânticos e hinos espirituais as pessoas vão recebendo a cura e a libertação dos problemas, pela ação do Espírito Santo. A grande estratégia da comunidade é a organização de pequenos grupos familiares e grupos de estudo bíblico. Sobretudo no centro-oeste do país, existem milhares destes grupos, que servem para a edificação dos seus membros e a proclamação de sua mensagem.²⁴¹

²³⁸ ULTIMATO. Viçosa- MG : Editora Ultimato, a. XLI, n. 313, jul./ago. 2008. p. 20-21.

²³⁹ ORO; CORTEN; DOZON; 2003, p. 18.

²⁴⁰ OLIVEIRA, 2004. p. 44.

2.3.3.3.4 Igreja Internacional da Graça

Inicialmente andando lado a lado com seu cunhado Edir Macedo, o missionário Romildo Ribeiro Soares (R.R. Soares) desligou-se da IURD em 1980 para dar origem à Igreja Internacional da Graça de Deus (IIG), com muitas marcas da anterior, entretanto com menor repercussão.²⁴²

Filho de mãe Católica e pai presbiteriano, R.R. Soares teve também influência da Igreja Batista, à qual freqüentou em sua mocidade, fazendo parte depois da Igreja Pentecostal de Nova Vida, Cruzada do Caminho Eterno e Universal do Reino de Deus, tendo sido ordenado pastor na Casa de Bênção.²⁴³ Note-se aí mais um genuíno peregrino, que recebe várias influências religiosas e que segundo Hervieu-Léger,

corresponde a uma forma de sociabilidade religiosa em plena expansão que se estabelece, ela mesma, sob o signo da mobilidade e da associação temporária. A condição moderna se caracteriza pelo imperativo que se impõe ao indivíduo de produzir ele mesmo as significações de sua própria existência através da diversidade das situações que experimenta, em função de seus próprios recursos e disposições. [...] Ora a 'condição de peregrino' se define essencialmente a partir desse trabalho de construção biográfica – efetuado pelo próprio indivíduo. [...] Se insere nas operações de bricolagem que permitem ao indivíduo ajustar suas crenças aos dados de sua própria experiência. Cada um assume a responsabilidade pessoal de dar forma à referência à linhagem com a qual se identifica. Essa 'religiosidade peregrina' individual, portanto, se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora, ao mesmo tempo que pela incerteza das pertenças comunitárias às quais pode dar lugar.²⁴⁴

A IIG possui editora e gravadora próprias, através das quais publica as inúmeras obras de R.R. Soares e grava os mais diferentes CDs com mensagens e músicas deste e de outros cantores e cantoras estilo gospel. Utiliza-se também, com propriedade, da televisão, possuindo um canal de televisão e ocupando vários espaços em outras emissoras, inclusive em canais por assinatura. Possui também uma Faculdade de Teologia, na qual oferece preparo para os seus pastores.

²⁴¹ OLIVEIRA, 2004, p. 44.

²⁴² MARIANO, 2003, p. 54.

²⁴³ OLIVEIRA, 2004, p. 41.

2.3.3.3.5 Igreja Apostólica Renascer em Cristo

A Igreja Apostólica Renascer em Cristo (IARC) nasceu em 1986, na cidade de São Paulo, por iniciativa do pastor Estevam Hernandes Filho, hoje apóstolo, e de sua esposa Sônia Hernandes, hoje bispa. Ele é de origem pentecostal e ela, filha de um pastor presbiteriano.²⁴⁵

Com sua mensagem mais voltada para a teologia da prosperidade e na batalha espiritual, visão de que existe uma luta constante entre o bem e o mal, entre forças diabólicas e o próprio Deus, na condução dos destinos do mundo e do nosso dia-a-dia, a IARC utiliza-se muito da mídia para a divulgação de sua mensagem. Usa muito a música, o que lhe ocasionou a criação da sua própria gravadora, a Gospel Record. Tem também a sua própria emissora de rádio, a Rádio Nacional Gospel 92.0, dentre outras, através das quais divulga seus programas musicais, utilizando ritmos bem populares como rock, rap, funk, samba, tocados por bandas da própria igreja.²⁴⁶

Outro detalhe importante é que “em setembro de 1990, a igreja foi transformada em Fundação Renascer, cujo objetivo era a melhor administração dos seus bens e maior captação de recursos financeiros e também donativos”.²⁴⁷

Segundo Matos, “a Igreja Renascer exemplifica um pentecostalismo de classe média e tem forte apelo junto à juventude e a celebridades do esporte e da mídia.”²⁴⁸ Como exemplo disso pode-se mencionar o jogador da seleção brasileira Kaká, que tem sido o “garoto propaganda” da IARC.

Na área financeira, entretanto, é que a IARC tem sido mais questionada, sobretudo diante das altas doações do jogador Kaká, da Seleção Brasileira e dos escândalos envolvendo o casal Estevam e Sônia, quando tentaram entrar nos Estados Unidos com dólares não declarados. O casal permaneceu por um tempo preso naquele país e acaba de retornar para o Brasil.

²⁴⁴ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 89-90.

²⁴⁵ OLIVEIRA, 2004. p. 41.

²⁴⁶ OLIVEIRA, 2004. p. 42

²⁴⁷ OLIVEIRA, 2004. p. 42

2.3.3.3.6 Igreja Mundial do Poder de Deus

A Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) é a mais recente e mais crescente dentre as igrejas neo-pentecostais de grande expressão de no Brasil. Foi organizada no dia 9 de março de 1998, pelo apóstolo Valdemiro Santiago. Ele e sua esposa, bispa Franciléia, com um pequeno grupo de pessoas, todos provenientes da IURD, onde Valdemiro era bispo e recebeu a formação 'pastoral', inauguraram o primeiro templo desta igreja localizado em Sorocaba a 90 quilômetros da cidade de São Paulo.²⁴⁹

O próprio Valdemiro, em entrevista para a Revista Eclésia, descreve como nasceu a IMPD. Ele afirma:

É até difícil explicar como começou, mas foi pela vontade de Deus. Durante 18 anos, fiz parte de outro ministério. Mas aí comecei a discordar da forma como essa igreja estava agindo. Na minha opinião, já não pregava a Bíblia e ensinava o Evangelho como aprendemos. A Palavra de Deus é simples demais e sempre procurei pregá-la dessa maneira. Já não via isso na igreja. Cheguei na minha esposa e disse a ela que não me sentia bem, pois não pregávamos mais a verdade. Mas era obrigado a obedecer à direção. Oramos a Deus e ele colocou em nosso coração para que saíssemos. Nada foi planejado. As pessoas souberam de nosso desligamento, estranhavam, perguntavam por que estávamos saindo e o que iríamos fazer. Eu apenas dizia que queria pregar o Evangelho de Jesus. Queria saber como se chamaria a nova igreja. Eu não dizia. Falar o quê? Não havia parado para pensar nisso. Mas uma vez estava no carro, quando um amigo fez a pergunta e disse de supetão "Mundial do Poder de Deus". Não estava preocupado com isso, veio de repente.²⁵⁰

Note-se que é comum aos fundadores de igreja atribuir isso à vontade de Deus. Difícilmente alguém assume que foi intencional a saída de determinado grupo visando a organização de nova igreja.

Relatando como foi o primeiro encontro da sua nova igreja, Valdemiro destaca:

Antes da primeira reunião, passamos a semana inteira evangelizando. Até estava acostumado com multidões. Na África, em menos de dois anos, batizamos quase 50 mil pessoas. Por isso, os primeiros resultados foram desanimadores. No horário da reunião, não havia ninguém. Atrasei meia hora e,

²⁴⁸ MATOS, 2006, p. 47.

²⁴⁹ Informações retiradas no site da IMPD. Disponível em: <<http://www.impd.com.br>> Acesso em : 02 nov. 2009.

²⁵⁰ SANTIAGO, Valdemiro. *Líder da Igreja Mundial do Poder Deus fala sobre sua vida e discute o que faz com que sua denominação seja a que mais cresce hoje no Brasil*. Entrevista concedida a Revista Eclésia. Disponível em: <<http://www.eclesia.com.br/>> Acesso em: 02 nov. 2009.

mesmo assim, só havia 16 pessoas. Contando com minha esposa, filhas e três ou quatro pastores. Mas era Deus trabalhando, amassando e moldando o barro. Com muito trabalho, o número de freqüentadores foi aumentando e, em dois meses, precisamos mudar pela primeira vez de salão, pois aquele em que estávamos havia se tornado pequeno. Hoje, a cada reunião, há 2 a 3 mil pessoas novas toda vez. Nossa preocupação é que venha também o crescimento espiritual.²⁵¹

Falamos sobre suas estratégias, afirma serem a pregação pura e simples da Palavra de Deus e uma prática de intensa oração que se constituem no segredo do seu êxito ministerial. Ele afirma:

Creio que se vemos curas e maravilhas em nosso meio, em grande parte é devido a essa busca. Eu não posso dar aquilo que não tenho, que não recebi. E só recebo se buscar. É a lei da sementeira: só colhe quem planta. Se Jesus buscava nas madrugadas, ia aos montes para orar, por que não seguimos seu exemplo? Muita gente costuma me criticar porque vou ao monte, dizendo que isso não existe mais, que é perigoso. Não critico essas pessoas e não quero saber desse tipo de crítica em relação a mim. Eu, um pecador, não deveria ir, deveria morar no monte, viver em vigílias. O importante é o resultado. E cada vez mais gente que segue este exemplo vem nos procurar feliz, liberta, salva, cheia da presença de Deus.²⁵²

Um dos segredos é orar no monte, segundo o próprio Valdemiro, também atestado pelo site da IMPD:

No começo era muito difícil devido a pouca divulgação do trabalho, que era feita por meio de panfletos e algumas fitas cassetes dos testemunhos. Mas apesar da falta de recursos, tínhamos a certeza que iríamos evangelizar o mundo. As dificuldades eram apenas o caminho para glorificar o nome de Jesus. Vimos como valeram a pena as madrugadas de orações, nossas idas ao monte e os jejuns, lembrando que esses sacrifícios são contínuos na vida de um homem de Deus.²⁵³

Indagado sobre o atual estado da igreja evangélica brasileira, Valdemiro expressa sua visão de maneira bem objetiva:

Infelizmente, temos de admitir que está enferma. Mudamos, modificamos certas regras, buscamos nos modernizar. O pastor quer acompanhar as mudanças na sociedade. O que não falta é gente sugerindo: você precisa mudar, acompanhar os novos tempos, evoluir, adaptar-se ao mundo, fazer política. A política é de Deus, embora alguns crentes tenham deixado a desejar. Mas não posso me confundir: sou um pastor. Em nossa igreja, Deus chamou pessoas para mexer com política. Se eu começar a negociar acordos, vou desvirtuar o Evangelho. A

²⁵¹ SANTIAGO,V. Disponível em: <<http://www.elesia.com.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

²⁵² SANTIAGO,V. Disponível em: <<http://www.elesia.com.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

²⁵³ Disponível em: <http://www.impd.com.br>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

mesma coisa acontecerá se quiser dirigir a igreja como uma empresa. Não sou empresário. Tenho políticos e empresários na igreja e nós os abençoamos. A meu ver, muitas autoridades espirituais, grandes homens de Deus estão divididos entre serem pastores e políticos ou empresários. Atribuo essa fraqueza à falta de ensino e à falta de tempo das lideranças para dedicar à pregação da Palavra. Se os líderes das grandes igrejas fizessem isso, descessem do pedestal, ficando em seus lugares – aos pés de Cristo –, experimentaríamos um avivamento de fato no Brasil e não somente de números.²⁵⁴

Perguntado sobre as razões porque há tanta rotatividade na membresia das igrejas evangélicas hoje, o apóstolo apresenta a sua solução:

A Bíblia trata o líder, o pastor, como um construtor. Aquele que é prudente precisa ver que materiais vai usar e como lançará o alicerce. Se, após verificar o solo, fará uma fundação superficial ou outra, mais profunda, mas que também ofereça mais segurança. Não sou engenheiro ou arquiteto, mas sei que sem trabalho, nada se faz. Trazendo para o lado espiritual, a mesma regra vale para a pregação. Nunca preguei milagres. Não é necessário falar de um cego há dois mil anos, se posso mostrar o cego curado hoje. A não ser quando a pregação fala da atitude daquele que foi curado: o cego que seguiu Jesus, aquele dentre os dez leprosos que voltou para agradecer. O material empregado é a Palavra de Deus. Nossa pregação e ensinamentos são ministrados nos cultos e em programas de televisão. Igrejas que normalmente fazem grandes movimentos, não têm tempo para pregação e ensino. Apenas realizam campanhas. As pessoas recebem – às vezes, não recebem, porque sem eles é difícil para receber – e Jesus é apresentado a elas como o dono do supermercado, do depósito, ao qual o interessado vai para comprar. Garanto que não temos problema de grande rotatividade. Atribuo isso à pregação. Ensino que o principal não pode ser o milagre físico ou financeiro, mas a salvação. Senão, quando estiver no deserto, sem milagres, o crente corre o risco de ficar igual aos hebreus no deserto e murmurar. Para permanecer na presença de Deus, temos que nos agradar dele como diz o Salmo 37 e nunca atribuir a Deus seus fracassos ou problemas. Com quem nos identificamos? Com Jó ou com sua esposa? Bênçãos e milagres são conseqüências da comunhão que temos com ele.²⁵⁵

Atualmente a IMPD possui aproximadamente 1300 templos localizados em todos os estados do Brasil e em 7 países : Japão, Moçambique, Portugal, Argentina, Uruguai, Paraguai e Colômbia. A sede está localizada em São Paulo numa construção denominada Grande Templo dos Milagres, localizada no Brás, construída sobre uma área de 43.000m².²⁵⁶

²⁵⁴ SANTIAGO,V. Disponível em: <<http://www.elesia.com.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

²⁵⁵ SANTIAGO,V. Disponível em: <<http://www.elesia.com.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

²⁵⁶ Informações retiradas no site da IMPD. Disponível em: <<http://www.impd.com.br>> Acesso em : 02 nov. 2009.

O neo-pentecostalismo tem se expandido como um mar pelo país, utilizando-se maciçamente dos meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão. Falando sobre a funcionalidade do neo-pentecostalismo, representado pela IURD, Dreher afirma que esta é “uma igreja episcopal, uma igreja de necessidades, uma igreja de mercado, uma igreja super-mercado”.²⁵⁷ Dreher afirma também que “enquanto o pentecostalismo é caracterizado por uma estrutura fortemente congregacional, desde o ponto de vista eclesiológico, a IURD tem uma estrutura centralizada em torno de seu fundador e primeiro bispo”.²⁵⁸ Já Leonildo Silveira Campos entende que o neo-pentecostalismo

praticado pela Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Renascer em Cristo, entre outras, elabora um discurso centrado na oferta de sonhos de prosperidade, saúde, bem-estar, ascensão social às pessoas situadas no ‘fundo do poço’, isto é, sem muitas chances de resolverem as suas aflições.²⁵⁹

Dando um passo além do que o pentecostalismo já havia dado, resgatando todo um sistema simbólico que se acha no imaginário do povo brasileiro, o neo-pentecostalismo tem alcançado as massas e seus objetivos. Por outro lado, tem ocasionado o surgimento de inúmeras pequenas igrejas, espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, objetos deste estudo. A grande maioria das novas e pequenas igrejas que tem surgido são de linha neo-pentecostal.

Entre a própria liderança pentecostal e neo-pentecostal, percebe-se uma preocupação com “a fragmentação do pentecostalismo em muitos grupos e igrejas e com a forte concorrência entre si. Tal preocupação se torna visível na expressão corrente entre pentecostais: ‘No céu não haverá placa de igreja’”.²⁶⁰ Mas aqui na terra as placas de igrejas se multiplicam, com nomes e molduras das mais estranhas, agravando muito o problema da fragmentação do Cristianismo. Novamente é preciso que se diga que o fenômeno de divisões entre os cristãos, com o nascimento de novas igrejas independentes, existe muito antes do movimento pentecostal, mas é preciso que se reconheça que este movimento tem acentuado grandemente o divisionismo cristão.

²⁵⁷ DREHER, 2007, p. 244.

²⁵⁸ DREHER, 2007, p. 244.

²⁵⁹ CAMPOS, 1999, p. 438.

²⁶⁰ BOBSIN, 2006, p. 78, 79.

A multiplicação de Igrejas Cristãs nasceu junto com o próprio Cristianismo. Nestes dois mil anos, o fenômeno só foi se acentuando, na medida em que a própria sociedade foi se diluindo. No próximo capítulo haverá uma tentativa de identificação dos fatores que desencadearam este fenômeno.

3. FATORES QUE TEM DESENCADEADO A MULTIPLICAÇÃO DE IGREJAS

3.1 Fatores Externos

3.1.1 O Contexto Social

3.1.1.1 A Pós-Modernidade

Pós-modernidade é um termo usado para identificar a sociedade do tempo presente. Embora exista polêmica acerca desta realidade, o fato é que se fala dela no mundo inteiro, tendo sido alvo de muitos estudos acadêmicos nas últimas décadas.

Conforme acentua Mary Rute Gomes Esperandio, há alguns estudiosos que negam o pós-modernismo, como Jürgem Habermas, afirmando que o projeto racionalista da modernidade ainda não se completou.²⁶¹

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, por sua vez, usou o termo pós-modernidade por algum tempo, mas admite que não é o mais adequado. Passou, então, a usar a expressão “modernidade líquida” para referir-se à contemporaneidade, enfatizando com isso a “fluidez” ou “liquidez” dos tempos atuais. Segundo Bauman, o conceito de “modernidade líquida” evita a equivocada interpretação de que a modernidade já tenha acabado, como sugere o prefixo “pós”, usado na expressão “pós-modernidade”. Para ele, somos tão, senão mais, modernos quanto nossos pais e avós. “Estamos numa fase da história da modernidade caracterizada por uma liquidez que é experimentada como permanente movimento, flexibilidade e inconstância de formas, uma impertinência geral das coisas”.²⁶²

Bauman ainda afirma que:

A virtude que se proclama servir melhor aos interesses do indivíduo não é a *conformidade* às regras (as quais, em todo caso, são poucas e contraditórias), mas a *flexibilidade*: a prontidão em mudar repentinamente de táticas e de estilo, abandonar compromissos e lealdades sem arrependimento – e buscar

²⁶¹ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Para entender pós-modernidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 6.

²⁶² ESPERANDIO, 2007, p. 46.

oportunidades mais de acordo com sua disponibilidade atual do que com as próprias preferências.²⁶³

Para o filósofo italiano Gianni Vattimo, “a pós-modernidade começou justamente quando se perdeu a crença na existência de uma linearidade na história do progresso”.²⁶⁴ O mesmo filósofo usa também a expressão “sociedade da modernidade tardia ou pós-modernas, e enfoca o niilismo detectado por Nietzsche como uma das principais características da contemporaneidade.²⁶⁵

Esperandio alerta quanto à compreensão de modernidade. Segundo ela,

compreende-se como modernidade, não um período histórico, mas uma visão de mundo, um ideário relacionado ao projeto de um mundo moderno. Esse ideário traz implicações importantes no campo das ciências e da vida social (econômica, política, etc.) e está fundado em uma *episteme* que lhe dá sustentação. A *episteme* moderna funda-se na razão como lócus privilegiado para a construção da verdade e do conhecimento sistemático e como base para o contínuo progresso do conhecimento e da sociedade.²⁶⁶

A pesquisadora acima aludida entende que, as diversas abordagens sobre a pós-modernidade contribuem para a conclusão de que,

as mais diversas perspectivas se constituem exatamente nisso : não em verdades totais e absolutas. São verdades perspectivas, que evidenciam o que somos capazes de construir hoje. Neste sentido, trata-se de verdades limitadas, frágeis, temporárias, permanentemente criadas e recriadas, que possibilitam, por isso mesmo, o enfraquecimento de nossa própria constituição subjetiva e nos ajudam a construir estratégias de luta no processo de afirmação criativa da vida.²⁶⁷

Para exemplificar as descontinuidades da modernidade, Esperandio menciona o declínio das metanarrativas e a fragmentação da verdade; o presentismo e a contração do tempo e do espaço; a relação entre ética, estética e consumo, capitalismo, globalização e trabalho.²⁶⁸

Por fim, Esperandio entende que pós-modernidade

²⁶³ BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 10.

²⁶⁴ ESPERANDIO, 2007, p. 45.

²⁶⁵ ESPERANDIO, apud Vattimo, 2007, p. 47.

²⁶⁶ ESPERANDIO, 2007, p. 30.

²⁶⁷ ESPERNADIO, 2007, p. 47.

é uma interpretação da contemporaneidade que emerge como expressão de uma nova forma de pensar, compreender e traduzir o capitalismo, a globalização, a produção de subjetividade, as lutas empreendidas pelos movimentos sociais, etc., cujas implicações teórico-práticas ainda estão por ser desenhadas.²⁶⁹

Ayres, por sua vez, entende a pós-modernidade como um momento de grande confusão. Ele afirma:

O ser humano contemporâneo está fragmentado em suas convicções, inseguro quanto a seu futuro, ideologicamente decepcionado, órfão dos valores da religião. Perdido e esfomeado diante das múltiplas e variadas opções que lhe são oferecidas, morre de inanição, como o asno que morreu de fome em meio a vários montes de feno, por não saber qual deles comer.²⁷⁰

Infelizmente Ayres não está sozinho nesta percepção complicada da sociedade deste tempo. Bauman descreve a sociedade atual como sendo:

Uma população heterônoma, infeliz e vulnerável, confrontada e possivelmente sobrepujada por forças que não controla nem entende totalmente; uma população horrorizada por sua própria vulnerabilidade, obcecada com a firmeza de suas fronteiras e com a segurança dos indivíduos que vivem dentro delas – enquanto é justamente essa firmeza de fronteiras e essa segurança da vida dentro delas que geram um domínio ilusório e parecem ter a tendência de permanecer como ilusões enquanto o planeta for submetido unicamente à globalização *negativa*. [...] A vida social se altera quando as pessoas vivem atrás de muros, contratam seguranças, dirigem veículos blindados, portam porretes e revólveres, e freqüentam aulas de artes marciais. O problema é que essas atividades reafirmam e ajudam a produzir o senso de desordem que nossas ações buscam evitar.²⁷¹

Seria possível multiplicar autores que abordam a questão da pós-modernidade, entretanto, estes mencionados já servem de indicativos para uma reflexão mais aprofundada sobre a sociedade atual, berço propício para a gestação e nascimento de novas comunidades cristãs, no município da Serra e em todo o mundo.

²⁶⁸ ESPERANDIO, 2007, p. 47-48.

²⁶⁹ ESPERANDIO, p. 80.

²⁷⁰ AYRES, Antônio Tadeu. **Como entender a pós-modernidade**: o desafio de conduzir a igreja segundo os princípios bíblicos. São Paulo: Vida, 1998, p. 6.

3.1.1.1.1 O Individualismo

Dentre as muitas características da pós-modernidade, que contribuem diretamente na multiplicação de igrejas, pode ser destacado o individualismo, que se manifesta na falta de lealdade ao grupo e dificuldade para compromissos duradouros.

Prandi descreve como isso acontece no campo religioso:

As mais díspares religiões, assim, surgem nas biografias dos adeptos como alternativas que se podem pôr de lado facilmente, que se podem abandonar a uma primeira experiência de insatisfação ou desafeto, a uma mínima decepção. São inesgotáveis as possibilidades de opção, intensa a competição e entre elas, fraca a sua capacidade de dar a última palavra. A religião de hoje é a religião da mudança rápida, da lealdade pequena, do compromisso descartável.²⁷²

Hervieu-Léger analisa a realidade da Europa e América do Norte, mas certamente podem-se aplicar suas observações também para o contexto latino americano. Ela afirma que nossa sociedade é “marcada pela difusão do crer individualista, pela disjunção das crenças e das pertencas confessionais e pela diversificação das trajetórias percorridas por crentes passeadores”²⁷³ ou seja, crentes que saem a esmo, passeando ou perambulado sem destino. Isso, entretanto, não significa que os indivíduos se mantenham sozinhos na expressão de sua fé. Segundo a autora,

como o aparato das grandes instituições religiosas se mostram cada vez menos capazes de regular a vida de fiéis que reivindicam sua autonomia de sujeitos que crêem, assiste-se a uma efervescência de grupos, redes e comunidades dentro das quais indivíduos trocam e validam mutuamente suas experiências espirituais.²⁷⁴

O individualismo, que se manifesta em todas as esferas da sociedade, repercute diretamente naquilo que as pessoas entendem ser um direito nato, ou seja, sua liberdade de consciência. Como diz Hervieu-Léger:

²⁷¹ BAUMAN, 2007, p. 13 e 15.

²⁷² PRANDI : 2000, p. 34

²⁷³ HERVIEU-LÉGER, 2008. p. 28.

Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa são ‘assunto de opção pessoal’: são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer que seja. Inversamente, a pertença religiosa de um indivíduo e suas crenças não podem constituir um motivo válido para excluí-lo da vida social, profissional ou política, na medida em que elas não põem em questão as regras de direito que regem o exercício dessas diferentes atividades. Esta distinção dos domínios se insere na separação entre a esfera pública e a esfera privada que é a pedra angular da concepção moderna de política.²⁷⁵

Tanto na Europa, na América do Norte e em todo o mundo, inclusive no Brasil, é evidente que as pessoas, mais do que nunca, estão fazendo uso de sua liberdade de escolha, para definir suas práticas religiosas, para permanecer sem religião ou iniciar uma igreja nova. Segundo Hervieu-Léger, os indivíduos fazem valer sua liberdade de escolha, cada qual retendo para si as práticas e as crenças que lhe convêm”.²⁷⁶ O resultado inevitável é a fragmentação e a proliferação de igrejas.

Em matéria religiosa, como em tudo o mais na vida social, o desenvolvimento do processo de pulverização individualista produz paradoxalmente a multiplicação de pequenas comunidades fundadas nas afinidades sociais, culturais e espirituais de seus membros.²⁷⁷

Vários membros de novas comunidades entrevistados fizeram menção do princípio de liberdade de consciência e de liberdade religiosa como argumento favorável para iniciar uma nova comunidade. Os princípios da competência do indivíduo, livre exame e livre interpretação das escrituras e liberdade religiosa, três pilares fundamentais dos Batistas no decorrer de toda a sua história, tornam-se argumentos bem sólidos para o individualismo no que tange às decisões no campo religioso. Conforme afirma Landers:

O batista não passa uma procuração de todos os poderes para o cuidado de sua alma à sua igreja ou ao seu pastor. Ele participa da igreja e é sujeito à sua disciplina, mas em última análise o batista é responsável por si mesmo perante Deus. Ele tem o dever de ler sua Bíblia e chegar às suas próprias conclusões,

²⁷⁴ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 28.

²⁷⁵ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 34-35.

²⁷⁶ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 43.

²⁷⁷ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 51.

porque ele é um indivíduo competente. Ele não pode delegar esta responsabilidade a nenhuma instituição e a nenhum sacerdote.²⁷⁸

Pode-se notar, por esta abordagem, que o fundamento para o surgimento de novos movimentos e igrejas cristãs está nos próprios princípios que algumas igrejas protestantes históricas abraçaram e defenderam durante toda a sua existência, podendo ser citado como exemplo os próprios batistas que sempre defenderam o princípio da competência do indivíduo para interpretar a bíblia e tomar suas decisões em todos os sentidos, inclusive nas questões religiosas e espirituais, de acordo com sua consciência.

Paul Freston entende que

somente existiu unidade da igreja em algum lugar quando a religião estava aliada a Estado. Se acreditamos na liberdade confessional, não somente para nós, mas para todos, inclusive para aqueles dos quais não gostamos, a consequência é uma pluralidade religiosa muito grande, dentro e fora do protestantismo.²⁷⁹

O sociólogo da religião, José Bitencourt Filho, entretanto, alerta para as consequências de um individualismo exacerbado. Ele afirma:

Em algumas expressões da condição pós-moderna, adota-se um individualismo radical, no qual cada um se volta para si mesmo, uma vez que fora de si nada seria seguro nem objetivo. A hipertrofia da subjetividade, em detrimento da objetividade, pode, em alguns casos, conduzir a um divórcio entre as esferas privada e pública, com forte desprestígio desta última, isto é, das noções de representatividade e de participação política. Tal modalidade de individualismo pode também produzir uma identidade fragmentada e uma percepção social desprovida de qualquer historicidade, ou seja, pragmaticamente situada no 'presente'²⁸⁰

É evidente que este individualismo radical afeta o ser humano em todas as dimensões e relacionamentos. Achando-se livre para tomar suas decisões seguindo

²⁷⁸ LANDERS, John. *Teologia dos princípios batistas*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986. p. 39.

²⁷⁹ FRESTON, PAUL. Nenhuma igreja está parada no tempo. *Revista Ultimato*, Viçosa, Ano XLII, n.319, p. 38-41, 2009.

²⁸⁰ BITENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003. p.187.

apenas os ditames de sua consciência, sem o senso de responsabilidade coletiva por suas decisões, de prestar contas de suas decisões e ações à um segmento religioso ou denominacional, muitos tem se sentido liberados para iniciar novas igrejas, de acordo com os ditames de sua própria consciência, muitas vezes no ideal de iniciar um movimento que alcance proporções mundiais.

3.1.1.1.2 O Secularismo

Outro elemento que teve início na modernidade e se estendeu até os nossos dias é o fenômeno conhecido como secularização ou secularismo. Segundo EVANS, secularismo é

o sistema de crença, atitude ou estilo de vida que nega ou ignora a existência de Deus. Termo derivado de um vocábulo que significa 'mundano' o secularismo destaca a ordem natural das coisas como realidade final. Incrivelmente, porém, o secularismo pode ser encarado como uma atitude que afeta até mesmo quem afirma crer em Deus e no sobrenatural. Grande parte da cultura moderna pressiona as pessoas a viver de forma a marginalizar Deus e a torná-lo insignificante em relação à vida cotidiana.²⁸¹

Por sua vez, Boice conceitua secularismo como sendo

um termo que abrange uma variedade de outros 'ismos', tais como humanismo, relativismo, materialismo e pragmatismo. Mas secularismo, mais do que qualquer outra palavra, descreve convenientemente a estrutura mental e de valores das pessoas de nossa época.²⁸²

Podemos entender a secularização como o processo pelo qual os segmentos mais distintos da sociedade se libertaram da influência da religião. Ela neutraliza a influência cultural e social da religião. Falando sobre o assunto, João Batista Libâneo afirma que

a Ilustração, com sua forte crítica à religião, anunciava seu lento, mas constante e implacável desaparecimento. Movimento que se processava a partir das classes letradas em direção às classes populares tradicionais, passando pela rápida e forte secularização das classes operárias [...] Tal onda cresceu ainda mais depois da Segunda Guerra Mundial, que mexeu profundamente com os

²⁸¹ EVANS, C. Stephen. *Dicionário de Apologética e Filosofia da Religião*. Tradução de Rogério Portella. São Paulo: Vida, 2004. p. 125.

²⁸² BOICE, James Montgomery. *O evangelho da graça: a aventura de restaurar a vitalidade da igreja com as doutrinas bíblicas que abalaram o mundo*. Tradução de Meire Portes Santos. São Paulo (SP): Cultura Cristã, 2003. p. 41.

valores da cultura européia, afetando diretamente a prática religiosa. O avanço espetacular da tecnologia, o bem-estar social promovido pelos 'milagres econômicos' arrematavam um processo de desgaste das instituições religiosas, que pareciam ancoradas no mundo da pré-modernidade.²⁸³

Karl Marx chegou a dizer que “a abolição da religião enquanto felicidade ilusória do povo é necessária para sua felicidade real”.²⁸⁴ E tudo parecia caminhar nesta direção, chegando ser reconhecido até mesmo por teólogos cristãos de grande influência como Dietrich Bonhöffer que, da prisão lamentou: “passou o tempo da religião [...] marchamos para uma época sem religião alguma”.²⁸⁵ A impressão que se tinha, no auge da secularização, na década de 1960²⁸⁶ era que a religião tinha tomado um caminho sem volta. A impressão que se tinha era de que a “morte de Deus”²⁸⁷ havia ocasionado também a “morte da religião”. Assim caminhou a humanidade por algum tempo, como se Deus tivesse realmente morto e a religião desaparecido do mapa da sociedade.

No início da década de 1970, entretanto, surge um novo interesse da parte de sociólogos da religião, procurando olhar com mais cuidado o fenômeno religioso. Passou-se a observar que longe de desaparecer, a religião tomava novos contornos. Como afirmou Hervieu-Léger, “a crença não desaparece, ela se desdobra e se diversifica, ao mesmo tempo em que rompem com maior ou menor profundidade, de acordo com cada país, os dispositivos de seu enquadramento institucional”.²⁸⁸ Ainda assim, é digno de nota que o fenômeno religioso recebe influência da secularização. Para a socióloga francesa,

é necessário ter entendido que a secularização não é, acima de tudo, a perda da religião no mundo moderno. É o conjunto dos processos de reconfiguração das crenças que se produzem em uma sociedade onde o motor é a não satisfação das expectativas que ela suscita, e onde a condição cotidiana é a incerteza ligada à busca interminável de meios de satisfazê-las.²⁸⁹

Para usar expressões de Hervieu-Léger, longe de estar “perdida”, a “religiosidade está em toda a parte”. Ela afirma:

²⁸³ LIBÂNIO, João Batista. *A Religião no Início do Milênio*. Petrópolis: Loyola, 2002. p. 15.

²⁸⁴ MARX, 1979 apud LIBÂNIO, 2002, p. 17.

²⁸⁵ BONHÖFFER, 1968 apud LIBÂNIO, 2002, p. 16.

²⁸⁶ LIBÂNIO, 2002. p. 15.

²⁸⁷ Expressão cunhada por Nietzsche

²⁸⁸ HERVIEU-LEGER, 2008, p. 44.

²⁸⁹ HERVIEU-LEGER, 2008, p. 41.

A secularização dessas sociedades não se resume unicamente, já sabemos disso, ao encolhimento de uma esfera religiosa diferenciada. Ela se faz notar, igualmente, na disseminação dos fenômenos de crença, que confere uma pertinência imprevista à fórmula aplicada classicamente às sociedades não-modernas : 'a religiosidade está em toda parte'. Religiões 'à la carte', religiosidade 'flutuante', crenças 'relativas', novas elaborações sincréticas : a religiosidade 'vagante', de que falava um dia J. Séguy, já está situada, em sua indeterminação específica, no centro de toda reflexão sobre a religião nas sociedades modernas.²⁹⁰

Isso havia sido previsto, por dois autores americanos que, pautados por inúmeras pesquisas, apresentavam para o mundo as dez mega-tendências para a humanidade no Século XXI, tendo como nona tendência o reaparecimento do religioso : "Com a proximidade do ano 2000, há sinais de um redespertar religioso mundial em todas as frentes".²⁹¹

O dado infeliz neste momento da história da humanidade, foi que, além de dar origem à toda a sorte de expressão religiosa, multiplicando o número de Comunidades Cristãs Independentes, houve também a explosão dos fundamentalismos religiosos, ocasionando tragédias como a destruição das Torres Gêmeas nos Estados Unidos, atentados terroristas ao redor do mundo, invasões no Afeganistão e no Iraque, causando morte, destruição e muita violência em nome de Deus.²⁹² Entre nós, os brasileiros, entretanto,

a explosão religiosa manifesta-se, por uma multiplicação exuberante de novas denominações religiosas. O Censo do IBGE de 1991-1995 apontou para o surgimento de 4 mil que o Censo de 1980 não identificara. Entre 1990-1992, 627 novas igrejas foram criadas somente no Estado do Rio de Janeiro, numa média de cinco novas igrejas por semana, uma por dia útil. A imensa maioria são pentecostais.²⁹³

Brandão constata esta virada, analisando detalhadamente a realidade religiosa de uma cidade paulista, Itapira. Ele afirma que

quando as forças e a ordem do secular pareciam haver chegado, de uma vez, para substituírem as da religião, houve em Itapira momentos de um, pelo menos, relativo, processo inverso. [...] uma progressiva revitalização do setor religioso,

²⁹⁰ HERVIEU-LEGER, 2008, p. 25.

²⁹¹ NAISBITT, ALBURDENE, 1983, apud LIBÂNIO, 2002, p. 22.

²⁹² LIBÂNIO, 2002. p. 22-24.

²⁹³ LIBÂNIO, 2002, p. 24.

acompanhada de uma reconquista parcial do seu poder de inculcar valores sacrais nas ideologias da sociedade.²⁹⁴

O nascimento de novas igrejas e o aparecimento de muitos credos improvisados, em muitos casos, é em decorrência do processo de secularização, tanto da sociedade como da igreja. Há que se considerar duas realidades existentes: muitos formam novas comunidades devido ao inconformismo, tentando fugir da secularização da igreja, procurando resgatar os valores do reino de Deus; outras novas comunidades se formam seguindo as ondas da secularização, com práticas adaptadas ao liberalismo religioso da era vigente. Isto é o que constata Cavalcanti, em artigo escrito para a revista *Ultimato*:

Há um império dominando o mundo, impondo uma idéia única, fechando a história, desqualificando as utopias. Há massificação, desinformação, pressão e tentação em direção ao hedonismo – compremos e curtamos, que amanhã morreremos - ao materialismo prático do consumismo, que separa o templo do tempo, o individualismo do discipulado. Há louvores de baixos conteúdos teológicos; sermões de rasos conteúdos bíblicos; shows cultos em vez de liturgia; astros em vez de profetas.²⁹⁵

Estes elementos entrando em igrejas estabelecidas tem ocasionado rompimentos, dando origem a novos grupos.

Por sua vez, Bitencourt Filho entende que a secularização não é o causador do surgimento de novas religiões, mas possibilitou a sua manifestação. Segundo ele,

o propalado processo de secularização não produziu, como acreditavam muitos, mas sim, ensejou o aparecimento de sistemas substitutivos. Novos entes sagrados, travestidos em propostas seculares, que em seu bojo introduzem novas mitologias, tais como a do “progresso ilimitado”. Tal qual as religiões totalitárias da Antiguidade, as novas propostas religiosas globalizantes e substitutivas, cuidam de impor suas respectivas mundividências e disseminam ‘dogmas’ capazes de inspirar tanto a submissão de muitos, quanto a admiração de outros. Acresce que tais propostas alcançam elevados níveis de adesão, na proporção em que elegem inimigos e adversários – reais ou imaginários – que apenas podem ser convertidos ou rejeitados.²⁹⁶

Outro “ismo” a ser citado, dentro da secularização é o materialismo, que permeia o mundo religioso, sobretudo no Ocidente. Se a visão da igreja for quantidade em

²⁹⁴ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular. 3ª ed. Ampliada com depoimentos. Uberlândia: EDUFU, 2007. p.107.

²⁹⁵ CAVALCANTE, Robinson. *Revista Ultimato*. Viçosa, set – out, p. 39, 2006.

²⁹⁶ BITENCOURT FILHO, 2003. p. 210.

detrimento da qualidade, templos cheios ao invés de relacionamentos duradouros, imediatismo no lugar da solidez, conforto no lugar de expansão missionária e as coisas ocupando o lugar das pessoas a igreja se conformou com o mundo, ao invés de transformá-lo, segundo imperativo bíblico expresso em Romanos 12:1-2.

3.1.2 O Contexto Religioso

3.1.2.1 O Pluralismo Religioso

Outra marca da pós-modernidade é o pluralismo, que se manifesta em todos os níveis e segmentos da sociedade. Tamayo e Fariñas afirmam:

O pluralismo não é um conceito novo, apesar do destaque que tem recebido da mídia nos últimos anos, como consequência das diferenças endógenas e exógenas que estão experimentando as sociedades atualmente. A concepção plural da natureza humana e da natureza social tem sido destacadas reiteradamente por antropólogos, sociosemióticos, historiadores e sociólogos, desmistificando a pretendida metafísica de uma 'natureza humana universal'. (tradução nossa)^{297/298}

Os autores fazem uma distinção entre pluralismo e pluralidade, afirmando que:

Uma sociedade que não fosse pluralista e sim monista, poderia aceitar a presença de uma pluralidade provinda de opções pessoais e individuais amparadas por um único super-sistema ou uma super-estrutura unificadora e excludente, porém não aceitaria jamais a presença de outros pontos de vista além dos seus, nem sequer a possibilidade do surgimento de outras opções diferentes ou antagônicas. (tradução nossa).^{299/300}

²⁹⁷ El pluralismo no es un concepto nuevo, a pesar de la centralidad mediática que ha adquirido en los últimos años, como consecuencia de las diferenciaciones endógenas y exógenas que están experimentando las sociedades actuales. La concepción plural de la naturaleza humana y de la naturaleza social han sido puestas de manifiesto reiteradamente por antropólogos, sociosemióticos, historiadores y sociólogos, desmitificando la pretendida existencia metafísica de una 'naturaleza humana universal'.

²⁹⁸ TAMAYO, Juan José; FARIÑAS, María José. *Culturas y religiones em diálogo*. Madrid: Síntesis S.A., 2008. p. 106.

²⁹⁹ Una sociedad no pluralista sino monista, podría aceptar la presencia de una pluralidad provisional de opciones personales e individuales amparadas todas ellas bajo un único supersistema o una superestructura unificadora y excluyente, pero no aceptaría jamás la presencia de otros universales contrapuestos a los suyos, ni siquiera la posibilidad de desarrollar otras opciones diferentes o antagónicas.

³⁰⁰ TAMAYO; FARIÑAS, 2008. p. 107.

Deixam claro, os autores, que o pluralismo deve ser entendido

seja do tipo que for, como oposto a qualquer tipo de monismo idealista. O pluralismo faz referência à existência de várias concepções intelectuais, culturais, religiosas ou jurídicas diferentes e até mesmo contrapostas entre si. Por isso, um contexto de pluralismo implica assumir a existência de fundamentos ou universais diferentes ou contrapostos e até mesmo mutuamente excludentes entre si. (tradução nossa)^{301/302}

Os pluralismos se desdobram em diversas categorias como pluralismo cultural, que representa cosmovisões éticas e estéticas diferentes, pluralismo político, que legitima a democracia representativa e o pluralismo jurídico, reconhecendo vários sistemas jurídicos simultaneamente.³⁰³

Schaper afirma que

as questões levantadas pelo tema da diferença, da diversidade, da pluralidade apontam para um amálgama gigantesco de motivações religiosas, étnicas, culturais, sexuais, econômicas, políticas que se cruzam num mosaico assustador, cuja imagem se nega terminantemente a entregar-se a qualquer forma superficial de compreensão.³⁰⁴

Ao desenvolver o tema, Schaper faz uma apologia da tolerância, a solidariedade e o reconhecimento como elementos indispensáveis para a criação de uma cultura da paz, inclusive no âmbito religioso.

Entretanto, a impressão que se tem é que parece ser inevitável que contextos de pluralismos sejam marcados por muita complexidade e conflitos, que precisam ser encarados com maturidade. Tamayo e Fariñas dizem que

um dos riscos de todo o contexto de pluralismo, seja do tipo que for, é a presença inevitável de conflitos e tensões entre opções diferentes. Por isto a convivência no pluralismo costuma ser complicada e requer um esforço recíproco para não se impor condições absolutas a si mesmo, porque o

³⁰¹ Sea del tipo que sea, como opuesto a cualquier tipo de monismo idealista. El pluralismo hace referencia a la existencia de varias concepciones intelectuales, culturales, religiosas o jurídicas diferentes o, incluso, contrapuestas entre si. Por eso, un contexto de pluralismo implica asumir la existencia de fundamentos o universales diferentes o contrapuestos e, incluso, mutuamente excluyentes entre si.

³⁰² TAMAYO; FARIÑAS, 2008. p.106

³⁰³ TAMAYO; FARIÑAS, 2008. p.106

³⁰⁴ SCHAPER, Valério Guilherme. A tolerância entre solidariedade e reconhecimento: Idéias para repensar o conceito de tolerância. In: SCHAPER, Valério Guilherme, OLIVEIRA, Kathlen Luana de; Reblin, Iuri Andréas (Org.) *A teologia contemporânea na América Latina e no Caribe*. São Leopoldo: Oikós; EST, 2008. p. 339.

autêntico pluralismo é algo muito mais complexo de focalizar do que o mero perspectivismo ou a mera situação de uma pluralidade de opções pessoais. O pluralismo se refere às idéias e, portanto, à pluralidade de formas de entender o mundo. Os 'grandes relatos' estão em crise, pois o pluralismo é o pano de fundo do nosso tempo. (tradução nossa)^{305/306}

Em virtude do escopo deste trabalho, estarão sendo focados apenas os pluralismos no campo da religião, divididos em pluralismo religioso, de um ponto de vista geral e pluralismo cristão, ou seja, entendendo-o aqui no sentido corrente de diversidade de igrejas cristãs, destacando-se aí o surgimento de novas igrejas e expressões religiosas no Brasil, como um processo acentuado na atualidade.

Teixeira e Menezes apresentam um dado colhido pelo censo 2000, que é extremamente revelador. Eles escrevem:

Nota-se também um processo de 'pluralização religiosa', isto é de multiplicação das opções religiosas existentes, com a liberdade do indivíduo escolher aquela que considerar mais adequada. No censo 2000, em resposta à pergunta aberta 'qual a sua religião?', apareceram nada menos do que 35.000 posicionamentos diferentes, o que expressa a forma variada pela qual o brasileiro é capaz de definir sua adesão religiosa.³⁰⁷

Antes, porém, de entrar na análise do pluralismo religioso brasileiro, tão evidente na atualidade, mencione-se que a própria Bíblia, a Escritura judaico-cristã, é marcada por pluralidade. O teólogo Clodovis Boff relaciona alguns destes: Já nas primeiras páginas da Bíblia pode-se constatar que existem dois relatos da criação, sabe-se de pelo menos quatro grandes tradições relacionadas ao pentateuco, existem quatro evangelhos que falam do mesmo Cristo, sua vida, seus ensinamentos, suas obras, existem múltiplas cristologias no Novo Testamento.³⁰⁸

³⁰⁵ Uno de los rasgos de todo contexto de pluralismo, sea del tipo que sea, es la presencia inevitable de conflictos y tensiones entre opciones diferentes. Por eso la convivencia en pluralismo suele ser complicada y requiere un esfuerzo recíproco para no imponer condiciones absolutas a la misma, porque el auténtico pluralismo es algo mucho más complejo de enfocar que el mero perspectivismo o la mera situación de una pluralidad de opciones personales. El pluralismo se refiere a las ideas y, por tanto, a la pluralidad de formas de entender el mundo. Los 'grandes relatos' están en crisis, por eso el pluralismo es el transcurso básico de nuestro tiempo.

³⁰⁶ TAMAYO; FARIÑAS, 2008. p. 107.

³⁰⁷ TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org). *As religiões no Brasil*: Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.p. 8.

³⁰⁸ BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998. p. 495.

Note-se, então, que o pluralismo religioso não é um fenômeno exclusivo da sociedade contemporânea, muito embora tenha se tornado muito mais evidente nas últimas décadas.

Falando sobre o tema, Panasiewicz defende que

a questão do pluralismo religioso emerge no começo do Século XXI como tema central da teologia das religiões. Compreender essa realidade desafia, cada vez mais, a mente dos teóricos das religiões. E mais, elaborar uma teologia do pluralismo religioso é uma demanda da atual sociedade plural. A teologia cristã, que durante séculos viveu protegida numa redoma pela filosofia metafísica de cunho aristotélico (teórico e especulativo), vê-se, num primeiro momento, questionada pela cultura moderna que, em meio a várias suspeitas, duvida também da existência de Deus. [...] Emerge o segundo questionamento à reflexão teológica cristã: o pluralismo religioso. É o que se convencionou chamar de 'retorno do sagrado' ou 'reencantamento do mundo'. Irrompe na teologia cristã a consciência da pluralidade religiosa. Essa variedade de religiões provoca a reflexão teológica cristã, pois convicções religiosas e verdades consideradas absolutas passam a ser desafiadas e, quando não contrapostas, apresentadas de maneira diferente.³⁰⁹

Como se vê, o pluralismo religioso, característica marcante do início do Século XXI, certamente evidencia as mais diferentes maneiras das religiões interpretarem o sagrado, a humanidade e seus relacionamentos.

Vattimo associa a hermenêutica com as várias possibilidades religiosas:

A hermenêutica abre, por sua vez, o caminho para escutar os muitos mitos religiosos da humanidade; mas em termos substanciais, de ligação entre ontologia niilista e *Kenosis* de Deus – significa encontrar também os problemas de reinterpretação do sentido do cristianismo para nossa cultura. [...] a maioria das vezes, a hierarquia eclesial reivindica o significado autêntico da mensagem cristã contra as interpretações que lhe parecem secularizantes, atualizantes e até demasiado mórbidas e conciliadoras.³¹⁰

Por iniciativa própria ou por força das circunstâncias, o Cristianismo é levado a dialogar com outras religiões que se fazem presentes na sociedade contemporânea, muitas das quais em franco processo de crescimento. Brakemeier afirma que

³⁰⁹ PANASIEWICZ, Roberlei. *Pluralismo religioso contemporâneo*: Diálogo inter-religioso na teologia de Claude Feffré. São Paulo: Paulinas; Minas Gerais: PUC Minas, 2007. p. 11.

³¹⁰ VATTIMO, Gianni. *Para além da interpretação*: o significado da hermenêutica para a filosofia. Traduzido por Raquel Paiva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999. p. 77.

a pluralização do mundo global constitui um processo irreversível. É ilusório sonhar com a reversão do quadro. Simpática ou não, importa acostumar-se à idéia da sociedade plurirreligiosa e aprender a viver com ela. Doravante será este o contexto da teologia e da prática eclesial. A identidade cristã deverá articular-se em comparação explícita com outros credos. Nenhuma religião tem reais perspectivas de se impor às outras e de uniformizar o universo da fé [...] Em todos os casos, plurirreligiosidade será signo permanente do mundo global.³¹¹

Walter Altmann fala da consciência deste pluralismo, sobretudo no contexto da América Latina, que muitas vezes foi vista como de exclusividade cristã.

Há hoje na América Latina, longe de constituir um Continente homogêneo do ponto de vista religioso – ou seja, católico romano -, uma crescente consciência de nossa pluralidade étnica e cultural. Uma de suas facetas é também o crescente pluralismo religioso, que representa um desafio especial ao ecumenismo e à missão. [...] A América Latina se converte hoje em um continente plural, no sentido étnico, cultural e religioso.³¹²

O pluralismo religioso é uma realidade no mundo todo, desde os tempos mais remotos, fenômeno que vem se multiplicando a partir do início da modernidade. E, dentro deste universo de pluralidade religiosa, pode-se observar um pluralismo dentro do próprio Cristianismo.

Brakemeier contextualiza o fenômeno que viria se transformar num grande dilema hermenêutico, vivido pelos cristãos nos últimos séculos. Ele afirma que

durante séculos a Bíblia não sofreu contestação de conteúdo. Era tida como inquestionável Palavra de Deus, verdadeira e confiável, distinguindo-se fundamentalmente de qualquer outra obra literária. O primeiro abalo a esta confiança acontece quando a teologia se confronta com a filosofia não-cristã de Aristóteles. Isto já na Idade Média. Pela primeira vez se chocam a fé e a razão. Mas o abalo pode ser aparado, pois a teologia escolástica situa ambas em níveis distintos. A razão situar-se-ia no nível do natural, a fé no nível do sobrenatural. [...] Isso muda no Século XVII, mais precisamente com a filosofia de R. Descartes (1596-1650). Ele faz da dúvida o início da filosofia do conhecimento. O potencial exclusivo, capaz de superar a dúvida, é a razão. Unicamente porque eu penso é que tenho certeza de que de fato existo. É o que expressa o afamado 'cogito, ergo sum'. Decisivo e central é o sujeito pensante, que se sabe separado do objeto, ou seja, do mundo das 'coisas'. Com Descartes inicia o 'racionalismo', que vai sujeitar todas as coisas à crítica

³¹¹ BRAKEMEIER, Gottfried. *Fé cristã e pluralidade religiosa: onde está a verdade*. Estudos Teológicos, ano 42, n. 2, p. 23-47, 2002, p. 31.

³¹² ALTMANN, Walter. *O pluralismo religioso como desafio ao ecumenismo na América Latina*. In.: Sarça ardente: Teologia na América Latina : Prospectivas. SUSIN, Luiz Carlos (organizador). São Paulo: Paulinas, 2000. p. 395-396.

racional. Sua filosofia exige demonstrações matemáticas, portanto exatas. Descartes de modo algum é ateu. Mas já está claro que Deus perdeu a centralidade no universo do saber. Tem início o que veio chamar-se 'ciência exata', para a qual o 'sobrenatural', respectivamente a 'metafísica' se torna suspeita.³¹³

A maneira como o cristianismo situa a Bíblia nesta questão é desencontrada. O Protestantismo, com sua teologia acadêmica, sujeita a Bíblia ao mesmo tipo de análise como qualquer outro documento histórico, optando, majoritariamente pela interpretação crítica. O Catolicismo manteve sua posição tradicional, apelando para sua autoridade na definição de questões religiosas. De uma forma ou de outra, "o advento do Iluminismo inaugurou o fim do domínio da Igreja sobre o mundo secular, abalou a confiança na verdade bíblica e exigiu redefinição da religião na sociedade."³¹⁴

Há muitos indícios de que a pluralidade cristã está ligada à questões hermenêuticas. Observe-se o que Hans Küng afirma:

O cânon neotestamentário está na base da pluralidade das confissões. Nisso se deve concordar com Käsemann, porque: a) existem diversas confissões cristãs; b) as diferentes confissões cristãs se reportam ao cânon neotestamentário e atribuem sua existência a ele; c) essas diversas referências ao cânon neotestamentário têm um fundamento real na complexidade indicada, pluralidade e oposição de concepções teológicas do próprio Novo Testamento. Nesse sentido, portanto, o cânon neotestamentário está na base da diversidade das confissões.³¹⁵

Na verdade, não é o cânon em si, mas a seleção de temas e de textos que servem como base hermenêutica para as definições teológico-doutrinárias das Igrejas Cristãs que se constituíram em motivos para o nascimento de novas igrejas.

Panasiewicz trabalha o diálogo inter-religioso, na perspectiva do teólogo Católico francês, Claude Geffré. Ele afirma que,

contrapondo-se ao modelo teológico dogmático, Geffré propõe o modelo teológico hermenêutico. Este será 'um novo paradigma, um novo modelo, uma nova maneira de fazer teologia'. Afirma que 'o termo hermenêutica evoca movimento de pensamento teológico que, pondo em relação viva o passado e o presente, expõe-se ao risco de interpretação nova do cristianismo para hoje'. E

³¹³ BRAKEMEIER, Gottfried. **A autoridade da bíblia**: controvérsias, significado, fundamento. 2. ed. São Leopoldo : Sinodal, Centro de Estudos Bíblicos, Escola Superior de Teologia, 2007. p .45.

³¹⁴ BRAKEMEIER, 2007, p. 46.

³¹⁵ KÜNG, HANS. **Teologia a caminho**: fundamentação para o diálogo ecumênico. Traduzido por Hans Jörg Witter. São Paulo: Paulinas. 1999. p. 97.

prosegue dizendo que 'esta hermenêutica da teologia nos leva a uma concepção não tradicional da tradição e uma noção plural da verdade cristã'.³¹⁶

Muito embora o foco de Geffré esteja no diálogo entre as religiões, ele fala de uma noção plural da verdade cristã, o que dá margem para compreensão de um Cristianismo multifacetado, ou seja, um pluralismo cristão.

Libânio menciona um estudo feito por Antoniazzi que analisa este fenômeno religioso brasileiro e afirma: "A grande tendência das últimas décadas ou da modernidade, no campo religioso é a diversificação e a fragmentação".³¹⁷

Esta fragmentação do Cristianismo vem abrindo lacunas que tem distanciado muitos cristãos, dando-se a entender que se trata de várias religiões dentro do Cristianismo. A brecha entre as Igrejas Cristãs é visível e desconfortável para aqueles cristãos que entenderam que Jesus Cristo é Senhor comum a todos os cristãos.

Para tornar as relações cristãs inter-eclesásticas ainda mais conturbadas, em setembro de 2000 a Igreja Católica Romana publicou a Declaração denominada *Dominus Iesus*, da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, na qual "a Igreja católica romana é considerada Igreja em 'sentido pleno', não podendo as demais 'comunidades eclesiais' ser consideradas 'Igrejas irmãs', pois a Igreja católica romana é a 'Mãe' das Igrejas".³¹⁸

E a previsão de Altmann, neste contexto de pluralismo religioso é que: "o Continente será, no futuro, menos católico, mais pentecostal, com espaços significativos para a religiosidade indígena e africana, e com uma incidência real, ainda que modesta, do protestantismo histórico".³¹⁹

Diariamente nascem novas Comunidades Cristãs Independentes, muitas das quais em virtude de interpretações divergentes de textos das Escrituras Sagradas, ampliando cada vez mais a realidade do pluralismo cristão no mundo, muito especialmente em solo brasileiro.

³¹⁶ PANASIEWICZ, 2007, p. 79.

³¹⁷ LIBÂNIO, 2002, p. 25.

³¹⁸ ALTMANN, 2000, p. 405.

³¹⁹ ALTMANN, 2000, p. 400.

3.1.2.2 O Declínio Institucional

Faustino Teixeira, apresentando o livro 'O peregrino e o convertido', de Daniele Hervieu-Léger afirma que "o que caracteriza o tempo atual não é a mera indiferença com respeito à crença, mas a perda de sua 'regulamentação' por parte das instituições tradicionais, produtoras de sentido".³²⁰

Escrevendo com Menezes, depois de ter mencionado a grande diversidade de religiões presentes no Brasil, Faustino afirma:

Percebe-se ainda que as religiões passam por um processo de 'desinstitucionalização'. Esse processo, que não ocorre apenas no Brasil, pois é encontrável em grande parte do Ocidente, significa o 'esvaziamento' de instituições religiosas tradicionais, mais formais, como a Igreja Católica e as Igrejas protestantes históricas, paralelo ao crescimento de formas menos convencionais de religião, tais como grupos de Nova Era, filosofias com conotação mística, tradições esotéricas, etc.³²¹

Este é um dos campos mais estudados por Daniele Hervieu-Léger. É tese sua que as instituições regulamentam cada vez menos as expressões religiosas que tem surgido na atualidade. E vai além ao dizer que,

a gestão dessas formas inéditas e renovadas de congregações espirituais coloca problemas temerários às instituições religiosas, ao emergirem de dentro delas. Ela questiona também o poder público, pouco equipado para lidar com estes fenômenos que saem do quadro jurídico habitual das relações entre o Estado e as Igrejas [...] Identidades religiosas 'históricas' que deixam de ser reguladas, novos movimentos espirituais que proliferam, incertezas jurídicas e políticas na gestão pública das religiões: todos os países ocidentais precisam encarar hoje esses problemas mobilizando os recursos jurídicos e culturais que historicamente possuem. Na França, esta redistribuição das cartas na esfera religiosa afeta o país que descobre, não sem inquietação, que se tornou um país multicultural e multireligioso.³²²

Na observação de Hervieu-Léger, o mundo passa por um processo de 'laicização', o que implica em que "a vida social não é mais, ou torna-se cada vez

³²⁰ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 9.

³²¹ TEIXEIRA; MENEZES, 2006, p. 8.

menos, submetida a regras ditadas por uma instituição religiosa”.³²³ Segundo a socióloga francesa, um forte indício do enfraquecimento institucional é a existência, dentro das religiões históricas, de ‘crentes não praticantes’. Segundo ela,

a ruptura entre a crença e a prática constitui o primeiro índice do enfraquecimento do papel das instituições guardiãs das regras da fé. Mas o aspecto mais decisivo desta ‘perda de regulamentação’ aparece principalmente na liberdade com que os indivíduos ‘constroem’ seu próprio sistema de fé, fora de qualquer referência a um corpo de crenças institucionalmente válidos.³²⁴

Citando outros exemplos europeus além da França, como Suécia e Bélgica, onde o índice de ‘crentes não praticantes’ é muito grande, Hervieu-Léger afirma que existem múltiplos sinais de que a sociedade passa de uma “religião instituída” a uma “religião recomposta”.³²⁵

Esta questão dos ‘crentes não praticantes’ é sintomática também entre os protestantes do Brasil, tanto de linha histórica como pentecostal. O sociólogo Paul Freston afirma que “alguns estudiosos já falam numa crise do pentecostalismo. Esta crise seria de estagnação numérica, de falta de prática (um alto índice de pentecostais não-praticantes) e de apostasia (muita gente deixando as igrejas)”.³²⁶ Segundo ele, o fenômeno dos “crentes não praticantes” é mais acentuado no Chile, mas certamente o Brasil não fica longe desta realidade.

Freston não é o único a demonstrar preocupação com a dicotomia entre a teoria e a prática, nas igrejas protestantes. O teólogo batista colombiano Harold Segura, que atuou como observador não Católico na V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho, realizada em Aparecida, em Maio de 2007, comentando sobre o “catolicismo nominal” expressa sua preocupação dizendo que

é importante ressaltar que o protestantismo evangélico no continente começa a viver uma situação similar. Há estudos muito bem documentados que mostram que dentro de nossas fileiras já se observam os primeiros sinais do

³²² HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 27-28.

³²³ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 34.

³²⁴ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 42.

³²⁵ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 43.

³²⁶ FRESTON, PAUL. Presente e futuro da igreja evangélica no Brasil.. *Revista Ultimato*, Viçosa, Ano XLI, n.315, p. 38, 2008.

'protestantismo popular', de 'analfabetismo bíblico' e de separação entre fé e ética.³²⁷

Retomando o tema da desregulação como indício de declínio institucional, convém retornar para Hervieu-Léguer, que afirma ao falar sobre isso:

As crenças se disseminam. Conformam-se cada vez menos aos modelos estabelecidos. Comandam cada vez menos as práticas controladas pelas instituições. Tais tendências são os maiores sintomas do processo de 'desregulação' que caracteriza o campo religioso institucional no final do século XX.³²⁸

Libânio analisa o declínio institucional no campo religioso brasileiro, demonstrando que a desregulação institucional também é realidade por aqui. "Fala-se também de neocristianismo para designar pessoas que se sentem ligadas aos princípios fundamentais de Cristo, sem, no entanto, vincular-se a nenhuma denominação cristã institucionalizada".³²⁹ É a busca pelo novo, pelo inédito, além das formas e normas já institucionalizadas, cada um buscando vivenciar em suas vidas novas maneiras de experimentar sua religiosidade.

Fala-se também num tempo pós-denominacional, período em que as denominações históricas passam a ser desprestigiadas, em função do nascimento de igrejas independentes, sem vínculo denominacional. Perguntado sobre as razões porque deixou a igreja onde era pastor a fim de plantar uma igreja independente, *Peregrino I* afirmou categoricamente: "porque eu particularmente não acredito mais nesse modelo. Eu não acredito mais no modelo denominacional".³³⁰

³²⁷ SEGURA, Harold. Não ao analfabetismo bíblico. *Revista Ultimato*, Viçosa, Ano XL, n. 307, p. 36, 2007.

³²⁸ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 50.

³²⁹ LIBÂNIO, 2002, p. 27.

3.2 Fatores Internos

3.2.1 Conflitos de Gerações: Descontinuidade

Se um mundo marcado pelo pluralismo religioso é, essencialmente conflituoso, conforme advoga Tamayo e Frariñas³³¹ pode-se constatar que estes conflitos acabam escoando para dentro das igrejas, notadamente as que já tem uma história mais longa. Um destes conflitos se dá exatamente entre as gerações que fazem parte da mesma comunidade, mas que acabam vivendo uma realidade diferente, em função das rápidas mudanças pelas quais passa a sociedade.

Um dos conflitos que pode ser constatado por esta pesquisa, é o conflito de gerações, visto como uma dificuldade existente na sociedade contemporânea de as gerações mais antigas passarem o bastão para as novas gerações, produzindo assim o fenômeno da descontinuidade, sobretudo em questões relacionadas à religião.

Niebuhr afirma que “raramente a segunda geração assume as convicções que herdou com idêntico fervor dos seus pais, que modelaram tais convicções no calor do conflito e sob o risco do martírio”.³³² Hervieu-Léger, por sua vez, dedica um capítulo inteiro de sua obra para descrever o que ela chama de “o fim das identidades religiosas herdadas”.³³³ Ela parte do princípio que a transmissão regular de instituições e valores é indispensável para toda e qualquer sociedade, a fim de que possa sobreviver no tempo, o que se dá através da educação, rituais e instituições. Segundo ela, “continuidade não significa imutabilidade em todas as sociedades, a continuidade é garantida sempre na e pela mudança”.³³⁴ O que se verifica na sociedade atual é uma aceleração e aprofundamento demasiados nas mudanças, provocando uma verdadeira crise nesta transmissão, afetando a escola, a universidade, os partidos políticos, os sindicatos e particularmente as igrejas. Nem os filhos estão interessados nesta transmissão, nem os pais têm certeza de que isso é relevante para os filhos. Segundo a autora, “na França, 4% apenas dos pais conservam a fé religiosa entre as qualidades

³³⁰ ANEXO B, p. 181.

³³¹ TAMAYO; FARIÑAS, 2008. p. 107

³³² NIEBUHR, 1992, p. 20.

³³³ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 57-80

importantes a serem encorajadas nos filhos”.³³⁵ Assim sendo, filhos de pais *Praticantes* tornam-se *Peregrinos* ou *Convertidos* e filhos de pais *Peregrinos* ou *Convertidos* tornam-se *Praticantes*.

Outra questão levantada por Hervieu-Léger, ao abordar a questão da crise da transmissão é a direta relação existente entre a memória e a religião. Segundo ela, a crise se agrava nos dias atuais, pois “as sociedades modernas são cada vez menos sociedades de memória. Ao contrário, são governadas, de um modo mais ou menos imperioso, pelo paradigma da imediatez”.³³⁶ A autora continua:

Não é por serem idealmente sociedades racionais que as sociedades modernas são tão a-religiosas: é porque são sociedades *amnésicas*, nas quais a crescente importância para manter viva a memória coletiva portadora de sentido para o presente e orientações para o futuro representa uma fundamental carência. [...] No âmbito da religião, como nos demais, a capacidade do indivíduo para elaborar seu próprio universo de normas e de valores a partir de sua experiência singular, tende a impor-se [...] vencendo os esforços reguladores das instituições.³³⁷

Assim sendo, o campo está aberto e o terreno fértil para o surgimento de novas comunidades, a partir de experiências de pessoas que se vêem como portadoras de mensagens especiais e escolhidas para dar início a novas igrejas. É assim que se vêem os líderes das novas igrejas, entrevistados para esta pesquisa:

Note-se o que afirma o *Peregrino I*

Nossa Igreja começou, porque há 12 anos atrás eu fui pastor de algumas pessoas que estavam dentro dessa comunidade, que durante 3 anos me ligaram (“pastor, vem nos pastorear”). E eu resisti muito porque eu tinha uma realidade de vida em _____. Até que um dia eu tive um sonho e nesse sonho Deus me deu o comando. E a partir desse sonho eu decidi que _____ não era mais a minha casa, que a minha casa era a cidade onde Deus havia preparado um rebanho para eu pastorear.³³⁸

O *Peregrino II* apenas menciona que “houve uma experiência de batismo com o Espírito Santo”.³³⁹

³³⁴ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 57.

³³⁵ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 60.

³³⁶ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 62.

³³⁷ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 63.

³³⁸ ANEXO B, p. 179.

³³⁹ ANEXO B, p. 185.

O *Peregrino III* acrescenta que “minha saída se deu pelo fato de eu ter passado uma experiência de renovação espiritual na qual passei a crer na contemporaneidade dos dons espirituais e também por acreditar em princípios como quebra de maldição, cura interior e batalha espiritual”.³⁴⁰

O *Peregrino IV*, por sua vez, também apela para o sobrenatural ao dizer: “Eu escrevi para o bispo em ___ pedindo a minha saída e acima disso eu tive uma palavra de Deus. Uma pessoa que eu nunca vi falou comigo que o meu tempo na Igreja ___ tinha terminado”.³⁴¹

O *Peregrino V*, a exemplo de seus companheiros, testifica de um chamado especial de Deus para dar origem a uma nova Igreja. “Era revelação da parte de Deus por intermédio de um círculo de oração e uma necessidade espiritual de um grupo de 14 fundadores, que entenderam que Deus estava chamando para começar”.³⁴²

Bittencourt observa que “o valor da experiência religiosa é exacerbado, convertendo-se no critério supremo e determinante na espiritualidade. Dessa maneira, irracionalidade, espontaneidade e emocionalismo se associam numa só dinâmica religiosa”.³⁴³ A experiência passa a valer mais do que a tradição e os sentimentos mais que as verdades aprendidas no contexto eclesiástico do protestantismo histórico.

Bastante ligado à questão da experiência, estão as emoções, os sentimentos. Bittencourt constata que “ganha terreno a religiosidade que se expressa preferencialmente por meio de sentimentos, intuições, crenças difusas e místicas capazes de prover, antes de mais nada e acima de tudo, o bem-estar espiritual”.³⁴⁴ Como afirma Dusilek, “as pessoas deixam de preocupar-se com aquilo que é correto para preocupar-se com aquilo que estão sentindo.”³⁴⁵

Estas questões por último mencionadas, ligadas à grande ênfase que tem sido dada à experiência, às emoções e à busca desenfreada de bem-estar espiritual, somando-se a dificuldades encontradas para a transmissão dos valores, princípios e

³⁴⁰ ANEXO B, p. 187.

³⁴¹ ANEXO B, p. 189.

³⁴² ANEXO B, p. 191.

³⁴³ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 188.

³⁴⁴ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 189.

³⁴⁵ DUSILEK, Darcí. *O futuro da igreja no terceiro milênio* : Desafios internos e externos que a Igreja deve enfrentar para ministrar a palavra com fidelidade no terceiro milênio. Rio de Janeiro:Horizontal, 1997, p. 26.

doutrinas de uma geração para a outra, está preparado o ambiente para a multiplicação de igrejas, que nascem a partir de visões e revelações especiais que determinados líderes afirmam ter, em detrimento das tradições recebidas de seus antepassados.

3.2.2 Questões sócio-político-econômicas

Desde o nascedouro inicial da Igreja de Jesus Cristo, houve necessidade de enfrentamento de diferenças de raça, condição social e econômica, para que o povo de Deus vivesse em comunidade, conforme preconizado por Jesus Cristo. Falando da experiência das primitivas comunidades de discípulos/as de Jesus Cristo, Niebuhr destaca:

O comunismo religioso da Igreja de Jerusalém, sua renúncia, no concílio decisivo, ao inflexível sentimento de casta que barrava o caminho da fraternidade entre cristãos judeus e gentios, a nova atitude para com os escravos expressa na carta a Filemon e a eleição dos escravos para importantes cargos nas congregações cristãs, o sentimento de solidariedade e igualdade que unia senhores e escravos e fazia os discípulos gentios sacrificar suas escassas economias em favor dos santos de Jerusalém, a própria refeição comunitária com seu elevado simbolismo e eficácia prática em superar divisões humanas – tudo isso falava da realidade da comunhão em Cristo.³⁴⁶

Esta comunhão tão desejada pelo próprio Senhor da Igreja foi abalada, no decorrer dos séculos, pelas diferenças sócio-econômicas, causando muitas divisões e provocando o nascimento de muitas igrejas. É isso que o autor observa ao dizer que

a divisão das igrejas segue de perto a divisão social em castas de grupos nacionais, raciais e econômicos. Traz a barreira racial para dentro da Igreja de Deus, promove o desentendimento, a autoglorificação e o ódio próprio do nacionalista chauvinista, ao alimentar no corpo de Cristo diferenças espúrias oriundas de lealdades provincianas. Faz ricos e pobres sentarem-se separados à mesa do Senhor, onde os afortunados desfrutam da abundância que granjearam enquanto os outros se alimentam das migalhas da sua pobreza.³⁴⁷

Muito embora a tese do autor reflita uma realidade americana específica, é de se lamentar que questões sócio-econômicas produzam divisão e fragmentação na igreja de Jesus Cristo. Como vimos, essa foi uma das causas do nascimento da IURD,

³⁴⁶ NIEBUHR, 1992. p. 14.

insatisfeito que estava Edir Macedo com o elitismo da Igreja Pentecostal de Nova Vida, fato já documentado neste trabalho.

Certa fase do denominacionalismo explica-se por meio de uma interpretação econômica modificada da história religiosa, pois as divisões das igrejas têm sido ocasionadas mais freqüentemente pela ação direta ou indireta de fatores econômicos do que pela influência de qualquer outro interesse humano. Ademais, é evidente que a estratificação econômica torna-se frequentemente responsável pela manutenção de divisões que foram originadas em diferenças de outra natureza.³⁴⁸

Questões econômicas financeiras foram mencionadas em quase todas as entrevistas feitas. Dos 10 entrevistados membros de igrejas históricas, só dois deixaram de mencionar este fator.

Sempre que o cristianismo se torna a religião dos afortunados e cultos – tornando-se ao mesmo tempo filosófico, abstrato, formal e eticamente inofensivo no processo – os estratos inferiores da sociedade sentem-se religiosamente expatriados por uma fé que não vai ao encontro das suas necessidades e nem apresentava apelo ético ideal. Em tal situação, um bom líder tem pouca dificuldade em lançar um novo movimento que, em geral, dará origem a nova denominação.³⁴⁹

Niebuhr entende que as denominações, via de regra, nasceram com os pobres, pessoas mais humildes, leigos, sem instrução, mas que foram progredindo e abandonando a ênfase do trabalho com estes, na medida em que iam progredindo, enriquecendo e obtendo mais acesso à cultura e ao poder. Foi assim com os Anabatistas, Batistas, Quacres, Menonitas, Metodistas, etc... Abandonados, os pobres e deserdados tinham que ir em busca de outros espaços e movimentos, dando origem a novas denominações.³⁵⁰

O conflito Leste e Oeste, vivido com muita intensidade nos Estados Unidos, sobressai claramente como a maior causa de divisão, e suas conseqüências na Igreja são também indicativas do caráter mais sociológico do que teológico dos cismas. Três

³⁴⁷ NIEBUHR, 1992, p. 13.

³⁴⁸ NIEBUHR, 1992, p. 25.

³⁴⁹ NIEBUHR, 1992, p. 28.

³⁵⁰ NIEBUHR, 1992, p. 25-53.

grandes igrejas de fronteira surgiram neste contexto: Metodista, Batista e Discípulos de Cristo.³⁵¹

Outro fator mencionado pelo autor, como determinante no surgimento das denominações é o nacionalismo europeu, sobretudo em suas manifestações culturais e políticas. E tudo começa quando a Igreja se misturou com o Estado Romano, com Constantino. Segundo o autor:

Não somente o interesse do Estado na Igreja e vice-versa estariam destinados a produzir cismas eclesiásticos na esteira das divisões políticas, mas também a acomodação do cristianismo à cultura predominante, que a posição de uma Igreja privilegiada tornava inevitável, estava fadada a envolver a Igreja em todas as desintegrações da unidade cultural. [...] Caracteristicamente, as questões que com mais frequência constituíram problema entre os grupos conflitantes foram questões de relacionamento da Igreja com o governo civil, do uso de salmos ou hinos e da atitude da Igreja diante das sociedades secretas. Ao mesmo tempo, os graus variáveis de ajustamento ao cenário americano foram responsáveis pelos cismas do corpo principal do presbiterianismo, que foram descritos em conexão com a história do cristianismo da fronteira. Portanto, o primeiro efeito da combinação das diferenças do Velho Mundo com a liberdade religiosa americana foi – tanto entre os escoceses como entre os alemães – a multiplicação de igrejas.³⁵²

Como se vê, as questões de ordem social, política e econômica estão presentes em grande parte dos divisionismos cristãos, produzindo a multiplicação de igrejas no decorrer dos quase dois mil anos de história.

3.2.3 Questões teológicas

Conforme foi visto no capítulo dois deste trabalho, no decorrer dos séculos, desde o período do Novo Testamento, os/as discípulos/as de Jesus Cristo depararam-se com muitas situações teológicas que colocaram em posições diferentes, pessoas que criam no mesmo evangelho e serviam o mesmo Deus.

Questões relacionadas com a pessoa de Deus (Trindade), a pessoa de Jesus Cristo (Deus/Homem) e a pessoa do Espírito Santo (Segunda bênção/dons) causaram

³⁵¹ NIEBUHR, 1992, p. 96-97.

³⁵² NIEBUHR, 1992, 73-74, p. 136.

grandes celeumas, ocasionaram muitos concílios e sínodos e dividiram o Cristianismo em diversos grupos, provocando o nascimento de muitas igrejas rotuladas como cristãs.

Entretanto, é indispensável que se registre que, em toda a história do Cristianismo, as questões teológicas funcionaram mais como fachada para as divisões, que ocorreram por outros motivos, mas que tinham como questão de frente alguns aspectos teológicos, nem sempre tão relevantes assim. Niebuhr argumenta nesta direção ao dizer:

Os historiadores estão certamente corretos quando sustentam que as igrejas nestorianas e monofisitas, os Cristãos de Santo Tomás, as igrejas armênias, jacobitas sírias, coptas e abissínicas não eram primariamente seitas heréticas distintas da grande Igreja do Ocidente pela heteroxia, mas eram igrejas nacionais conservadoras que protestaram contra as inovações da Sé de Constantinopla. Estes mais antigos movimentos cismáticos da Igreja aparentemente tinham as origens sociais nos conflitos entre grupos provincianos e o Império. Mas, o primeiro grande cisma da Igreja, que dividiu o Ocidente do Oriente, teve motivos mais políticos e culturais que religiosos e teológicos. As disputas teológicas a respeito da adição ao credo do inocente termo *filioque* ou sobre o uso de pão não levedado na Eucaristia, em sintomas de rupturas mais profundas entre Ocidente e Oriente, incapazes de serem superadas pela uniformidade teológica ou pela unidade eclesiástica. As velhas diferenças culturais entre o Oriente helênico e o Ocidente romano, a divisão do Império, a barbarização de uma parte dele pela invasão de nórdicos e de outra por migrantes eslavos e as ambições políticas dos bispos de Roma e Constantinopla foram as origens mais autênticas do cisma.³⁵³

Niebuhr menciona a denominação das duas igrejas resultantes do cisma, ou seja, grega e latina, como forte evidência de que questões culturais e políticas desencadearam a grande divisão, jamais restaurada.³⁵⁴

Segundo Niebuhr, “a racionalização tem sido usada mais para defender a discriminação do que para ocultá-la. O dogma que divide as igrejas raciais é, no conteúdo, antropológico e não teológico.”³⁵⁵ Siepierski, por sua vez, faz uma declaração relevante sobre esta questão. Ele afirma que “as mudanças teológicas na história do cristianismo raramente são fruto do labor teológico. A teologia é sempre feita a *posteriori*, como uma articulação das crenças da comunidade de fé”.³⁵⁶ Acontece o rompimento, o cisma, a divisão, por algum outro motivo e então se elabora o sistema teológico da nova comunidade que nasce, sendo que a grande maioria dos contornos

³⁵³ NIEBUHR, 1992, p. 75.

³⁵⁴ NIEBUHR, 1992, p. 75.

³⁵⁵ NIEBUHR, 1992, p. 146.

teológicos são praticamente os mesmos da comunidade de origem. Dentre as poucas exceções desta realidade, pode-se mencionar a Reforma Religiosa do Século XVI, que trouxe novos contornos teológicos para as igrejas dela nascentes.

Este fenômeno pode ser constatado nas entrevistas realizadas na pesquisa de campo, perguntados sobre o conceito de Deus, a Igreja e Salvação notou-se pouca diferenças teológicas entre os conceitos esposados pelos pastores e membros de Igrejas Históricas e os dos pastores e líderes de novas Igrejas. Exceção pode ser feita no que diz respeito à obra do Espírito Santo, sobretudo em relação ao Batismo do Espírito Santo, mencionado por alguns como fator determinante para o nascimento de algumas novas Igrejas.

Por outro lado, há situações em que as questões teológicas estão na base das divisões e do nascimento de novas igrejas. No caso dos batistas brasileiros, por exemplo, a divisão inicial, deu-se em função de questões teológicas, relacionadas à pessoa e à obra do Espírito Santo. A partir de Julho de 1964, iniciou-se um movimento que ficou conhecido como Movimento de Renovação Espiritual no Brasil que, a partir da denominação batista, estendeu-se para praticamente todas as denominações protestantes históricas em solo brasileiro.³⁵⁷ O Movimento tomou forma e deu origem a novas instituições como a Convenção Batista Nacional, criada pelas igrejas que foram desligadas da Convenção Batista Brasileira em Janeiro de 1965, com uma linha teológica de cunho pentecostal.³⁵⁸

Dentro do próprio pentecostalismo este é um fenômeno muito comum. Falando sobre o surgimento da pluralidade de pentecostalismos no Brasil, Siepierski afirma:

A uniformidade doutrinária do pentecostalismo foi rompida, contudo, em meados dos anos 70, quando vários setores do pentecostalismo clássico começaram a experimentar mutações em seu conteúdo doutrinário. Essas mutações provocaram uma diversidade de desdobramentos, alguns bastante diferentes de sua origem comum, outros nem tanto. Hoje convivem no campo pentecostal brasileiro uma infinidade de pentecostalismos, diferentes entre si

³⁵⁶ SIEPIERSKI, 2003, p. 82.

³⁵⁷ FERNANDES, Humberto Viegas. *Renovação Espiritual no Brasil: Erros e verdades*. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p. 21.

³⁵⁸ PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas do Brasil (1882-1982)*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982. p. 193-200.

não apenas no comportamento ético-social, como também no campo doutrinário.³⁵⁹

O mesmo autor cita Mariano que defende a tese de que “as diferenças teológicas significativas entre o neo-pentecostalismo e as vertentes pentecostais que o precederam são a ênfase na guerra espiritual, a teologia da prosperidade e a eliminação dos sinais externos da santidade”.³⁶⁰

Muito relevantes são as afirmações de Karl Barth, sobre a pluralidade e a unidade, aspectos teológicos importantes dentro da eclesiologia. Ele afirma que:

O Novo Testamento conhece uma pluralidade de comunidades, uma pluralidade de dons e uma pluralidade de pessoas *dentro* da igreja *una*. Essas pluralidades, entretanto, não tem importância autônoma. Elas tem sua origem, sua razão e seu limite na unidade – neste um : em Jesus Cristo como o Filho único de Deus, como doador do Espírito Santo uno.³⁶¹

E Barth acrescenta a importância de se estar focado em Cristo, não em outra questão qualquer, ainda que esta seja algo tão relevante como unidade da sua igreja.

Nossa intenção não deve ser a idéia de unidade, por mais bela e moral que ela seja; nossa intenção deve ser *ele*, quando pretendemos reconhecer e dizer que a incumbência da igreja implica ser *uma* igreja. Pois nele e somente nele recebem e possuem sua vida, seu espaço, sua dignidade, seu direito, sua promessa aquelas pluralidades eclesiásticas que querem receber e possuir tudo isto dentro daquela dependência, pertença e subordinação; é como no caso da natureza humana, por ele aceita, com ele reunida e assim conciliada, à qual, para seu próprio bem somente cabe essa existência, posição e importância não autônoma. E nele, somente nele, morrem aquelas pluralidades eclesiásticas que quisessem fazer uma reivindicação antiga ou nova por autonomia.³⁶²

Se houvesse mais atenção por parte dos cristãos, nesta questão da centralização de Cristo, ou seja, de uma vida cristã e eclesiástica cristocêntrica, certamente reduziria muito a incidência de divisões e o surgimento de novas igrejas.

É também nesta direção que Bonhoeffer afirma, ao falar da vida em comunhão, antídoto para as divisões. Ele afirma que

³⁵⁹ SIEPIERSKI, In: GUERRIERO, 2003, p. 71.

³⁶⁰ MARIANO, 1995 apud SIEPIERSKI, 2003, p. 78.

³⁶¹ BARTH, 2006, p. 204.

³⁶² BARTH, 2006, p. 205-206

Cristo desobstruiu o caminho que leva a Deus ao irmão. Agora os cristãos podem viver em paz uns com os outros, podem amar e servir uns aos outros, podem se tornar um. Contudo, também de agora em diante só poderão fazê-lo por meio de Jesus Cristo. Apenas em Jesus Cristo nós somos um, apenas por meio dele estamos unidos. Ele permanece o único mediador até a eternidade.³⁶³

Um último aspecto a ser mencionado sobre as questões teológicas como fator importante no nascimento de novas igrejas, é aquilo que Paegle chama de desteologização, quando a ênfase na experiência ou no acontecimento em si é mais relevante para a pessoa do que o conteúdo de sua fé ou do seu corpo doutrinário.

O *happening*, ou seja, o acontecimento, que neste caso, se refere à experiência religiosa passa a ser mais valorizado do que a doutrina para o crescimento em número de fiéis, num processo que chamamos aqui de “desteologização”. Neste sentido, a doutrina não é importante, mas sim o acontecimento, seja uma cura, uma bênção recebida, um emprego novo conquistado, ou breves momentos onde o fiel pode cantar a música do seu cantor *gospel* favorito.³⁶⁴

Assim sendo, a partir do momento em que se valoriza mais a experiência do que o conjunto de doutrinas ou temas teológicos esposados pela igreja ou denominação da qual faz parte, o caminho está aberto para o nascimento de novas igrejas, de acordo com a visão do ou dos seus idealizadores, à luz de suas experiências pessoais.

Outro aspecto a se destacar é a ignorância que se tem da Bíblia Sagrada. Feita uma pesquisa entre os evangélicos da Grande Vitória, estado do Espírito Santo, constatou-se que cerca de 80% dos entrevistados ainda não leram a Bíblia toda.³⁶⁵ Assim sendo, tornam-se facilmente influenciados por pessoas que os convencem de que estão na igreja errada e que precisam experimentar algo novo em suas vidas, ou seja, fazer parte de um novo projeto, uma nova igreja.

³⁶³ BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. Tradução de Ilson Kayser. 3. ed. Ver. São Leopoldo : Sinodal, p. 14.

³⁶⁴ PAEGLE, Guilherme de Moura. A “Mcdonalidzação” da fé: um estudo sobre os evangélicos brasileiros - **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Faculdade EST**, v.17, set.-dez, 2008, p. 5.

³⁶⁵ MULULLO, Heliomara, et all. Pesquisa comunhão 2009: Como se comportam e do que gostam os evangélicos da Grande Vitória. **Revista Comunhão**, Vitória, ano 12, n. 144, p. 45, 2009.

3.2.4 O denominacionalismo

Um exemplo claro disso é o fenômeno do surgimento das denominações, conhecido como denominacionalismo, a partir da reforma religiosa do século XVI.

No entender de Paul Freston:

o protestantismo já nasceu dividido. No próprio século XVI temos diferenças – os luteranos, os calvinistas, os anabatistas. E depois outras divisões vieram. Não há diferença qualitativa entre estarmos divididos em apenas quatro grupos ou em quatro mil grupos. O princípio é o mesmo. Não quer dizer que não deva haver esforços de união, se possível até de denominações – e também esforços para criar um organismo representativo.³⁶⁶

Entretanto é bom que se diga que “a reforma religiosa do Século XVI não foi a primeira ranhura na unidade da igreja latina. Várias outras igrejas nacionais haviam se organizado, muito embora com certa ligação com Roma”.³⁶⁷

Foi a partir da grande reforma, deflagrada por Martinho Lutero, que essas divisões se multiplicaram, fazendo nascer muitas igrejas, algumas das quais chamadas de denominação. Nos Estados Unidos os regionalismos e as lutas entre Norte e Sul, Leste e Oeste, ocasionaram muitas divisões e, com o movimento de avivamento espiritual, vários novos grupos de cristãos acabaram se organizando, dando origem a diversas denominações.³⁶⁸

Conflitos diversos aconteceram envolvendo denominações estabelecidas como Presbiteriana, Congregacional, Anglicana com a religiosidade de fronteira, ocasionando vários cismas e dando origem a novas denominações. “A ala radical do movimento reavivalista era constituída por gente rebelde, chamada separatista, que formou igrejas independentes, de princípios sectários, em muitas partes da Nova Inglaterra”.³⁶⁹

Convém notar também que, além dos cismas que originaram grupos denominacionais diferentes, houve também cismas internos, dividindo as denominações, que, na maioria das vezes manteve o mesmo nome. Como exemplo

³⁶⁶ FRESTON, Paul. Nenhuma igreja está parada no tempo. *Revista Ultimato*, Viçosa, Ano 42, n.319, 2009, p. 42.

³⁶⁷ NIEBUHR, 1992, p. 78.

³⁶⁸ NIEBUHR, 1992, p. 96-97.

³⁶⁹ NIEBUHR, 1992, p. 87.

deste fenômeno pode-se mencionar a denominação batista no Brasil. A Convenção Batista Brasileira, criada em 1907, com o propósito de unir as igrejas batistas acabou se dividindo em 1965 dando origem à Convenção Batista Nacional, que se considera outra denominação, conquanto mantenha o nome Batista.³⁷⁰ Outras igrejas batistas se organizaram em torno de outras convenções e algumas vivem isoladamente, sem fazer parte de nenhuma denominação. Estas igrejas não têm relacionamento entre si, nem no que diz respeito à transferência de membros, nem no que diz respeito à participação nas celebrações da Ceia do Senhor.

A própria hermenêutica batista é propícia ao sectarismo, desde a sua origem, conforme pontua Esperandio:

É importante observar que as cisões nas igrejas batistas, motivadas por divergências de interpretação bíblica, estão presentes desde sua origem e acompanha todo o desenvolvimento de sua história, parecendo representar, desse modo, mais do que um traço que caracteriza esse grupo. A tendência às cisões estabelece-se como elemento que lhe é constitutivo. A “bibliocracia”, aliada ao “livre exame das escrituras”, e a forma de governo não hierarquizada, mas de congregações autônomas, possibilita com relativa facilidade e com grandes prejuízos à denominação, as incontáveis divisões advindas do exercício do livre exame das escrituras. Divisões estas, presentes, desde sempre, em seu processo histórico.³⁷¹

Freston afirma também que “o divisionismo protestante no Brasil iniciou-se com os missionários, fincou o pé na tradição brasileira de catolicismo leigo e terreiros concorrentes, e alimenta-se agora da enorme expansão de um público religioso flutuante”.³⁷²

Segundo Oliveira,

este contexto facilita a tendência aos cismas, sobretudo no pentecostalismo, em que a flexibilidade é um dos fatores que o capacitam a alcançar as massas e criar vertentes específicas, adequadas aos contextos sociais mais diferentes. O universo protestante é formado de imensa diversidade organizacional, litúrgica

³⁷⁰ PEREIRA, 1982. p. 84.

³⁷¹ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. A identidade batista e o “espírito” da Modernidade. *Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) das Faculdades EST*, v. 06, jan.-abr, 2005, p.24

³⁷² FRESTON, Paul. *Protestantismo no Brasil: Da constituinte ao Impeachment*. Campinas: 1993, p.304 Tese – Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas apud OLIVEIRA, 2004, p. 24.

e também política, possibilitando, assim, a qualquer dissidente, a organização de uma nova igreja, sem abandonar a identidade evangélica original.³⁷³

Segundo Oliveira, “o campo protestante brasileiro não só experimentou um rápido crescimento, mas também vivenciou e, ainda hoje não é diferente, uma grande fragmentação, originando centenas de grupos autônomos e/ou denominações protestantes assim chamadas”.³⁷⁴

Cerveira, falando sobre o denominacionalismo indaga:

É possível perguntar então, se “o denominacionalismo é algo difícil de defender” e se de fato existe pouco ou nenhuma discussão teológica protestante a seu favor, por que o protestantismo parece fadado a esta fragmentação institucional? Fala-se em vinte mil denominações no mundo, quarenta principais e mais de duzentas menos destacadas somente no Brasil. Em primeiro lugar, ser protestante não pode ser atrelado a uma unidade teológica fixa mesmo em seus primórdios. É bastante conhecido o processo desencadeado pelo movimento luterano ou protestante. Esse movimento não parou na Alemanha. Logo vieram outros reformadores, Calvino, Zwinglio, Henrique VIII e finalmente os radicais, entre eles os anabatistas e assim por diante; foram tantas as variações teológicas, litúrgicas e organizacionais que o termo protestante se tornou rapidamente quase indefinível.³⁷⁵

Se o termo “protestante” tornou-se indefinível, e parece que Cerveira em razão, o que dizer do termo “evangélico”? Como poderia ser definida uma “Igreja Evangélica” no Brasil? Trata-se de um termo largamente usado para identificar pequenas e grandes Igrejas Cristãs fora do Catolicismo, mas que já não é capaz de oferecer uma definição do seu verdadeiro significado. São inúmeras as denominações que se utilizam esta terminologia.

Falando ainda sobre o denominacionalismo, Cerveira afirma que

a unidade protestante está em um movimento que constantemente se quer orientar no Evangelho, mas no qual a violenta discussão teológica pela descoberta da verdade leva à divisão da união. Se o fator comum, “unificador” do protestantismo, é justamente um elemento desagregador, esse movimento parece realmente fadado a um “contínuo divisionismo”, como sugere Antônio Gouveia de Mendonça, que aponta como causa para tal fragmentação o deslocamento, efetuado pela Reforma Protestante, da fonte de autoridade da

³⁷³ OLIVEIRA, 2004, p. 24-25.

³⁷⁴ OLIVEIRA, 2004, p. 24.

³⁷⁵ CERVEIRA, Sandro Amadeu. Protestantismo Tupiniquim, Modernidade e Democracia: limites e tensões da(s) identidade(s) evangélica(s) no Brasil contemporâneo. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, março, 2008, p. 40.

tradição da Igreja e do clero sacerdotal, típica do cristianismo medieval. Essa fragmentação denominacional que tanto incomoda autores evangélicos, católicos, ateus, para não falar do senso comum e de jornalistas alarmados com “o nascimento de uma igreja por dia no Rio de Janeiro”, é a nosso ver uma consequência de se esperar, senão necessária, de um movimento que já na sua gênese não entende a unidade cristã como unidade institucional e que abre as portas para uma outra epistemologia (relação com a verdade) não mais atrelada às estruturas rígidas da tradição ou de um colégio apostólico, mas que enfatiza tanto a liberdade na interpretação dos textos sagrados como a legitimidade de uma organização não dependente de alguma instituição central, mas baseada na própria comunidade dos fiéis.³⁷⁶

O denominacionalismo produziu milhares de igrejas diferentes, com estruturas e doutrinas diferentes e continua sendo fator preponderante para o nascimento de novas Comunidades Cristãs Independentes.

3.2.5 Questões Administrativas

3.2.5.1 Personalismo

Quando este trabalho analisou o nascimento de igrejas pentecostais no Brasil, sobretudo na segunda e na terceira onda, pode-se constatar que o personalismo é fator que ocasiona o nascimento de novas igrejas. Líderes há que não se sujeitam à liderança de outras pessoas e preferem liderar a sua própria igreja, da maneira como lhe apraz.

Em algumas das novas igrejas, que tem nascido nos últimos 10 anos, o nome do líder e até mesmo a foto está diretamente atrelado com a Igreja. Como exemplo disso pode-se mencionar a Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Mundial do Poder de Deus, que expõe uma enorme foto de seu líder fundador, o missionário Romildo Ribeiro Soares, conhecido como R.R.Soares e o apóstolo Valdemiro Santiago respectivamente. Os próprios saíram de outras igrejas por não concordar com suas respectivas lideranças.

Outro exemplo de personalismo é o que tem acontecido com a Missão Carismática Internacional. Trata-se de um movimento de caráter carismático, iniciado em Bogotá, na Colômbia, pelo pastor César Castellanos Dominguez, a partir de 1983.

³⁷⁶ CERVEIRA, 2008, p. 40.

Ele visitou a Igreja Yoido do Evangelho Pleno de David Yonggi Cho na Coréia do Sul em 1986. “Após uma tentativa de utilização de células durante sete anos, o Pastor Castellanos recebeu uma visão de Deus de que o sistema de células devia ser baseado no exemplo de Jesus e os seus 12 discípulos.”³⁷⁷ A partir desta visão, Castellanos escolheu 12 pastores e passou a se encontrar com eles semanalmente. Cada um destes 12 pastores escolheu 12 pessoas com as quais multiplica o que recebe de Castellanos, até alcançar todos os membros da igreja.

Além das células semanais, o modelo prevê a realização de encontros com ministração da Palavra de Deus de maneira concentrada, além de uma escola de treinamento de líderes. Um dos problemas é que ao ser transportado para o Brasil o “ministério” passou por uma série de mutações, agregando, práticas e princípios sincretistas da religiosidade brasileira, com grande ênfase na experiência pessoal, emocionalismo, misticismo.

Sendo representado no Brasil, inicialmente, por Renê Terra Nova, Valnice Milhomens e Roberto Tavares, o movimento experimentou vários rachas, muito em função do personalismo de sua liderança.³⁷⁸ Este movimento alcançou de maneira avassaladora as Igrejas Protestantes históricas e, sendo rejeitado pelas denominações históricas, causou muitas divisões e o surgimento de novas igrejas, que sendo desligadas de suas respectivas Convenções, permanecem independentes.

Pastores e líderes das igrejas nascentes mostram-se personalistas, negando-se em dividir o “poder” com outras pessoas, fazendo questão de manter sua hegemonia na administração das novas comunidades.

3.2.5.2 Liderança

Lideranças saudáveis, maduras e multiplicadoras são indispensáveis em todas as instituições, quer sejam elas de natureza política, social ou religiosa. Bill Hybels afirma que “a grande tragédia da igreja da atualidade tem sido seu fracasso em

³⁷⁷ COMISKEY, 1997, p. 106

³⁷⁸ YAMABUCHI, Alberto Kenji. *Uma análise do Movimento G-12*: Reflexões de um pastor batista. Mensagem proferida na reunião mensal da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil, Secção do Estado de São Paulo, no dia 29 de março de 2004.

reconhecer a importância do dom da liderança. [...] O dom da liderança é o dom catalisador que estimula, direciona e potencializa todos os outros dons.”³⁷⁹ Quando isso ocorre de maneira saudável, as igrejas se desenvolvem, crescem e se multiplicam de maneira tranqüila e pacífica. Quando a liderança torna-se problemática, surgem dificuldades de relacionamento, conflitos administrativos e por fim, acontecem os rompimentos e conseqüente início de novas igrejas.

Líderes com visões diferentes no que concerne ao exercício do ministério pastoral têm sido foco de conflitos e divisões nas igrejas, notadamente nas igrejas protestantes históricas.

3.2.5.3 Liturgia

Tem sido motivo de rompimentos e surgimento de novas igrejas as questões litúrgicas. Dusilek afirma que

as igrejas de corte mais histórico deveriam fazer uma auto-análise a fim de verificar como poderiam responder às necessidades de seus membros que não estão sendo atendidos no modelo atual. Isto pode implicar em rever sua estrutura organizacional, seu programa de Educação Cristã, sua forma de ministrar às pessoas da comunidade e, principalmente, rever e mudar sua proposta litúrgica. As pessoas desejam uma liturgia onde se sintam próximas umas das outras. Uma liturgia que respeite os valores de sua cultura. Hinos que explorem a tremenda musicalidade do povo brasileiro fora dos estereótipos e paradigmas de uma música sacra importada. Novas formas cúlticas e novos ritmos para os cânticos e hinos devem ser desenvolvidas e exploradas.³⁸⁰

É sabido que o desejo de se ter uma liturgia mais livre, espontânea e contextualizada, com mais participação do povo, tem produzido divisões e o surgimento de novas igrejas, que atenda e seja adequada a esta demanda.

³⁷⁹ HYBELS, Bill. *Liderança corajosa*. Traduzido por James Monteiro dos Reis. São Paulo: Vida. 2002, p. 67.

3.3 Fatores Apontados pelos entrevistados

3.3.1 Fatores apontados pelos *Praticantes*

O *Praticante I* faz um desabafo:

A gente se incomoda com isso, mas eu creio que o fator principal a pessoa se vale da liberdade religiosa que tem e prega de qualquer maneira, e prega qualquer coisa e vai enganando as pessoas, assim tem muita gente que gosta de ser enganada. Na minha maneira de ver tem muita gente sendo enganada com um selo do evangelho que não é o evangelho, aquele negócio que não é o evangelho real, o sério de Jesus Cristo. Mas o interesse econômico financeiro também das pessoas. O desemprego é outro fator, se o indivíduo prega direitinho, fala de Deus com certo carisma, na verdade ele vai criando uma Igreja ele vai sustentar a família dele, ele vai viver o resto da vida dele. Então essa questão econômico-financeira também se põe de uma maneira grandiosa e a facilidade onde as pessoas gostam de ser enganadas facilmente vão atrás dessas promessas e os grupos vão se mantendo, e vão se manter por algum tempo. Assim em termos gerais eu vejo assim.³⁸¹

Liberdade religiosa, barateamento do evangelho, interesse econômico-financeiro, pessoas que “gostam” de ser enganadas e se deixam manipular, por interesses pessoais, são os fatores apontados por este *Praticante*, que é pastor de uma Igreja Batista histórica.

O *Praticante II*, que também é pastor de uma Igreja Batista histórica, foi bastante didático e, sem comentar cada um dos pontos, mencionou doze fatores:

Facilidade para abrir uma igreja; pessoas que querem um negócio; pessoas que não se submetem a liderança; pessoas que buscam se auto promover; a necessidade das pessoas; o desconhecimento profundo da palavra de Deus (analfabetismo); a convivência – pessoas que passam da inocência para tornarem-se coniventes com os seus líderes; aceitar tudo como de Deus; desconhecimento teológico; descontentamento; obtenção única de poder e unção de Deus; a busca das pessoas pelo novo e extraordinário.³⁸²

Também na visão deste *Praticante*, existe a convivência daqueles que se aceitam fazer parte do projeto de iniciar uma nova Igreja, como pioneiros neste trabalho.

³⁸⁰ DUSILEK, 1997, p. 43, 44.

³⁸¹ ANEXO A, p. 166.

³⁸² ANEXO A, p. 168.

O *Praticante III* também foi bem específico, mencionando três fatores que são:

O descontentamento de membros da igreja, procurando novas garantias eclesiais, novas alternativas; membros carismáticos que saem em busca de aventura, coisas novas, bombardeios da mídia leva-os em busca de novas experiências religiosas/espirituais; aproveitadores que vêm no segmento igreja para o ganho fácil. criam ou entram em uma franquia de uma grande nova igreja e começa a arrebatar as pessoas. não se importam se é certo, bíblico ou teológico, só querem saber se vale a pena e se dá lucro.³⁸³

Este *Praticante*, que também é líder de uma Igreja Batista histórica consegue notar um descontentamento em pessoas que fazem parte de uma comunidade histórica, a exemplo do que percebe o *Praticante II*.

O *Praticante IV*, por sua vez, menciona apenas dois fatores, ou seja, “a busca de solução imediata para os problemas de ordem emocional, de ordem financeira e [...] uma solução imediata sem ensinar a palavra de Deus corretamente em relação aos problemas que todos nós vivemos nesse mundo.”³⁸⁴

O *Praticante V*, pastor de uma Igreja Batista considerada histórica, aponta cinco fatores:

Essas pessoas ou se contrariaram com a liderança da sua denominação ou mantêm um forte espírito de independência; revelam um alto grau de soberba espiritual; procuram auferir promoção ou lucro pessoal; não se submetem a autoridade e senso comum denominacional; ocultam tudo isso quase sempre com testemunho de experiência pessoal fantástica de visão e chamamento de Deus.³⁸⁵

Este *Praticante* não consegue ver nenhum fator nas comunidades históricas, colocando o peso exclusivamente nos *Peregrinos* e nos *Convertidos*.

Do *Praticante VI* ao *Praticante X* são membros de igrejas históricas. Eles apontam os seguintes fatores:

Praticante VI: “O povo está desesperado, à procura de bens materiais, riquezas e por outro lado pessoas querem facilidades”.³⁸⁶

³⁸³ ANEXO A, p. 169-170.

³⁸⁴ ANEXO A, p. 171.

³⁸⁵ ANEXO A, p. 172.

³⁸⁶ ANEXO A, p. 173.

Praticante VII: “Nível de escolaridade baixa entre os membros das igrejas evangélicas; a condição social das pessoas, criando ilusões sobre o que é e o que não é o reino de Deus; a facilidade das pessoas de abrirem uma igreja; interpretação da Bíblia de maneira errônea;”³⁸⁷

Praticante VIII: “Uns estão fazendo para ganhar dinheiro; outros sabem um pouquinho e já saem para fazer uma igreja para eles, são independentes; alguns fazem da igreja seu meio de sobreviver”.³⁸⁸

Praticante IX: “As pessoas procuram um lugar em que se sentem bem; outros vão em busca de um lugar que atenda seus próprios interesses; pastores sem formação teológica. Eles tem que ter uma orientação maior. Além de ter um chamado as pessoas tem que se preparar”³⁸⁹

Praticante X: “Me parece que o fim deles é faturar dinheiro, lucro financeiro; muitos vão atrás de milagres, curas etc.”³⁹⁰

Pode-se observar que os fatores mencionados pelos *Praticantes* que não são pastores vão na mesma direção dos seus pastores. Digno de nota é o fator econômico-financeiro, mencionado por todos os *Praticantes*, direta ou indiretamente.

3.3.2 Fatores apontados pelos *Peregrinos*

Os *Peregrinos* são os pastores das novas comunidades, que estão diretamente envolvidos no processo de organização das novas igrejas. Todos eles lideraram os grupos que deram origem às novas comunidades e se mantêm como pastores das mesmas.

O *Peregrino I* é muito enfático ao responder a esta questão. Observe-se o que ele diz:

Olha, sinceramente como batista que eu fui, eu até diria para você que teologicamente sou batista. Eu diria para você que um dos princípios da doutrina batista é a livre interpretação das Escrituras. Isso é um fator que determina. Muito especificamente a cerca dos dons espirituais; um outro fator que determina é a questão de modelos atuais de discipulado que em nada agredem a sã doutrina, a doutrina apostólica. E que a estrutura denominacional

³⁸⁷ ANEXO A, p. 174.

³⁸⁸ ANEXO A, p. 175.

³⁸⁹ ANEXO A, p. 177.

³⁹⁰ ANEXO A, p. 178.

em algumas vezes como já se referiram a mim que a visão era coisa do diabo. Olha, se é do diabo o diabo se converteu. Porque a única coisa que o diabo faz é que leva as pessoas a se amarem mais a Deus, a servirem as suas casas para terem uma célula; eu acho que um terceiro fator que leva muitas novas comunidades a se abrirem é a falta de um pastorado saudável, de uma liderança misericordiosa.[...]Por que muitas Igrejas novas existem, nascem? Porque tem líderes que os pastoreiam na força do homem e não na força do Senhor.³⁹¹

Mais do que apontar fatores que determinam o nascimento de novas Igrejas, o *Peregrino I* procura argumentar, se auto-justificar, tanto ao lançar críticas aos líderes das Igrejas Protestantes históricas, denominacionais como ele afirma, como também querendo isentar-se de qualquer motivação ilegítima.

O *Peregrino II*, por sua vez, é mais objetivo. Ele aponta para três fatores:

A estrutura das igrejas tradicionais exige um culto padrão para o exercício do ministério, o que exclui alguns irmãos que tem um chamado que não tem liberdade nem reconhecimento (falta de oportunidade). Visão financeira e não de almas. Só este ano abriram e fecharam várias igrejas, sem fazer nenhuma diferença nem deixar marcas na comunidade. Outras se dão bem e ocasionam/ despertam interesse em novas iniciativas; facilidade que existe hoje para abrir uma nova igreja. É só ter um espaço, algumas cadeiras e iniciar o trabalho. Existe pouca responsabilidade neste processo.³⁹²

Digno de nota é que dois dos três fatores mencionados estão em sintonia com a visão dos *Praticantes*. É interessante a consciência que este *Peregrino* tem das motivações questionáveis para tal iniciativa.

O *Peregrino III*, entretanto, também se estende bastante em sua resposta, a exemplo do *Peregrino I*: Ele afirma:

No meu entendimento, o surgimento de igrejas independentes se deu por uma série de fatores ocorridos nos últimos anos, entre os quais podemos destacar: uma mudança na liturgia do culto completamente diferente dos padrões históricos; o crescimento em todo o mundo do movimento neo-pentecostal que entendo como a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito e a revelação bíblica de ensinamentos novos até então não discutidos pela igreja: quebra de maldições, cura interior ou das emoções, batalha espiritual e a restauração dos ministérios de Apóstolo e profeta. Também o nascimento de novos métodos de trabalhar internamente na igreja sem ser através das sociedades domésticas através de ministérios e grupos pequenos somaram mais

³⁹¹ ANEXO B, p. 181.

³⁹² ANEXO B, p. 182-185.

insatisfações e contribuíram para o nascimento das igrejas independentes. Outro fato inegável é que, de um modo geral, as igrejas pentecostais dão muita ênfase à fé e menos ao ensino bíblico. Este desequilíbrio entre esses dois valores tem causado muito desentendimento dentro das igrejas e contínuas divisões surgem em função de desentendimentos internos. A facilidade jurídica de se criar igrejas também facilita ainda mais esta iniciativa. Por último, penso que o município da Serra foi muito afetado por um movimento de grupos pequenos em célula chamado G12 que causou uma revolução dentro das igrejas, por causa de sua forma de funcionar, e isso causou o nascimento de muitas igrejas independentes formando um movimento independente.³⁹³

O *Peregrino III* é equilibrado em suas considerações. Ao mesmo tempo em que justifica sua própria experiência e a do grupo que lidera, também menciona alguns fatores citados pelos *Praticantes*, demonstrando equilíbrio e tranquilidade ao tratar do assunto. Não se sente ameaçado e faz suas colocações de maneira ponderada.

O *Peregrino IV* aponta apenas dois fatores causadores do nascimento de novas igrejas. Ele diz:

Eu acho o seguinte, eu vejo que a Igreja de Jesus com o passar dos anos ela vem perdendo a sua identidade. Eu poderia até usar aqui uma palavra, degeneração, ela vem se degenerando. A partir daí então, o senhor sabe que existem muitas carências no meio do povo de Deus e as pessoas estão correndo de um lado para o outro se apegando a tudo que podem. Uma coisa que eu acho impressionante, e que o senhor sabe muito bem, é que o povo não é muito apegado à Palavra de Deus. É a Palavra de Deus que me dá equilíbrio, é a Palavra de Deus que me dá estabilidade. Então como nós temos aí um grande número de pessoas que vivem, infelizmente, de movimentos. O senhor sabe que em todas as Igrejas é assim, em reunião de estudo bíblico o número é menor, em reunião de oração o número é menor, e, não estudando a Palavra e não orando nós ficamos bastante vulneráveis a essas comunidades que estão surgindo, e acontece exatamente esse êxodo, as pessoas deixam suas Igrejas, muitas vezes Igrejas estabelecidas, bem solidificadas e correm atrás dessa Igrejas que vão surgindo. Eu vejo assim.³⁹⁴

O *Peregrino IV* faz menção de um fator que justifica a saída de grupos das igrejas históricas, mas ao mesmo tempo, penitencia-se, reconhecendo que a falta de conhecimento da Bíblia é o grande causador deste fenômeno.

O *Peregrino V* menciona dois fatores, mas acaba citando quatro. Observe:

Tem vários fatores, mas tem dois (ele mencionou quatro) fatores que a gente poderia abordar:

³⁹³ ANEXO B, p. 188.

³⁹⁴ ANEXO B, p. 190-191.

1º - A maioria das vezes é a inconveniência, às vezes falta de obediência, líderes, que se dizem líderes, porque acham que tiveram uma oportunidade, e essas pessoas por ter tido uma oportunidade de alguém, amanhã já está liderando um grupo e acha que já pode ser líder. E tem porque quer ser líder e não quer mais ouvir o líder, e toma uma atitude e todo o grupo com ele. Então isso é uma das razões porque surgem muitas novas denominações completamente desorientadas, movidas pela emoção e não pela razão. 2º - E existem casos, talvez não chegue ao ouvido dos grandes presidentes e fiquem sabendo, de uma mudança radical dentro do sistema onde a maioria já acostumou a viver anos e anos dentro de um nível e a pessoa de um dia para o outro quer mudar. Então ele pode causar um transtorno e surgir desse transtorno um outro grupo, onde vai formar uma nova comunidade. 3º - Como também existem pessoas que são ordenadas por Deus para estar levantando um trabalho, pode isso acontecer, direcionadas por Deus, como a gente sabe, a chegada da Igreja no Brasil e de outros ministérios que hoje estão aí expandindo. 4º - E até outros também, por não ter o que fazer, por interesse financeiro.³⁹⁵

Os fatores citados pelo *Peregrino V* também acabam apontando para situações em que as motivações são questionáveis, fazendo, de certa forma, uma confissão, muito embora ele mesmo não se veja enquadrado nestes quatro fatores.

Na verdade todos os *Peregrinos* colocaram-se numa posição de autodefesa e auto-justificativa, alguns com mais ênfase, até mesmo demonstrando certa amargura, mas outros com tranqüilidade, mostrando que já superaram aquele impacto inicial e estão agora desenvolvendo o trabalho que entendem que desejam fazer.

3.3.1 Fatores apontados pelos *Convertidos*

Como já foi mencionado neste trabalho, os *Convertidos* são membros das novas comunidades, a maioria dos quais fizeram parte do movimento inicial, que deu origem à nova Igreja. Eles responderam aos mesmos questionários que os seus pastores. Os fatores que eles apontam para a origem das novas Igrejas são:

O *Convertido I* demonstra bastante serenidade em sua resposta:

Eu lembro que quando eu fazia parte da ___ eu olhava e via que cada dia nascia uma Igreja. E eu achava que muita gente dentro da ___ por não se submeter à autoridade, ou por rebeldia, saía e abria uma Igreja. Minha idéia a princípio era essa, mas acabou que me vi em uma situação semelhante. E até

³⁹⁵ ANEXO B, p. 194.

mudei um pouco o modo de pensar. Eu acredito que muitas Igrejas são abertas por questão de rebeldia mesmo, cisão, desentendimentos em questões administrativas. Mas eu vejo também muitas Igrejas sendo abertas por um direcionamento novo de Deus ou uma expansão da pregação ou do ensino da palavra para atingir outras pessoas. Não que o formato anterior, Igrejas mais tradicionais, mais históricas, não atinja as pessoas, mas existem milhões de pessoas a serem atingidas. Então, existem Igrejas constituídas para atingir a essas pessoas. A pregação da Salvação de Cristo é a mesma, a necessidade da pessoa receber a Cristo e ser resgatada do inferno. Mas na maioria dos casos, eu vejo como a necessidade da mudança também de linguagem para atingir outras pessoas, para que o Evangelho seja mais propagado e expandido. E acredito que até por isso esse fenômeno do crescimento do evangelho no Brasil, esse fator seja um dos principais, porque se fosse mantida aquela linguagem já direcionada sempre naquele sentido, alguns tipos de pessoas não teriam acesso à pregação do evangelho. Mas eu vejo que essa questão de várias Igrejas, vários ministérios novos surgindo como um dos fatores, uma estratégia de Deus para alcançar mais.³⁹⁶

Muito embora reconhecendo que existam situações em que acontecem cismas por motivações equivocadas, o *Convertido I* demonstra bastante convicção de que está envolvido num projeto de Deus para a sua vida e a da nova comunidade a qual ajudou a fundar.

O *Convertido II*, por sua vez, demonstra certa dificuldade em enumerar os fatores:

É uma pergunta difícil de ser respondida pelo fato de ter saído de uma igreja tradicional para esta igreja que é pentecostal. Alguns irmãos não estão satisfeitos. As igrejas tradicionais não estão conseguindo satisfazer completamente muitos de seus membros que acabam saindo e se reunindo com as novas comunidades. Esta não é uma igreja puramente pentecostal e também não é tradicional. Temos buscado o equilíbrio. A vaidade e o orgulho ferido de alguns líderes que almejam o ministério e não conseguem, o descontentamento com a igreja onde fazem parte. Não vejo mal nisso. Vejo como benefício. Quanto mais igrejas menos lugares que seriam ocupados por bares, clubes, prostíbulos, etc.³⁹⁷

Coerentemente o *Convertido II* aponta o fator insatisfação e não vê mal na atitude de alguém deixar sua Igreja e unir-se a uma nova comunidade. Por outro lado, tenta justificar-se, como se sentisse culpado por pertencer a uma igreja de linha pentecostal.

O *Convertido III* oferece algumas pistas a mais para a questão. Ele diz

³⁹⁶ ANEXO C, p. 197.

³⁹⁷ ANEXO C, p. 199.

A gente vai convivendo com pessoas a gente vê que cada uma tem um modo de pensar. Vou responder com base em pessoas que já passaram por aqui e não estão mais conosco. Uns já vieram de lá, sabiam como nos éramos, ficaram conosco algum tempo e foram para outros lugares. Outros ficaram mais de 5 anos, mais de 7 e depois algum dia resolvem sair. O que gera isso em uma pessoa é a insatisfação pessoal. Por exemplo, eu me indisponho com o pastor e eu como pessoa não quero me submeter à liderança dele, daí para mim é fácil sair e eu saio. E quando isso é feito por outro líder, por alguém que tenha liderança, naturalmente ele cria uma outra comunidade. Então hoje é muito fácil se criar essas comunidades independentes. Muitas pessoas que passam por Igrejas, ficam e acabam saindo levando consigo algumas pessoas e criam essas comunidades independentes. Eu não acredito ser esse o nosso caso. Na época nós saímos em cerca de 70 pessoas, 99% da Igreja. Então, eu não considero esse o nosso caso. Mas também, nós temos o caso de um casal que ficou com a gente durante anos e resolveu sair este ano. Mas não foi para forma outra comunidade, e sim par se integrar em outra Igreja. Ainda não houve caso de alguém sair desta Igreja para formar outra independente.³⁹⁸

Neste caso, a pessoa menciona outro fenômeno que é a migração das próprias novas comunidades para outras ainda. É o trânsito religioso exacerbado, tão bem destacado pelos teóricos citados neste trabalho.

O *Convertido IV* inicia a resposta com muito receio. Ele se pergunta:

Será que eu vou pecar se eu falar Jesus? Pastor, tem muitas Igrejas por aí que são muito boas para a comunidade. Tem muitas comunidades que tinham mais bares do que Igreja. Existia muito bandidismo, muita cachaçada. Eu tenho uma Igreja para tirar o chapéu para ela ali no bairro ___ que é a ___. Porque o bairro ___ era um bairro poluído, cachaças, drogas e hoje a ___ salvou muitas pessoas desse meio aí, que hoje alguns deles já são até presbíteros na Igreja, pastores na Igreja. E muitas pessoas que já pularam no congo hoje está pulando na Igreja ___, muitos da nossa Igreja também já foram, talvez já foi na sua casa. Porque eles sentiram que o mundo não vale nada e creio eu que eles estão ganhando gente do mundo através da ida dele para a Igreja evangélica. Agora, já tem muitas aí que me desculpa, tem muitas que estão olhando o dinheiro que o pastor vai ganhar. O pastor começa hoje, amanhã já está com seus carrões. Mas acho que tem algumas Igrejas que não ajudam quase nada, creio eu que seja assim. Não posso criticar muito também não, porque criticar também é pecado.³⁹⁹

O *Convertido IV* tenta justificar, exaltando os benefícios que a proliferação de Igrejas tem causado, sobretudo em bairros marcados por determinados desvios sociais. Quando menciona um fator, com medo, menciona a motivação financeira, ou lucro.

³⁹⁸ ANEXO C, p. 201.

³⁹⁹ ANEXO C, p. 203-204.

O *Convertido V* também é sincero. Ele diz:

Em algumas vemos o interesse próprio, financeiro. Em outras, a falta de visão de alguns que se colocam na liderança e com o tempo perdem a visão da Palavra. Os líderes das Igrejas históricas mudam o foco, que é a Palavra. Visão para iniciar um novo ministério. É uma comunidade que está trabalhando de maneira juridicamente correta, com prestação de contas à membresia da Igreja, e não fugindo de seu Estatuto.⁴⁰⁰

Também o *Convertido V* acaba mencionando a questão financeira, mas logo se protege, deixando claro que a sua comunidade não surgiu e não funciona com esta motivação.

Nota-se que todos os *Convertidos* colocam-se numa posição defensiva, pois têm plena convicção de que as comunidades que eles ajudaram a iniciar e da qual fazem parte hoje, surgiu motivada por fatores positivos, saudáveis, plenamente justificáveis. Isso é, na verdade, uma questão de coerência.

Neste capítulo foram pontuados alguns fatores que têm desencadeado o nascimento das novas comunidades cristãs, tanto colhidos da bibliografia como das entrevistas feitas na pesquisa de campo. No próximo capítulo, encerrando a pesquisa, serão identificadas algumas consequências deste fenômeno para as Igrejas Cristãs históricas e para o reino de Deus de uma maneira geral.

⁴⁰⁰ ANEXO C, p. 205.

4 CONSEQÜÊNCIAS DA MULTIPLICAÇÃO DE COMUNIDADES CRISTÃS INDEPENDENTES PARA AS IGREJAS CRISTÃS HISTÓRICAS LOCALIZADAS NO MUNICÍPIO DA SERRA

4.1 Prejuízos

4.1.1 Individualismo religioso

O fenômeno do surgimento de novos movimentos religiosos no mundo, sobretudo o nascimento das novas igrejas cristãs independentes, tem produzido muitos prejuízos para as Igrejas Cristãs Históricas, muito embora deva se reconhecer que trouxe também alguns benefícios.

Dentre os muitos prejuízos causados pela multiplicação de igrejas cristãs independentes, pode-se mencionar o individualismo religioso. Seguindo as figuras do *Peregrino* e do *Convertido*, utilizadas por Hervieu-Léger, chega-se à conclusão que ambos deságuam no individualismo religioso, tornando a religião uma questão de interpretação subjetiva e particular.

As duas figuras típicas do 'peregrino' e do 'convertido' nos permitem descrever a cena religiosa contemporânea como uma cena em movimento. Elas também têm a capacidade de destacar que é o indivíduo que, na verdade, está no centro. Todas as pesquisas confirmam, com efeito. A paisagem religiosa da modernidade é caracterizada por um movimento irresistível de individualização e de subjetivação das crenças e das práticas. 'A modernidade religiosa é o individualismo'⁴⁰¹

Mesmo reconhecendo que o individualismo religioso não é um fenômeno totalmente novo, isto é, não é fruto direto da modernidade, constata-se que tem recebido grande impulso com esta, dando origem a um sem número de novos movimentos religiosos, dentre os quais novas igrejas cristãs independentes.

Seguindo o raciocínio de Weber, Hervieu-Léger responsabiliza o calvinismo pela radicalização do individualismo, estabelecendo os alicerces do individualismo moderno que se consolidou com a espiritualidade sectária da Reforma radical, que advoga a

⁴⁰¹ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 139.

liberdade de consciência de cada indivíduo, podendo este se unir à comunidade que quiser e promover uma organização comunitária fundada sobre a livre vontade de cada um e a afirmar sua independência generalizando a prática da eleição dos pastores.⁴⁰²

Citando a expressão “nebulosa-místico-esotérica”, usada por F. Champion, Hervieu-Léger afirma que o individualismo religioso moderno, formado por grupos e redes espirituais constituídos em torno de editoras, livrarias e centros de estágio, constitui-se de “uma religiosidade inteiramente centrada no indivíduo e sua realização pessoal”⁴⁰³, em que a prioridade é dada à experiência pessoal que cada um vivencia à sua própria maneira. Na prática religiosa do individualismo, “não se trata de descobrir e aderir a uma verdade existente fora de si, mas de experimentar – cada um por si – sua própria verdade. Nenhuma autoridade pode, em questão espiritual, definir qualquer ortodoxia ou ortopraxia impondo-a do exterior do indivíduo”.⁴⁰⁴

Alinhado com esta filosofia, as novas Comunidades Cristãs Independentes negam-se a seguir qualquer orientação ou se submeter a qualquer tipo de autoridade vinda de fora. Perguntado sobre a razão porque não procurou uma igreja mais antiga para se unir, ao deixar a sua comunidade anterior, o *Peregrino I* afirmou categoricamente:

Porque eu particularmente não acredito mais nesse modelo. Eu não acredito mais no modelo denominacional, por vários fatores. Um deles é porque o modelo denominacional é um modelo que historicamente não representa o sonho bíblico, apostólico. Ele representa um movimento histórico em um determinado momento da história em que houve uma organização de pessoas que geraram uma identidade eclesial e teológica e começaram então a trazer a formatação denominacional. [...] Então, a minha pretensão como Igreja é cumprir o ensinamento do novo testamento, tornar Jesus Cristo conhecido, cumprir o Ide, o cumprimento da grande comissão, nada além disso. O sonho e a visão da nossa Igreja é ver a nossa cidade redimida pelo Evangelho, pelo Evangelho da Graça que é o Evangelho da Verdade.⁴⁰⁵

Por sua vez, o *Peregrino II* disse que preferiu iniciar uma comunidade totalmente nova “por não concordar com algumas diretrizes das igrejas tradicionais, que têm uma estrutura muito rígida que impedem a inclusão de novas idéias”⁴⁰⁶

O *Peregrino III* foi ainda mais contundente sobre esta questão, ao afirmar que

⁴⁰² HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 142.

⁴⁰³ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 143.

⁴⁰⁴ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 143.

⁴⁰⁵ ANEXO B, p. 181.

na verdade não havia uma igreja histórica confiável que cria nos novos princípios que eu estava crendo e vivendo. Outro fato importante é que embora eu creio na importância e no valor das denominações entendo que elas perderam bastante o seu foco no decorrer dos anos e passaram a uniformizar seus princípios e valores impedindo que a igreja local tivesse a sua liberdade de expressão da igreja local em sua região. Por entender que neste momento a maioria das denominações tem engessado as atividades das igrejas locais preferi criar uma independente.⁴⁰⁷

O *Peregrino IV* justificou o início de uma nova comunidade ao invés de integrar-se a uma histórica dizendo que foi praticamente forçado a isso, pelo grupo com o qual vinha se reunindo para tirar algumas dúvidas sobre a bíblia.

Quando esse pessoal me procurou [...] eu queria passá-lo para uma Igreja estabelecida, madura, enfim, e ficamos assim por 6 meses mas a gente não teve assistência. Daí o senhor sabe que para fazer a cabeça do povo para ir para uma determinada denominação é mais difícil. Daí eu fui obrigado a assumir essa gente, fomos ao cartório, registramos, enfim, para poder trabalhar legalmente.⁴⁰⁸

O *Peregrino V* afirmou:

Porque ninguém pode mudar o modo de organização. A organização muda uma pessoa, mas uma pessoa não muda a organização. Então nós já somos o caso de um grupo de pessoas, não tem só uma pessoa. [...] E quando nós não procuramos uma Igreja mais sólida porque, na verdade, nós tínhamos tido um encontro de conhecimento, um encontro com o Senhor Jesus na ocasião dentro daquela doutrina, daquela forma de pensar, daquela forma de entender a palavra, que seria difícil no meio da trajetória você voltar lá trás e começar tudo de novo de uma outra maneira. [...] Daí nós não procuramos uma Igreja histórica porque talvez nós não encaixaríamos nosso perfil. [...] E se a gente fosse para uma Igreja histórica a gente também estaria novamente tendo que nos submeter, porque aonde você está você tem que se submeter à doutrina, o credo, a maneira de pensar.⁴⁰⁹

Percebe-se uma unanimidade, entre os pastores das comunidades entrevistadas, em se estabelecer a sua própria igreja e ou denominação, com liberdade administrativa e de credo, sem submeter-se a ninguém de fora, nenhuma organização, seja ela denominacional ou eclesiástica.

⁴⁰⁶ ANEXO B, p. 186.

⁴⁰⁷ ANEXO B, p. 187.

⁴⁰⁸ ANEXO B, p. 189.

Observe-se agora qual a leitura dos convertidos, sobre este assunto. Respondendo a mesma pergunta, supracitada, o *Convertido I* afirmou:

Acho que a princípio a gente chegava até a procurar. Eu nasci e fui criado em uma Igreja Batista e minha família tinha esse perfil, sempre que a gente mudava, a gente procurava congregar em uma Igreja da região, até pela facilidade, pela questão de você conseguir ser mais efetivo na ajuda da Igreja, porque quanto mais longe mais complicado. [...] Mas algumas coisas na Igreja Batista que eu particularmente ao conhecer outras denominações, outras linhas, eu acreditava que a Igreja Batista poderia ser menos rígida em algumas coisas. Oferecer flexibilidade, não flexibilidade em ser permissivas, mas em modernizar.⁴¹⁰

Este convertido teve uma trajetória numa igreja histórica, obtendo pela nova comunidade por uma questão de ter mais liberdade para mudanças que ele entende que sejam necessárias. Numa comunidade nova, a flexibilidade é muito maior e a possibilidade de implementação de mudanças para se adequar aos novos tempos é muito mais efetiva. O referencial, entretanto, passa a ser o próprio indivíduo, ou a individualidade do grupo, sem vínculo com estruturas externas.

Os filhos gostaram da igreja e sentiram desejo de reunir nesta igreja. A família se reuniu e decidiu ficar numa igreja só, depois de procurar várias igrejas, visitando, os jovens se identificaram com a igreja por ser composta cerca de 70% de jovens. Espírito evangelístico com pessoas marginalizadas também era um anseio da família. O compromisso com os princípios bíblicos. O filho não tinha um compromisso com a igreja. Vindo pra cá, fez compromisso sério, cumprindo com os requisitos exigidos pela igreja para trabalhar na igreja.⁴¹¹

Neste caso, o interesse maior foi para o benefício da família. Os jovens se adequam com mais facilidade às comunidades novas. Eles são a maioria nas novas comunidades. Além disso, pessoas que não se integram nas comunidades históricas, tornam-se *Praticantes* e comprometidos em novas comunidades, como o filho do *Convertido II*.

O *Convertido III* usou um argumento diferenciado para não se unir a uma comunidade histórica.

⁴⁰⁹ ANEXO B, p. 191.

⁴¹⁰ ANEXO C, p. 196.

⁴¹¹ ANEXO C, p. 198.

Eu penso que, na época nós já tínhamos uma liderança formada e por isso ninguém nunca cogitou isso. Porque nós já estávamos sob a liderança justamente de um pastor, [...] Então nós tínhamos toda a parte administrativa, tanto espiritual quanto administrativa da Igreja vieram tudo então não tinha porque nós nos juntarmos a uma outra. Nós tínhamos a nossa vida espiritual própria.⁴¹²

Estrutura administrativa, liderança e vida espiritual própria. Estes ingredientes deram coragem e estabilidade para o início de uma nova igreja, sem a necessidade de estar ligado a nenhuma instituição de fora.

O *Convertido IV*, por sua vez foi influenciado pelo tratamento que recebeu. Numa comunidade histórica, sentiu-se constrangido a se comprometer com a Igreja, na nova comunidade, sentiu-se livre e bem tratado pelo líder. Ele descreve assim a sua experiência:

Esse pastor nunca me convidou para aceitar a Jesus na Igreja dele, ele nunca fez apelo. [...] Todas as vezes que eu converso com ele eu falo, pastor o senhor é meu pastor e é meu amigo.[...] É o sistema da pessoa te tratar. Eu estava como visitante junto da minha esposa aqui. Mas teve um dos obreiros que ele não soube segurar a ovelha. Ele me envergonhou no meio de todos os irmãos, que inclusive achavam que eu também já era um, porque eu sempre andei bem vestido. E me envergonhou ali no sistema de “chega de ser ouvinte, aceita a Jesus está no tempo seu Gregório”, que me fez talvez não estar na Assembléia de Deus. O pastor Délio não sabe não. Eu me senti constrangido, daí falei para minha sobrinha “eu não vou mais congrega nessa Igreja não, eu vou para a sede”. [...] Se talvez tivesse tido um outro tratamento, um cara bem mais preparado para chamar uma pessoa para Jesus. Porque é um sistema, coisa de Deus tem que falar bem calmo, “irmão Gregório”, porque nós já somos irmãos, somos filhos de Deus. Então ele veio com um pouco de grosseria.⁴¹³

O *Convertido V*, por outro lado, foi o único caso das pessoas entrevistadas, que foi alcançado diretamente pela nova comunidade. Ele não chegou a fazer parte de uma comunidade histórica. Ele disse: “Meu primeiro contato com a Igreja foi a partir de um amigo, uma pessoa me convidou para vir aos cultos, e a partir de então eu dei sequência entrando na Igreja. [...] O ensinamento da palavra, a forma como eles nos trataram”.

O individualismo religioso pode ser apontado como uma consequência negativa do fenômeno da multiplicação de Igrejas Cristãs Independentes no município da Serra, o que certamente é um retrato da situação mundial.

⁴¹² ANEXO C, p. 200.

⁴¹³ ANEXO C, p. 202.

4.1.2 Competição e Isolamento

Muito parecido com o item anterior, mas com alguns contornos diferenciados, pode-se citar o espírito de competição entre igrejas, pastores e líderes e o isolamento denominacional e eclesiástico como resultado desta multiplicação de novas Igrejas.

Quando olhamos para a história do Cristianismo, nos deparamos com muitas situações em que a própria Igreja, que deveria ser portadora de uma mensagem de “paz seja convosco” ⁴¹⁴, acabou julgando, condenando e executando milhares de pessoas, muitas das quais cristãs autênticas, mas que ameaçavam aquilo que era tido como “verdade” e representavam um risco à unidade ou ao monopólio da Igreja.

No Catolicismo Romano, foram milhares os casos de pessoas queimadas vivas por não se adequarem aos ensinamentos da Igreja. Carns menciona um dos instrumentos mais cruéis de perseguição utilizados pela Igreja Católica, a inquisição.

A Inquisição se originara na luta contra os albigenses no sul da França, nos primórdios do Século XIII. Foi estabelecida na Espanha por autorização papal em 1480 para fazer frente ao problema da heresia neste país. Sob Tomás Torquemada (1420-98), 10.000 pessoas foram executadas, e sob Ximenes, quase 2.000 foram mortas. Diante da insistência de Caraffa, a Inquisição Romana foi proclamada por uma bula papal de Paulo III, em 1542, como um instrumento de combate à heresia em todo o mundo.⁴¹⁵

Merece destaque também o massacre dos huguenotes, nas noites dos dias 23 e 24 de Agosto, em Paris, ocasião em que mais de duas mil pessoas foram brutalmente assassinadas. ⁴¹⁶ Mas certamente os Católicos Romanos, a Igreja majoritária nestes 20 séculos, não foram os únicos a empreender mecanismos de repressão e de opressão sobre aqueles que se “desviaram” da ortodoxia e acabaram dando início às novas Igrejas e movimentos reformistas.

Na Europa, por ocasião da Reforma Religiosa, os protestantes empreenderam perseguição contra aqueles que pensavam diferente. Só para exemplificar pode ser

⁴¹⁴ Foi esta a saudação que Jesus orientou seus discípulos a usarem em sua empreitada missionária, conforme Lucas 10:5

⁴¹⁵ CAIRNS, 1992, p. 284-285.

⁴¹⁶ CAIRNS, 1992, p. 257.

mencionado o caso do anabatista Felix Manz, que ironicamente foi executado por afogamento,⁴¹⁷ sendo ele adepto e defensor da doutrina do batismo por imersão.

Rubens Alves, que sofreu repressão por conta de suas idéias e ideais de liberdade, escreveu:

Na verdade, seria possível interpretar a tendência protestante para as divisões denominacionais e sectárias como uma expressão de práticas inquisitoriais. É evidente que as fogueiras não podem mais ser acesas. Entretanto, o fato de os grupos com pensamento divergente serem forçados a deixar uma certa igreja é uma evidência da presença de mecanismos de controle de pensamento extremamente eficazes na igreja de que foram forçados a sair.⁴¹⁸

Por este e por outros depoimentos, chega-se à conclusão de que a repressão ocorreu em todos os níveis de Cristianismo, sempre contra as pessoas e grupos que pensaram de maneira divergente do que o da maioria.

O surgimento de novas comunidades cristãs ao longo dos anos tem produzido um espírito de competição que é colocado neste trabalho como um dos prejuízos deste pluralismo cristão. O que se tem observado é a utilização do “fogo amigo”⁴¹⁹, em que cristãos de diversas confissões acabaram se voltando contra seus próprios “irmãos” na fé, por não pertencerem ao seu grupo e representarem um risco.

Enquanto se ocupam em defender seus pontos de vista, seus territórios e sua membresia, as Igrejas Cristãs esquecem-se de olhar para fora de seus muros, a fim de cumprir o mandamento maior deixado por Jesus, qual seja o de amar: “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei a vós, que também vós vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros”.⁴²⁰ Tempo, esforços e investimentos econômico-financeiros que poderiam ser gastos na proclamação do Evangelho e no cumprimento da missão da Igreja, foram e continuam sendo utilizados nas grandes controvérsias, nos embates teológicos e eclesiológicos, na disputa por espaço e por seguidores.

⁴¹⁷ CAIRNS, 1992, p. 246.

⁴¹⁸ ALVES, 1977, p. 11.

⁴¹⁹ Expressão utilizada largamente pela imprensa por ocasião da Guerra do Iraque, em que exércitos amigos acabaram atentando contra forças aliadas.

⁴²⁰ A BIBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. Rio de Janeiro : Imprensa Bíblica Brasileira, 1987, João 13:34-35.

A independência das igrejas locais passa a ser prejudicial quando se confunde autonomia com auto-suficiência, e foge da interdependência construtiva, doutrinária e cooperativa com as outras comunidades com identidade semelhante, ou seja, também cristãs. Nestes casos, a Igreja se isola, torna-se exclusivista e resistente aos apelos para a comunhão e realização da obra de um modo mais amplo.

Shelly apela para a Bíblia para contestar o isolacionismo. Ele cita o apóstolo Paulo, que apesar de valorizar e destacar a importância da Igreja Local teve sempre o cuidado em opor-se a toda e qualquer tendência ao isolacionismo das igrejas que ajudou a estabelecer. Através de suas cartas, orientou as igrejas a estarem sempre olhando além de suas próprias fronteiras, levando-as a ter uma visão mais ampla do Reino de Deus.⁴²¹ Como exemplo clássico desta preocupação, pode-se citar a saudação do apóstolo ao escrever a sua primeira carta à problemática igreja de Corinto. Ele diz: “Paulo, chamado para ser apóstolo [...] à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso”⁴²². Neste contexto o apóstolo condena veementemente qualquer tendência divisionista e sectarista na Igreja de Jesus Cristo. Mas é o que se verifica em muitas comunidades cristãs contemporâneas, oportunizando o surgimento de novas igrejas.

William Read, Victor Monterroso e Harmon Johnson fizeram um trabalho relevante para o protestantismo, sobre o crescimento da Igreja na América Latina. Nesse trabalho, eles abordam a questão do isolacionismo e o colocam como um fator de desintegração que emperra o crescimento da Igreja e da Obra de Deus. Afirmam que as igrejas se isolam, estabelecem seus próprios limites, e produzem sua própria esterilidade. Igrejas que estabelecem um código de leis tão rígidas, que lhes impedem de testemunhar com liberdade e amor, “voltando-se para dentro de suas quatro paredes, caindo num processo contínuo de introspecção, buscando a auto-satisfação e vivendo no ‘ghetto’ de sua própria feitura”.⁴²³ São igrejas que se auto-limitam, por seu

⁴²¹ SHELLY, B. L. **A igreja**: o povo de Deus. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 45.

⁴²² A BÍBLIA, 1987, I Coríntios 1:1-2.

⁴²³ READ William. et al. **O crescimento da igreja na América Latina**. Traduzido por João Marques Bentes. São Paulo: Mundo Cristão, 1969. p. 443.

exclusivismo estéril que só serve para impedir o seu crescimento e desenvolvimento e imperram a expansão do reino de Deus.

Eis uma questão muito séria que precisa ser encarada com realismo e praticidade pelas comunidades cristãs contemporâneas. É inconcebível que comunidades cristãs vivam isoladas, ou em guerra, em pleno Século XXI. Mas é isso que se tem visto, sobretudo nas comunidades que surgem com modelo empresarial, em que “os cultos são negócios que oferecem um produto a seus consumidores e recebem pagamento em troca” ⁴²⁴ Nestes casos, a disputa pela “clientela” é muito acirrada, sobretudo através da utilização dos meios de comunicação, especialmente a TV. No momento, as três grandes igrejas a competirem pelos mesmos “clientes” são a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e Igreja Mundial do Poder de Deus.

4.1.3 Escândalo para o mundo

Um dos grandes prejuízos causados pela fragmentação no Cristianismo é a repercussão disso junto aos não-cristãos e a dificuldade em testemunhar de um evangelho que causa tantas discussões e divisões no meio do povo que se diz de Deus. Falando sobre o assunto, Niebuhr afirma que

o mundo cético nota, divertido quando irreverente e desesperado quando na busca de uma palavra salvadora, que a organização que louva mais alto a fraternidade e critica mais intensamente discriminações de raça e de classe é, em outros âmbitos, o grupo mais desunido de todos, que alimenta em sua própria estrutura o mesmo espírito de divisão que condena em outras relações.⁴²⁵

Esta dificuldade para testemunhar em meio a tantas divisões de igrejas e denominações inspirou o surgimento do movimento ecumênico, numa tentativa de unir forças no cumprimento da tarefa de expandir o reino de Deus.⁴²⁶

Outro teólogo a considerar a divisão de igrejas como um escândalo é Karl Barth. Ele questiona dizendo:

⁴²⁴ STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 216

⁴²⁵ NIEBUHR, 1992, p. 14-15.

⁴²⁶ BOSCH, 2007, p. 546-557

Quanta dispersão das forças espirituais e materiais da missão não significa o fato de não haver apenas uma igreja, mas muitas. E quão difícil fica ouvir a sua mensagem, quanta confusão entre os seus ouvintes superficiais, e que problemas para os seus ouvintes mais atentos, por causa da rixa existente entre essas igrejas!⁴²⁷

Por entender a divisão entre as igrejas como um escândalo, Barth entende que ela deve ser encarada como pecado e não apenas como um fenômeno natural de diversidade.

Não se deve nem querer explicar a pluralidade das igrejas. Deve-se lidar com ela como se lida com o pecado próprio e o alheio. Deve-se reconhecê-la como um fato. Deve-se entendê-la como algo impossível que se intrometeu. Deve-se entendê-la como culpa que precisamos assumir nós mesmos sem dela nos podermos livrar nós mesmos. De modo algum deve-se ficar tranqüilo a respeito de sua realidade. Deve-se rogar para que seja perdoada e afastada. Deve-se estar pronto a fazer aquilo que, segundo o mandamento de Deus, é a vontade de Deus em relação a ela. [...] Ou será que existe um jeito de lidar com a pluralidade das igrejas que não seja aquele com que se lida com o pecado próprio e alheio?⁴²⁸

Causou grande impressão a naturalidade com que os membros das novas comunidades entrevistados encaram o fato de estarem ocasionando mais uma divisão, aumentando a confusão e o escândalo diante do mundo.

O denominacionalismo representa, assim, o fracasso moral do cristianismo. A menos que a ética da fraternidade supere o divisionismo do corpo de Cristo, será inútil esperar que vença o mundo. Mas, antes que a Igreja possa esperar superar sua falta de divisão, deve aprender a reconhecer e admitir o caráter secular de seu denominacionalismo.⁴²⁹

Escândalo, fracasso moral, falta de testemunho cristão. É difícil conscientizar as pessoas de que isso é uma realidade causada pelas divisões e conseqüente nascimento de novas igrejas cristãs, sobretudo quando a pessoa se vê como um iluminado, alguém que foi escolhido por Deus para uma obra específica de plantação de uma nova igreja ou um novo ministério, como se ouviu nas entrevistas. Entretanto, não se pode esquecer que

⁴²⁷ BARTH, Karl. *Dádiva e louvor*: ensaios teológicos de Karl Barth. Tradução de Walter O. Schlupp, Luis Marcos Sander e Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006. p. 203.

⁴²⁸ BARTH, 2006. p. 207.

⁴²⁹ NIEBUHR, 1992, p. 13.

a fragmentação do corpo de Cristo desacredita o evangelho e corrói a credibilidade de quem o anuncia. A Igreja cristã deve ao mundo a demonstração da possibilidade da unidade na pluralidade, conforme ela o prega e é chamado a viver. Se quisermos a unidade da humanidade, devemos começar por arrumar a nossa própria casa. *Sem a demonstração da unidade que temos em Cristo, será debilitado o esforço por convencer o mundo da verdade evangélica.*⁴³⁰

Eis um escândalo que precisa ser reparado, mas que ainda marca profundamente o cristianismo no mundo inteiro, muito especialmente em solo brasileiro.

4.1.4 Abuso Espiritual

O nome de Deus é santo e não deve ser invocado de maneira ilegítima. No terceiro mandamento, dado por Moisés ao povo de Israel no Monte Sinai é dito claramente: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar o seu nome em vão”.⁴³¹ O que se vê nos últimos tempos, entretanto, é um abuso na utilização do nome de Deus, sobretudo em movimentos e novas igrejas, que se dizem portadoras de novas e particulares revelações de Deus.

Marília de Camargo César, uma jornalista que reside em São Paulo, publicou recentemente um livro denominado “Feridos em Nome de Deus”, no qual traz o depoimento de suas próprias experiências e de muitas outras pessoas que, como ela, se sentiram abusadas espiritualmente por pessoas que as manipularam “em nome de Deus”. “Convertida desde a adolescência e criada em um lar evangélico, eu já tinha freqüentado algumas igrejas tradicionais, como a batista e a presbiteriana”.⁴³² Aos 35 anos de idade César ingressou numa comunidade carismática. Em crise pessoal, empolgada com as novas descobertas, passou a se deleitar com a nova espiritualidade, com bastante ênfase emocional.

⁴³⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz*: um curso de ecumenismo. São Paulo: ASTE, 2004. p. 126.

⁴³¹ A BIBLIA, 1987, Êxodo 20:7.

⁴³² CESAR, Marília de Camargo. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, p. 18.

Quando, porém, o pastor caiu sob as denúncias de abuso e eu tive de parar a fim de reavaliar todo aquele roteiro, identifiquei algumas incongruências. Uma das conclusões a que cheguei foi que esse tipo de culto, fortemente movido pelas emoções confere enorme poder à liderança. E o poder é uma espada que poucos manejam com graça. É fácil errar a mão. É fácil cair na tentação de manipular.⁴³³

Diante da conscientização de que estava sendo enganado em nome de Deus, Cesar passou a investigar a experiência de outras pessoas que haviam chegado à mesma conclusão. Segundo ela,

a confiança excessiva depositada em seres humanos falíveis, a necessidade de construir bezerras de ouro, a idealização da imagem do pastor e a conseqüente decepção, as más teologias, cheias de sutilezas sobre a necessidade de obedecer à figura da autoridade e honrá-la, todos esses elementos deixaram marcas profundas na vida desses irmãos.⁴³⁴

Seu livro passa a ser um dramático depoimento de suas próprias experiências em que se sentiu lesada espiritualmente, assim como a de pessoas que passaram por situações semelhantes. Ela entende que tudo acontece porque “pastores despreparados, donos de um currículo obscuro, perdem-se diante da necessidade de pregar a mensagem para todos os ouvidos e colaboram com os desvios de rota”.⁴³⁵

César define abuso espiritual como sendo “o encontro entre uma pessoa fraca e uma forte, em que a forte usa o nome de Deus para influenciar a fraca e levá-la a tomar decisões que acabam por diminuí-la física, material ou emocionalmente”.⁴³⁶ Foi isso que ela mesma experimentou e ouviu de muitos amigos e amigas que também experimentaram. Segundo ela, o abuso espiritual ocorre de formas variadas, tanto de maneira escancarada, aberta, pública, outras vezes de maneira sutil, velada, indireta. As pessoas são alertadas para não se tornarem insubordinadas por não terem obedecido a uma ordem pastoral, ou por discordar do pastor. Revelações especiais, promessas de prosperidade e bênçãos condicionadas a determinadas atitudes de obediência e fé, relacionamentos desfeitos, inclusive casais que se separam em função de orientação recebida de líderes que se intulam e se auto promovem à posição de

⁴³³ CESAR, 2009, p. 18.

⁴³⁴ CESAR, 2009, p. 20.

⁴³⁵ CESAR, 2009, p. 16.

“gurus” espirituais. Estas e muitas outras estratégias são mencionadas pela autora, ilustrando com experiências vividas por ela mesma e por outros membros de igrejas, sobretudo igrejas novas, cujos pastores sentem-se livres para impor sua “visão” de ministério, sem a responsabilidade de prestar contas de sua vida, práticas e ensinamentos para ninguém.

O *Praticante II*, fala com muito pesar do que tem acontecido com algumas de suas ovelhas. Perguntado se pessoas tem trocado sua Igreja por uma Comunidade Cristã independente, Ele afirma:

Com tristeza digo que sim. Apesar de saber que os motivos na maioria das vezes são escusos, sempre alguém se encanta com o novo. Mas alguns logo percebem, e até voltam feridos. Essas novas Igrejas machucam muito, causam muitas feridas. Não há verdadeiro pastoreio e as ovelhas se ferem e se machucam.⁴³⁷

Em entrevista ao Jornal A Gazeta, publicada no dia 13 de Setembro de 2009, César afirma que, depois de 10 anos freqüentando determinada igreja, que ela descreve como “mais avivada, interdenominacional, mais na linha pentecostal”⁴³⁸ quando o pastor afastou-se por razões de saúde e os membros se sentiram livres para denunciar a opressão a que vinham sendo submetidos. Segundo ela, as acusações não estavam relacionadas a dinheiro “mas a abuso emocional, abuso de autoridade. Era a pessoa que começa a achar que pode mandar na vida dos outros em nome de Deus.”⁴³⁹

As consequências disso foram enumeradas pela jornalista. Segundo ela,

em muitos casos, as pessoas entraram em séria crise de identidade. As pessoas ficam sem saber no que acreditar. Muitos estão tendo que fazer terapia. Há também perdas de ordem financeira, pessoas que deixaram um bom emprego para trabalhar para a igreja, mas na maioria dos casos, a perda maior é no campo psicológico, emocional. Há pessoas que chegam a abandonar a própria família, deixam tudo para seguir a igreja, as orientações do pastor.⁴⁴⁰

⁴³⁶ CESAR, 2009, p. 35.

⁴³⁷ ANEXO A, p. 186.

⁴³⁸ CÉSAR, Marília de Camargo. *As pessoas querem entrar em êxtase*. Vitória, ES, Jornal A Gazeta, 13 set. 2009. Entrevista concedida a Elisângela Bello, p. 16.

⁴³⁹ CESAR, 2009, p. 16.

⁴⁴⁰ CÉSAR, 2009, p. 16.

Indagada sobre a classe das vítimas, César dá uma resposta surpreendente. Ela diz : “A maioria dos que entrevistei são de classe média alta, empresários, profissionais liberais, que começaram a seguir essas lideranças cegamente, perderam o senso crítico”.⁴⁴¹ Ela entende que “muitos pastores retomaram a figura dos antigos profetas, citada no Antigo Testamento, e estão se ‘auto-ungindo’. Eles dizem : ‘é Deus que fala, não eu’. Eles criticam os católicos pelo poder conferido ao papa, mas esses ‘pastores papais’ acham que são a voz de Deus na terra.”⁴⁴²

Na mesma reportagem na qual publica a entrevista com Marília de Camargo César, o jornal faz menção de vários outros casos em que novas igrejas ditas evangélicas estão sendo acionadas na justiça por abusos cometidos, dos mais diferentes tipos. Merece destaque o que está acontecendo com uma destas novas igrejas, denominada Tabernáculo de Vitória. Segundo o jornal

Em torno da idéia de salvação propagada pela seita liderada pelo pastor, centenas de fiéis se juntaram num mesmo endereço em Santo Antônio, Vitória, em 2007. Depois, eles venderam seus bens e doaram à igreja sob a convicção de que deveriam esperar pela volta de Cristo num sítio, em Ecoporanga, Norte do Estado, onde a comunidade chamada Recanto das Águias vive dividindo tudo igualmente. O sonho, no entanto, parece estar se desfazendo aos poucos. [...] De março até agora, nove ações indenizatória tramitam na Justiça contra o Tabernáculo, movida por ex-fiéis e parentes decepcionados com a vida em comunidade e com o comportamento do líder.⁴⁴³

Como se vê, a multiplicação de igrejas, muitas através e com líderes despreparados, torna o risco de abuso espiritual com o mau uso do nome de Deus, uma realidade cada vez mais perigosa. Sem acompanhamento externo, de nenhuma instituição ou ordem que prime pela qualidade, moral e ética destes líderes, abre-se a porta para todo o tipo de abusos e patologias.

⁴⁴¹ CESAR, 2009, p. 16.

⁴⁴² CESAR, 2009, p. 16.

⁴⁴³ NOVE processos contra o tabernáculo. **A Gazeta**, Vitória, 13 set. 2009, Dia a Dia, p. 17.

4.1.5 Mercantilização da fé

Questões econômicas são mencionadas pela grande maioria dos entrevistados. Praticamente todos os pertencentes às comunidades históricas, tanto pastores como membros da igreja e vários *Peregrinos* e *Convertidos*, apontam questões econômico-financeiras, como um dos principais fatores que tem desencadeado o nascimento de novas igrejas independentes. O *Praticante I* afirma:

Eu costumo brincar aqui na minha Igreja que o comércio tem uma época do ano que dá aqueles descontos mega, assim que enche as lojas de desconto, 90% de desconto, e algumas Igrejas dando 98% de desconto entregando o evangelho por qualquer preço. [...] Mas o interesse econômico financeiro também das pessoas. O desemprego é outro fator, se o indivíduo prega direitinho, fala de Deus com certo carisma, na verdade ele vai criando uma Igreja ele vai sustentar a família dele, ele vai viver o resto da vida dele. Então essa questão econômico-financeira também se põe de uma maneira grandiosa e a facilidade onde as pessoas gostam de ser enganadas facilmente vão atrás dessas promessas e os grupos vão se mantendo, e vão se manter por algum tempo.⁴⁴⁴

O *Praticante III* também se expressa na mesma direção, apontando o desejo de lucro como um dos fatores que desencadeiam o nascimento de tantas igrejas independentes: “Aproveitadores que vêm no segmento igreja para o ganho fácil. Criam ou entram em uma franquia de uma grande nova igreja e começa a arrebancar as pessoas. Não se importam se é certo, bíblico ou teológico, só querem saber se vale a pena e se dá lucro”.⁴⁴⁵ Por sua vez, o *Praticante VI* entende que “o povo está desesperado, à procura de bens materiais, riquezas e por outro lado pessoas querem facilidades”.⁴⁴⁶

Em última instância, segundo Bourdieu, “a verdade objetiva de toda a relação entre especialistas religiosos e leigos é de vendedor/cliente”⁴⁴⁷, mas o que se tem verificado na religiosidade contemporânea, com a competição, sobretudo entre as novas igrejas é de uma comercialização da fé de maneira grosseira e escandalosa. Stark e Bainbridge organizam por modelos diferentes os cultos na formação de

⁴⁴⁴ ANEXO A, p. 166.

⁴⁴⁵ ANEXO A, p. 170.

⁴⁴⁶ ANEXO A, p. 176.

⁴⁴⁷ ⁴⁴⁷ BOURDIEU, 2007, p. 61.

movimentos religiosos inovadores. Falando sobre o modelo empresarial ele faz afirmações chocantes:

Os cultos são negócios que oferecem um produto a seus consumidores e recebem pagamento em troca. Os cultos são principalmente um negócio de vender novos compensadores, ou pelo menos compensadores recém-acondicionados, parecendo novos. É preciso manufaturar uma oferta de novos compensadores. Tanto a manufatura quanto a venda são realizadas por empresários. Estes empresários, como quaisquer outros, são motivados pelo desejo de lucro, que podem obter trocando compensadores por recompensas. A motivação para entrar no negócio de cultos é estimulada pela percepção de que tais negócios podem ser lucrativos, uma impressão que provavelmente foi adquirida pelo envolvimento prévio em um culto de sucesso.⁴⁴⁸

Usando de maneira profissional os recursos disponibilizados pelo marketing e investindo na mídia, sobretudo na utilização da televisão, os “bens de salvação”. A disputa por “clientes” é muito grande e a necessidade da criação de novos elementos de fé coloca uma verdadeira multidão de especialistas fazendo pesquisas para identificar quais são as necessidades espirituais das pessoas, a fim de que sejam oferecidos produtos que venham atendê-las.

É preciso reconhecer que a mercantilização da fé não é um fenômeno novo nem inédito no cristianismo. Campos descreve como este mercado da fé foi se estabelecendo a partir da oficialização do Cristianismo pelo Império Romano.

Vários santuários locais foram reconsagrados aos mártires e santos cristãos, e com o passar dos séculos, um comércio de imagens, ícones e relíquias sagradas se estabeleceu ao redor deles, práticas essas que constituiriam mais de mil anos depois, aos olhos dos reformadores, evidências claras da ‘paganização’ da Igreja cristã. [...] Com a sua oficialização, o cristianismo se tornou um produtor hegemônico de símbolos, práticas e rituais religiosos.⁴⁴⁹

Como se vê, a utilização de “bens religiosos simbólicos” não é novidade para os cristãos, mas com o advento do neo-pentecostalismo, houve um verdadeiro despertar na utilização destes recursos para o mercado da fé, visando conquistar novos adeptos e angariar fundos para o sustento dos novos empreendimentos religiosos.

⁴⁴⁸ STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 216, 217.

⁴⁴⁹ CAMPOS, 1997, p.170.

Campos utiliza-se dos conceitos de Pierre Bourdieu de “mercado de bens simbólicos” sendo considerados como bens religiosos a salvação, cura, libertação das culpas, sentido para a vida e outros mais, sendo produzidos por especialistas de produção, denominado obreiros, pastores e bispos, comercializando estes produtos. Segundo Campos, a IURD se especializou neste negócio, descobrindo formas peculiares para atender a demanda por seus produtos. De maneira sagaz, a liderança da IURD, seguida agora por uma infinidade de pequenas igrejas independentes, “percebeu a existência de um desequilíbrio entre ‘produção’ e ‘consumo’ de ‘bens religiosos’ e que as entidades tradicionais de atendimento da demanda não mais estavam dando conta dessa situação de privação.”⁴⁵⁰

Nos cultos destas igrejas são utilizados objetos com forte teor simbólico como “rosa abençoada”, “óleo da bênção”, “água orada”, pedras do Sinai”, “pão de Israel”, “água do rio Jordão”, “areia do Sinai”, “galho de arruda” e uma infinidade de outros objetos que são utilizados nos diferentes momentos e sobretudo nos rituais de ofertório.⁴⁵¹

Falando sobre o Pentecostalismo Autônomo, no qual se enquadram muitas das novas comunidades independentes, Bittencourt menciona a tríplice oferta da cura, exorcismo e prosperidade, em troca de ofertas sacrificiais. “Além disso, apostam numa oferta incessante de bens simbólicos e não investem na formação de comunidade. Em vez de comunidade, o Pentecostalismo Autônomo investe no coletivismo, bem ao modo da cultura de consumo do ‘mercado total’.”⁴⁵²

Por sua vez, as igrejas cristãs históricas resistem aos modismos, querendo manter-se no controle da gestão dos bens religiosos. Como afirma Bourdieu

porque pretende perpetuar-se, a Igreja tende a impedir de maneira mais ou menos rigorosa a entrada no mercado de novas empresas de salvação (como por exemplo as seitas e todas as formas de comunidade religiosa independentes), bem como a busca individual de salvação.⁴⁵³

⁴⁵⁰ CAMPOS, 1997, p. 53.

⁴⁵¹ CAMPOS, 1997, p. 77.

⁴⁵² BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 196.

⁴⁵³ BOURDEAU, 2007, p. 58.

A ratificação da expressão “fora da igreja não há salvação”, repetida e renovada nos documentos da igreja, é um exemplo de como a Igreja Católica Apostólica Romana continua lutando pela hegemonia no comércio dos bens religiosos.

Entretanto, com a multiplicação de igrejas cristãs, sobretudo de linha neo-pentecostal, nota-se uma multiplicação de “mercadorias da fé” sendo oferecidas e um contingente cada vez maior de pessoas em busca de melhoria de vida, prosperidade financeira, troca-troca com Deus, toma lá dá cá, etc, levando a sociedade a concluir que o surgimento de novas igrejas se dá, basicamente em função de questões financeiras, busca de lucro. Pior ainda, igrejas há que criam mecanismo de defesa contra possíveis cobranças que alguém possa fazer, caso a bênção prometida não venha. Como afirma Bobsin, “se o fiel não alcançar a bênção, o problema é dele, e não da própria Igreja. Afinal, a chave do sucesso está no coração de cada um”.⁴⁵⁴ Cabe o alerta paulino para esta questão.

Se alguém ensina alguma doutrina diversa, e não se conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo, e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, injúrias, suspeitas maliciosas, disputas de homens corruptos de entendimento e, e privados da verdade, cuidando que a piedade é fonte de lucro; e, de fato, é grande fonte de lucro a piedade com o contentamento. Porque nada trouxemos para este mundo, e nada podemos daqui levar; Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores.⁴⁵⁵

Estes e muitos outros prejuízos têm sido causados pela multiplicação de igrejas e a fragmentação cada vez mais ampla e profunda do Cristianismo.

4.2 Benefícios

Conquanto o impacto sobre as igrejas históricas seja prejudicial e até escandaloso, sem nenhum controle sobre a sua legitimidade, segundo alguns autores, a multiplicação de novas igrejas cristãs independentes tem também os seus benefícios.

⁴⁵⁴ BOBSIN, 2006, p. 81.

⁴⁵⁵ A BÍBLIA, 1987, I Timóteo 6:3-8, 10.

4.2.1 Renovação das Igrejas Históricas

O que pode ser observado é que o surgimento de novas comunidades forçou as já estabelecidas a repensarem vários aspectos de sua realidade.

Como exemplo, pode-se citar o que aconteceu com a Igreja Católica Romana, por ocasião da Reforma Religiosa do Século XVI. A reação da Igreja, conquanto tenha tido o seu lado equivocado, em oposição ao protestantismo, através da inquisição, teve também seu lado positivo. “A Contra-Reforma provocou uma renovação interna”⁴⁵⁶. Além disso, reacendeu a chama missionária, a muito tempo apagada no Catolicismo.

Se, como Latourette sugeriu, o século XIX foi o grande século das missões protestantes, pode ser dito que, graças aos Jesuítas, o Século XVI foi o grande século das missões católicas. Jesuítas espanhóis, portugueses e, mais tarde, franceses, levaram sua fé à América Latina, Quebec e ao sudeste da Ásia.⁴⁵⁷

Por mais paradoxal que isso possa parecer, ao mesmo tempo que o pluralismo cristão arrefeceu o avanço missionário por longos anos, de alguma forma, em alguns momentos, acabou servindo de motivação missionária.

Fenômeno interessante surgiu também na segunda metade do século passado, com a Igreja Católica Brasileira.

No Campo da Igreja Católica Romana, nesses anos surgiram as comunidades eclesiais de base (CEBs), em cujo espaço as pessoas podiam se reunir e falar livremente. Com o auxílio de um método muito simples, as pessoas começaram a ler a Bíblia, fazendo a ponte para os fatos da vida, de modo que uma iluminava a outra e as pessoas recobravam a esperança. Houve um despertar da fé enquanto o movimento se espalhou por todo o Continente, com especial força no Brasil, transcendendo até mesmo os limites confessionais. Leonardo Boff chegou a falar de ‘eclesiogênese’, para indicar que a Igreja estava sendo reinventada através desse movimento popular cristão, sobretudo a partir dos pobres.⁴⁵⁸

Algo semelhante têm experimentado as Igrejas Protestantes Históricas no Brasil, a partir do surgimento do movimento pentecostal. Saindo das Igrejas Protestantes históricas num primeiro momento, muitos pentecostais se mantêm agora dentro das

⁴⁵⁶ CAIRNS, 1992, p. 280.

⁴⁵⁷ CAIRNS, 1992, p. 282.

Igrejas Históricas, exercendo influência no processo de renovação espiritual das comunidades já estabelecidas.

Uma vez que a consciência acerca destes fatos cresce nas igrejas históricas, podemos perceber uma significativa mudança de atitude. Ao invés de falar dos pentecostais como expressão de 'alienação', ou de refúgio no mundo justamente por aqueles que mais se sentem nele prejudicados, deveríamos ouvir mais sobre a necessidade de reconhecer suas contribuições positivas e fazer esforços para nos relacionarmos com eles a ponto de os vermos como parceiros.⁴⁵⁹

Outra marca perceptível, no pentecostalismo, que deve levar as comunidades históricas à reflexão é o alto grau de envolvimento do elemento "leigo", na realização da obra de Deus. É isso que afirma Peter Wagner, ao analisar o movimento Pentecostal.

Quando quase todos os membros da igreja dedicam-se ativamente a algum tipo ministério, a igreja só pode crescer. Para a maioria dos pentecostais da América Latina, ser cristão significa, entre outras coisas, trabalhar para Deus. Contrastando com igrejas letárgicas, nas quais o pastor e talvez um ou dois diáconos são virtualmente os únicos membros ativos da igreja, os pastores pentecostais geralmente fazem o invejável papel de técnico de equipes. São responsáveis pela liderança e organização, mas a maior parte do trabalho nas ruas e nos lares é feita pelos 'soldados rasos'.⁴⁶⁰

Quando todos os membros se sentem envolvidos e valorizados, participando no esforço de cumprir os desafios estabelecidos por Jesus Cristo à sua igreja, certamente os resultados serão inestimáveis.

Esta é uma das características marcantes das novas comunidades, onde cada membro sente-se responsável pelo fortalecimento e crescimento da igreja. Impressiona o entusiasmo e a esperança destes discípulos/as que freqüentam as novas comunidades e isto tem causado impacto na vida de quem os observa, inclusive membros de igrejas históricas, que passam a se dedicar mais dentro de suas próprias comunidades. O exemplo do que acontece dentro das novas comunidades tem repercutido também nas comunidades históricas, que tem observado um

⁴⁵⁸ ZWETSCH, 2005, p. 211-212.

⁴⁵⁹ CESAR, SHAULL, 1999, p. 267.

⁴⁶⁰ WAGNER, Peter. **Porque crescem os pentecostais?**: Uma análise do espantoso avanço do pentecostal na América Latina. São Paulo: Vida, 1994. p. 73.

despertamento no que diz respeito ao envolvimento de sua membresia no ministério da igreja.

4.2.2 Reconsideração da filosofia de ministério

A multiplicação de novas igrejas, ao redor do mundo, mas particularmente no município da Serra, tem contribuído para que as lideranças das igrejas cristãs históricas, notadamente as igrejas batistas, reconsiderem a filosofia de seus ministérios. Isso tem ocasionado a promoção de congressos, conferências, retiros para refletir sobre o assunto.

Segundo Campos, é indispensável que seja feita “uma avaliação crítica da ação pastoral e dos mecanismos encarregados de gerar e de manter a fidelidade dos membros das comunidades protestantes tradicionais”.⁴⁶¹ Em busca deste ideal, igrejas e líderes têm dado origem a um verdadeiro movimento de renovação em termos filosofia de ministério, dentro de novos paradigmas eclesiológicos.

Novos modelos eclesiológicos têm sido criados, que significam novas propostas de ministérios, mais contextualizados, que visam, não só o crescimento numérico, através do evangelismo, mas também o atendimento da membresia através de um processo de discipulado dinâmico e criativo, sobretudo com o estabelecimento de pequenos grupos como estratégia para o exercício da mutualidade cristã, onde cada membro é cuidado pelo outro, a liderança da igreja é descentralizada, envolvendo muitos líderes no pastoreio do rebanho. Dentre os tantos movimentos e modelos propostos, podem ser destacados:

4.2.2.1 Rede Ministerial

Este modelo teve início na Igreja Willow Creek Community Church, em Chicago - EUA, com o Pr. Bill Hybels. No Brasil o principal representante deste modelo é o Pr. Armando Bispo, da Igreja Batista Central de Fortaleza. Propõe uma completa reestruturação da Igreja tomando como referência a idéia da Igreja como o Corpo de

⁴⁶¹ CAMPOS, 2002, p. 108.

Cristo, onde cada membro tem uma função definida, desempenhada através de uma rede de ministérios.

A Rede Ministerial tem como alvo auxiliar os crentes a serem frutíferos e realizados num significativo lugar de serviço. É a estratégia dos oito passos: Estabelecer relacionamentos íntegros, verbalizar a fé, promover encontros facilitadores, agregar-se à grande congregação, fazer parte de um grupo pequeno, buscar aperfeiçoamento prático, servir num ministério significativo e ser um bom mordomo de Cristo.⁴⁶²

4.2.2.2 Ministério Igreja em Células

John Wesley foi o pioneiro da evangelização em pequenos grupos nos tempos modernos. No final do Século XVIII Wesley desenvolveu mais de 10.000 células, também conhecidas como classes de estudo. Na década de 60, Paul Yonggi Cho, mais tarde autodenominado David Yonggi Cho, na Coreia do Sul, iniciou uma experiência fabulosa de reunir Grupos Familiares, utilizando-se especialmente de mulheres como líderes. Sua experiência foi tão bem sucedida que despertou o interesse e a curiosidade de líderes do mundo inteiro.

Ralph Neighbour Jr., pastor batista americano, foi um dos curiosos que foi até a Coreia e passou um período estudando e observando o trabalho realizado pela Igreja de Evangelho Pleno, ligada às Assembléias de Deus. Ao retornar para seu campo, utilizando-se das observações que fizera na Coreia, Neighbour Jr., sistematizou aquilo que hoje se conhece como Ministério Igreja em Células.

Joel Komiskey, orientado por Neighbour, tornou-se o grande teórico da Igreja em Células, tendo feito pesquisas nas 8 igrejas que mais crescem no mundo e escrito como decorrência desta pesquisa, os livros “Crescimento Explosivo da Igreja” e “Multiplicando a Liderança”. O Dr. Robert Lay, da Igreja Irmãos Menonitas em Curitiba, é o representante do Ministério Igreja em Células no Brasil.

Segundo definem os defensores deste modelo, a Igreja em Células é uma maneira de ser igreja que resgata valores e práticas das comunidades do tempo do

⁴⁶² BISPO, Armando et all. **Rede ministerial**: seminário descoberta. São Paulo: Vida, 1999.

Novo Testamento. Segundo eles, a célula é a comunidade cristã de base. Através da célula os crentes passam a desenvolver um estilo de vida em que vivem comunidade, recebem treinamento, prestam contas de suas vidas com Deus, são orientados por uma liderança treinada, evangelizam através de suas amizades e discipulam aqueles que fazem um compromisso com Deus. A grande estratégia desta filosofia de ministério são as células, em torno das quais a vida da igreja gira. É a partir das comunidades cristãs de base que as coisas acontecem e é lá, na base, que os valores e princípios básicos do Reino de Deus são vivenciados e reproduzidos.⁴⁶³

4.2.2.3 Igreja com Propósito

Este modelo eclesiológico nasceu com a experiência ministerial de Rick Warren, na Comunidade Evangélica Saddleback, Sul da Califórnia. Em 1980 Rick iniciou um trabalho totalmente novo, com apenas uma família, na sala de estar de sua residência. Hoje, 29 anos depois, são realizados vários cultos por final de semana, reunindo milhares de pessoas.

Warren acredita que uma igreja que conhece quais são e segue propósitos estabelecidos por Jesus para ela, sabe para onde vai e é comprometida com os ideais bíblicos. Segundo Warren, a Igreja tem basicamente cinco propósitos, ou seja, Amar a Deus com todo o coração (Adoração), Amar o seu próximo como a si mesmo (Serviço), ir e fazer discípulos (Evangelismo), batizar os/as discípulos/as de Jesus Cristo (Comunhão) e ensinar os discípulos a serem obedientes (Discipulado).⁴⁶⁴

Rick Warren defende a tese de que “uma declaração de propósito clara propiciará direção, vitalidade, limites e a força motivadora para tudo o que você faz. Igrejas com propósitos serão as mais bem equipadas para o ministério durante todas as mudanças que enfrentaremos no século XXI”.⁴⁶⁵

No Brasil uma das Igrejas que está mais avançada na transição para este modelo é a Primeira Igreja Batista em São José dos Campos, em São Paulo. No

⁴⁶³ COMISKEY, Joel. **Crescimento explosivo da igreja em células**: como o seu pequeno grupo pode crescer e se multiplicar. Trad. de Ingrid Neufeld Lima. Curitiba: Ministério Igreja em Células. 1997, p. 152.

⁴⁶⁴ WARREN, Rick. **Uma igreja com propósitos**. Traduzido por Carlos de Oliveira. São Paulo : Vida, 1998. p. 127-135.

Espírito Santo, as Igrejas Batista de Morada de Camburi, em Vitória e Primeira Igreja Batista de Aracruz estão mais avançadas neste processo.

4.2.2.4 Desenvolvimento Natural da Igreja

Este modelo nasceu com Christian A. Schwarz, diretor do Instituto para o Desenvolvimento da Igreja, na Alemanha, um pesquisador que tem tentado provar que muitos dogmas do movimento de crescimento da igreja não passam de mitos. Pesquisando mais de 1000 igrejas em 32 países, nos 5 continentes, Schwarz defende a tese de que o crescimento da Igreja acontece de forma natural sendo necessário apenas “liberar os mecanismos automáticos de crescimento com que Deus equipou a Igreja, em vez de tentar fazer tudo por esforços próprios”.⁴⁶⁶

No Brasil o material do Desenvolvimento Natural da Igreja é produzido e divulgado pela Editora Evangélica Esperança, de Curitiba, no estado do Paraná.

Os teóricos deste modelo defendem que não é um método ou estratégia de crescimento de igreja. Advogam que, como qualquer organismo vivo tem um desenvolvimento natural, a Igreja como Corpo de Cristo, tem também um desenvolvimento natural. É preciso que haja liberação dos processos automáticos (naturais) de crescimento com os quais Deus edificou a Igreja. Tem no desenvolvimento de sua teoria as oito marcas de qualidade, a estratégia do fator mínimo, os seis princípios da natureza e o modelo teológico.

É uma busca de princípios para as igrejas, válidos independentemente da cultura, direção teológica ou denominacional. Procura responder a pergunta : O que cada igreja e cada cristão deveria fazer para obedecer a Grande Comissão nos dias de hoje?

Existem muitos outros modelos sendo experimentados e ensinados e muitos outros vão surgindo, na medida em que as igrejas vão se utilizando das descobertas das igrejas já mencionadas e de outras que com certeza existem. Como exemplos

⁴⁶⁵ WARREN, 1998. p. 135.

⁴⁶⁶ SCHWARZ, Christian A. **O desenvolvimento natural da igreja** : um guia prático para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento. Traduzido por Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 1996. p. 7.

destes outros modelos podemos citar “*Grupos Familiares*” coordenado por David Kornfield, do Serviço de Evangelização para a América Latina (SEPAL), “*A Nova EBD*” de Lécio Dornas, da Primeira Igreja Batista de Cuiabá, estado do Mato Grosso, “*A Ponte da Fé*” de Bobby H. Welch e Doug Willians, “*A Vida Total da Igreja*” de Darrel W. Robinson, livro oficial da Convenção Batista Brasileira de 2002, que propõem uma nova estratégia para a Igreja do Século XXI, dentre outros.

Bosch entende que

os ministérios, as ordens e as instituições eclesíásticas deveriam ser organizadas de forma que sirvam a sociedade e não alienem o crente da história [...] As pessoas a serem evangelizadas encontram-se, com outros seres humanos, sujeitas a condições sociais, econômicas e políticas deste mundo. Há, portanto, uma convergência entre a libertação de indivíduos e povos na história e a proclamação do advento final do reinado de Deus.⁴⁶⁷

O fato é que o nascimento de tantas comunidades cristãs independentes tem levado as igrejas históricas e reconsiderar sua filosofia de ministério. A conclusão é de que se faz necessária uma simplificação das estruturas a fim de privilegiar relacionamentos e cultivar a comunhão entre os/as discípulos/as de Jesus Cristo, resgatando o envolvimento mútuo, tão presente e importante nas comunidades cristãs primitivas.

O surgimento de novas comunidades ocasionou a concepção de uma infinidade de modelos eclesíásticos, com a versatilidade própria para cada cultura, região ou tempo. Quando José Miguez Bonino escreveu seu trabalho descrevendo os Rostos do Protestantismo Latino-americano⁴⁶⁸ certamente reconhece um potencial de crescimento e de transformação em cada expressão protestante no contexto da América Latina. Ao visitar a história e observa-se que, de alguma forma, a diversidade eclesíástica acabou favorecendo o acesso de determinadas pessoas ao evangelho.

Brunner faz um destaque interessante ao abordar este tema:

Como é certo o fato que um número de igrejas competindo representa um escândalo, igualmente é certo, por outro lado, que a variedade de formas de comunidades cristãs é uma necessidade. Como Deus nos tempos passados

⁴⁶⁷ BOSCH, 2002, p. 453.

⁴⁶⁸ Livro editado pela EST em parceria com a Sinodal, em que são analisados o rosto liberal, evangélico, pentecostal e étnico, do Protestantismo Latino-americano.

falou de diversas maneiras, assim hoje Ele deseja atrair de vários modos os homens de múltiplos temperamentos. Um homem a quem uma igreja de alto serviço litúrgico conduz à mais alta medida de bem espiritual é, obviamente, um tipo de homem muito diferente daquele a quem uma reunião do Exército de Salvação com o bater palmas e trombones faz o mesmo serviço espiritual. Não seria o Senhor capaz de estar no meio deles em ambos os casos? Diversidade de liturgias e outras formas, de modo algum, impedem a unidade em Cristo.⁴⁶⁹

Com o surgimento de novas comunidades cristãs, houve também uma flexibilização na liturgia, criando-se práticas de culto que atendam às necessidades e peculiaridades do grupo onde a comunidade está inserida. A maioria das igrejas mais tradicionais, que não observam este princípio, segue um ano litúrgico, determinado pela tradição e sacramentado por uma cúpula denominacional. O grande problema nesta prática é a ordem das celebrações, os textos a serem lidos e utilizados nas mensagens são elaborações de pessoas que têm pouco a ver com as igrejas locais. Isso acaba proporcionando excesso de formalismo e celebrações descontextualizadas. Nas igrejas novas, cada comunidade local, através de sua liderança por ela mesma escolhida, elabora seu próprio calendário de atividades, sua própria ordem dos cultos, de tal forma a se adequar com a sua realidade.

Segundo Dusilek, “as comunidades de fé, os grupos de comunhão, têm surgido dentro de um mesmo paradigma doutrinário. Assim, não há um cisma doutrinário mas um cisma na orientação de como deve ser e se estruturar a Igreja em termos de vida e missão”.⁴⁷⁰

Não se pode negar a importância da diversidade, sobretudo quando se pensa na figura do corpo, favorita do apóstolo Paulo, ao falar da Igreja de Jesus Cristo. A diversidade é tão necessária quanto à unidade, a fim de que haja a expansão do reino de Deus, conforme preconizado por Jesus Cristo, o Senhor da Igreja.

4.2.3 Reflexão Teológica

É inquestionável a necessidade de uma reflexão teológica profunda, diante da multiplicação de igrejas cristãs independentes, o que tem sido feito pelas igrejas

⁴⁶⁹ BRUNNER, 2000, p. 119.

⁴⁷⁰ DUSILEK, 1997, p. 43.

históricas, desde os tempos do Novo Testamento, mas principalmente depois da reforma religiosa do século XVI.

Zwetsch menciona as principais correntes presentes hoje na Eclesiologia, relacionadas à missão: ecumênica, que se expressa no Conselho Mundial de Igrejas; evangelical, que se reúne em torno do Pacto de Lausanne (1974) e que na América Latina adquire expressão continental através dos Congressos Latino-Americanos de Evangelização, da Confraternidade Evangélica Latino-Americana (CONELA), associada à Aliança Evangélica Mundial (World Evangelical Fellowship – WEF) e da Fraternidade Teológica Latino-Americana; o catolicismo romano, que, apesar de suas distintas faces e dos mais variados grupos e linhas internas, mantém certa unidade devido à sua tradição e a um grande peso institucional; a corrente pentecostal, muito imprecisa em termos institucionais, mas suficientemente forte e abrangente para despertar o interesse dos mais variados setores.⁴⁷¹ Pode-se mencionar, por último, a corrente neo-pentecostal ou pós-pentecostal como preferem alguns teólogos.

Mais recentemente, teólogos e sociólogos da religião têm se debruçado sobre a questão da multiplicação de igrejas e denominações, buscando indicativos dos fatores que têm causado ou intensificado este fenômeno. Isso resulta numa reflexão teológica que acaba beneficiando as igrejas históricas e o cristianismo de um modo geral.

A Igreja Católica Romana (ICAR) deu um grande passo neste sentido, através da realização do Concílio do Vaticano II, realizado entre os dias 11 de Outubro de 1962 a 08 de Dezembro de 1965, cujas reflexões e decisões trouxeram mudanças significativas

buscando atender às exigências do contexto social, cultural e religioso do século XX até então, por meio de uma atitude dialógica da Igreja com o mundo. Isso implicou dar à Igreja uma nova configuração conceitual, fundamentá-la na Palavra de Deus e na celebração do mistério da fé e explicitar a necessária ação da Igreja em relação a si mesma e em relação ao mundo. Ademais, esse Concílio não foi apenas um acontecimento celebrado e realizado em sua formulação teológica, mas um evento que teve continuidade nas Igrejas locais dispersas pelo planeta, mediante um processo clarividente de adaptação.⁴⁷²

⁴⁷¹ ZWETSCH, 2005, p. 212-213.

⁴⁷² GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs) **Concílio do Vaticano II: Análise e prospectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 9 (Coleção Alternativas).

Certamente este não foi apenas mais um concílio. Trata-se de um evento que muda a direção da ICAR radicalmente, a partir do seu próprio conceito ou teologia da igreja, passando de

uma Igreja-Instituição ou de uma Igreja-Sociedade-Perfeita para uma Igreja-Comunidade, inserida no mundo, a serviço do Reino de Deus; de uma Igreja-Poder para uma Igreja-Pobre, Despojada, Peregrina; de uma Igreja-Autoridade para uma Igreja-Serva, Servidora, Ministerial; de uma Igreja Piramidal para uma Igreja-Povo; de uma Igreja-Pura e sem mancha para uma Igreja-Santa-Pecadora, sempre necessitada de conversão e de reforma; de uma Igreja-Cristandade para uma Igreja-Missão, uma igreja toda ela Missionária.⁴⁷³

Como se pode ver por esta análise comparativa, o Concílio do Vaticano II procura trazer a Igreja de volta para o meio do povo, de quem tinha se distanciado, perdida nas estruturas institucionais. Fuellenbach caminha nesta mesma direção, ao afirmar que “o concílio estava muito preocupado em apresentar uma imagem da Igreja como ponto de referência para a tarefa de captar sua identidade e sua missão no mundo de hoje”.⁴⁷⁴ Mesmo não fornecendo uma definição específica e objetiva da Igreja, “encontramos, nos documento sobre a Igreja, um estimulante retorno à compreensão bíblica de Igreja”.⁴⁷⁵ Dois documentos muito importantes sobre a Igreja resultaram do Concílio do Vaticano II.

Lumen gentium (luz para as nações) define a Igreja como luz para todas as nações (embora o termo *luz* se refira, primeira e precipuamente, a Jesus) [...] *Gaudium et spes* (Alegria e esperança) procura detalhar a relação da Igreja com o mundo. Ela descreve a Igreja como uma comunidade cuja missão é a de proporcionar alegria e esperança para o mundo que com freqüência parece extremamente sóbrio e desesperado, desprovido de real alegria e ignorante do caminho a tomar e da direção a seguir.⁴⁷⁶

Trata-se de uma reflexão que, certamente visa aproximar a Igreja do povo e inibir a migração de seus membros para as novas comunidades cristãs independentes que, ao tempo do Concílio, já se multiplicavam em grande número.

Entre os protestantes também foram realizadas pesquisas e consultas, analisando que fatores levam as igrejas ao crescimento e à maturidade. Como exemplo

⁴⁷³ GONÇALVES; BOMBONATTO, 2004. p. 7.

⁴⁷⁴ FUELLENBACH, John. *Igreja: Comunidade para o reino*. Traduzido por Luís Henrique Dreher. São Paulo : Paulinas, 2006. p. 63 (Coleção Ecclesia 21)

⁴⁷⁵ FUELLENBACH, 2006, p. 63.

⁴⁷⁶ FUELLENBACH, 2006, p. 64-65.

pode-se citar uma pesquisa realizada por Christian A. Schwarz que, pelo espaço de dez anos, investigou mais de mil igrejas espalhadas ao redor do mundo em 32 países, coletando mais de quatro milhões de respostas cientificamente analisadas por computadores para oferecer conclusões sólidas e seguras⁴⁷⁷ sobre que fatores determinam o crescimento e o desenvolvimento das igrejas locais, antídotos para o divisionismo e o nascimento de novas igrejas.

A pesquisa procurou responder à seguinte pergunta: “Quais são os princípios de crescimento de igreja válidos independentemente de cultura, direção teológica ou denominacional?”⁴⁷⁸ As respostas foram tabuladas e sistematizadas naquilo que o autor denominou de oito marcas de qualidade, quais sejam: Liderança capacitadora, ministérios orientados pelos dons, espiritualidade contagiante, estruturas funcionais, culto inspirador, grupos familiares, evangelização orientada para as necessidades e relacionamentos marcados pelo amor fraternal.⁴⁷⁹

Baseados nestas marcas, muitas igrejas históricas acabaram passando por uma grande renovação, incluindo filosofia, estilo de ministério e estrutura de funcionamento. Observando-se os demais modelos propostos, vê-se com facilidade alguns pontos que todos eles apresentam em comum: Há um retorno aos valores e princípios do Novo Testamento, muito especialmente ao livro de Atos, as barreiras denominacionais têm sido ultrapassadas, tanto que os modelos se aplicam a qualquer denominação, há uma grande ênfase na atualidade e na relevância dos dons espirituais para os ministérios da igreja, enfatiza-se a mudança de paradigmas, os grupos pequenos são considerados essenciais para que a igreja cumpra sua missão e o evangelismo é orientado para os relacionamentos e para as necessidades das pessoas.⁴⁸⁰

Como pode ser observado, um dos benefícios da multiplicação de igrejas, sobretudo de linha pentecostal, foi o reestudo sobre a doutrina do Espírito Santo. Se até meados do século passado as igrejas históricas praticamente ignoravam a Pneumatologia⁴⁸¹, a partir de então, passou a ser conteúdo obrigatório nos seminários,

⁴⁷⁷ SCHWARZ, 1996. p. 3.

⁴⁷⁸ SCHWARZ, 1996. p.19.

⁴⁷⁹ SCHWARZ, 1996. p. 15-48.

⁴⁸⁰ STEPHANINI, Valdir. *Curso de Eclesiologia*, 2009, p. 25-26 (apostila)

⁴⁸¹ Expressão usada pela teologia para o estudo da pessoa e da obra do Espírito Santo.

congressos e nas próprias igrejas. O resultado foi uma redescoberta da importância da utilização dos dons espirituais nos ministérios eclesiais.

Emil Brunner aponta para a necessidade de superação do isolacionismo entre as igrejas cristãs, através do movimento em direção ao ecumenismo cristão. Não pode ser negado que a divisão da comunhão cristã numa multiplicidade de igrejas simples permanece em contradição com a própria natureza da ‘*Ecclesia*’ como o Corpo de Cristo, e representa um dos maiores obstáculos ao entendimento da mensagem cristã – um dano que todos os cristãos devem se esforçar para remover.⁴⁸² Entretanto, Brunner alerta para o fato de que esta união não deve ser buscada no campo organizacional e sim em termos de união de forças para a implantação do reino de Deus, através da realização da obra missionária. Foi exatamente em torno do ideal missionário que o movimento ecumênico nasceu e tem se movimentado.⁴⁸³

Brakemeier concorda que “o movimento ecumênico moderno surge como reação à fragmentação da Igreja de Jesus Cristo. É sinal de inconformidade com ela. De certa forma encerra o período confessional, isto é, o da divisão regional do mundo por ‘confissões’”⁴⁸⁴ Segundo o autor,

a globalização cultural e a privatização da fé redundaram numa explosão de religiosidade quase selvagem. Ela traz em seu bojo forte potencial conflitivo. Pode produzir o *fundamentalismo*, ou seja a intransigência fanática de grupos, por um lado. O diferente cai sob suspeita e sofre demonização. Ou pode acabar no *relativismo* que já não mais conhece normatividade. A alternativa a esses dois descaminhos é o ecumenismo, inconformado com o caos religioso e, todavia, adverso a quaisquer métodos violentos. Na perseguição de suas metas necessita de estratégias e, sobretudo, da análise do respectivo quadro religioso. *O ecumenismo deve trabalhar em estreita cooperação com a ciência da religião.*⁴⁸⁵

Eis um desafio que as igrejas históricas têm diante de si, dialogar e se relacionar de maneira amistosa com todos os segmentos religiosos presentes em solo brasileiro, sem, contudo, confundir as identidades ou cair na tentação do proselitismo. Trata-se de uma questão de reconhecimento de que a unidade em sua expressão plena, organizacional, é algo totalmente impossível e que é preciso conviver de maneira

⁴⁸² BRUNNER, 2000, p. 119.

⁴⁸³ BOSCH, 2007, p. 546-557.

⁴⁸⁴ BRAKEMEIER, 2004. p. 32.

saudável com o diferente, valorizando a diversidade e reconhecendo que a unidade só é possível em Cristo.

Para tanto, é preciso rever todo o sistema educacional que vem sendo praticado nas igrejas protestantes históricas. Necessário se faz que se entenda a Educação Cristã, ou seja a Catequese, não tanto como a transmissão de conteúdos apologéticos, mas como transmissão de vida, dentro da perspectiva do discipulado cristão. Cristo é o paradigma pedagógico, que serve de exemplo através de sua encarnação, para que se possa superar as barreiras que separam os cristãos e ao mesmo tempo viver a vida abundante em comunhão com os/as irmãos/ãs, independente de credo religioso.

4.2.4 Reação das igrejas históricas

Perguntados sobre o que estão fazendo para diminuir a saída de membros de suas igrejas para fazer parte das novas comunidades, respostas interessantes foram obtidas. O *Praticante I* afirmou que está providenciando

muito doutrinação. Atualmente estão estudando a declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira na EBD com os novos crentes. Estes recebem informações sobre todos os grupos religiosos e o porquê de escolherem esta Igreja, fazendo estudos sérios buscando firmarem compromisso. Trabalham os 4 passos que a pessoa toma ao se tornar membro de nossa Igreja que está de acordo com o material de vida com propósito. Inclusive na profissão de fé frisam esses 4 passos.⁴⁸⁶

O *Praticante II* entende que a solução está em

investir na educação cristã, na comunhão, no serviço, trazer as pessoas para perto de Deus e sua palavra, conduzir o membro a uma verdadeira adoração. Assistir os membros em suas necessidades. Formar laços fortes de amor entre os membros e desses com Jesus.⁴⁸⁷

Segundo ele, é o que sua igreja tem feito, com bons resultados. O *Praticante III*, por sua vez,

Nós temos procurado orientar os membros, alertando sobre o surgimento de novos grupos. Advertindo sobre os perigos e as conseqüências de deixar sua

⁴⁸⁵ BRAKEMEIER, 2004. p. 24.

⁴⁸⁶ ANEXO A, p. 165.

⁴⁸⁷ ANEXO A, p. 167.

família estabelecida e se aventurar a uma família da fé que não se conhece. Temos usado todos os ministérios da Igreja, fortalecimento da EBD, discipulado, pequenos grupos. Esses pequenos grupos nós iniciamos esse ano, nós fizemos uma adaptação do que a Igreja com propósitos oferece e estamos fazendo uma experiência. Está dando muito certo. Estamos com 7 grupos, iniciamos com 2 em abril. Esses são grupos permanentes e o incentivo é de cada grupo sempre multiplicar. Nós temos nesses grupos os propósitos: a comunhão, a adoração, o discipulado, o evangelismo e o serviço. E no mais temos fortificado outros ministérios, como o da música e de ação social.⁴⁸⁸

O *Praticante IV* testemunha: "Principalmente a pregação da palavra no púlpito, o ensino da palavra de Deus na EBD e os retiros e encontros que são feitos com grupos específicos da nossa Igreja para ensinar e tirar dúvidas com relação à vida espiritual, envolvendo a palavra de Deus".⁴⁸⁹

O *Praticante V* afirma: "Nós procuramos primar por bom relacionamento de comunhão, manter bom doutrinamento e cada membro sendo mantido ativo servindo ao Senhor".⁴⁹⁰

Importante também observar a visão dos membros das igrejas históricas sobre o que a sua igreja tem feito para inibir a saída de seus integrantes para comporem as novas comunidades.

O *Praticante VI*, que é pastoreado pelo *Praticante I*, afirma que sua igreja tem "mantido as doutrinas batistas, pregando o Evangelho, sem se deixar iludir".⁴⁹¹ Por sua vez o *Praticante VII*, que é pastoreado pelo *Praticante II* compartilhou que sua igreja tem buscado conhecer mais os grupos, fazendo estudos sobre as seitas e as novas Igrejas. Tem buscado orientar, mostrar tudo que está na bíblia, tudo que se percebe que está saindo do padrão de Jesus. A *Praticante VIII*, que é ovelha do *Praticante III*, por sua vez, entende que

por enquanto nada. Às vezes a gente alerta um irmão, mas ele se sente melhor lá e diz estar gostando. A gente deixa, mas depois que eles estão lá dentro e vêem que não é aquilo que eles querem, eles querem voltar. O pastor tem falado. As pessoas são confrontadas e deixadas à vontade para decidirem.⁴⁹²

A *Praticante IX*, que pertence à mesma igreja do *Praticante IV* diz

⁴⁸⁸ ANEXO A, p. 169.

⁴⁸⁹ ANEXO A, p. 170.

⁴⁹⁰ ANEXO A, p. 172.

⁴⁹¹ ANEXO A, p. 173.

⁴⁹² ANEXO A, p. 174.

Recentemente foi feito um retiro de jovens em que foi trabalhado esse sistema que o próprio mundo da música traz, quantas outras coisas, orientando os jovens como se comportarem diante dessas novas comunidades. Há também a sala de batismo, quando a pessoa se converte, tem orientação falando como é a Igreja baseando tudo na bíblia. Estudo nos lares. Grupo de comunhão, em que fazem estudos. Tem grupos que se reúnem entre 15 dias, tem grupo que se reúne toda semana, divididos por idade e por bairros.⁴⁹³

Já o *Praticante X*, que é pastoreado pelo *Praticante V*, afirma simplesmente que ele e a sua igreja “tem aconselhado” os demais membros da igreja para que não a deixem para se unir às novas comunidades.

Além disso, constata-se que cada vez mais pode-se observar peregrinos e convertidos voltando às origens, em busca de refúgio e tratamento. Campos advoga:

É necessário desenvolver um ministério terapêutico, que se destine ao atendimento de “vítimas de seitas” ou de novos movimentos religiosos que sejam considerados destruidores da sanidade mental de milhares de pessoas, principalmente de jovens em fase de maturação psíquica. Talvez, nas próximas décadas, esse venha a ser um dos grandes ministérios das igrejas cristãs mais consolidadas no Brasil – “curar os enfermos” (patologias emocionais e religiosas) e “expulsar demônios” (criados, nutridos e colocados dentro das pessoas por lideranças religiosas de tendências “doentias”).⁴⁹⁴

Entretanto, para que isso seja possível, é indispensável que as igrejas cristãs históricas passem por uma genuína renovação que lhes permita ao mesmo tempo desfrutar de um novo vigor espiritual sem contudo se desfazer dos princípios herdados, fundamentados nas Escrituras e vivenciados nos últimos dois milênios.

Mas é inegável que as Igrejas Protestantes históricas, notadamente as Igrejas Batistas, precisam entender que “as pessoas desejam mais contatos, mais intimidade umas com as outras. Desejam sentir-se mais pessoas e menos número na multidão. Querem se tocar, se abraçar, quer ser, simplesmente, gente ou povo de Deus que se reúne na intimidade como em família”.⁴⁹⁵ Eis algumas indicações que poderão ser exploradas em trabalho posterior, a partir dos dados coletados nesta pesquisa.

⁴⁹³ ANEXO A, p. 176.

⁴⁹⁴ CAMPOS, 2002, p.109.

CONCLUSÃO

Investigado o fenômeno do surgimento de novas comunidades cristãs independentes na história do Cristianismo e, particularmente, no município da Serra, Estado do Espírito Santo, conclui-se que suas causas são variadas, mas surgem do lado de dentro e do lado de fora das próprias Igrejas Cristãs históricas.

O município da Serra é um retrato do que acontece no Brasil e no mundo em termos de religiosidade, abrigando religiões de diversas correntes teológicas. Pensando em termos de Cristianismo, o Catolicismo é predominante, mas o Protestantismo tem avançado muito, apesar de se apresentar extremamente fragmentado. O município da Serra é berço de várias Igrejas, que nascem por diversos motivos, desde a descontinuidade das tradições religiosas por parte das novas gerações, passando por questões teológico-doutrinárias, interesses por lucro econômico-financeiro, até questões mais de cunho administrativo e de supostas revelações especiais de Deus para que novas igrejas sejam plantadas.

As Igrejas Batistas históricas têm sido afetadas, de maneira prejudicial com a saída de seus membros para iniciarem novas comunidades ou unirem-se a elas, mas também de maneira benéfica, na medida em que este fenômeno tem produzido reações positivas das suas lideranças, no sentido de dinamizar suas atividades, visando aproximação com sua membresia e o suprimento de suas necessidades.

Por outro lado, é preciso reconhecer que as Igrejas Cristãs estão inseridas num contexto sócio-econômico-cultural, que acaba repercutindo sobre elas e refletindo as principais tendências da sociedade, num mundo globalizado, em que as informações são amplamente socializadas e disponibilizadas para as pessoas através dos meios de comunicação de massa.

Não é possível ignorar a grande pressão que o mercado acaba fazendo sobre os cristãos e as comunidades das quais fazem parte. A oferta de bens simbólicos

⁴⁹⁵ DUSILEK, 1997, p. 42.

disponibilizados em abundância, sobretudo em comunidades cristãs de vertente neo-pentecostal, tem produzido uma verdadeira mercantilização da fé, tornando-se uma grande oportunidade para aqueles que se vêem chamados por Deus para explorar tais necessidades das pessoas, oferecendo-lhes os produtos pelos quais seus corações anseiam.

Conforme salienta Niebuhr, “cada denominação cristã tenta justificar sua existência usando um argumento próprio, procurando base nas Escrituras, mas outros fatores menos dignos, estão na verdadeira raiz de todas as divisões já vividas pelo cristianismo. São questões de ordem política, econômica, pessoal, etc”⁴⁹⁶ Entretanto, é preciso que cada comunidade se veja como agência do reino de Deus e não como agência de reinos pessoais. “A Igreja é um evento entre pessoas e não uma autoridade que discursa para elas, ou uma instituição proprietária dos elementos da salvação, de doutrinas e ministérios”⁴⁹⁷ Além disso,

a igreja precisa ser um lugar em que é possível sentir-se em casa; se, porém, apenas *nós* nos sentimos em casa em nossa igreja específica e todas as outras pessoas são ou excluídas, ou mal acolhidas, ou se sentem completamente alienadas, então algo deu errado. Por outro lado, podemos ser tentados a comemorar de forma exagerada um número infinito de diferenças na emergência de teologias pluralistas locais e reivindicar que não apenas cada comunidade local de culto, mas inclusive cada pastor e membro da igreja possa desenvolver sua própria ‘teologia local’. Contra estas posições, é preciso que se diga que nossas igrejas e comunidades de culto também precisam ser ‘desprovincializadas’. Isso só pode acontecer caso se fomente o contato vital com a igreja mais ampla. Enquanto agimos localmente, temos que pensar globalmente, em termos da *una sancta*, combinando a micro e a macroperspectivas.⁴⁹⁸

Nenhuma Igreja é uma ilha. Está inserida num contexto maior da sociedade e precisa infiltrar-se no mundo para que seja agência de transformação, cumprindo sua missão de sal da terra e luz do mundo, expressamente enfatizada pelo Senhor da Igreja, Jesus Cristo.

Permanece para um momento posterior, o desafio de se encontrar diretrizes para que as Igrejas Protestantes Históricas se mantenham firmes, fortalecidas e relevantes na sociedade líquida em que se vive no momento, diminuindo a saída de seus

⁴⁹⁶ NIEBUHR, 1992, p. 16-18.

⁴⁹⁷ BOSCH, 2002, p. 456.

membros, quer seja individualmente, quer seja em grupos, enfraquecendo assim o surgimento das Novas Comunidades Cristãs Independentes. Outras pesquisas neste sentido serão muito bem vindas e a esperança é de que os resultados desta que ora são apresentados, contribuam para que se encontrem os caminhos necessários para que isso aconteça.

⁴⁹⁸ BOSCH, 2002, p. 545-546.

REFERÊNCIAS

- A BIBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1987, João 13:34-35.
- ALMEIDA, Ronaldo; MONTEIRO, Paula *Trânsito Religioso no Brasil*. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 17 set. 2009.
- ALTMANN, Walter. *O pluralismo religioso como desafio ao ecumenismo na América Latina*. In.: Sarça ardente: Teologia na América Latina : Prospectivas. SUSIN, Luiz Carlos (organizador). São Paulo: Paulinas, 2000. 574p.
- ALVES, Rubem Azevedo. *Liberdade e ortodoxia: opostos irreconciliáveis?* In: Tendências da teologia no Brasil. São Paulo: ASTE, 1977. 152 p.
- _____. *Protestanismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979. 290 p.
- _____. *O enigma da religião*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. 169 p.
- ASSEMBLÉIA ANUAL DA CONVENÇÃO BATISTA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. *Livro do Mensageiro*. Cachoeiro de Itapemirim: CONVENÇÃO BATISTA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2009, 185p.
- BARTH, Karl. *Dádiva e louvor: ensaios teológicos de Karl Barth*. Tradução de Walter O. Schlupp, Luis Marcos Sander e Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006. 432 p.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, 119p.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. Religião: Trânsito ou indiferenciação? In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006, 264p.
- BISPO, Armando et all. *Rede ministerial: seminário descoberta*. São Paulo: Vida, 1999. 158p.
- BITENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003. 260p.
- BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. 2. ed. São Leopoldo - CEBI; Curitiba: Pastoral Popular Luterana - PPL; São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia – IEPG. 2006, 162p.
- BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. Lisboa: Inquérito. 1991, 230p. (coleção perspectivas).

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998. 758p.

BOICE, James Montgomery. **O evangelho da graça**: a aventura de restaurar a vitalidade da igreja com as doutrinas bíblicas que abalaram o mundo. Tradução de Meire Portes Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. 224 p.

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. Tradução de Ilson Kayser. 3 ed. rev, São Leopoldo : Sinodal, 1997, 95 p.

BORGES, Clério José. **História da Serra**. Serra: Editora do CTC, 2009, 292 p.

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndörfer; Luis M. Santder. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2007. 690p.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo : Perspectiva, 2007, 361p. (Coleção estudos).

BRAKEMEIER, Gottfried. **Fé cristá e pluralidade religiosa: onde está a verdade**. Estudos Teológicos, ano 42, n. 2, p. 23-47, 2002.

_____ **Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz**: um curso de ecumenismo. São Paulo: ASTE, 2004. 130p.

_____ **A autoridade da bíblia**: controvérsias, significado, fundamento. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, Centro de Estudos Bíblicos, Escola Superior de Teologia, 2007. 90p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. 3. ed. ampliada com depoimentos. Uberlândia: EDUFU, 2007. 483 p.

BRUNNER, Emil. **O equívoco sobre a Igreja**. Tradução de Paulo Arantes. São Paulo: Novo Século, 2000. 142 p.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. Traduzido por Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida Nova, 1992. 508 p.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. 2. ed. Petrópolis, São Paulo, São Bernardo do Campo :Vozes, Simpósio, UMESP, 1999. 504 p.

_____ As mutações do campo religioso: os novos movimentos religiosos e seus desafios à religião instituída no Brasil. **Caminhando**, São Bernardo do Campo, Ano VII, n. 9, p.96-10, 2002.

CAVALCANTE, Robinson. **Revista Ultimato**. Viçosa, set – out, p. 33-42, 2006.

CERVEIRA, Sandro Amadeu. Protestantismo Tupiniquim, Modernidade e Democracia: limites e tensões da(s) identidade(s) evangélica(s) no Brasil contemporâneo. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, março, p.27-53, 2008.

CESAR, Waldo; SHAULL, Richard. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs: promessas e desafios**. Petrópolis, São Leopoldo: Vozes, Sinodal, 1999. 316p.

CESAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, 155p.

COMISKEY, Joel. **Crescimento explosivo da igreja em células: como o seu pequeno grupo pode crescer e se multiplicar**. Traduzido por Ingrid Neufeld Lima. Curitiba: Ministerio Igreja em Células. 1997. 152p.

DREHER, Martin N. **A Igreja Latino-Americana no contexto mundial**. São Leopoldo: sinodal, 2007. 256 p. (Coleção história da igreja, v. 4)

DUSILEK, Darci. Oásis no deserto. **Missão**. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p. 27-38, 1985

_____. **O futuro da igreja no terceiro milênio: Desafios internos e externos que a Igreja deve enfrentar para ministrar a palavra com fidelidade no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Horizontal, 1997.104p.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. A identidade batista e o “espírito” da Modernidade. **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) das Faculdades EST**, v. 06, jan.-abr. p. 15-28, 2005.

_____. **Para entender pós-modernidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2007, 100p.

EVANS, C. Stephen. **Dicionário de Apologética e Filosofia da Religião**. Tradução de Rogério Portella. São Paulo: Vida, 2004. 150p.

FERNANDES, Humberto Viegas. **Renovação Espiritual no Brasil: Erros e verdades**. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. 195p.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Manual da igreja e do obreiro**. 11 ed. Rio de Janeiro: JUERP. 2002. 431p.

FRESTON, Paul. **Protestantismo no Brasil: Da constituinte ao Impeachment**. Campinas : 1993, p.304 Tese (Doutorado) Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

_____. Presente e futuro da igreja evangélica no Brasil. **Revista Ultimato**, Viçosa, Ano 41, n. 315, p.38-39, 2008.

_____. Nenhuma igreja está parada no tempo. **Revista Ultimato**, Viçosa, Ano 42, n.319, p.38-42, 2009.

FUELLENBACH, John. **Igreja: Comunidade para o reino**. Traduzido por Luís Henrique Dreher. São Paulo: Paulinas, 2006. 357p. (Coleção Ecclesia 21)

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994, 80p.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs) **Concílio do Vaticano II: Análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2004. p.9 (Coleção Alternativas).

GONZALEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos mártires**. Tradução de Key Yuasa. São Paulo: Vida Nova, 1980. 177p. (v. 1)

_____. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1980. 182 p. (v. 2)

_____. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era das trevas**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1981. 181 p. (v. 3)

_____. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos altos ideais**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1981. 185 p. (v. 4)

_____. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos sonhos frustrados**. Tradução de Hans Udo Fuchs. 2. ed. São Paulo : Vida Nova, 1986. 171 p. (v. 5)

_____. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores**. Tradução de Itamir Neves de Souza. São Paulo: Vida Nova, 1986. 219 p. (v. 6)

GUERRIERO, Silas (Org.) **O estudo das religiões: desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2003, p.71-88. (Coleção estudos da ABHR)

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008. 238p.

HYBELS, Bill. **Liderança corajosa**. Traduzido por James Monteiro dos Reis. São Paulo: Vida. 2002, 250p.

IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS. Disponível em: <<http://www.impd.com.br>> Acesso em : 02 nov. 2009.

- KÜNG, HANS. **Teologia a caminho**: fundamentação para o diálogo ecumênico. Traduzido por Hans Jörg Witter. São Paulo: Paulinas. 1999. 300p. (Coleção: Pensamento teológico)
- LANDERS, John. **Teologia dos princípios batistas**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1986. 144p.
- LEITE FILHO, Tácito da Gama. **Seitas neopentecostais**. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991, 192p. (seitas do nosso tempo, v. 3).
- LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro**. Tradução de Linneu de Camargo Schützer. 3. ed. São Paulo : ASTE. 2002. 388p.
- LIBÂNIO, João Batista. **A Religião no Início do Milênio**. Petrópolis: Loyola, 2002.
- LUTERO, Martim, **Como reconhecer a igreja**: Dos Concílios e da Igreja – 3ª parte. São Leopoldo: Sinodal, Concórdia, 2001, 66p. (Lutero para hoje)
- MACDANIEL, Geo. W. **As igrejas do novo testamento**. Tradução de F.M. Edwards. 5. ed. Rio de Janeiro : JUERP, 1989. 168p.
- MATOS, Aldari Souza de. **O movimento pentecostal**: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. Fides Reformata, São Paulo, Ano 11, n. 2, p. 23-50, 2006.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir**: Inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo : Associação Evangélica e Literária Pendão Real, ASTE, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião, 1955. 271p.
- MULULLO, Heliomara, et all. Pesquisa comunhão 2009: Como se comportam e do que gostam os evangélicos da grande vitória. **Revista Comunhão**, Vitória, ano 12, n. 144, p. 48-55, 2009.
- NETO, Otávio cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994, 80p.
- NIEBUHR, H. Richard. **As origens sociais das denominações cristãs**. Tradução de Antonio Gouvêa Mendonça. São Paulo: ASTE, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992. 184p.
- NOVE processos contra o tabernáculo. **A Gazeta**, Vitória, 13 set. 2009, Dia a Dia, p.17.
- OLIVEIRA, Estevam Fernandes. **Conversão ou adesão**: uma reflexão sobre o neopentecostalismo no Brasil. Rio de Janeiro: Proclama Editora. 2004. 212p.

ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (Org.). **Igreja Universal do Reino de Deus** : Os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003. 324p. (Coleção religião e cultura).

PAEGLE, Guilherme de Moura. A “Mcdonalização” da fé: um estudo sobre os evangélicos brasileiros - **Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Faculdades EST**, v.17, set.-dez, 86-99, 2008.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo**: Diálogo inter-religioso na teologia de Claude Feffré. São Paulo: Paulinas; Minas Gerais: PUC Minas, 2007. 199p.

PEREIRA, José dos Reis. **Breve história dos batistas**. 2. ed. Rio de Janeiro : JUERP, 1979. 110p.

PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982. 370p.

PURIM, Reynaldo. **A igreja de Jesus Cristo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1980. 67p.

READ William. et all. **O crescimento da igreja na América Latina**. Traduzido por João Marques Bentes. São Paulo: Mundo Cristão, 1969. 473p.

REBLIN, Iuri Andréas. Poder & intrigas, uma novela teológica: considerações acerca das disputas de poder no campo religioso à luz do pensamento de Pierre Bourdieu e de Rubem Alves. Protestantismo em revista. **Revista Eletrônica de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP)** da Faculdade EST, v.14, set.-dez. 2007. Disponível em <<http://www3.est.edu.br/nepp>>. Acesso em: 20 Jan. 2009. p. 17-18.

ROLOFF, Jürgen. **A Igreja no Novo Testamento**. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; EST; Centro de Estudos Bíblicos, 2005. 384p.

SANTIAGO, Valdemiro. **Líder da Igreja Mundial do Poder Deus fala sobre sua vida e discute o que faz com que sua denominação seja a que mais cresce hoje no Brasil**. Entrevista concedida a Revista Eclésia. Disponível em: ><http://www.elesia.com.br>< Acesso em: 02 nov. 2009.

SCHAPER, Valério Guilherme. A tolerância entre solidariedade e reconhecimento: Idéias para repensar o conceito de tolerância. In: SCHAPER, Valério Guilherme, OLIVEIRA, Kathlen Luana de; Reblin, Iuri Andréas (Org.) **A teologia contemporânea na América Latina e no Caribe**. São Leopoldo: Oikós; EST, 2008. 374p.

SCHWARZ, Christian A. **O desenvolvimento natural da igreja**: um guia prático para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento. Traduzido por Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 1996. 128p.

SEGURA, Harold. Não ao analfabetismo bíblico. *Revista Ultimato*, Viçosa, Ano 50, n. 307, p.34-37, 2007.

SHELLY, Bruce L. *A igreja: o povo de Deus*. Traduzido por Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1989. 142p.

SIEPIERSKI, Paulo D. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, Silas (Org.) *O estudo das religiões: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003, p.71-88. (Coleção estudos da ABHR)

STANGE, Klaus Andreas. *As relações entre a missão evangélica união cristã e a igreja evangélica de confissão luterana numa perspectiva sócio-teológica*. 2003. 153f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2003.

STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William Sims. *Uma teoria da religião*. Traduzido por Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes, Rodrigo Wolff Apolloni, Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2008, 496p. (Coleção repensando a religião)

STEGEMANN, Ekkehard W., STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulinas, 2004. 596p

STEPHANINI, Valdir. *Curso de Eclesiologia*, 2009, p. 25-26 (apostila).

TAMAYO, Juan José; FARIÑAS, Maria José. *Culturas y religiones em diálogo*. Madrid: Sintesis S.A., 2008. 236p.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org). *As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. 264p.

VATTIMO, Gianni. *Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a filosofia*. Traduzido por Raquel Paiva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999. 153p.

ZWETSCH, Roberto E. Missão: testemunho do evangelho no horizonte do reino de Deus. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT (org) *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998. 250p.

WAGNER, Peter. *Porque crescem os pentecostais?: Uma análise do espantoso avanço do pentecostal na América Latina*. Traduzido por Wanda Assumpção. São Paulo: Vida, 1994. 160p.

WARREN, Rick. *Uma igreja com propósitos*. Traduzido por Carlos de Oliveira. São Paulo: Vida, 1998. 496p.

ANEXO A
CRISTÃOS PRATICANTES

Praticante I

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino. 62 anos (34 de ministério pastoral). Pastor.

Nome da igreja?

Primeira Igreja Batista ____

Quando e como surgiu a igreja da qual você faz parte?

Surgiu em um local chamado ____, próximo a _____. A Igreja Batista ____ quem organizou.

Algum membro desta igreja já saiu para fazer parte de uma igreja nova?

Muito raramente. Entretanto, algumas pessoas saíram e foram para a ____, e um casal foi para a ____.

Como você vê as novas igrejas que estão surgindo em nosso município?

Embora respeitando as pessoas que as fundam, vê como uma maneira de conseguir se projetar como as grandes em mídia nacional, muitos vão buscando uma maneira de se obter recursos.

O que você e sua Igreja tem feito para evitar a saída de membros para unirem-se a comunidades cristãs independentes?

Muito doutrinamente. Atualmente estão estudando a declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira na EBD com os novos crentes. Estes recebem informações sobre todos os grupos religiosos e o porquê de escolherem esta Igreja, fazendo estudos sérios buscando firmarem compromisso. Trabalham os 4 pactos que a pessoa toma ao se tornar membro de nossa Igreja que está de acordo com o material de vida com propósito. Inclusive na profissão de fé frisam esses 4 pactos.

Quem é Deus pra vocês?

É um companheiro, amigo, além de criador que a própria palavra traz é pai, diante de quem podemos nos alegrar, celebrar e podemos chorar.

Qual o seu conceito de Igreja?

O conceito que eu tenho de Igreja há pelo menos 34 anos de vida pastoral e mais 50 de vida cristã é que é um organismo, um ambiente multiplicador, que deve multiplicar a celebração, a adoração a Deus, o serviço à comunidade, a proclamação do evangelho. A Igreja é uma geradora desses propósitos de Deus, ela deve gerar o máximo de proclamação do evangelho que ela puder realizando missões, gerar adoração, celebração, serviço, comunhão, gerar discipulado fazendo discípulos.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

Quanto a um conceito que nós batistas defendemos, a Igreja em 1º lugar precisa ser cristocêntrica, batizar Cristo, anunciar Cristo e viver Cristo. Mas ela precisa ser apostólica também, porque nós defendemos que os apóstolos foram doutrinados por Jesus, viveram a vida com Jesus e expuseram as doutrinas, os ensinamentos, desenvolveram a comunhão como crentes em Jesus Cristo. Então a Igreja é essencialmente discipuladora, vivendo a doutrina dos apóstolos, do novo testamento, proclamando o evangelho e se preparando como noiva de Jesus Cristo para a grande celebração das bodas do Cordeiro.

Qual é a missão da Igreja?

Cumprir os propósitos de Deus. A missão da Igreja é procurar descobrir, se aprofundar, conhecer os propósitos de Deus e divulgá-los, vivenciá-los.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

A Igreja como uma serva salva, crendo na salvação eterna que Jesus Cristo conferiu a Igreja, ela vai continuar divulgando essa salvação eterna que ela crê e se preparando para um dia viver a realidade da salvação eterna na eternidade. A salvação é eterna, não podemos abrir mão disso. Aliás, a única salvação que Jesus Cristo tem para dar é eterna. Ela se dá em Cristo Jesus, pela graça de Cristo. Ele graciosamente nos confere a salvação, e só a eterna.

Em sua opinião, que fatores têm desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

Essa é uma questão que a gente às vezes se sente incomodado com o que acontece ao nosso redor em uma Igreja histórica, uma Igreja Batista. Embora a gente saiba que nós vivemos em um país que tem liberdade religiosa, mais diversas crenças etc. a nossa própria Carta Magna defende a liberdade religiosa. A gente fica incomodado, a gente questiona certos crescimentos assim rápidos demais, o abaixamento do evangelho. Eu costumo brincar aqui na minha Igreja que o comércio tem uma época do ano que dá aqueles descontos mega, assim que enche as lojas de desconto, 90% de desconto, e algumas Igrejas dando 98% de desconto entregando o evangelho por qualquer preço. A gente se incomoda com isso, mas eu creio que o fator principal a pessoa se vale da liberdade religiosa que tem e prega de qualquer maneira, e prega qualquer coisa e vai enganando as pessoas, assim tem muita gente que gosta ser enganada. Na minha maneira de ver tem muita gente sendo enganada com um selo do evangelho, que não é o evangelho, aquele negócio que não é o evangelho real, o sério de Jesus Cristo. Mas o interesse econômico financeiro também das pessoas. O desemprego é outro fator, se o indivíduo prega direitinho, fala de Deus com certo carisma, na verdade ele vai criando uma Igreja ele vai sustentar a família dele, ele vai viver o resto da vida dele. Então essa questão econômico-financeira também se põe de uma maneira grandiosa e a facilidade onde as pessoas gostam de ser enganadas facilmente vão atrás dessas promessas e os grupos vão se mantendo, e vão se manter por algum tempo. Assim em termos gerais eu vejo assim.

Praticante II

Sexo?

Masculino, 46 anos, pastor

Nome da igreja?

Primeira Igreja Batista ____

Quando e como surgiu a igreja da qual você faz parte?

Em ____, a Primeira Igreja Batista em ____, decidiu organizar uma Igreja no bairro _____. O motivo era levar Jesus ao povo deste bairro. A então, ____, se tornou, de verdade, o primeiro trabalho evangélico do bairro. Verdadeiramente somos a Primeira Igreja ____

Algum membro desta igreja já saiu para fazer parte de uma igreja nova?

Com tristeza digo que sim. Apesar de saber que os motivos na maioria das vezes são escusos, sempre alguém se encanta com o novo. Mas alguns logo percebem, e até voltam feridos. Essas novas Igrejas machucam muito, causam muitas feridas. Não há verdadeiro pastoreio e as ovelhas se ferem e se machucam.

Como você vê as novas igrejas que estão surgindo em nosso município?

Vejo com extrema preocupação, pois percebo motivos escusos de alguns líderes. Na verdade muitos. A maioria não tem preocupação em conduzir as pessoas a Jesus, querem apenas alcançar seus objetivos pessoais. São pessoas inescrupulosas que querem se alto promover. Sem nenhum conhecimento teológico, enganam o povo com mentiras ou com sua própria compreensão da palavra.

O que você e sua Igreja tem feito para evitar a saída de membros para unirem-se a comunidades cristãs independentes?

Investir na educação cristã, na comunhão, no serviço, trazer as pessoas para perto de Deus e sua palavra, conduzir o membro a uma verdadeira adoração. Assistir os membros em suas necessidades. Formar laços fortes de amor entre os membros e desses com Jesus.

Quem é Deus pra vocês?

Se posso resumir numa só palavra diria que ele é meu tudo. Existo, e tudo existe por causa Dele. Ele é fiel, perdoador, amigo, longânimo, justo, eterno, salvador, amor, justo. A vida só é vida quando me rendo a vontade Dele. Ele é o autor da vida e a quem daremos conta do nosso viver. Não dá para viver sem Deus, pois é nele que nos realizamos. Deus é aquele que investiu em nós, nos fez promessas e deseja transformar nossa vida implantando em nós seu caráter.

Qual o seu conceito de Igreja?

A Igreja de Jesus é aquela que se submete a Jesus, que executa adoração a Jesus, que busca ser santa para Jesus, que cumpre a missão deixada por Jesus, que abraça os feridos lhes mostrando a cruz. A Igreja de Cristo prepara-se para o encontro com

seu Dono e Senhor. Compartilha comunhão com os irmãos. A Igreja é aqueles que foram chamados para fora do pecado para serem corpo de Cristo.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

Adoração, Evangelismo, Discipulado, Comunhão, Serviço

Qual é a missão da Igreja?

Fazer Jesus ser conhecido profundamente por todos, ensinando a amá-lo e adorá-lo como Senhor e Deus.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

Só existe salvação em Jesus. Ela, salvação é oferecida gratuitamente por Deus mediante arrependimento e fé do homem.

Em sua opinião, que fatores têm desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

1. Facilidade para abrir uma igreja;
2. Pessoas que querem um negócio;
3. Pessoas que não se submetem a liderança;
4. Pessoas que buscam se auto promover;
5. A necessidade das pessoas;
6. O desconhecimento profundo da palavra de Deus (analfabetismo);
7. A convivência – pessoas que passam da inocência para tornarem-se coniventes com os seus líderes;
8. Aceitar tudo como de Deus;
9. Desconhecimento teológico;
10. Descontentamento;
11. Obtenção única de poder e unção de Deus;
12. A busca das pessoas pelo novo e extraordinário;

Praticante III

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino. 62 anos. Pastor

Nome da igreja?

1ª Igreja Batista em ____

Quando e como surgiu a igreja da qual você faz parte?

A Igreja surgiu como um ponto de pregação com o Pr. ____ e a família, no ano de ____ quando o bairro estava começando. E a Igreja foi organizada no dia ____.

Algum membro desta igreja já saiu para fazer parte de uma igreja nova?

Vários membros já saíram durante esses anos em que a Igreja foi organizada. Porém não grandes grupos, mas alguns membros isolados.

Como você vê as novas igrejas que estão surgindo em nosso município?

As novas Igrejas desempenham papel positivo, mas também um papel negativo. Positivo porque o que ela acolhe são pessoas que estão procurando o que elas oferecem. E negativo porque elas arrebanham muitos membros de Igrejas já estabelecidas. Seria proselitismo.

O que você e sua Igreja tem feito para evitar a saída de membros para unirem-se a comunidades cristãs independentes?

Nós temos procurado orientar os membros, alertando sobre o surgimento de novos grupos. Advertindo sobre os perigos e as conseqüências de deixar sua família estabelecida e se aventurar a uma família da fé que não se conhece. Temos usado todos os ministérios da Igreja, fortalecimento da EBD, discipulado, pequenos grupos. Esses pequenos grupos nós iniciamos esse ano, nós fizemos uma adaptação do que a Igreja com propósitos oferece e estamos fazendo uma experiência. Está dando muito certo. Estamos com 7 grupos, iniciamos com 2 em abril. Esses são grupos permanentes e o incentivo é de cada grupo sempre multiplicar. Nós temos nesses grupos os propósitos: a comunhão, a adoração, o discipulado, o evangelismo e o serviço. E no mais temos fortificado outros ministérios, como o da música e de ação social.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é o Criador e mantenedor de todo o universo.

Qual o seu conceito de Igreja?

A Igreja é composta de seres humanos seguidores de Jesus, discípulos de Jesus que dão continuidade a missão de Jesus Cristo aqui na terra.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

Pessoas comprometidas com Jesus não importando o local onde estejam reunidas. O que diferencia a Igreja de outro agrupamento de pessoas? A Igreja se reúne para adorar a Deus e para proclamar o evangelho.

Qual é a missão da Igreja?

A proclamação do evangelho, a realização de missões e evangelismo, a capacitação de seus membros para a realização de diversos ministérios.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

A salvação é pela graça. O pecador precisa ouvir o plano de salvação bíblico, arrepender-se de seus pecados (quando se reconhece que é pecador e se arrepende de seus pecados), e crer em Cristo como Salvador e Senhor na posse pela fé do sacrifício que Jesus realizou na cruz do calvário.

Em sua opinião, que fatores têm desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

1. O descontentamento de membros da igreja. Procurando novas garantias eclesiais, novas alternativas.
2. Membros carismáticos que saem em busca de aventura, coisas novas. Bombardeios da mídia leva-os em busca de novas experiências religiosas/espirituais.
3. Aproveitadores que vêm no segmento igreja para o ganho fácil, criam ou entram em uma franquia de uma grande nova igreja e começa a arrebanhar as pessoas. Não se importam se é certo, bíblico ou teológico. só querem saber se vale a pena e se dá lucro.

Praticante IV

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino. 41 anos. Pastor.

Nome da igreja?

Primeira Igreja Batista de ____

Quando e como surgiu a igreja da qual você faz parte?

A Igreja surgiu a mais de __ anos atrás e está completando __ anos de organização este ano. Ela surgiu da 1ª Igreja Batista em _____. As atividades dessa Igreja, o ponto de pregação na verdade começou embaixo de uma castanheira _____.

Algum membro desta igreja já saiu para fazer parte de uma igreja nova?

Sim. Já saíram algumas pessoas daqui para fazerem parte de outras Igrejas de outras denominações.

Como você vê as novas igrejas que estão surgindo em nosso município?

Eu vejo isso como algo positivo e negativo ao mesmo tempo. Positivo porque se comparado à taxa de violência urbana, se comparado ao desemprego, aos problemas sociais, aos problemas de ordem emocionais que tem surgido no meio da população aqui no município de Serra, essas Igrejas podem trazer algumas coisas boas. Muitas vezes contribuir na questão social, na questão de evitar que a população se envolva em violência, em drogas etc. Nesse ponto, portanto, é algo positivo dessas novas Igrejas. E negativo são as questões relacionadas com as doutrinas, que muitas vezes são prejudiciais e inclusive às emoções. As Igrejas podem e estão trazendo prejuízo na vida da pessoa e de sua família em alguns momentos.

O que você e sua Igreja tem feito para evitar a saída de membros para unirem-se a comunidades cristãs independentes?

Principalmente a pregação da palavra no púlpito, o ensino da palavra de Deus na EBD e os retiros e encontros que são feitos com grupos específicos da nossa Igreja para ensinar e tirar dúvidas com relação a vida espiritual, com relação envolvendo a palavra de Deus.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é o único criador e sustentador do universo. Deus é aquele que cuida dos seus filhos, que se relaciona conosco, que está presente na vida de cada um. Deus é aquele único capaz de nos trazer, através de Jesus, a salvação eterna.

Qual o seu conceito de Igreja?

Gosto do conceito de Igreja como comunidade de salvos que se reúnem com o mesmo objetivo, com os mesmos sonhos e propósitos, que trabalham juntos, que seguem a direção da palavra de Deus e que saem para fazer missões.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

O principal é o amor que une os membros daquela Igreja, daquela comunidade. A forma coerente de viver a vida de acordo com a palavra de Deus. E também a perseverança na sã doutrina que é a palavra.

Qual é a missão da Igreja?

Entendo que a principal missão da Igreja local é fazer missões, fazer discípulos. É Jesus buscando e salvando os perdidos através da Igreja. Então, missões e discipulado.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

Salvação somente e exclusivamente através de Cristo Jesus. Pela fé, que também passa pela razão. E pelo voluntarismo em relação a acreditar e querer Jesus como seu único Salvador.

Em sua opinião, que fatores têm desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

1. A busca de solução imediata para os problemas de ordem emocional, de ordem financeira.
2. Essas comunidades, principalmente, tem prometido uma solução imediata sem ensinar a palavra de Deus corretamente em relação aos problemas que todos nós vivemos nesse mundo.

Praticante V**Sexo? Idade? Profissão?**

Masculino. 47 anos. Pastor.

Nome da igreja?

Igreja Batista em ____

Quando e como surgiu a igreja da qual você faz parte?

No dia ____ foi realizado o 1º culto batista na casa de uma pessoa do bairro. Aos ____ foi organizada a Igreja Batista em ____ com 63 membros. Fruto do trabalho missionário da Igreja Batista ____ em ____ e ____

Algum membro desta igreja já saiu para fazer parte de uma igreja nova?

Sim. Mas nos últimos 4 anos que estou pastoreando não.

Como você vê as novas igrejas que estão surgindo em nosso município?

Eu vejo como um fenômeno comum dos nossos dias que vem acontecendo em muitos lugares. Não faço juízo de certo ou errado.

O que você e sua Igreja tem feito para evitar a saída de membros para unirem-se a comunidades cristãs independentes?

Nós procuramos primar por bom relacionamento de comunhão, manter bom doutrinamento e cada membro sendo mantido ativo servindo ao Senhor.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é o Senhor criador de todas as coisas, que sendo Espírito Eterno se revela ao homem por Jesus Cristo e pela bíblia, e a natureza e seus atos.

Qual o seu conceito de Igreja?

A Igreja de Jesus Cristo é uma comunidade, uma congregação local de pessoas salvas por Cristo e bíblicamente batizadas, que se reúnem para adorar a Deus, para comunhão, para a propagação do evangelho e a instrução nos ensinamentos da bíblia.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

A Igreja deve ser formada por pessoas regeneradas e salvas por Jesus e viverem no ensino da bíblia, adorando, servindo a Deus e ao próximo.

Qual é a missão da Igreja?

Fazer discípulos para Jesus de todos os povos e ensinar a eles os mandamentos de Jesus.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

A salvação é através de Jesus Cristo mediante fé e o arrependimento com conversão genuína a Cristo.

Em sua opinião, que fatores têm desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

Aqui como em outros lugares são vários. Observo que essas Igrejas em geral são organizadas por pessoas que foram líderes em outra Igreja ou denominação.

1. Essas pessoas ou se contrariaram com a liderança da sua denominação ou mantêm um forte espírito de independência.
2. Elas revelam um alto grau de soberba espiritual.
3. Pessoas que procuram auferir promoção ou lucro pessoal.
4. Não se submetem a autoridade e senso comum denominacional.
5. Ocultam tudo isso quase sempre com testemunho de experiência pessoal fantástica de visão e chamamento de Deus.

Praticante VI

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino. 50 anos. Zelador.

Nome da igreja?

Primeira Igreja Batista de ____

Quando e como surgiu a igreja da qual você faz parte?

A nossa Igreja surgiu em ____ e foi organizada pela Igreja Batista da _____. Sendo que eu vim para esta Igreja em 1979.

Algum membro desta igreja já saiu para fazer parte de uma igreja nova?

Alguns saíram para a Igreja ____.

Como você vê as novas igrejas que estão surgindo em nosso município?

Vejo com preocupação. Será que estão pregando o Evangelho verdadeiro ou é apenas mais uma manobra.

O que você e sua Igreja tem feito para evitar a saída de membros para unirem-se a comunidades cristãs independentes?

Mantido as doutrinas batistas, pregando o Evangelho, sem se deixar iludir.

Quem é Deus pra vocês?

É o Criador, sustentador do universo, que deu seu filho para salvar o mundo.

Qual o seu conceito de Igreja?

É o povo de Deus, resgatado, comprado pelo sangue de Jesus.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

Povo (pessoas e pregação da Palavra de Deus).

Qual é a missão da Igreja?

Pregar o Evangelho, dar testemunho de Jesus.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

Crer em Jesus. Ter realmente Jesus como Senhor e Salvador.

Em sua opinião, que fatores têm desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

O povo está desesperado, à procura de bens materiais, riquezas e por outro lado pessoas querem facilidades.

Praticante VII

Sexo? Idade? Profissão?

Feminino. 40 anos. Secretária.

Nome da igreja?

1ª Igreja Batista ____.

Quando e como surgiu a igreja da qual você faz parte?

É filha da PIB de ____.

Algum membro desta igreja já saiu para fazer parte de uma igreja nova?

Sim. Recorda-se de uma senhora que passou para a ____ e percebendo dificuldades lá retornou para a sua Igreja.

Como você vê as novas igrejas que estão surgindo em nosso município?

Muita emoção, tentando saciar uma busca interior do ser humano.

O que você e sua Igreja tem feito para evitar a saída de membros para unirem-se a comunidades cristãs independentes?

Tem buscado conhecer mais os grupos, fazendo estudos sobre as seitas e as novas Igrejas. Tem buscado orientar, mostrar tudo que está na bíblia, tudo que se percebe que está saindo do padrão de Jesus.

Quem é Deus pra vocês?

É o criador de tudo.

Qual o seu conceito de Igreja?

É um local onde se pode adorar a Deus, é um local de abrigo, comunhão, aceitação.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

Proclamação da palavra, comunhão, demonstração do amor.

Qual é a missão da Igreja?

Proclamar Jesus, alcançar vidas, suprimento de outras necessidades como ser humano.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

Crer em Jesus, se arrepender dos pecados e viver os princípios de Deus.

Em sua opinião, que fatores têm desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

1. Nível de escolaridade baixa entre os membros das igrejas evangélicas;
2. A condição social das pessoas, criando ilusões sobre o que é e o que não é o reino de Deus;
3. A facilidade das pessoas de abrirem uma igreja;
4. Interpretação da Bíblia de maneira errônea;

Praticante VIII

Sexo? Idade? Profissão?

Feminino. 57 anos. Secretária.

Nome da igreja?

1ª Igreja Batista em ____

Quando e como surgiu a igreja da qual você faz parte?

Em ____ como Congregação da PIB de _____. Já começou com o conjunto, reunindo-se em uma casa com o ____ e família, que era seminarista da Igreja.

Algum membro desta igreja já saiu para fazer parte de uma igreja nova?

Sim. Alguns foram para a Igreja _____, e recentemente uma senhora foi para a Igreja do _____.

Como você vê as novas igrejas que estão surgindo em nosso município?

Tem umas que tem a finalidade que são boas, mas tem outras que são para escandalizar. Tem uma perto da minha casa que é um escândalo, eles pulam, gritam, dançam, caem no chão, levantam-se novamente e começam a dançar. Às vezes a mensagem é até boa, mas na hora do louvor é terrível.

O que você e sua Igreja tem feito para evitar a saída de membros para unirem-se a comunidades cristãs independentes?

Por enquanto nada. Às vezes a gente alerta um irmão, mas ele se sente melhor lá e diz estar gostando. A gente deixa, mas depois que eles estão lá dentro e vêem que não é aquilo que eles querem, eles querem voltar. O pastor tem falado. As pessoas são confrontadas e deixadas à vontade para decidirem.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é o nosso Criador. Tudo o que nós temos, nós temos que agradecer a Ele.

Qual o seu conceito de Igreja?

Igreja somos nós, estamos sempre unidos com outros irmãos, vivendo em comunhão.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

O testemunho de Cristo. Não adianta estar reunido com os irmãos aqui e lá fora ser outra coisa. Porque daí vão ver aquilo o que eu sou aqui dentro.

Qual é a missão da Igreja?

Evangelizar, pregar o evangelho.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

Através do estudo da bíblia. Às vezes a pessoa já é salva, mas não procura a bíblia para ler, para ter mais intimidade. Tem muita gente que se converte só lendo a bíblia. "Crer no Senhor Jesus Cristo e serás salvo. Cristo é o caminho, a verdade e a vida

ninguém vem ao pai senão por mim.” (João 14:6). Crer em Jesus Cristo e ler a bíblia para obter o crescimento.

Em sua opinião, que fatores têm desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

1. Uns estão fazendo para ganhar dinheiro.
2. Outros sabem um pouquinho e já saem para fazer uma igreja para eles, são independentes.
3. Alguns fazem da igreja seu meio de sobreviver.

Praticante IX

Sexo? Idade? Profissão?

Feminino. 18 anos. Secretária.

Nome da igreja?

Primeira Igreja Batista de ____

Quando e como surgiu a igreja da qual você faz parte?

Começou com um grupo de irmãos em suas casas. Passou por Congregação e se tornou uma Igreja, que hoje tem ____anos. Tem poucos membros que estão hoje desde a fundação.

Algum membro desta igreja já saiu para fazer parte de uma igreja nova?

Sim. Saiu um grupo, para formar uma nova Igreja (não tem certeza).

Como você vê as novas igrejas que estão surgindo em nosso município?

Quando eles abrem essas comunidades novas é procurando atender aos interesses que eles pensavam antes que a Igreja Batista tradicional não aceitaria. Por exemplo, no nosso caso, o pessoal busca da forma que eles pensam. E tem situações em que as pessoas abrem essas entidades pensando no próprio bem delas.

O que você e sua Igreja tem feito para evitar a saída de membros para unirem-se a comunidades cristãs independentes?

Recentemente foi feito um retiro de jovens em que foi trabalhado esse sistema que o próprio mundo da música traz, quantas outras coisas, orientando os jovens como se comportarem diante dessas novas comunidades. Há também a sala de batismo, quando a pessoa se converte, tem orientação falando como é a Igreja baseando tudo na bíblia. Estudo nos lares. Grupo de comunhão, em que fazem estudos. Tem grupos que se reúnem entre 15 dias, tem grupo que se reúne toda semana, divididos por idade e por bairros.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é pai, é amigo, Ele protege a gente, Ele conduz a gente, Ele nos ama e tem misericórdia mesmo a gente não merecendo. Eu acho que tudo o que Deus fez por nós em comparação com tudo o que a gente faz por Ele não é nada.

Qual o seu conceito de Igreja?

Igreja para mim são as pessoas, onde a gente tem que ter um apoio, ter amigos. É um local onde temos que buscar comunhão com os irmãos e com principalmente com Deus.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

Tem que ser uma Igreja de oração. Uma Igreja que em tudo o que for fazer além da oração tem que pedir sempre orientação de Deus, tem que ter Jesus como cabeça da Igreja. Tem que ter muita comunhão entre os irmãos quanto com as pessoas que estão chegando, pensando sempre em evangelizar.

Qual é a missão da Igreja?

Cumprir o ide de Jesus, levar a palavra dele para aquelas pessoas que realmente precisam.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

Todos os cultos de domingo são evangelísticos, os cultos de quarta são mais estudos. Mas em todas as pregações que tem tido falam da vida de Jesus e o que Ele fez por nós. Ter Jesus como único Salvador da sua vida, porque ele morreu para nos salvar dos nossos pecados e quer que sejamos livres, e por isso ele pagou um alto preço na cruz morrendo em nosso lugar.

Em sua opinião, que fatores têm desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

1. As pessoas procuram um lugar em que se sente bem;
2. Outros vão em busca de um lugar que atenda seus próprios interesses.
3. Pastores sem formação teológica. Eles tem que ter uma orientação maior. Além de ter um chamado as pessoas tem que se preparar.

Praticante X**Sexo? Idade? Profissão?**

Masculino. 79 anos. Barbeiro.

Nome da igreja?

Igreja Batista em ____.

Quando e como surgiu a igreja da qual você faz parte?

Surgiu no dia _____. Tem ____ anos. Surgiu nas casas dos irmãos e depois armaram uma tenda. É filha da Igreja Batista ____.

Algum membro desta igreja já saiu para fazer parte de uma igreja nova?

Por enquanto não.

Como você vê as novas igrejas que estão surgindo em nosso município?

Alguns trabalham de modo interessante, eles pregam o evangelho de maneira diferente.

O que você e sua Igreja tem feito para evitar a saída de membros para unirem-se a comunidades cristãs independentes?

Tem aconselhado.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é nosso criador e sustentador, de todo o universo.

Qual o seu conceito de Igreja?

A Igreja somos nós, os membros que fazemos parte desta comunidade.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

A Igreja que prega o Evangelho de Cristo, o testemunho dos crentes e membros da Igreja.

Qual é a missão da Igreja?

Pregar o evangelho.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

Não há outro meio de salvação a não ser por Jesus Cristo.

Em sua opinião, que fatores têm desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

1. Me parece que o fim deles é faturar dinheiro, lucro financeiro.
2. Muitos vão atrás de milagres, curas, etc

ANEXO B **CRISTÃOS PEREGRINOS**

Peregrino I

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino. 39 anos. Pastor.

Nome da igreja?

Ministério ____

Quando e como surgiu esta igreja?

Olha, eu fui pastor na comunidade aqui há 12 anos atrás e nesse período de 12 anos eu perdi completamente, literalmente o contato com a Igreja. Meu discipulador, no seminário em que fui pastor, ele disse para mim: "O dia em que você sair de uma Igreja, você saia mesmo, evite até voltar lá. A não ser que você seja convidado pelo pastor da Igreja". Então, a única vez em que eu voltei à Igreja ____ da onde eu saí, voltei porque o pastor me convidou para estar lá pregando, então voltei sob o convite dele. Nesse período de 12 anos que eu deixei a Igreja, eu tive uma outra atividade, pastoreei outras Igrejas. No entanto, no período de aproximadamente 9 para 10 anos depois que eu tinha deixado a Igreja, um grupo pequeníssimo de irmãos, mas para ser exato, 7 irmãos, em uma reunião comigo disseram do desejo que eles tinham no coração de começar uma Igreja que tivesse um modelo diferente e que esse modelo fosse um modelo voltado para a evangelização da cidade. Eu disse para eles que eu tinha um modelo, e que para mim inclusive era um modelo que eu havia aprendido na cidade onde eu estava, no caso, _____. Onde durante aproximadamente 7 anos da minha vida eu freqüentei o ministério ____ de um conhecido _____. Lá eu aprendi a visão chamada modelo dos 12. Com esses 7 irmãos nós passamos aproximadamente uns 2 anos orando. Porque eu entendia, primeiro, que eu não tinha um entendimento claro que eu deveria voltar a ser pastor. Segundo, eu não tinha o entendimento de que eu deveria voltar a ser pastor na cidade onde eu havia sido pastor. Porque eu sei de toda complexidade que se gera, desgaste, como seria ruim, seria difícil e eu não tinha a menor intenção, como eu não tenho a menor intenção de causar danos ao pastor da Igreja, que pastoreou e que pastoreia a Igreja em que eu fui pastor. Tanto é que vieram membros da Igreja de lá aqui e me viu fora de sua Igreja. Porque foram pessoas que eu não ganhei para Cristo, foram pessoas que não foram ganhas para Cristo no período do meu ministério. Então eu não acho certo nem direito dessas pessoas de virem aqui. Depois de um período de quase 1 ano já em uma 2ª etapa que nós estávamos orando que eu pedi a esses irmãos que eles fossem então falar com o pastor da Igreja e pedir ao pastor da Igreja que abençoasse para a gente começar o ministério. O pastor abençoou, eles disseram que ele era o pastor de deviaabençoar a pastorear a cidade. Eles disseram isso a mim, que o pastor abençoou, que depois eu fui com um discípulo meu ao gabinete do pastor, disse para o pastor que a gente estava começando um ministério na cidade e que esse ministério não tinha a natureza de ser concorrente, que esse ministério não tinha a intenção de ser uma disputa. Não era uma disputa de

território, não era reino contra reino. Então nós começamos orando. Ele nos abençoou na oração que ele fez. E daí nós começamos o nosso ministério. Começamos o nosso ministério com alguma dificuldade, porque eu passo um período de tempo da minha vida aqui e passo um período de tempo da minha vida em Manaus. Lá e aqui, aqui e lá. Então eu passo pouco tempo lá, e eu passo pouco tempo aqui. Então na verdade eu virei uma ponte aérea, vai e volta. E assim começou a nossa Igreja, começamos com 7 pessoas e plantamos a Igreja na visão celular do modelo dos 12. Nesta época eu conversei com os meus líderes em Manaus, com os meus discipuladores. E eles me disseram então que eles me dariam cobertura para que nós pudéssemos começar uma Igreja na visão celular do modelo dos 12 aqui em ____ E começamos o ministério sem a pretensão de estar causando danos a ninguém. Começamos o ministério com a visão de levar pessoas a Cristo, sendo esse ministério independente.

De que igreja você saiu, para fazer parte desta? O que levou você a sair?

Igreja Batista. O que me levou a sair foi o fato de que eu era pastor batista e lá em ____ eu tive uma oportunidade para começar um empreendimento ____ fora do ministério. Eu fui ordenado com 21 anos de idade, muito novo, muito garoto. Aos 32 anos de idade eu estava muito estressado, muito angustiado, eu ainda era um pastor solteiro na época, eu estava muito cansado, fatigado, eu não tive apoio, não tive relacionamentos entre os colegas que pudessem me dar uma sustentação de apoio. Pelo contrário, um dos grandes líderes da denominação me encontrou no aeroporto de ____ em uma das vezes que eu estava aqui e me disse: “Você deveria aproveitar bem a oportunidade que ____ está te dando, porque aqui no campo você está queimado”. Então essa foi a palavra de um grande líder da denominação para mim, o que me ensinou a ver como os líderes da denominação tratava os seus pastores. E depois dessa palavra, que foi uma palavra muito ruim, eu voltei para ____ e decidi ter um tempo sabático. A minha decisão não era deixar o ministério, porque você não tem como abrir mão da sua vocação. Na verdade eu não deixei o ministério, eu me ausentei por um período para que eu pudesse descansar, foi isso. Nesse período de descanso eu visitei algumas Igrejas lá em ____, porque eu comecei a fazer um outro trabalho lá, e lá em ____ eu conheci a Igreja ____, que é a Igreja celular da visão do modelo dos 12, aprendi os valores e princípios da visão, que diga-se de passagem são valores e princípios estritamente relacionados a célula e discipulado, e eu comecei a compreender que existem 2 modelos de Igreja que hoje crescem no Brasil. Um modelo de Igreja que cresce no Brasil é o modelo da mídia, é a Igreja que está na mídia, uma Igreja que explora a televisão, que explora a radiodifusão. E o segundo modelo de Igreja, que inclusive é o modelo que a sua Igreja pratica, é a Igreja em célula. Só que as Igrejas da mídia são Igrejas de grande rotatividade, e as Igrejas em células, elas concentram um melhor resultado porque existe um monitoramento melhor através da chamada consolidação. Eu aprendi os princípios, os valores da visão. Entendi que a visão era uma chamada ao discipulado e quando eu vim para ____, eu vim sem a pretensão de me associar a uma convenção porque a eclesiologia do novo testamento é apostólica. Como eu disse para você anteriormente, a Igreja apostólica era um organismo, ela não era uma organização, ela não tinha escritório, ela não tinha templos, ela tinha um Templo, que era o templo de Jerusalém. E a grande massificação da massa, sem ser redundante, como está em Atos 5:42 que diz que eles se reuniam no templo e de casa e casa. De casa em casa é

uma linguagem para mostrar a pluralidade do universo onde eles se relacionavam, nas casas. Então a pluralidade das casas significa que havia uma multidão de casas. Tanto é que você é um conhecedor de eclesiologia do novo testamento e sabe que muitas Igrejas do novo testamento, com as viagens missionárias de Paulo, começaram em casa. A Igreja, por exemplo, de Colossenses começou na casa de Filemom, cujo pastor era Epafras. Então as Igrejas do novo testamento, até o 4º século, eram Igrejas exclusivamente apostólicas.

Quando saiu de sua igreja, porque você não procurou uma igreja mais antiga pra se unir?

Porque eu particularmente não acredito mais nesse modelo. Eu não acredito mais no modelo denominacional, por vários fatores. Um deles é porque o modelo denominacional é um modelo que historicamente não representa o sonho bíblico, apostólico. Ele representa um movimento histórico em um determinado momento da história em que houve uma organização de pessoas que geraram uma identidade eclesiástica e teológica e começaram então a trazer a formatação denominacional. Até hoje, por exemplo, não se sabe se aquele JJJ (João no Jordão em Jerusalém) vem dos anabatistas. Então, a minha pretensão como Igreja é cumprir o ensinamento do novo testamento, tornar Jesus Cristo conhecido, cumprir o Ide, o cumprimento da grande comissão, nada além disso. O sonho e a visão da nossa Igreja é ver a nossa cidade redimida pelo Evangelho, pelo Evangelho da Graça que é o Evangelho da Verdade.

O que levou você a fazer parte desta igreja?

Respondida na anterior.

Quem é Deus pra vocês?

A bíblia não define Deus, a bíblia o descreve. Então não existe uma definição bíblica. Há aquela definição que nós batistas conhecemos muito bem que “Deus é Espírito perfeitamente bom”, mas a bíblia não o define. A única definição bíblica a cerca de Deus é que Deus é Espírito, mas para fazer uma diferença da sua deidade e da nossa humanidade. Então a bíblia não define Deus, a bíblia o descreve, e o descreve como uma pessoa. E 2 coisas caracterizam um pessoa, o que ela fala e o que ela faz. Quem é Deus? Deus é uma pessoa que tem palavras e atitudes. As palavras de Deus e as suas atitudes revelam o seu caráter e a sua essência. Nesse aspecto, a bíblia diz lá no Salmo 107:3 que Deus manifestou os seus caminhos, revelou os seus caminhos a Moisés. O ser humano em nenhum momento poderia conhecer a Deus, a não ser que Deus se auto revelasse. E nós aprendemos na teologia que Deus tem atributos comunicáveis e atributos incomunicáveis. Os atributos comunicáveis são aqueles que pertencem a Deus e que são referentes a sua Deidade. Tem até aquela música que diz que o amor é a essência de Deus, teologicamente está errado. A essência de Deus é a sua Deidade. O apóstolo Paulo em Colossenses 2:9 diz que em Cristo habita plenamente a plenitude de Cristo. Então foi daí que surgiu a idéia de 100% homem e 100% Deus. Porque nele habita plenamente a plenitude da divindade. Então para mim Deus é um ser divino, soberano, maravilhoso, que age por misericórdia, graça, justiça, amor. E os atributos incomunicáveis de Deus são o que estão inerentes a sua Deidade, são aqueles os quais em Gênesis diz que Ele nos criou à sua imagem e semelhança, amor, bondade, ternura, misericórdia. O que é o pecado? Qual a minha concepção de

pecado? Se o homem foi criado à imagem de Deus, você sabe que lá em Romanos 3:23 diz que todos pecaram e destituídos. A palavra no original ali é descaracterizado. Porque Deus criou o homem com características, com um DNA espiritual semelhante ao Seu. O pecado veio e descaracterizou. Então o homem foi criado com caráter santo, adquiriu o caráter pecaminoso e em Cristo ele adquire o caráter regenerado.

Qual o seu conceito de Igreja?

Igreja para mim, por mais batido que isso já seja, por mais falado, para mim Igreja é o projeto mais maravilhoso que Deus criou na terra. Muito embora que Jones diz que Igreja é como a arca de Noé, que se não fosse a condenação dos que estão do lado de fora, ficar do lado de dentro seria insuportável, exatamente por causa dos sistemas que foram agregados e agrupados à Igreja do Senhor Jesus, o que os homens estão fazendo. Porque a Igreja de Jesus hoje você não sabe se ela é um lugar terapêutico ou se ela é um lugar patológico. Você não sabe se você vai lá para receber cura e graça ou se você vai lá para ser explorado e enganado. Eu entendo, eu creio que a Igreja do Senhor Jesus, essa Eclésia, esses chamados para servir a Deus, eu creio que a Igreja é o maior projeto do coração de Deus depois da família. Mas, como os homens têm conseguido destruir a família também tem conseguido contaminar a Igreja. E uma das coisas que eu lhe diria sem nenhum temor, nenhum problema, nenhum medo, nenhuma culpa é que uma das causas que geraram essa enfermidade da Igreja é porque ela deixou de ser apostólica. Porque a Igreja apostólica era uma Igreja que se movia do sobrenatural. A Igreja apostólica era a Igreja do sobrenatural, da simplicidade, eram os homens que estavam dispostos a qualquer preço pelo Evangelho. Hoje, os valores mudaram. As pessoas estão dispostas a qualquer preço pela denominação. Quantos amigos meus e seus que nós sabemos que foram desligados da denominação porque tiveram um pensamento diferente da estrutura denominacional? Agora, você nunca vai ser desligado do reino de Deus porque você tem a mente apostólica, a doutrina bíblica. Então, essa Igreja é maravilhosa, a Igreja apostólica.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

A Igreja de Atos 2. Quero destacar a partir dos princípios bíblicos de Atos, os fundamentos principais dos quais a visão celular do modelo dos 12 se respalda.

1º: proclamar o Evangelho de Jesus com autoridade e unção a fim de que os homens e as mulheres venham ao arrependimento e obediência.

2º: a Igreja apostólica praticava a Palavra de Deus, se movia pela Palavra de Deus e perseverava na doutrina dos apóstolos, ou seja, era uma Igreja bíblica.

3º: a Igreja apostólica era uma Igreja de sinais, prodígios e maravilhas, portanto, era uma Igreja que se movia no sobrenatural.

4º: a Igreja apostólica era uma Igreja de linguagem estratégica, eles perseveravam unânime diariamente no templo e de casa em casa. O que eles faziam no templo? Atos 5:42 diz que eles iam ensinar e proclamar a Jesus o Cristo.

Então para mim, o elemento fundamental de uma Igreja não é a adoração, nem mesmo a oração. Para mim, o elemento fundamental de uma Igreja é tornar Jesus conhecido por todos como Cristo, como o Messias, como Ieshua, como o enviado de Deus, como o Evangelho, como o agrado, como as boas novas.

Qual é a missão da Igreja?

Respondida na anterior.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

O homem é salvo mediante a sua fé em Cristo. A bíblia diz que todo aquele que nele crer será salvo. A salvação é única por Cristo e através de Cristo. Nós somos salvos pela graça mediante a fé. Tanto a graça como a fé são atuações do Espírito de Deus no entendimento humano. Porque a bíblia diz que nele nós nos movemos e existimos. A salvação é um dom gratuito de Deus, que Ele concede a todos indiscriminadamente. Nós não cremos que existem uns predestinados para ser salvos e outros predestinados para ser condenados. Porque a bíblia diz, porque Deus amou o mundo. O amor de Deus é universal, a salvação é universal. Todos podem estar debaixo do alcance da salvação. Agora existem princípios para a salvação. O 1º princípio para a salvação é crer. Fé em Deus é fé na Palavra dele. Quando a bíblia diz que Abraão caminhou pelo deserto, caminhou pelo deserto porque ele tinha uma promessa na palavra. Então quando eu digo que um homem é salvo pela fé, eu estou dizendo que o homem acredita no Evangelho, que ele crê no Evangelho, que ele recebeu o Evangelho. Porque Paulo diz lá em Colossenses, o Evangelho da verdade que chegou entre vós e está produzindo muito fruto. Então eu creio que o homem só pode ser salvo pelo Evangelho, sem o auxílio total e completo de alguma manifestação pessoal de obras humanas porque a obra humana anula a graça. Agora, todo salvo opera na via das boas obras para que veja as vossas boas obras, como disse Jesus em Mateus 5:16, e glorifica o vosso Pai que estás no céu. O homem é salvo única e exclusivamente pela graça de Deus. A teologia de Paulo, graça e paz, é uma teologia de salvação. A graça é ação única e exclusiva de Deus em salvar o ser humano por Cristo Jesus. E a paz, *eirene* no grego, é a ação do Espírito no interior do crente, em trazer a ele a paz de que realmente foi salvo. Quando o crente é salvo ele tem a paz da salvação, por isso graça e paz, que é a teologia paulina.

Em sua opinião, que fatores tem desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

1. Olha, sinceramente como batista que eu fui, eu até diria para você que teologicamente sou batista. Eu diria para você que um dos princípios da doutrina batista é a livre interpretação das Escrituras. Isso é um fator que determina. Muito especificamente a cerca dos dons espirituais.
2. Um outro fator que determina é a questão de modelos atuais de discipulado que em nada agridem a sã doutrina, a doutrina apostólica. E que a estrutura denominacional em algumas vezes como já se referiram a mim que a visão era coisa do diabo. Olha, se é do diabo o diabo se converteu. Porque a única coisa que o diabo faz é que leva as pessoas a se amarem mais a Deus, a servirem as suas casas para terem uma célula.
3. E eu acho que um terceiro fator que leva muitas novas comunidades a se abrirem é a falta de um pastorado saudável, de uma liderança misericordiosa. De pastores que, você sabe, que nos nossos púlpitos, nos nossos ministérios, muitos colegas fazem exatamente o contrário. O que está lá em I Pedro 5:2 apascentar o rebanho de Deus. Essa palavra apascentar significa alimentar, foi a mesma palavra que Jesus usou para Pedro, alimenta, pastoreia, apascenta. No original é *aponomai*, que significa a mesma coisa, alimentar. Daí ele diz assim: alimentar o que? O rebanho de Deus! O problema é que muitos pastores acham que o rebanho é propriedade sua e não de Deus. Então, pastoreia o amor de Deus, que aqui é consolidação. Daí ele diz assim: que está entre

vós, que fala de relacionamento interpessoal, tendo cuidado dele, do rebanho. Isso aqui fala de cobertura compartilhada. Ser pastor é um direito, que Deus me dá de cuidar de algo que não é meu. A Igreja não é minha, a Igreja é de Cristo. Então eu estou cuidando. O problema nesse 3º ponto é a mordomia pastoral, é como o líder se comporta no ministério. Daí ele diz assim: não por força. A palavra força aqui é domínio, é quando você quer impor. Por que muitas Congregações saem? Por que muitas Igrejas novas existem, nascem? Porque tem líderes que os pastoreiam na força do homem e não na força do Senhor. E ele diz ainda assim: mas voluntariamente, não por torpe ganância, mas de ânimo pronto. Daí ele diz assim: não como tendo domínio sobre a herança de Deus, olha que palavra tremenda, mas servindo como exemplo do rebanho. Por que muitas novas Igreja surgem? Porque o pastor é o retrato da denominação na Igreja local. Quando esse pastor trata o rebanho como coisa, as pessoas vão procurar um novo modelo, um novo estilo, onde elas vão ser amadas, amparadas, honradas, abençoadas, cuidadas, onde elas vão ser pastoreadas como rebanho de Deus. A Igreja em que eu sou pastor hoje, eu tenho plena consciência de que esse rebanho é de Deus e eu vou prestar contas por esse rebanho a Ele um dia. Então eu não quero chegar diante de Deus me sentindo dominador, eu não quero prestar contas porque eu pastoreei na força, por torpe ganância. Você sabe que essa questão do materialismo que leva muitos dos nossos discípulos e ovelhas a questionarem realmente o nosso chamado, a vocação. A questão do materialismo pastoral. Há pastores que estão mais preocupados com quanto vão ganhar do que com quantas ovelhas vão batizar. Então eu acho que esses são fatores que determinam muito a abertura de novas Igrejas. A nossa Igreja não foi aberta por causa disso. O nosso ministério não começou porque a gente tinha um grupo que estava em pé de guerra com o pastor na Igreja local onde eles estavam. Nossa Igreja começou, porque há 12 anos atrás eu fui pastor de algumas pessoas que estavam dentro dessa comunidade, que durante 3 anos me ligaram (“pastor, vem nos pastorear”). E eu resisti muito porque eu tinha uma realidade de vida em _____. Até que um dia eu tive um sonho e nesse sonho Deus me deu o comando. E a partir desse sonho eu decidi que _____ não era mais a minha casa, que a minha casa era a cidade onde Deus havia preparado um rebanho para eu pastorear. Agora, como eu quero pastorear esse rebanho? 1º, com a consciência de que esse rebanho não é meu, esse rebanho é do Senhor, é o rebanho de Deus. 2º, porque Deus me deu o chamado pastoral, é uma cobertura compartilhada, o rebanho não é meu. 3º, monitorando o rebanho como um bom mordomo. Ele diz: olhe por ele. Mas ele diz como olhar. Não com força, não por torpe ganância e nem como dominador. Mas com boa vontade servindo ao Senhor de boa vontade e sendo o modelo dos mesmos. Pronto, esse é o meu desafio. Esse é o sonho de Deus para minha vida nesse tempo. Agora, eu estou bem intencionado em Deus, qual é hoje a minha declaração doutrinária? É o livro de Atos. Creio profundamente, depois de uma leitura exaustiva, creio no fato de que o crente pode receber o batismo do arrependimento pela fé sem ter o sinal do Espírito Santo. Ele vai ser um parasita na Igreja, como Paulo diz lá em Atos 19 (“você já recebeu o Espírito Santo? Nós nem ouvimos, mas nós nem queremos, nós já estamos até batizados pelo batismo de João”). Mas nós não temos o Espírito Santo. E a Bíblia diz que Paulo então pôs as mãos sobre eles e eles foram cheios do Espírito Santo e falaram em línguas. Então, qual é hoje a minha declaração? Eu não tenho uma declaração doutrinária denominacional. Não tenho e não vou ter. Porque por mais que essa Igreja cresça, e eu

espero que cresça em nome de Jesus, e eu digo isso com toda a sinceridade da minha alma. Sabe, eu quero que essa Igreja cresça, você não imagina o quanto essa cidade está nas drogas, eu quero que essa cidade conheça o Messias, que conheça o Cristo. Eu não tenho visão de abrir Congregação, minha visão é formar líderes para que eles abram células. Dirigir produto, o caráter de Cristo no meio da célula onde eles estão. Tem um rapaz na nossa Igreja que há 6 meses atrás ele foi a um encontro. Ele era há 26 anos drogado. Estava morrendo de cheirar crack todos os dias. Esse rapaz se converteu, hoje ele é um líder de célula. Sábado eu fui em uma colheita na casa dele, tinha 13 rapazes lá, todos envolvidos com drogas. Isso para mim é maravilhoso. Então, eu não estou nessa cidade por vaidade humana, não estou nessa cidade para eu me tornar um problema para os pastores daqui, principalmente para o pastor da Igreja em que eu fui pastor. Eu já fui lá em amor. Não sei se ele me recebeu em amor da forma que eu fui lá. Não falo dele, eu oro por ele. Que Deus o abençoe e que o ministério dele desate na unção e no crescimento, porque a nossa conquista é o reino de Deus. Agora, que Deus colocou no meu coração um sonho de conquista para esta cidade, colocou. Então hoje eu não tenho pretensão em ser denominacional, mas também respeito quem é e quem desenvolve o seu ministério denominacional. Acho que, as Igrejas denominacionais históricas têm a sua importância quanto ao respeito que ela impõe pela seriedade do trabalho que realiza. Você não vê uma Igreja tradicional, uma Igreja Batista, Presbiteriana, Assembléia de Deus, por exemplo, ser cravejada na mídia por escândalos financeiros e de moralidade. Você não vê isso. Então a Igreja tradicional tem a sua importância Mas do ponto de vista denominacional eu tenho os meus questionamentos, porque foge dos parâmetros. Você sabe que tudo isso foi produto da mente humana do 4º século, onde a Igreja deixou de ser apostólica para ser Igreja romana. E a partir daí, a Igreja tirou o centro, que era Jerusalém, e tornou o centro Roma. Tanto é que grandes líderes nossos denominacionais, presidentes de nossas convenções a nível internacional, mundial já foram lá em Roma dar um beijo na mão do Papa. Então eu acho particularmente que o grande desafio da Igreja é voltar para Jerusalém.

Peregrino II

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino – 38 anos - Pastor

Nome da igreja?

Igreja ____

Quando e como surgiu esta igreja?

____ 2001. Um grupo de 06 irmãos saíram da Primeira Igreja Batista ____, devido a um choque doutrinário. O grupo passou a desenvolver um trabalho voltado para dependentes químicos (os membros do grupo era ex dependente) Houve uma experiência de batismo com o Espírito Santo.

De que igreja você saiu, para fazer parte desta? O que levou você a sair?

Depois de um tempo de oração e jejum o grupo foi direcionado a fundar a Missão ____

Quando saiu de sua igreja, porque você não procurou uma igreja mais antiga pra se unir?

Por não concordar com algumas diretrizes das igrejas tradicionais, que tem uma estrutura muito rígida que impedem a inclusão de novas idéias.

O que levou você a fazer parte desta igreja?

Queria mais liberdade/ flexibilidade para a implementação de uma visão nova de trabalho.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é o criador de todas as coisas. Pai de Jesus Cristo. Soberano sobre nossas vidas.

Qual o seu conceito de Igreja?

É família, comunhão. Em atos era comum a comunhão, unidade, companheirismo, preocupação de uns com os outros.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

O amor mútuo, a comunhão, a adoração clara e compreensível onde alcança crentes e não crentes.

Qual é a missão da Igreja?

Levar o homem ao conhecimento de Deus, tem um papel social, fazendo diferença onde está inserida. Mudar a realidade social da comunidade, trazendo capacitação para o mercado de trabalho (inglês, espanhol, informática).

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

É pela fé que gera o arrependimento que produz regeneração, transformação, envolvendo tudo, relacionamentos sociais, familiares. Única e exclusivamente através do sacrifício de Jesus na cruz, tendo como ápice o batismo.

Em sua opinião, que fatores tem desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

1. A estrutura das igrejas tradicionais exige um culto padrão para o exercício do ministério, o que exclui alguns irmãos que tem um chamado que não tem liberdade nem reconhecimento (falta de oportunidade).
2. Visão financeira e não de almas. Só este ano abriram e fecharam várias igrejas, sem fazer nenhuma diferença nem deixar marcas na comunidade. Outras se dão bem e ocasionam/ despertam interesse em novas iniciativas.
3. Facilidade que existe hoje para abrir uma nova igreja. É só ter um espaço, algumas cadeiras e iniciar o trabalho. Existe pouca responsabilidade neste processo.

Peregrino III

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino – 55 anos - Pastor

Nome da igreja?

Igreja ____

Quando e como surgiu esta igreja?

__ 2000.

De que igreja você saiu, para fazer parte desta? O que levou você a sair?

Saí da igreja ____ Minha saída se deu pelo fato de eu ter passado uma experiência de renovação espiritual na qual passei a crer na contemporaneidade dos dons espirituais e também por acreditar em princípios como quebra de maldição, cura interior e batalha espiritual. Sendo a igreja presbiteriana uma igreja tradicional e não acreditar em alguns destes princípios, entendi que não daria para caminharmos juntos visto que eu ficaria em desobediência para com a igreja que eu servia. Também o fato de estar trabalhando com grupos pequenos e ministérios na igreja e não com sociedades internas causava bastante divergência.

Quando saiu de sua igreja, porque você não procurou uma igreja mais antiga pra se unir?

Na verdade não havia uma igreja histórica confiável que cria nos novos princípios que eu estava crendo e vivendo. Outro fato importante é que embora eu creio na importância e no valor das denominações entendo que elas perderam bastante o seu foco no decorrer dos anos e passaram a uniformizar seus princípios e valores impedindo que a igreja local tivesse a sua liberdade de expressão da igreja local em sua região. Por entender que neste momento a maioria das denominações tem engessado as atividades das igrejas locais preferi criar uma independente.

O que levou você a fazer parte desta igreja?

Bom, sou o fundador dessa igreja. Além dos aspectos comentados anteriormente devo dizer que a criação da igreja ____ foi fruto de cerca de 05 anos de oração procurando ouvir de Deus uma resposta certa a respeito do nosso desligamento da igreja Presbiteriana. Além disso, meu desligamento se deu de forma pacífica e sem divisão. Penso que os frutos dessa igreja em apenas nove anos de existência demonstram a benção de Deus em sua criação.

Quem é Deus pra vocês?

Fugindo dos conceitos teológicos poderia dizer que Deus é um ser pessoal que se relaciona com seu povo de forma íntima e real numa relação de pai e filho onde podemos desfrutar de uma comunhão pessoal que gera segurança, amor, proteção, vida, obediência, serviço etc.

Qual o seu conceito de Igreja?

Igreja é o povo de Deus reunido, é a comunidade dos santos, de todos os verdadeiros crentes em todos os tempos.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

Entendo que os elementos essenciais de uma igreja são a fé em determinados princípios tais como: Trindade- Deus Pai, Filho e Espírito Santo presentes e atuantes na igreja; As escrituras como única regra de fé e prática; Compromisso firme com a oração; uma forma de governo bíblica; os sacramentos; os crentes exercendo uma missão através de seus dons e vivendo em comunidade a Unidade do corpo de Cristo.

Qual é a missão da Igreja?

Penso que a missão da igreja em geral pode ser baseada em Mateus 28:18-20 que é ir e pregar o evangelho, fazer discípulos parecidos com Jesus e levar esses discípulos a viverem os ensinamentos que Jesus deixou. A missão da igreja Evangélica Vida é proclamar Jesus, treinar e equipar os crentes para servir no reino, tratar o caráter dos santos para ser referencial na sociedade e viver a comunhão dos santos através do serviço e da adoração.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

É o ato da livre graça de Deus por meio do qual o homem é liberto da condenação do pecado, através do sacrifício vicário de Cristo, e recebe pela fé em Jesus o presente da vida eterna.

Em sua opinião, que fatores tem desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

Penso que o surgimento das igrejas independentes é um acontecimento mundial e não somente no município da Serra. Neste município percebemos isso de forma mais expressiva até porque ele é o que tem maior índice de evangélicos no Estado.

Mas, no meu entendimento, o surgimento de igrejas independentes se deu por uma série de fatores ocorridos nos últimos anos, entre os quais podemos destacar: uma mudança na liturgia do culto completamente diferente dos padrões históricos; o crescimento em todo o mundo do movimento neo-pentecostal que entendo como a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito e a revelação bíblica de ensinamentos novos até então não discutidos pela igreja: quebra de maldições, cura interior ou das emoções, batalha espiritual e a restauração dos ministérios de Apóstolo e profeta.

Também o nascimento de novos métodos de trabalhar internamente na igreja sem ser através das sociedades domésticas através de ministérios e grupos pequenos somaram mais insatisfações e contribuíram para o nascimento das igrejas independentes.

Outro fato inegável é que, de um modo geral, as igrejas pentecostais dão muita ênfase à fé e menos ao ensino bíblico. Este desequilíbrio entre esses dois valores tem causado muito desentendimento dentro das igrejas e contínuas divisões surgem em função de desentendimentos internos. A facilidade jurídica de se criar igrejas também facilita ainda mais esta iniciativa.

Por último, penso que o município da Serra foi muito afetado por um movimento de grupos pequenos, em célula, chamado G12 que causou uma revolução dentro das

igrejas, por causa de sua forma de funcionar, e isso causou o nascimento de muitas igrejas independentes formando um movimento independente.

Peregrino IV

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino. 50 anos. Pastor, Técnico em Contabilidade, Estatística.

Nome da igreja?

Igreja ____

Quando e como surgiu esta igreja?

Tem 8 anos de vida. Surgiu em uma sala e eram em 3 pessoas. Na verdade eu estava saindo da Igreja Metodista Wesleyana. Eu fui pastor ____ e escrevi para o meu bispo pedindo a minha exoneração do cargo de pastor e fique fazendo o eixo ____ x ____ como itinerante. E no retorno de uma dessas viagens eu recebi um convite para tirar uma dúvida de um casal da Assembléia de Deus. Marquei uma reunião com eles em um dia de sábado, o assunto rendeu, 2º sábado, 3º sábado, 4º sábado para frente nós já tínhamos a sala cheia. E a partir daí ganhamos uma terraço para 250 pessoas e daí não parou mais. Devo confessar ao pastor que eu não tinha a mínima intenção de abrir nada. Só que depois eu fui cobrado, porque eu tentei até passar essa gente para o pastor ____ na _____. O Espírito Santo me cobrou e eu fui obrigado a continuar trabalhando com esse povo.

De que igreja você saiu, para fazer parte desta? O que levou você a sair?

Algumas coisas que eu não concordava mais, enfim, questionamentos. Eu escrevi para o bispo em Belo Horizonte pedindo a minha saída e acima disso eu tive uma palavra de Deus. Uma pessoa que eu nunca vi falou comigo que o meu tempo na Igreja Metodista Wesleyana tinha terminado.

Quando saiu de sua igreja, porque você não procurou uma igreja mais antiga pra se unir?

Eu até teria procurado. Eu recebi 2 convites do pastor ____ e nessa época eu estava como itinerante. Recebi alguns convites e não via nenhum motivo para me escusar deles. E como eu falei com o senhor, nesses tira dúvidas o número cresceu, tentei passar esse povo para a ____ da ____ e ficamos debaixo da cobertura do pastor ____ por 6 meses, mas devido aos seus muito compromissos ele não pode nos assumir verdadeiramente. A gente precisava dele e não podia contar com ele, então nos reunimos e o pessoal achou por bem a gente continuar e ficamos. Quando eu saí da Igreja Metodista Wesleyana sai sozinho, eu e minha esposa. Ajudei o pastor ____ na ____ por 1 ano, depois disso gravei um cd, gravei 7 discos, e não trouxe ninguém, nem da Wesleyana nem das Assembléias de Deus. Tudo começou na verdade nessa reunião de tira dúvidas com o grupo que foi aderindo. Compareciam a essas reuniões pessoas das Assembléias de Deus, pessoas da Igreja Dom de Deus (uma Igreja que está em

Vista da Serra), Cristo a Verdade que Liberta, e pessoas não evangélicas. Quando esse pessoal me procurou, como eu já te falei, eu queria passá-lo para uma Igreja estabelecida, madura, enfim, e ficamos assim por 6 meses mas a gente não teve assistência. Daí o senhor sabe que para fazer a cabeça do povo para ir para uma determinada denominação é mais difícil. Daí eu fui obrigado a assumir essa gente, fomos ao cartório, registramos, enfim, para poder trabalhar legalmente.

O que levou você a fazer parte desta igreja?

Respondido na anterior.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é o princípio de todas as coisas, criador de todas as coisas e sustentador.

Qual o seu conceito de Igreja?

Igreja é o que está na bíblia. Mateus 16, por exemplo, Jesus em 1º lugar diz que Ele é o edificador da sua própria Igreja. Em 2º lugar, Jesus diz que a Igreja aqui na terra foi, é, e será sempre vencedora. Ela tem Ele como o cabeça. É Ele quem dirige a Igreja. Na verdade Ele resgatou, Jesus comprou a Igreja para nos servir.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

Veja bem, um pastor amigo nosso veio de ___ recentemente, e lá em ___ o pessoal tem a idéia de que Igreja só é caracterizada a partir de 3 mil membros. Mas Jesus falou que onde estivessem 2 ou 3 pessoas reunidas em seu nome então Ele estaria li. Então eu vejo que a partir do momento em que tem um grupo, por menor que ele seja, reunido no nome de Jesus com o propósito de louvá-lo, adorá-lo e pregar a sua Palavra, ali está a Igreja de Jesus.

Qual é a missão da Igreja?

A missão da Igreja é evangelizadora. Ela tem uma tarefa muito importante na terra. A Igreja para mim tem que ser serva. A Igreja foi instituída por Jesus, surgiu no dia de Pentecostes, uma característica bastante singular, pregar o Evangelho a toda criatura e assim abreviar o retorno de Jesus Cristo na terra.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

Só Jesus salva, mais ninguém. Segundo o apóstolo Paulo nós somos salvos pela graça por meio da fé e isso não vem de nós é dom de Deus, nem pelas obras para que ninguém se glorie. Jesus é o único mediador, o único caminho e ninguém vai chegar ao céu sem passar por Ele.

Em sua opinião, que fatores tem desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

Eu acho o seguinte, eu vejo que a Igreja de Jesus com o passar dos anos ela vem perdendo a sua identidade. Eu poderia até usar aqui uma palavra, degeneração, ela vem se degenerando. A partir daí então, o senhor sabe que existem muitas carências no meio do povo de Deus e as pessoas estão correndo de um lado para o outro se apegando a tudo que podem. Uma coisa que eu acho impressionante, e que o senhor sabe muito bem, é que o povo não é muito apegado à Palavra de Deus. É a Palavra de

Deus que me dá equilíbrio, é a Palavra de Deus que me dá estabilidade. Então como nós temos aí um grande número de pessoas que vivem, infelizmente, de movimentos. O senhor sabe que em todas as Igrejas é assim, em reunião de estudo bíblico o número é menor, em reunião de oração o número é menor, e, não estudando a Palavra e não orando nós ficamos bastante vulneráveis a essas comunidades que estão surgindo, e acontece exatamente esse êxodo, as pessoas deixam suas Igrejas, muitas vezes Igrejas estabelecidas, bem solidificadas e correm atrás dessa Igrejas que vão surgindo. Eu vejo assim.

Peregrino V

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino, 36 anos. Bispo.

Nome da igreja?

Igreja Evangélica ____

Quando e como surgiu esta igreja?

Essa Igreja, ____, surgiu a aproximadamente 10 anos no Município da Serra. Ela surgiu assim. 1º foi uma revelação da parte de Deus por intermédio de um círculo de oração e uma necessidade espiritual de um grupo de 14 fundadores, que entenderam que Deus estava chamando para começar, dentre tantas Igrejas, tantas denominações, começar um trabalho que traria mais benefício, como a bíblia diz que há variedade de ministérios. E nesse período foi que nós fomos convocados por Deus para começar este trabalho, que hoje acredito, tenha aproximadamente um pouco mais de 10 anos. É o 11º aniversário que vamos fazer, ____

De que igreja você saiu, para fazer parte desta? O que levou você a sair?

Na verdade foi o seguinte, nós não saímos, a palavra é até diferenciada. Nós fazíamos parte da Igreja Cristo Verdade que Liberta, , a quem nós temos o ____ maior carinho, amor, maior respeito, é um eterno líder, líder de honra. E a gente tinha uma questão doutrinária de ensinamento que ele, nós cedemos seguindo ao ministério em nível nacional, porque a gente não se desligou de Brasília. Eu fui consagrado a pastor em Brasília, pela Casa da Benção, conhecida aqui no Estado como Cristo Verdade que Liberta. E na ocasião, no Estado do Espírito Santo houve uma mudança, a Casa da Benção no Estado do Espírito Santo já não era mais aquela Casa da Benção como nós aprendemos no início, ela mudou para uma outra filosofia, uma outra maneira de pensar completamente no sentido doutrinário de ensinamento bíblico que a gente começou, mudou radicalmente. Então nós entendemos que nós não saímos, nós continuamos, só porém, registrados com outro nome por uma questão humana. Nós entendemos que a Igreja quem saiu de nós, porque nós continuamos, nós nunca saímos.

Quando saiu de sua igreja, porque você não procurou uma igreja mais antiga pra se unir?

Na verdade, porque quando nós fomos chamados dentro da Casa da Benção Cristo Verdade que Liberta a quem a gente tem o maior respeito, o maior carinho, maior amor, quer dizer que nós saímos porque somos melhores, não. Porque ninguém pode mudar o modo de organização. A organização muda uma pessoa, mas uma pessoa não muda a organização. Então nós já somos o caso de um grupo de pessoas, não tem só uma pessoa. Então quando a Casa da Benção entendeu que ela tinha que mudar com o estado, suas liturgias, sua maneira de pensar, de ver, nós entendemos também que eles não tinham que mudar o que eles queriam mudar só por nossa causa. Nós tínhamos que continuar o que nós aprendemos. E quando nós não procuramos uma Igreja mais sólida porque, na verdade, nós tínhamos tido um encontro de conhecimento, um encontro com o Senhor Jesus na ocasião dentro daquela doutrina, daquela forma de pensar, daquela forma de entender a palavra, que seria difícil no meio da trajetória você voltar lá trás e começar tudo de novo de uma outra maneira. Então, como houve essa mudança, como se fosse da água para o vinho, a gente entendeu que uma organização nacional não poderia mudar por causa de “x” pessoas, daí nós não procuramos uma Igreja histórica porque talvez nós não encaixaríamos nosso perfil pelo que nós aprendemos naqueles dias na Casa da Benção na Igreja Cristo Verdade que Liberta. O que nós fazíamos, nós nos colocaríamos à mudança, à renovação, ou inovação vamos dizer do novo ministério que se tornou a Casa da Benção na época. E a gente entendeu que a gente tinha que continuar, porque não poderia ter uma mudança do Evangelho. E daí a gente ficou assim um pouco como um peixe fora da água naqueles dias. E se a gente fosse para um Igreja histórica a gente também estaria novamente tendo que nos submeter, porque aonde você está você ter que se submeter à doutrina, o credo, a maneira de pensar.

O que levou você a fazer parte desta igreja?

Respondida na anterior.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é a cabeça de tudo, Deus é Supremo, Deus dirige tudo, Deus é o maior. Na verdade, Ele é a direção de tudo. Ele começou tudo. Sem Ele nós não somos nada. É o nosso Pai, governa tudo. Nós somos seus eternos servos e seremos servos na eternidade. Ele é autoridade, é o Príncipe da paz, é o autor da vida, Senhor da Igreja. Não tem palavra para explicar Deus para nós, Ele está acima de todas as coisas. Se eu pegasse o meu vocabulário para fazer um livro de pensamentos Deus eu morreria e não conseguiria fazer. Então na verdade, nós temos Deus como 1ª pessoa da santíssima trindade, Ele coordenou o plano da redenção. Deus está acima de todas as coisas.

Qual o seu conceito de Igreja?

A Igreja, na minha maneira de ver, é a coisa mais importante. É a menina dos olhos de Deus, o Senhor Jesus morreu pela Igreja. Na verdade, Igreja não é o ministério, como a gente começou aqui a entrevista dizendo que na época, há 10 anos, Deus permitiu a gente estar levantando a Catedral dos Milagres. Na verdade, Igreja não é isso. Igreja somos nós, é o povo de Cristo, é quando a gente está em comunhão com Deus cumprindo a Palavra, em total harmonia com a Palavra, com o pastor, em obediência. A Igreja é uma somatória de várias fontes que a compõem. Ela é a Igreja, mas para ser,

ela precisa ter uma série de obediência. Então quando você cumpre a Palavra que Deus manda é isso.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

A Igreja verdadeira, a gente até sempre fala que alguns lá vão reclamar: “Senhor, eu me sacrifiquei mais e to aqui e o irmão...” Às vezes as pessoas identificam a Igreja de modo errado, às vezes na maneira de vestir. Mas nem sempre uma maneira de vestir identifica uma Igreja. Às vezes alguém julga pela maneira de outros se vestirem também e querem identificar isso em uma Igreja. Na verdade, a maneira de identificar uma Igreja hoje, da maneira mais concreta, é o nível de obediência da pessoa. Porque às vezes, com a aparência a gente se engana. Você pode olhar para alguém que tem o perfil tão bonito, parece cristão, mas não é um cristão. E às vezes, você admire alguém que não é cristão, julgue aquela pessoa ele tem um nível tão grande de obediência a Deus que você fica surpreso da vida dele. Então é no nível de obediência à Palavra.

Qual é a missão da Igreja?

A missão da Igreja é ganhar almas, é a formação de pastores, de novos obreiros com oração para ajudar, como o próprio Senhor Jesus disse que a ceara é grande, que nós deveríamos rogar, pedir mais, com insistência para que Ele mandasse pessoas para estar ajudando. Porque cada dia é um dia, cada amanhã é um amanhã. Então o papel da Igreja, a missão, é muito grande e a gente não conseguiu atingir nada ainda, quando você olha as multidões sendo arrastadas pelos movimentos profanos. Então a missão da Igreja aqui na terra é de ganhar almas, é de propagar o Evangelho, de mostrar. Até porque Paulo dizia: “eu não me envergonho do Evangelho porque ele é o poder de Deus”. Hoje o mundo hoje está envergonhado, ninguém tem mais moral, há poucas pessoas de moral, a não ser a Igreja. Então a Igreja hoje está mais privilegiada do que qualquer cargo já constituído em nível nacional e mundial. Porque a Igreja é o único órgão que ainda tem moral para falar. Então a missão da Igreja é muito importante para libertar as famílias, resgatar os valores e nortear as pessoas.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

Na verdade, a salvação a bíblia fala sobre salvação e a gente, por amor que a gente tem às almas, é até um termo pesado. Se a gente olhar direitinho, quando você começa a estudar a bíblia e entender algumas coisas que a gente tem que fazer para ser salvo e aí a gente vê que muita gente não está fazendo, daí você acaba condenando um monte de gente. Mas a salvação é muito importante, porque se nós estivermos na Igreja, participando de uma organização e não se cuidar do que os princípios bíblicos falam para você ter o direito à salvação, é capaz de estarmos dentro de uma organização e estarmos fora da salvação. Então eu tenho muito cuidado com o termo salvação. Tem muita gente pregando, muita gente curando os outros por aí. E quando a gente lê na bíblia que Jesus disse naquele dia muitos dirão: “Senhor eu fiz, Senhor eu curei, libertei” o Senhor dirá: “não te conheço” E uma pessoa para não ser nem conhecida, é porque ela já deixou de cumprir muita coisa. Então eu acho que a gente tem que cumprir muito a Palavra, obedecer, observar para que a gente não seja surpreendido com essas falas que a bíblia diz, que ficarão naquele dia muitos pelo lado de fora por causa de não ter cumprido. Então é um cuidado que a gente tem com a salvação, porque se a gente estiver dentro de uma Igreja cumprindo tudo que a Igreja

exige, o sistema exige, mas não estiver cumprido com o que a bíblia pede, o diz para ser salvo, a gente corre o grande risco de não ser salvo.

E se alguém lhe perguntasse o que eu preciso fazer para ser salvo?

Você precisa aceitar o Senhor Jesus como seu único e suficiente Salvador, cumprir a ordem, se batizar. Porque Jesus disse ide por todo o mundo, aquele que crer e for batizado será salvo. Aquele que não crer automaticamente já está riscado, e seguir ao Senhor Jesus, obedecer.

Em sua opinião, que fatores tem desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

Tem vários fatores, mas tem dois (ele mencionou 4) fatores que a gente poderia abordar:

1º - A maioria das vezes é a inconveniência, às vezes falta de obediência, líderes, que se dizem líderes, porque acham que tiveram uma oportunidade, e essas pessoas por ter tido uma oportunidade de alguém, amanhã já está liderando um grupo e acha que já pode ser líder. E tem porque quer ser líder e não quer mais ouvir o líder, e toma uma atitude e todo o grupo com ele. Então isso é uma das razões porque surgem muitas novas denominações completamente desorientadas, movidas pela emoção e não pela razão.

2º - E existem casos, talvez não chegue ao ouvido dos grandes presidentes e fiquem sabendo, de uma mudança radical dentro do sistema onde a maioria já acostumou a viver anos e anos dentro de um nível e a pessoa de um dia para o outro quer mudar. Então ele pode causar um transtorno e surgir desse transtorno um outro grupo, onde vai formar uma nova comunidade.

3º - Como também existem pessoas que são ordenadas por Deus para estar levantando um trabalho, pode isso acontecer, direcionadas por Deus, como a gente sabe, a chegada da Igreja no Brasil e de outros ministérios que hoje estão aí expandindo.

4º - E até outros também, por não ter o que fazer, por interesse financeiro.

ANEXO C : **CRISTÃOS CONVERTIDOS**

Convertido I

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino. 42 anos. Funcionário Público.

Nome da igreja?

Ministério ____

Quando e como surgiu esta igreja?

Essa Igreja, a data que nós consideramos como oficial, quando do surgimento foi ____ 2008. Acho que para falar como ela surgiu, tenho que falar sobre a experiência pessoal minha e das pessoas que a começaram. Eu já há algum tempo na minha Igreja anterior, eu vivia, eu acredito, uma insatisfação pessoal, não uma insatisfação com a estrutura de Igreja Batista, mas com uma insatisfação pessoal em relação a forma como eu estava desenvolvendo minha vida cristã. E há algum tempo eu me questionava muito sobre isso. Sobre como que eu estava desenvolvendo minha vida cristã na questão de me sentir pouco efetivo para a obra, para o serviço de Deus. Eu me lembro que especificamente no início do ano passado, de 2008, eu cheguei para o meu pastor auxiliar na época, que era o responsável pela área de evangelismo, eu perguntei para ele: “pastor, no planejamento da Igreja não tem uma Congregação que a Igreja pretende abrir, um ponto de pregação?” Porque eu estava sentindo um desejo muito grande de fazer algo em relação a conquistar pessoas, a ser mais efetivo na pregação, no testemunho. E dentro de onde eu estava eu não conseguia expandir nessa característica. Acredito que pelas questões da organização, às vezes quando você começa a se destacar, você buscar uma vida mais íntima com Deus, essas pessoas dentro daquele meio ali costuma te olhar de uma forma diferente, mas não como uma forma positiva e sim de crítica. Então eu não conseguia, dentro de onde eu estava, obter esse crescimento, estava difícil para mim, e estava me trazendo uma insatisfação muito grande. Então, eu particularmente cheguei a um momento em que comecei a entender outras Igrejas, a gente começa a buscar de repente uma outra opção de você conseguir fazer uma atividade. Mas nunca senti de Deus que era isso que Ele estava querendo, mas sentia que eu tinha uma necessidade muito grande de expandir. Eu lembro que teve uma mensagem do nosso pastor na época, eu até falei isso com ele depois na fase em que a gente pediu para ser desligado da Igreja, eu falei: “olha pastor, teve uma mensagem que o senhor disse que eu até me preocupava com esta questão, do serviço dos membros na Igreja. O senhor falou que na Igreja hoje, 5% dos membros são os que efetivamente trabalham, estão se dedicando. 15% são aqueles que dão alguma ajuda, mas sem um envolvimento muito grande, e o resto só frequenta mesmo.” Daí eu falei que me encaixava nesses 15%. Então a preocupação que eu tinha aumentou. E por causa disso, por sentir que Deus me chamou para um trabalho mais efetivo, mas que não é aqui, que eu resolvi seguir este caminho. Tem a história do Pr. Novaes também que teve um chamado de Deus para dar continuidade na obra, que ele entende que ele parou por negligência, por desobediência pessoal. E ele compartilhou essas coisas com a gente na época, e a gente já vivia também essa insatisfação, essa

necessidade e começamos a orar em relação a isso. Então a partir daí é que surgiu esta Igreja, dessas questões. Na verdade, na época as necessidades eram mais na minha família mesmo. E na época, o pastor atual compartilhou o chamado dele, que sentiu de Deus de fazer uma obra dentro daquilo que ele estava vivendo lá onde ele estava, naquele modelo de Igreja. Ele compartilhou com a gente, nós fomos orar em relação a isso e até o que ele comentou aqui foi mais rápido do que a gente imaginava. A gente entende que foi até como resposta de oração mesmo, que o momento de Deus era aquele.

De que igreja você saiu, para fazer parte desta? O que levou você a sair?

De uma Igreja Batista.

Quando saiu de sua igreja, porque você não procurou uma igreja mais antiga pra se unir?

Acho que a princípio a gente chegava até a procurar. Eu nasci e fui criado em uma Igreja Batista e minha família tinha esse perfil, sempre que a gente mudava, a gente procurava congregar em uma Igreja da região, até pela facilidade, pela questão de você conseguir ser mais efetivo na ajuda da Igreja, porque quanto mais longe mais complicado. Mas eu cheguei a, eu lembro que esta questão de falar com meu pastor auxiliar de ter uma outra identificação. Então deixou de ser uma tentativa de continuar na linha da Igreja Batista, e em outras Igrejas da redondeza aqui eu não tinha uma identidade assim que me sentisse estimulado a estar. E teve algumas questões na Igreja Batista que eu também não, ao decorrer do tempo que a gente vê, eu não vejo como principais desse processo, a gente sempre aprendeu a obediência, a respeitar a liderança, mas algumas coisas na Igreja Batista que eu particularmente ao conhecer outras denominações, outras linhas, eu acreditava que a Igreja Batista poderia ser menos rígida em algumas coisas. Oferecer flexibilidade, não flexibilidade em ser permissivas, mas em modernizar.

O que levou você a fazer parte desta igreja?

Acredito que vontade imensa de servir a obra de Deus. Graças a Deus eu tenho visto ótimos resultados. Quando eu compartilho um momento novo, eu falo até com emoção porque eu nunca imaginei não por mim, mas através de mim, esse desprendimento. 1º porque aquela insatisfação pessoal está se revertendo em uma gratificação, pelo que eu vejo Deus fazendo. Principalmente nessa questão de conquistar vidas, eu tenho tido experiências muito boas nessa área. Antigamente eu não vivi com tanta intensidade em relação a efetivamente se preocupar, amar o necessitado. Eu tenho orado muito em relação ao meu trabalho, porque eu estou a 15 anos nessa profissão e ao longo desses anos eu não consegui nenhuma pessoa a se converter. E nesse ano, depois que eu rompi ou que eu decidi aceitar esse chamado, teve um colega meu de serviço que se converteu. A gente trabalha com Igreja em células e nós abrimos uma célula lá em casa. Então tem pessoas se convertendo e você ouve o testemunho das pessoas. As pessoas te agradecendo por você se preocupar com elas e isso é muito gratificante mesmo, eu fico muito feliz com isso.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é meu guia, meu orientador, todo poderoso, aquele que me sustenta.

Qual o seu conceito de Igreja?

Igreja como conceito bíblico como eu vislumbro, é o corpo de Cristo, é a representação do próprio Deus aqui na terra, ou seja, é a sua vontade, que é ser propagadora do reino.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

A unidade no Espírito Santo, a comunhão.

Qual é a missão da Igreja?

Proclamar o Evangelho, fazer Cristo conhecido.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

A salvação é pelo arrependimento, confissão dos pecados, através da cruz, o reconhecimento de Jesus, porque Ele se doou para toda a humanidade.

Em sua opinião, que fatores tem desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

Eu lembro que quando eu fazia parte da Igreja Batista ____ eu olhava e via que cada dia nascia uma Igreja. E eu achava que muita gente dentro da Igreja Batista por não se submeter à autoridade, ou por rebeldia, saía e abria uma Igreja. Minha idéia a princípio era essa, mas acabou que me vi em uma situação semelhante. E até mudei um pouco o modo de pensar. Eu acredito que muitas Igrejas são abertas por questão de rebeldia mesmo, cisão, desentendimentos em questões administrativas. Mas eu vejo também muitas Igrejas sendo abertas por um direcionamento novo de Deus ou uma expansão da pregação ou do ensino da palavra para atingir outras pessoas. Não que o formato anterior, Igrejas mais tradicionais, mais históricas, não atinja as pessoas, mas existem milhões de pessoas a serem atingidas. Então, existem Igrejas constituídas para atingir a essas pessoas. A pregação da Salvação de Cristo é a mesma, a necessidade da pessoa receber a Cristo e ser resgatada do inferno. Mas na maioria dos casos, eu vejo como a necessidade da mudança também de linguagem para atingir outras pessoas, para que o Evangelho seja mais propagado e expandido. E acredito que até por isso esse fenômeno do crescimento do evangelho no Brasil, esse fator seja um dos principais, porque se fosse mantida aquela linguagem já direcionada sempre naquele sentido, alguns tipos de pessoas não teriam acesso à pregação do evangelho. Mas eu vejo que essa questão de várias Igrejas, vários ministérios novos surgindo como um dos fatores, uma estratégia de Deus para alcançar mais.

Convertido II**Sexo? Idade? Profissão?**

Masculino – 58 anos – Funcionário Público Municipal

Nome da igreja?

Igreja Evangélica _____

Quando e como surgiu esta igreja?

Tem 07 anos. Surgiu de um grupo de 13 irmãos que saíram da PIB ____

De que igreja você saiu, para fazer parte desta? O que levou você a sair?

Primeira Igreja Batista de _____. Eu era presidente do Corpo Diaconal de lá e saímos traquilos. Algumas questões simples. Distância, filhos que crescem e aumenta a família dificultando o deslocamento de carro.

Quando saiu de sua igreja, porque você não procurou uma igreja mais antiga pra se unir?

Os filhos gostaram da igreja e sentiram desejo de reunir nesta igreja. A família se reuniu e decidiu ficar numa igreja só, depois de procurar várias igrejas, visitando, os jovens se identificaram com a igreja por ser composta cerca de 70% de jovens.

Espírito evangelístico com pessoas marginalizadas também era um anseio da família.

O compromisso com os princípios bíblicos. O filho não tinha um compromisso com a igreja. Vindo pra cá, fez compromisso sério, cumprindo com os requisitos exigidos pela igreja para trabalhar na igreja.

O que levou você a fazer parte desta igreja?

Respondida na anterior.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é meu senhor, vivo pra ele, é supremo, é soberano na minha vida, da família, Deus em 1º lugar. É quem amamos acima de todas as coisas. Ele é eterno, princípio e fim de todas as coisas. Por ele e para ele nós vivemos. Ele é tudo para nós. Não temos outro além dele.

Qual o seu conceito de Igreja?

É o corpo de Cristo, cuja cabeça é o próprio Cristo. É o rebanho de Cristo cujo pastor é o próprio Cristo. Ele é o nosso eterno pastor.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

A fé é a base da igreja, a comunhão com os irmãos, o testemunho diante do mundo. O mundo nos olha e nos vê como igreja de Cristo. O amor entre os irmãos.

Qual é a missão da Igreja?

Cumprir o ide de Cristo – Marcos 16:15-16. Ir por todo o mundo e anunciar as boas novas de salvação. Jesus é o único caminho (João 4:6) Não existe vida fora de Cristo.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

Salvação só em Cristo. Não há salvação em nenhum outro; Ele sdeu a sua vida na cruz do calvário. O pecado leva a morte mas Cristo deu a sua vida em nosso resgate, pelo seu infinito amor.

Em sua opinião, que fatores tem desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

É uma pergunta difícil de ser respondida pelo fato de ter saído de uma igreja tradicional para esta igreja que é pentecostal.

1. Alguns irmãos não estão satisfeitos. As igrejas tradicionais não estão conseguindo satisfazer completamente muitos de seus membros que acabam saindo e se reunindo com as novas comunidades.

2. Esta não é uma igreja puramente pentecostal e também não é tradicional. Temos buscado o equilíbrio.

3. A vaidade e o orgulho ferido de alguns líderes que almejam o ministério e não conseguem, o descontentamento com a igreja onde fazem parte. Não vejo mal nisso. Vejo como benefício. Quanto mais igrejas menos lugares que seriam ocupados por bares, clubes, prostíbulos, etc.

Convertida III

Sexo? Idade? Profissão?

Feminino. 58 anos. Secretária.

Nome da igreja?

Igreja Evangélica _____

Quando e como surgiu esta igreja?

Esta Igreja surgiu entre outubro e dezembro do ano 2000. E esta busca gerou uma visão mais ampla de amor, de determinadas partes da bíblia, principalmente a atuação do Espírito Santo, o mover do Espírito Santo. Toda Igreja tradicional tem uma certa resistência a essa visão de exaltação, do Espírito Santo, porque há uma liberdade maior de expressão, você fica mais livre pela ação do Espírito Santo de Deus e isso começou a gerar uma certa imposição por parte da liderança, por parte do conselho, nós ficamos pressionados e tentamos relevar isso por um pouco mais de 5 anos, na tentativa de permanecer e conviver na Igreja Presbiteriana histórica. Mas chegou a um ponto em que não deu mais. Eles queriam que nós retrocêdessemos, que não houvesse algumas expressões de alegria. Por exemplo, nós batíamos palmas nos cânticos, levantávamos as mãos. Então chegou um momento em que não deu mais, e no final do ano de 2000 nós sentimos que aquele seria realmente o período final nosso. E em uma reunião, em que todas as Igrejas prestam contas, ficou decidido de nos desligarmos da Igreja, da denominação. E claro houve uma tentativa de que permanecêssemos, mas nós mantivemos a nossa decisão e resolvemos sair. Nós não entramos batendo de frente com a denominação. E me lembro que o Pr. ____ disse assim um dia, que não ajudou ninguém a sair, foi uma decisão do Concilio e ele disse que “quem decidir ir conosco tem que ir bastante consciente de como nós vamos”. Hoje nós temos esse prédio, temos um certo conforto aqui. Mas nós não sabíamos para onde íamos, nós não tínhamos nada. Nós saímos exatamente limpos. A denominação dividiu conosco alguns móveis. Nós saímos, Deus abriu a porta através de um membro da Igreja, esse local era um material de construção, e no dia 24 de dezembro de 2000 nós tivemos então nosso 1º local. E assim surgiu a Igreja _____. E esse local era horrível.

No material de construção, eles desocuparam só uma parte, uma pequena parte lá embaixo. A outra parte estava todo o material dele de trabalho e nos cederam só uma partezinha, só que era uma parte muito feia, muito velha e muito quente, o suor escorria pelo corpo inteiro. Era horrível. E era alugado. Mas graças a Deus superamos.

De que igreja você saiu, para fazer parte desta? O que levou você a sair?

Sáímos da Igreja Presbiteriana histórica. O grupo saiu para adorar a Deus, servir a Deus mais livremente como entendia que deveria ser. Entregaram todo o patrimônio à Igreja histórica.

Quando saiu de sua igreja, porque você não procurou uma igreja mais antiga pra se unir?

Eu penso que, na época nós já tínhamos uma liderança formada e por isso ninguém nunca cogitou isso. Porque nós já estávamos sob a liderança justamente de um pastor, hoje sob a liderança de 2 pastores, e de um obreiro na época, que hoje é o Pr. ____ Nós tínhamos 2 pastore e 1 obreiro e todos eles saíram com os pastores. Então nós tínhamos toda a parte administrativa, tanto espiritual quanto administrativa da Igreja vieram tudo então não porque nós nos juntamos a uma outra. Nós tínhamos a nossa vida espiritual própria.

O que levou você a fazer parte desta igreja?

Justamente por causa da visão espiritual da Igreja. Visto que me afinava com a forma de pensar do grupo que estava saindo.

Quem é Deus pra vocês?

Deus, eu vou dizer que, Ele é a razão do meu viver. Eu digo sempre para Ele “Senhor, não me deixes”. A minha vida está na vida de Deus.

Qual o seu conceito de Igreja?

Igreja é a reunião do corpo para adorar a Deus.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

Eu acredito que toda Igreja Cristã ela deve estar pautada na bíblia. O padrão dela precisa ser a bíblia. E se o padrão dela é a bíblia os membros dessa Comunidade, eles tem que evidenciar na sua vida, no seu caráter, no seu procedimento, na comunidade, porque elas têm Deus como padrão da sua vida.

Qual é a missão da Igreja?

A missão da Igreja é fazer Jesus conhecido com palavras e com seu próprio viver, salvar vidas, anunciar, proclamar.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

Mediante a aceitação de Jesus Cristo como o Senhor da sua vida.

Em sua opinião, que fatores tem desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

A gente vai convivendo com pessoas a gente vê que cada uma tem um modo de pensar. Vou responder com base em pessoas que já passaram por aqui e não estão mais conosco. Uns já vieram de lá, sabiam como nos éramos, ficaram conosco algum tempo e foram para outros lugares. Outros ficaram mais de 5 anos, mais de 7 e depois algum dia resolvem sair. O que gera isso em uma pessoa é a insatisfação pessoal. Por exemplo, eu me indisponho com o pastor e eu como pessoa não quero me submeter à liderança dele, daí para mim é fácil sair e eu saio. E quando isso é feito por outro líder, por alguém que tenha liderança, naturalmente ele cria uma outra comunidade. Então hoje é muito fácil se criar essas comunidades independentes. Muitas pessoas que passam por Igrejas, ficam e acabam saindo levando consigo algumas pessoas e criam essas comunidades independentes. Eu anão acredito ser esse o nosso caso. Na época nós saímos em cerca de 70 pessoas, 99% da Igreja. Então, eu não considero esse o nosso caso. Mas também, nós temos o caso de um casal que ficou com a gente durante anos e resolveu sair este ano. Mas não foi para forma outra comunidade, e sim par se integrar em outra Igreja. Ainda não houve caso de alguém sair desta Igreja para formar outra independente.

Convertido IV

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino. 66 anos. Aposentado (Metalúrgico).

Nome da igreja?

Igreja ____

Quando e como surgiu esta igreja?

Eu tive o prazer de conhecer o pastor ____ aqui. Porque eles eram da Metodista de ____, depois vieram para a Metodista aqui de ____, depois não sei o que aconteceu entre eles que ele ficou sem Igreja. Foi convidado pelo pastor ____ para congregar e pastorear a Igreja Assembléia de Deus e entregou para Jesus. Daí ele começou a se reunir com as irmãs nas casas em suas casas. Então uma dessas irmãs doou para ele para se congregar em cima de um terraço na ____, é a casa do _____. E começou assim. Eu naquela época freqüentava a Assembléia de Deus do pastor _____, frequentava eu e minha esposa a congregação que tem aqui. Eu não tinha aceitado ainda, eu era um visitante, mas um visitante com fé. Porque lá em Eclesiastes fala que para cada coisa há um tempo determinado por Deus. Então não era tempo ainda para eu ter aceitado. Daí eu comecei a ir para a sede. Quando minha cunhada, a irmã da minha esposa começou a congregar com o pastor ____ no terraço com esse grupo. Essas irmãs já vieram de algumas Igrejas. Minha cunhada mesmo era da Assembléia, se criou na Assembléia. E as outras irmãs eram se eu não me engano da Igreja Batista de _____. Daí começou com aquele grupinho. Quando foi um dia eles me vieram fazer uma visita. Pastor ____, irmão João, que está na Igreja do pastor ____, e outros irmãos. Ficaram aqui, foi uma benção, eu gostei e falei pastor domingo vou fazer uma visita na sua Igreja, e fui, e lá estou até hoje.

De que igreja você saiu, para fazer parte desta? O que levou você a sair?

Eu vim de São Paulo. Lá eu congregava a Igreja Cristã do Brasil. Fui batizado na Católica, minha mãe é católica até hoje, casei na católica. Mas nos domingos a noite eu sempre ia em Igreja evangélica, e a Cristã do Brasil foi minha 1ª Igreja. Depois fui para a Assembléia de Deus. Quando eu vim de São Paulo para cá já vim com cara de crente, porque o pessoal lá aonde eu trabalhava me chamavam de irmão. O que me levou a sair de lá é porque é como Deus quer. Eu não tinha aceitado ainda na Assembléia, daí fui fazer essa visita, gostei e com pouco tempo eu aceitei. Nossa Igreja quase não tem apelo, é na oração e no louvor. E nessa Igreja eu fui curado. Eu tinha uma enfermidade no nariz que às vezes quase não agüentava. E naquele dia no louvor eu comecei a chorar, e naquele choro eu senti uma coisa diferente no nariz. Eu peguei um lenço, limpei e encheu aquilo de sangue. Daí, ali mesmo chorando já aceitei a Jesus, sem apelo. Hoje, já tem mais de 7 anos. Então eu fui fazer o curso para batismo. Eu já estava com o papel para o batismo e falei pastor eu não estou me sentido preparado para me batizar ainda, e ele falou não tem problema não. Naquele batismo eu não me batizei mas no seguinte eu fui, me batizei e foi uma benção. Então eu aceitei nessa Igreja e me batizei nessa Igreja.

Quando saiu de sua igreja, porque você não procurou uma igreja mais antiga pra se unir?

Esse pastor nunca me convidou para aceitar a Jesus na Igreja dele, ele nunca fez apelo. Ele achava que eu já era evangélico, que tinha aceitado, levantado a mão porque eu estava todo dia ali. Daí quem me levou foi justamente o homem que a gente tem, entende como pastor da gente. Ele além de ser um pastor é um amigo. Naquela época eu estava sem trabalho, a esposa dele era muito amiga da minha filha. Eu fiz uma coisa muito boa para ele, como pastor e como meu amigo. Todas as vezes que eu converso com ele eu falo, pastor o senhor é meu pastor e é meu amigo.

Só Jesus que sabe. O pastor ____ era meu amigo antes dele ser pastor. Ele trabalhava na Vale do Rio Doce, não tinha carro e como eu tinha carro todo dia dava carona para ele. Depois ele foi pastorear. Eu estou há 31 anos na Serra. Então ele é meu amigo. Eu deveria estar na Igreja dele. Eu não aceitei não sei porquê. É o sistema da pessoa te tratar. Eu estava como visitante junto da minha esposa aqui. Mas teve um dos obreiros que ele não soube segurar a ovelha. Ele me envergonhou no meio de todos os irmãos, que inclusive achavam que eu também já era um, porque eu sempre andei bem vestido. E me envergonhou ali no sistema de “chega de ser ouvinte, aceita a Jesus está no tempo seu Gregório”, que me fez talvez não estar na Assembléia de Deus. O pastor ____ não sabe não. Eu me senti constrangido, daí falei para minha sobrinha “eu não vou mais congrega nessa Igreja não, eu vou para a sede”. Foi o que me levou a ir para a sede, sendo que logo em seguida daqueles tempos lá eu vim visitar a Batista e até hoje estou. Se talvez tivesse tido um outro tratamento, um cara bem mais preparado para chamar uma pessoa Jesus. Porque é um sistema, coisa de Deus tem que falar bem calmo, “irmão ____”, porque nós já somos irmãos, somos filhos de Deus. Então ele veio com um pouco de grosseria.

O que levou você a fazer parte desta igreja?

Respondida na anterior.

Quem é Deus pra vocês?

Deus para mim é tudo. Deus é meu Pai. Tudo o que eu tenho na minha vida eu agradeço a Deus, agradeço a minha família, a minha mãe de 86 anos. Todo dia eu me ajoelho e oro “Jesus visita minha mãe”. Porque Deus é tudo, não tem mais palavras.

Qual o seu conceito de Igreja?

A Igreja é aquilo que quando o senhor chegou encontrou (quando cheguei para a entrevista, o entrevistado estava conversando com dois senhores que o desacatavam com palavrões enquanto se afastavam). Se eu não estivesse aqui, se hoje eu não fosse evangélico o senhor talvez tava encontrando eu e aquele cidadão enrolado no tapa na rua. Para mim a Igreja nos protege. O inimigo faz de tudo para arrumar esse tipo de coisa, mas a gente tem que agradecer a Deus por não ter acontecido. Pastor eu nunca fui uma pessoa do mundo. Eu nasci de família pobre, trabalhadora, e me criei numa cidade muito perigosa, grande, mas eu nunca fui preso, nunca fui em uma delegacia ser chamado nem para ser testemunha. Se eu fosse do mundo estava em um caixão ou preso. Por isso que eu falo, a Igreja é tudo para a gente. Nós que temos filhos vamos agradecer a Deus por eles estarem na Igreja com a gente.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

O essencial de uma Igreja é um bom pastor. É uma boa administração na Igreja, desde pastor a obreiros, a tesoureiros, a vice-presidente. O essencial da Igreja é isso porque sendo bem administrada nada de ruim acontece.

Qual é a missão da Igreja?

A missão da Igreja tem várias. Mas a principal missão da Igreja é pregar a palavra de Jesus, é ganhar almas para Jesus, é ajudar a quem precisa. E é o suficiente.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

O ensino da Igreja sobre a salvação na Igreja é uma boa escola dominical, é o senhor acompanhar bem a bíblia, o que está escrito. Minha resposta seria, se ele lê a bíblia ele já sabe o que fazer, e se não lê é a gente procurar orientar aquilo que sabe um pouco para quem não sabe. Para ser salvo, 1º é aceitar a Jesus e fazer o que a bíblia manda. O dízimo é muito importante para a salvação da gente porque dízimo é bíblico. Respeitar a palavra de Deus também.

Em sua opinião, que fatores tem desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

Será que eu vou pecar se eu falar Jesus? Pastor, tem muitas Igrejas por aí que são muito boas para a comunidade. Tem muitas comunidades que tinham mais bares do que Igreja. Existia muito bandidismo, muita cachaçada. Eu tenho uma Igreja para tirar o chapéu para ela ali no bairro São Domingos que é a _____. Porque o bairro São Domingos era um bairro poluído, cachaças, drogas e hoje a _____ salvou muitas pessoas desse meio aí, que hoje alguns deles já são até presbíteros na Igreja, pastores na Igreja. E muitas pessoas que já pularam no congo hoje está pulando na Igreja _____, muitos da nossa Igreja também já foram, talvez já foi na sua casa. Porque eles sentiram que o mundo não vale nada e creio eu que eles estão ganhando gente do mundo através da ida dele para a Igreja evangélica. Agora, já tem muitas aí que me desculpa,

tem muitas que estão olhando o dinheiro que o pastor vai ganhar. O pastor começa hoje, amanhã já está com seus carrões. Mas acho que tem algumas Igrejas que não ajudam quase nada, creio eu que seja assim. Não posso criticar muito também não, porque criticar também é pecado.

Convertido V

Sexo? Idade? Profissão?

Masculino. 39 anos. Obreiro

Nome da igreja?

Igreja_____.

Quando e como surgiu esta igreja?

Surgiu no ano de 2000, e surgiu a partir de uma visão através de uma oração que a missionária da Igreja estava orando sobre o local aonde iria se iniciar este trabalho, fundar a ____.

De que igreja você saiu, para fazer parte desta? O que levou você a sair?

O grupo saiu da Igreja Catedral da Benção (Cristo Verdade que Liberta). O que levou a sair foi a visão da missionária em sua oração.

Quando saiu de sua igreja, porque você não procurou uma igreja mais antiga pra se unir?

Meu 1º contato com a Igreja foi a partir de um amigo, uma pessoa me convidou para vir aos cultos, e a partir de então eu dei sequência entrando na Igreja.

O que levou você a fazer parte desta igreja?

O ensinamento da palavra, a forma como eles nos trataram.

Quem é Deus pra vocês?

Deus é aquele que está acima de tudo o que possuo, que realizo.

Qual o seu conceito de Igreja?

Igreja é uma sociedade familiar.

Quais são os elementos essenciais de uma Igreja?

O ensinamento da Palavra, seriedade dos seus líderes perante a sociedade, honestidade, cumprir as leis e seus estatutos, as leis civis.

Qual é a missão da Igreja?

Propagar o Evangelho, apresentar o plano de Salvação e mostrar o verdadeiro sentido da família como núcleo social.

Qual o ensino da Igreja sobre a salvação?

O ensino da Igreja sobre Salvação é para o ensinamento da Palavra. Eu diria que a partir do Evangelho e estar falando de qual é a missão, qual o objetivo da Igreja sobre a missão. Estar focalizando que além dessa vida nós temos uma vida eterna. Mostrando através da Palavra, do que é a base, do que é a Salvação.

Qual seria esse caminho?

Aceitando ao Senhor Jesus como Salvador de nossas vidas, cumprindo os mandamentos e ensinamentos de sua Palavra.

Em sua opinião, que fatores tem desencadeado o surgimento das comunidades cristãs independentes no município da Serra?

1. Em algumas vemos o interesse próprio, financeiro.
2. Em outras, a falta de visão de alguns que se colocam na liderança e com o tempo perdem a visão da Palavra.
3. Os líderes das Igrejas históricas mudam o foco, que é a Palavra.
4. Visão para iniciar um novo ministério.

É uma comunidade que está trabalhando de maneira juridicamente correta, com prestação de contas à membresia da Igreja, e não fugindo de seu Estatuto.